

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO E INFORMAÇÃO

Tiago Gautier Ferreira Borges

Entre o Espetáculo e o Debate Público:

Enquadramentos sobre as manifestações de junho de 2013
no *Jornal Nacional* e no *Repórter Brasil*

Porto Alegre
2015

Tiago Gautier Ferreira Borges

Entre o Espetáculo e o Debate Público:

Enquadramentos sobre as manifestações de junho de 2013
no *Jornal Nacional* e no *Repórter Brasil*

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Comunicação e Informação.

Orientadora: Prof^a Dr^a Maria Helena Weber

Porto Alegre
2015

CIP - Catalogação na Publicação

Borges, Tiago Gautier Ferreira
Entre o Espetáculo e o Debate Público:
Enquadramentos sobre as manifestações de junho de
2013 no Jornal Nacional e no Repórter Brasil / Tiago
Gautier Ferreira Borges. -- 2015.
201 f.

Orientador: Maria Helena Weber.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do
Rio Grande do Sul, Faculdade de Biblioteconomia e
Comunicação, Programa de Pós-Graduação em Comunicação e
Informação, Porto Alegre, BR-RS, 2015.

1. Manifestações de Junho de 2013. 2. Comunicação e
Política. 3. Telejornalismo. 4. Acontecimento. 5.
Enquadramento. I. Weber, Maria Helena, orient. II.
Título.

Tiago Gautier Ferreira Borges

Entre o Espetáculo e o Debate Público:

Enquadramentos sobre as manifestações de junho de 2013
no *Jornal Nacional* e no *Repórter Brasil*

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Comunicação e Informação.

Aprovada em _____

Profª Drª Maria Helena Weber – Orientadora

Profª Drª Alessandra Aldé - UERJ

Profª Drª Christa Liselote Berger Ramos Kuschick – UNISINOS

Prof. Dr. Sean Aquere Hagen – UFRGS

*Aos queridos Giovana, Leonardo, Jorge e
Marcelo.*

AGRADECIMENTOS

Este trabalho não seria possível sem o apoio e presença da família, especialmente meus pais, biológicos e emprestados, irmãos, tias, tios, avós, avôs e primos.

Agradeço também a Marcelo Sarkis, pelo carinho, mesmo nos períodos à distância.

À orientadora de muitos anos, professora Maria Helena Weber, pelos ensinamentos múltiplos, diários e permanentes.

Às professoras e professor, membros da banca, pela confiança e pela dedicação com que enriquecem este trabalho.

À Capes, ao CNPq e à Faurgs, que tornaram possíveis os projetos dos quais participei ao longo da vida acadêmica.

À Universidade Federal do Rio Grande do Sul, pela educação de excelência e pelo reconhecimento no Salão de Iniciação Científica, por dois anos consecutivos, e também pelo Prêmio Jovem Pesquisador, que recebi ainda na graduação e que foi fundamental para inspirar a carreira acadêmica.

Ao Núcleo de Pesquisa em Comunicação Pública e Política – Nucop e aos amigos e colegas Ana, Bruno, Denise, Fiorenza, Leandro, Marcelo, Marja e Sandra, pela amizade e pelos debates proporcionados.

À Ouvidoria da Empresa Brasil de Comunicação e à equipe do projeto de Monitoramento, Análise e Relatoria da Programação da TV Brasil, aos professores Maria Berenice da Costa Machado, Sean Hagen e Rudimar Baldissera, aos colegas Basílio Sartor e Jean Felipe Rossato, e aos bolsistas Bruna, Cláudia, Flahane, Jéssica, Júlia, Lisiane, Juliano e Yago.

À Fundação Piratini e à TVE-RS, pelo trabalho desenvolvido, primeiro como estagiário, depois como servidor.

À Elisa Serra, pela graça e leveza, e a todos os demais colegas profissionais de TV pública, que lutam todos os dias para produzir um conteúdo cidadão e de qualidade.

Às professoras e professores, funcionários e funcionárias da FABICO e, em especial, ao PPGCom, pelo conhecimento construído ao longo dos seis últimos anos.

Aos demais amigos e amigas, e em especial a Alexandre Porto e Felipe Nora, pela intimidade e compreensão nos períodos de ausência.

As também amigas e acadêmicas Júlia Sarkis e Mariana Müller, pelo companheirismo e generosidade.

Pensei como era bonito milhares de pessoas se reapropriando das ruas, do espaço público, da cidade, para exercer seu direito democrático de protestar contra o que consideram injusto. São Paulo, vista a pé, andando por ruas sem carros, é uma outra cidade. É humana.

Eliane Brum

[...] Os homens pedem carne. Fogo. Sapatos. As leis não bastam. Os lírios não nascem da lei. Meu nome é tumulto, e escreve-se na pedra.

Carlos Drummond de Andrade

RESUMO

Este trabalho consiste em uma análise dos enquadramentos construídos durante a cobertura das manifestações de junho de 2013 no Brasil por dois telejornais: o *Jornal Nacional*, principal telejornal da maior emissora de televisão comercial em alcance e audiência, a *TV Globo*; e o *Repórter Brasil*, programa mais importante do jornalismo da *TV Brasil*, única emissora pública brasileira de alcance nacional. O referencial teórico inclui: as relações entre comunicação e política, especialmente os conceitos de comunicação pública, marcada pelo debate acerca de temas de interesse público, e o espetáculo, caracterizado pela passionalidade; o poder da televisão e a sua relação com o jornalismo; e acontecimento público, enquanto tipo de acontecimento que articula sociedade, mídia e política. O conceito teórico-metodológico que fundamenta as análises é o enquadramento. Foram analisados sete edições de cada telejornal, correspondentes aos dias 13, 20, 21, 22, 24, 25 e 26 de junho de 2013. Como resultado da pesquisa, é possível afirmar que a cobertura factual do *Jornal Nacional* privilegiou a emoção e a constituição do espetáculo político-midiático, enquanto a cobertura do *Repórter Brasil* distanciou-se dos fatos a fim de aprofundar o debate sobre os temas de interesse público envolvidos no acontecimento.

Palavras chave: **Manifestações de junho de 2013; Comunicação e Política; Comunicação Pública; Acontecimento; Telejornalismo; Jornal Nacional; Repórter Brasil; Enquadramento.**

ABSTRACT

This paper presents an analysis of 2013 protests in Brazil's media coverage, in two kinds of news broadcasting: *Jornal Nacional*, the main news show of *TV Globo*, the biggest Brazilian commercial broadcasting in terms of audience and coverage; and *Repórter Brasil*, the main news show of *TV Brasil*, the only national public broadcasting in Brazil. Theoretical discussion includes: communication and politics, specially the concepts of public communication and public debate, and media oriented political spectacle; the power of television and journalism; and public event, as the type of event able to articulate society, media and politics. Frame analysis is the theoretical and methodological concept which serves as base for discussion. Seven editions of each news broadcast were analysed, corresponding to June 13th, 20th, 21st, 22nd, 24th, 25th, and 26th, 2013. As result, the meanings of violence presented by both broadcasts were reconstructed. It is also possible to affirm that *Jornal Nacional's* coverage has privileged emotion and the building of media oriented political spectacles, while *Repórter Brasil's* has deepened the debates about themes of public interest involved in this event.

Key-words: **2013 Protests in Brazil; Communication and Politics; Public Communication; Event; News Broadcasting; Jornal Nacional; Repórter Brasil; Frame Analysis.**

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Exemplo de quadro de análise.....	61
Figura 2 – Fogo no Palácio do Itamaraty, em Brasília (JN042)	75
Figura 3 – Cenas de violência no Rio de Janeiro (JN090)	78
Figura 4 – Detalhes da cobertura do Repórter Brasil sobre as manifestações (RB033)	110
Figura 5 – Detalhe da vinheta da série “A Pauta das Ruas” (RB103)	121
Quadro 1 – Fatos que marcaram os protestos de junho de 2013 no Brasil	24
Quadro 2 – Indicadores de enquadramento no telejornalismo	65
Quadro 3 – Datas selecionadas para análise	72
Quadro 4 – Classificação dos vídeos do Jornal Nacional em 13/06/2013	78
Quadro 5 – Classificação dos vídeos do Jornal Nacional em 20/06/2013	82
Quadro 6 – Classificação dos vídeos do Jornal Nacional em 21/06/2013	87
Quadro 7 – Classificação dos vídeos do Jornal Nacional em 22/06/2013	92
Quadro 8 – Classificação dos vídeos do Jornal Nacional em 24/06/2013	97
Quadro 9 – Classificação dos vídeos do Jornal Nacional em 25/06/2013	101
Quadro 10 – Classificação dos vídeos do Jornal Nacional em 26/06/2013	105
Quadro 11 – Classificação dos vídeos do Repórter Brasil em 13/06/2013	116
Quadro 12 – Classificação dos vídeos do Repórter Brasil em 20/06/2013	121
Quadro 13 – Quadro 13 – Classificação dos vídeos do Repórter Brasil em 21/06/2013	126
Quadro 14 – Classificação dos vídeos do Repórter Brasil em 22/06/2013	132
Quadro 15 – Classificação dos vídeos do Repórter Brasil em 24/06/2013	134
Quadro 16 – Classificação dos vídeos do Repórter Brasil em 25/06/2013	139
Quadro 17 – Classificação dos vídeos do Repórter Brasil em 26/06/2013	145
Quadro 18 – Matéria JN005, em 13/06/2013 (Enfrentamento ao vivo em SP) .	181
Quadro 19 – Matéria JN007, em 13/06/2013 (Das ruas para a delegacia em SP)	183
Quadro 20 – Matéria JN042, em 20/06/2013 (Fogo e tensão em Brasília)	186
Quadro 21 – Matéria JN068, em 21/06/2013 (Vandalismo no RJ)	189
Quadro 22 – Matéria JN078, em 21/06/2013 (Pequena manifestação no RJ) ..	191
Quadro 23 – Matéria JN105, em 22/06/2013 (Confronto em Salvador)	192
Quadro 24 – Matéria JN114, em 22/06/2013 (Violência da polícia no RJ)	193
Quadro 25 – Matéria JN129, em 24/06/2013 (Presidência anuncia Pactos)	196

Quadro 26 – Matéria JN130, em 24/06/2013 (Polemização da reforma política)	197
Quadro 27 – Matéria JN158, em 25/06/2013 (Polêmica sobre o plebiscito continua)	199
Quadro 28 – Matéria JN170, em 25/06/2013 (Congresso responde à crise)	202
Quadro 29 – Matéria JN174, em 26/06/2013 (A viabilidade da reforma política)	203
Quadro 30 – Matéria JN181, em 26/06/2013 (Vândalos versus manifestantes em MG)	206
Quadro 31 – Matéria RB002, em 13/06/2013 (Confronto em SP)	207
Quadro 32 – Matéria RB003, em 13/06/2013 (Protestos em SP explicados) ...	208
Quadro 33 – Matéria RB026, em 20/06/2013 (Sombras do conflito em Brasília)	210
Quadro 34 – Matéria RB033, em 20/06/2013 (Vitória dos manifestantes em SP)	211
Quadro 35 – Matéria RB059, em 21/06/2013 (Protestos contra a “cura gay”) ..	213
Quadro 36 – Matéria RB067, em 21/06/2013 (“Onda das manifestações” e vandalismo no DF)	214
Quadro 37 – Matéria RB087, em 22/06/2013 (Vadias marcham em Brasília) ..	216
Quadro 38 – Matéria RB103, em 24/06/2013 (Mobilidade urbana é “Pauta das Ruas”)	218
Quadro 39 – Matéria RB125, em 25/06/2013 (Câmara discute projetos)	220
Quadro 40 – Matéria RB134, em 25/06/2013 (Saúde também é “Pauta das Ruas”)	221
Quadro 41 – Matéria RB160, em 26/06/2013 (“Pauta das Ruas” inclui educação)	223
Quadro 42 – Matéria RB164, em 26/06/2013 (Novo foco de tensão em Brasília)	225
Tabela 1 – Corpus de Pesquisa.....	74
Tabela 2 – Vídeos do Jornal Nacional (JN) por temas	77
Tabela 3 – Vídeos do Repórter Brasil (RB) por temas	115

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

EBC – Empresa Brasil de Comunicação

JN – Jornal Nacional

SECOM - Secretaria de Comunicação Social da Presidência da República

RB – Repórter Brasil

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
2 MANIFESTAÇÕES DE JUNHO DE 2013 EM DUAS MÍDIAS	19
2.1 O ACONTECIMENTO: MANIFESTAÇÕES DE JUNHO DE 2013 NO BRASIL	19
2.2 AS MÍDIAS: TV BRASIL E TV GLOBO	26
2.2.1 <i>TV Globo e Jornal Nacional: cinco décadas de liderança</i>	27
2.2.2 <i>TV Brasil e Repórter Brasil: em busca de um sistema público nacional</i>	30
3 COMUNICAÇÃO E POLÍTICA, TELEVISÃO E ACONTECIMENTO	35
3.1 COMUNICAÇÃO PÚBLICA E ESPETÁCULOS DA POLÍTICA.....	35
3.2 TELEVISÃO E TELEJORNALISMO.....	41
3.2.1 Sistema público <i>versus</i> sistema comercial	44
3.2.2 Jornalismo na televisão	47
3.3 ACONTECIMENTO.....	52
3.3.1 Junho de 2013: um acontecimento público.....	56
4 CONSTRUÇÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA: ENQUADRAMENTO	60
4.1 ENQUADRAMENTO.....	60
4.2 INDICADORES DE ENQUADRAMENTO NO TELEJORNALISMO.....	64
4.3 <i>CORPUS</i> DE PESQUISA	71
5 JUNHO DE 2013 NO <i>JORNAL NACIONAL (JN)</i>	76
5.1 A COBERTURA DIÁRIA DAS MANIFESTAÇÕES NO JN.....	76
5.1.1 Dia 13/06/2013 – O estopim da violência em São Paulo	77
5.1.2 Dia 20/06/2013 – Protestos em todo o Brasil.....	82
5.1.3 Dia 21/06/2013 – As imagens da destruição	87
5.1.4 Dia 22/06/2013 – A repercussão do pronunciamento da presidenta	92
5.1.5 Dia 24/06/2013 – A presidenta propõe 5 Pactos	97
5.1.6 Dia 25/06/2013 – A repercussão dos Pactos.....	100
5.1.7 Dia 26/06/2013 – Ainda os Pactos: a discussão sobre a reforma política	105
5.2 ESPETÁCULO DAS RUAS E POLEMIZAÇÃO DA POLÍTICA	110
6 JUNHO DE 2013 NO <i>REPÓRTER BRASIL (RB)</i>	115
6.1 A COBERTURA DAS MANIFESTAÇÕES DIA A DIA NO RB.....	116
6.1.1 Dia 13/06/2013 – Destaque para os protestos em São Paulo	116
6.1.2 Dia 20/06/2013 – Pontos positivos e negativos	121

6.1.3 Dia 21/06/2013 – Análise ao vivo dos protestos	126
6.1.4 Dia 22/06/2013 – Em Brasília, Marcha das Vadias; no exterior, repercussão presidencial	132
6.1.5 Dia 24/06/2013 – Propostas do Executivo ganham destaque	134
6.1.6 Dia 25/06/2013 – O Estado responde às manifestações	139
6.1.7 Dia 26/06/2013 – Análises prosseguem, e também os protestos	145
6.2 “PAUTA DAS RUAS” E ANÁLISES AO VIVO	150
7 JUNHO DE 2013 ENTRE O ESPETÁCULO E O DEBATE PÚBLICO	155
7.1 OS SENTIDOS DA VIOLÊNCIA NA COBERTURA DAS MANIFESTAÇÕES	157
7.2 ESPETÁCULO E DISPUTA DE IMAGEM NO <i>JORNAL NACIONAL</i>	159
7.3 DEBATE PÚBLICO NO <i>REPÓRTER BRASIL</i>	162
8 CONSIDERAÇÕES FINAIS	164
REFERÊNCIAS	170
APÊNDICE A – QUADROS DE ANÁLISE DOS VÍDEOS DO <i>JORNAL NACIONAL (JM)</i>	181
APÊNDICE B – QUADROS DE ANÁLISE DOS VÍDEOS DO <i>REPÓRTER BRASIL (RB)</i>	207

1 INTRODUÇÃO

No inverno de 2013, o Brasil saiu às ruas. No início, eram protestos isolados. Estudantes e movimentos sociais reclamavam do aumento do preço e das condições do transporte público nas grandes cidades e convidavam os demais cidadãos, que observavam o movimento das paradas de ônibus e das janelas dos prédios, a se juntar a eles: “vem, vem pra rua, vem – contra o aumento!”.

Para surpresa geral, cada vez mais pessoas começaram a aceitar o convite. Em poucas semanas, o protesto transformou-se em uma mobilização de proporção inédita e resultados imprevisíveis. Milhões de pessoas saíram às ruas, em centenas de cidades do país. Os grupos que organizaram as primeiras passeatas perderam o controle sobre os eventos, à medida que novas questões eram sendo acrescentadas ao descontentamento inicial com o preço do transporte público. Diversas pautas foram somadas à questão da mobilidade urbana. Instituições políticas tradicionais foram questionadas: estado, partidos políticos e inclusive a mídia. As manifestações de junho de 2013 *aconteceram*, então, rompendo a normalidade do cotidiano.

Todo acontecimento é construído, desconstruído e reconstruído pela mídia e também pelo telejornalismo. Os quadros de sentido que se formam são moldados através do discurso jornalístico em função do contexto histórico, relações sociais, políticas e econômicas, ideologias, crenças, valores, instituições. Este é precisamente o tema dessa dissertação: os modos pelos quais o telejornalismo é capaz de abordar e explicar um acontecimento, construindo sentidos diversos sobre ele. Presente em todas as mídias, o texto jornalístico apresenta-se através das diferentes linguagens dos meios em que está presente. A linguagem televisiva é notável tanto pela riqueza de sentidos que produz, misturando imagem, texto e som, quanto pela dimensão política e social que seu alcance representa. A tela é um quadro e o que ela mostra vai muito além da tecnologia que lhe serve de suporte. Faz parte do todo social e com ele se relaciona; fala através de uma linguagem própria; possui uma história social e política; envolve modelos de produção e interesses de atores diversos. Das várias articulações possíveis entre estes fatores, surgem vários tipos de televisão. Entre as diversas formas de classificação, uma diz

respeito ao modo como são geridas e suas finalidades, da qual se pode falar em pelo menos dois tipos de TV. O primeiro é o modelo através do qual a maior parte das emissoras brasileiras foi criada e mantida nas últimas seis décadas: a televisão de exploração comercial. A segunda só começa a se consolidar no Brasil já no início deste século: a televisão pública.

Uma pergunta sintetiza o problema de pesquisa deste trabalho: como estes dois modelos distintos de televisão construíram sentidos sobre um acontecimento da dimensão do conjunto de eventos que movimentou as ruas do Brasil em junho de 2013? Uma das hipóteses levantadas é que as diferenças entre eles refletem-se de alguma forma nas diferenças na construção dos sentidos que marcam o conteúdo de ambas.

Esta dissertação trata, então, de uma relação entre duas coberturas telejornalísticas sobre o mesmo acontecimento. Uma, do principal telejornal da maior emissora de televisão de exploração comercial em dimensão e alcance. Trata-se do *Jornal Nacional*, programa diário exibido pela *TV Globo* desde 1969. A segunda é da *TV Brasil*, que desde a sua criação, em 2008, é a única televisão pública de alcance nacional. Seu telejornal diário noturno, o *Repórter Brasil*, também cobriu as manifestações de junho de 2013, bem como a resposta do poder público aos manifestantes, e esta cobertura também compõe este trabalho.

São diversos os motivos que justificam esta pesquisa. Em primeiro lugar, a vontade de contribuir para o desenvolvimento da cidadania através da produção do conhecimento sobre processos relevantes para a política e definitivos para a melhoria das condições de vida da sociedade de maneira geral. Em segundo, pesa a experiência de pesquisa desenvolvida desde a graduação, como bolsista de iniciação científica, junto ao Núcleo de Comunicação Pública e Política/Nucop do PPGCOM/UFRGS, sob orientação da Prof^a Dr^a Maria Helena Weber. Foi esta vinculação institucional que tornou possível minha participação na “Pesquisa sobre a Programação da *TV Brasil*: monitoramento, análise e relatoria (2014-2015)”, parceria entre a universidade e a Ouvidoria da EBC, com a finalidade de desenvolver relatórios avaliativos sobre a programação da televisão pública, de modo a contribuir para a qualificação dos princípios e objetivos do sistema público de radiodifusão e aperfeiçoar a programação da *TV Brasil*. A experiência desta pesquisa, onde pude participar da elaboração e aplicação de operadores de análise sobre programas de

gêneros e formatos variados, teve implicações fundamentais para o desenvolvimento deste projeto.

Em terceiro está o fato de que as mídias públicas ainda não foram capazes de efetivar seu potencial enquanto política pública que visa à ampliação da cidadania. Compreende-se que resta como desafio para a pesquisa a discussão a respeito do papel do estado nesse processo, e também sobre o tensionamento dos interesses dos atores políticos (governo, organizações de mídia) e o interesse público envolvidos na problemática da democratização da mídia. Em quarto lugar, a necessidade de contribuir para a qualificação do conceito de comunicação pública enquanto modelo de comunicação voltado ao interesse público nas democracias. Cientificamente, é necessário desenvolver operadores ou modelos de análise que permitam aperfeiçoar os sistemas e produtos de comunicação existentes, bem como desenvolver novos modelos que sejam mais adequados às demandas da cidadania e dos direitos humanos, levando em consideração as questões históricas, políticas, econômicas, culturais e tecnológicas da atualidade.

Também há que se considerar a relação afetiva estabelecida com a televisão, e especialmente com o telejornalismo e com a televisão pública. Assistir à televisão representa formar-se e informar-se, tomar conhecimento da passagem do tempo, das mudanças no espaço, conhecer realidades distantes e delas se aproximar, entreter-se e descobrir a própria identidade. A relação com o real e a abrangência social do meio ainda hoje, em meio a transformações no modo de se relacionar com a informação, justifica a análise das construções de significado veiculadas via televisão.

O objetivo geral deste trabalho é compreender os enquadramentos construídos nas coberturas do *Jornal Nacional* e do *Repórter Brasil* em relação às Manifestações de junho de 2013 e também às consequências políticas dos protestos, uma vez que o acontecimento público pressupõe efeitos sociais e políticos que também os constituem. Isto é, identificar as interpretações construídas por cada um dos telejornais para estes acontecimentos, que sentidos são enfatizados e quais as diferenças e aproximações entre uma cobertura e outra.

Os objetivos secundários envolvem relacionar os princípios da comunicação pública e do telejornalismo com as coberturas das manifestações realizadas pela *TV Brasil* e pela *TV Globo*; identificar e compreender as diferenças históricas e

institucionais entre as duas emissoras de modo a explicar suas diferenças de conteúdo; recuperar os acontecimentos de junho de 2013 em seu contexto sócio-histórico específico, considerando os atores políticos e sociais envolvidos neles, bem como sua repercussão e efeitos imediatos; identificar os enquadramentos construídos na cobertura das manifestações em cada caso; tensionar as duas coberturas a partir dos seus enquadramentos, estabelecendo relações entre elas; e refletir sobre estas relações de modo a compreender, no espectro mais amplo, de que modo o telejornalismo reflete as relações de interesse que se estabelecem entre os sistemas público e privado de comunicação.

A base teórica da análise envolve três eixos. O primeiro, dedica-se às relações entre comunicação e política e também à comunicação pública enquanto processo de circulação de informações acerca de temas de interesse público, a partir de sistemas de comunicação, resultando no estabelecimento de redes direcionadas ao debate (WEBER, 2007). O conceito fundamental desta perspectiva é a ideia de esfera pública enquanto espaço de debate público e também de disputa por visibilidade e poder (HABERMAS, 2003; GOMES, 2004; 2008; ESTEVES, 2011).

O segundo eixo, dá conta do telejornalismo (SQUIRRA, 1995; VIZEU, 2005; HAGEN, 2009; REZENDE, 2010) enquanto tipo de conteúdo midiático resultante da combinação dos princípios, práticas e do caráter discursivo do jornalismo (BERGER, 2003; FONTCUBERTA, 2011; TRAQUINA, 2004; FRANCISCATO, 2005) com a linguagem, a abrangência e o significado social e político da televisão (WEBER, 2000; ALDÉ, 2001; MACHADO, 2001; DUARTE, 2006; MARTINS, 2006; MATTOS, 2010; FRANÇA, 2012). Quanto ao tipo de sistema em que a televisão se configura na prática, a este trabalho interessa especialmente a problemática da televisão pública (LEAL FILHO, 1997; 2008; RINCÓN, 2002; GUARESCHI, 2013) enquanto política pública voltada à satisfação do direito humano à comunicação, centrada na cidadania e na valorização das culturas nacionais e locais.

Finalmente, a terceira parte da argumentação teórica diz respeito ao acontecimento, e ao acontecimento jornalístico em especial (CHARADEAU, 2007; ALSINA, 2009; BERGER; TAVARES, 2010). Dentre as características deste fenômeno, importa especialmente a sua capacidade de tematizar problemas de caráter público, acionando mídia, sociedade e política. O tipo de acontecimento que

privilegia esta relação é definido como acontecimento público (QUERÉ, 2011; COELHO, 2013).

A principal metodologia escolhida para a realização desta pesquisa foi a análise de enquadramento. O conceito teórico-metodológico orientador da análise foi, portanto, o conceito de enquadramento, entendido como quadro de sentido a partir do qual se compreende um fenômeno, implicando sua caracterização e a avaliação de suas causas, consequências e soluções, a partir de processos de ênfase, saliência, repetição e associação (GOFFMAN, 1986; ENTMAN, 1993; SCHEUFELE, 1999; ALDÉ, 2001; PORTO, 2004; FABRINO; SIMÕES, 2012). Os procedimentos metodológicos realizados incluem ainda a pesquisa bibliográfica, que serviu de base para a construção teórica e metodológica, e também para a pesquisa de estado da arte; a pesquisa histórico-descritiva, a fim de reconstruir a ordem dos eventos que marcaram o junho de 2013, bem como o contexto sócio-histórico que caracteriza as mídias em análise; e a análise de conteúdo, cujos procedimentos de quantificação e classificação do material empírico foram úteis para a organização da informação e escolha final da amostra.

A análise envolve um corpus de 14 edições, sete do *Jornal Nacional* e sete do *Repórter Brasil*, correspondentes aos dias em que aconteceram eventos que marcaram o desenvolvimento das manifestações de junho de 2013: 13/06/2013; 20/06/2013; 21/06/2013; 22/06/2013; 24/06/2013; 25/06/2013; e 26/06/2013. Estas edições foram obtidas via sites das emissoras respectivas na internet, já fragmentadas em vídeos, totalizando 383 fragmentos, dos quais 25 – 12 do *Repórter Brasil* e 13 do *Jornal Nacional* – foram selecionados para a análise em profundidade de seus enquadramentos, a partir do seguinte critério: a reportagem e o link ao vivo de maior duração exibido em cada edição, sobre o assunto manifestações ou temas relacionados, sendo que uma das edições do *Jornal Nacional* (20/06/2013) não apresentou nenhuma reportagem e duas edições do *Repórter Brasil* (22 e 24/06/2013) não apresentaram nenhum link ao vivo.

A pesquisa de estado da arte, realizada como etapa preliminar desta dissertação, permitiu verificar que é escassa a quantidade de trabalhos que se aproximam do escopo aqui proposto. Destacam-se os trabalhos produzidos no seio do Núcleo de Pesquisa em Comunicação Pública e Política/Nucop- UFRGS, de que este trabalho faz parte, juntamente com Coelho (2011, 2013), Barreras (2013) e

Locatelli (2014), entre outros. O principal escopo de estudos destes trabalhos é o tensionamento entre as dimensões do público e do privado no pano de fundo da comunicação pública no sentido de Esteves (2012).

Para dar conta de seus objetivos, esta dissertação está estruturada em oito partes. A primeira trata-se desta introdução. A segunda dá conta do objeto, sintetizando o fenômeno das manifestações de junho de 2013 e seus eventos principais, e também caracterizando os dois veículos analisados neste trabalho, a *TV Brasil* e a *TV Globo*, a partir de pesquisa histórico-descritiva preliminar. Na parte três, são desenvolvidos os três eixos teóricos que sustentam a análise – relações entre comunicação e política e comunicação pública; telejornalismo; e acontecimento. Na quarta parte, é apresentada a construção metodológica na qual se baseou a análise. Na quinta e na sexta, são analisados as coberturas e os enquadramentos dos telejornais *Jornal Nacional* e *Repórter Brasil*, respectivamente, ao longo dos dias selecionados para pesquisa. Na sétima, é desenvolvida a análise que tensiona as duas coberturas e o conjunto de seus enquadramentos, problematizando-os a partir do quadro teórico, bem como se apresentam as principais descobertas desta pesquisa. Finalmente, a oitava parte trata-se das considerações finais, que sintetizam os movimentos de pesquisa e sugerem caminhos de investigação em aberto.

2 MANIFESTAÇÕES DE JUNHO DE 2013 EM DUAS MÍDIAS

Este trabalho trata dos enquadramentos sobre as manifestações de junho de 2013 em duas televisões, *TV Globo* e *TV Brasil*. O objeto de pesquisa é configurado pela relação entre a mídia, representada pelos dois veículos de comunicação analisados – um, da mídia privada, e outro, da mídia pública – e o acontecimento. Portanto, este capítulo tem como objetivo caracterizar estes dois polos principais em que se sustenta a pesquisa: as manifestações por um lado, e as emissoras e seus telejornais por outro. A base para esta reconstituição foi a pesquisa histórico-descritiva.

A primeira metade do capítulo traz as principais informações sobre as manifestações em ordem cronológica. Foi realizada uma síntese dos principais fatos, a partir do maior número de fontes que puderam ser encontradas, em sua maioria notícias e relatos, publicados pela mídia ou em livros nos meses que se seguiram às manifestações.

Na segunda metade, são apresentados os telejornais *Repórter Brasil*, da *TV Brasil*, e *Jornal Nacional*, da *TV Globo*. Ambos são os principais noticiários diários de suas emissoras e representam o telejornalismo de alcance nacional produzido, respectivamente, no sistema de exploração comercial e no sistema público de radiodifusão. Esta caracterização é importante porque cada uma das formas de recuperar – ou enquadrar – os eventos daquele mês está inserida em um contexto específico de produção jornalística e consiste no resultado de tensionamentos sociais, políticos e econômicos distintos.

2.1 O ACONTECIMENTO: MANIFESTAÇÕES DE JUNHO DE 2013 NO BRASIL

Nesta primeira parte do capítulo, o objetivo é reconstituir os principais eventos das manifestações de junho de 2013, de modo que se possa construir uma compreensão geral e linear sobre o que aconteceu, antes de se interpretar o que foi

dito sobre ele. Porém, é preciso fazer uma ressalva. O que se sabe sobre um acontecimento é o que se experimenta dele, ou então o que se apresenta através de mediações. Mesmo quem toma parte do movimento nas ruas acompanha apenas um fragmento do que acontece, limitado pelos seus próprios sentidos (GUNKEL, 2014).

Assim, a reconstrução deste acontecimento, composto de tantos pontos de vista, é um desafio e obedece aos limites e amplitudes possíveis na construção do discurso. Tem como base textos de revistas e jornal impresso (ZERO HORA, 2012; AVRITZER, 2013; BRUM, 2013; BOCCHINI, 2013; CARTA CAPITAL, 2013; GUIMARÃES, 2013; SEGALLA, 2013) e vídeos e textos de portais online nacionais (PASINATO, 2012; ESTADÃO, s/d; FOLHA DE SÃO PAULO, 2013; G1, 2013; IG, 2014) e internacionais (ALVES, 2013; BBC BRASIL, 2013; BONELA, 2013; NIDECKER, 2013; QUERO, 2013; GLOBAL VOICES, 2013), além de documentários (CARTA CAPITAL, 2013b; TAMBELLI, 2014; WEINER, 2014) e da experiência do autor, ao participar pessoalmente dos eventos, na leitura dispersa de artigos, opiniões, postagens em redes sociais e em conversas com amigos e colegas acadêmicos. Procurou-se obter algum nível de precisão através da pesquisa de números e outros dados concretos.

Incidentes anteriores a junho de 2013 indicavam uma predisposição dos brasileiros de saírem às ruas.

Em 2011, cerca de duas mil pessoas de manifestantes reuniram-se em Porto Alegre, no dia 1º de março, para exigir providências contra um atropelamento em massa de ciclistas ocorrido no bairro Cidade Baixa, na região central (SUL 21, 2011). Na pauta do protesto estavam questões de mobilidade urbana e humanização dos espaços públicos, problemas que estariam também presentes nas reivindicações dos protestos de 2013.

Neste mesmo ano, ocupações do espaço público por grupos em sua maioria de jovens insatisfeitos com as condições econômicas que levaram à crise deflagrada em 2008, principalmente em Madrid e Nova York, teriam repercussão nas principais cidades do Brasil, entre elas São Paulo (com o movimento Ocupa Sampa e a ocupação da Universidade de São Paulo – USP), e em Porto Alegre (com o movimento Ocupa Poa). Estes protestos tiveram durações variadas e acabaram

desvanecendo-se sobretudo a partir da retirada à força dos manifestantes dos locais ocupados pela polícia, sustentada por decisões judiciais.

Em Porto Alegre, em outubro de 2012, um ato artístico com a proposta de vivenciar os espaços públicos da cidade também acabou em violência policial. A “Defesa Pública da Alegria” reuniu estudantes e artistas em frente ao prédio histórico da prefeitura, no centro da cidade, no dia 4 de outubro de 2012. À noite, passadas horas após o início do evento, alguns participantes furaram uma barreira policial em direção a um estande da Copa do Mundo FIFA de Futebol, evento a ser realizado no Brasil no ano seguinte, a poucos metros do local. A ação causou reação imediata do pelotão de choque, que respondeu com balas de borracha e gás lacrimogêneo, e perseguiu a cavalo os participantes em disparada pelas ruas do centro. Enquanto isso, o dispositivo que mantinha inflado um boneco em tamanho gigante do mascote do torneio foi desligado, causando a percepção de que os participantes do evento teriam cometido ato de vandalismo contra o material. O fato foi desmentido pela imprensa dias mais tarde. Junto aos protestos de 2011, as motivações e o desfecho do episódio foram representativos do clima de insatisfação com a gestão do espaço urbano e com o papel do estado na repressão de movimentos sociais espontâneos articulados através de redes sociais digitais, que marcariam as manifestações de junho do ano seguinte (PASINATO, 2013).

No dia 25 de março de 2013, a tarifa de ônibus em Porto Alegre foi elevada de R\$ 2,85 para R\$ 3,05, o que gerou um protesto no mesmo dia promovido via redes sociais por estudantes, que chegaram a trancar a Avenida Ipiranga por três horas na altura da Pontifícia Universidade Católica (PUC-RS). No dia 27, centenas de manifestantes se reuniram, mais uma vez, em frente à prefeitura da cidade. A manifestação terminou em tumulto após uma suposta tentativa de invasão do prédio. Janelas foram quebradas e as paredes, pichadas. Pelo menos um manifestante foi preso e o Batalhão de Operações Especiais da BM usou bombas de efeito moral e cassetetes contra os manifestantes. O secretário de governança do município, Cezar Busatto, foi atingido com tinta vermelha (G1, 2013).

Ao longo dos dias seguintes, após a repercussão negativa por parte da imprensa e a ausência de resposta do município, os protestos cresceram. Finalmente, no dia 4 de abril, 5 mil pessoas se reuniram em frente à prefeitura debaixo de forte chuva. Durante este protesto, os manifestantes foram informados

sobre uma decisão em caráter liminar da Justiça, em processo de autoria de vereadores da oposição, que obrigou o município a reduzir novamente o preço das passagens. Os manifestantes comemoraram a decisão em frente à Prefeitura, antes de seguir em marcha pela cidade. Nos dias seguintes, o prefeito anunciou que não recorreria e o preço da passagem foi mantido no patamar anterior ao aumento (G1, 2013).

Nas semanas seguintes, manifestações contrárias ao aumento da tarifa de ônibus começaram a surgir também em São Paulo e Goiânia, onde estudantes entraram em confronto com a polícia no dia 28 de maio. A autoria dos protestos era reivindicada, então, pelo Bloco de Luta pelo Transporte Público, “composto por diversos indivíduos, organizações e coletivos de Porto Alegre, unidos na luta por um transporte coletivo público e popular de qualidade” (BLOCO DE LUTA, s/d), em Porto Alegre, e pelo Movimento Passe Livre (MPL), que se define como “um movimento social autônomo, apartidário, horizontal e independente, que luta por um transporte público de verdade, gratuito para o conjunto da população e fora da iniciativa privada” (MPL, s/d), no restante do Brasil.

A partir do dia 3 de junho, os protestos se intensificaram em São Paulo e no Rio de Janeiro, bem como foi reforçada a repressão por parte da polícia. O governador de São Paulo, Geraldo Alckmin, defendeu a ação dos policiais, chegando a referir-se aos manifestantes como “baderneiros”.

No dia 13 de junho, um novo ato na capital paulista reuniu 5 mil pessoas (FOLHA DE SÃO PAULO, 2013; G1, 2013; IG, 2014; ESTADÃO, s/d). Neste dia, os dois principais jornais da cidade, a Folha de São Paulo e O Estado de São Paulo, publicaram editoriais conclamando ao estado e à polícia que usassem de maior vigor na repressão às manifestações, sob o argumento de que extrapolavam a liberdade de expressão e promoviam o vandalismo. A Polícia Militar reprimiu, então, duramente os manifestantes e dezenas saíram feridos - entre eles, sete repórteres da própria Folha. Mais de 200 pessoas foram detidas. Algumas prisões chegaram a ser atribuídas ao porte de vinagre, substância utilizada para amenizar os efeitos do gás lacrimogêneo usado pela polícia em protestos anteriores, o que rendeu ao evento o apelido de “Revolta do Vinagre”.

O prefeito de São Paulo, Fernando Haddad, no entanto, reafirmou no dia seguinte que não diminuiria a tarifa. No mesmo dia, a prefeitura de Goiânia anunciou redução do preço do transporte coletivo no Estado.

No dia 17, mais de 270 mil pessoas protestaram simultaneamente em 30 cidades do país. No dia 18, Cuiabá, Recife, João Pessoa e Porto Alegre anunciaram novas reduções de tarifa de ônibus, enquanto 110 mil pessoas protestavam em 40 cidades. No dia 19, mais 140 mil saíram às ruas, enquanto novas reduções eram anunciadas em Aracaju, Belo Horizonte e São Paulo, onde a prefeitura também suspendeu o aumento de tarifa (FOLHA DE SÃO PAULO, 2013; G1, 2013; IG, 2014; ESTADÃO, s/d).

No dia 20, acontece o maior ato até então: cerca de 1,4 milhão de pessoas protestaram em mais de 130 cidades. Neste dia, foram registradas pelo menos duas mortes em circunstâncias ligadas às manifestações (FOLHA DE SÃO PAULO, 2013; G1, 2013; IG, 2014; ESTADÃO, s/d). Ao mesmo tempo, os prefeitos de Curitiba e Campina Grande anunciaram diminuição das tarifas de ônibus. A presidenta da república, Dilma Rousseff, cancelou uma viagem diplomática ao Japão e, no dia seguinte, entrou no ar em cadeia nacional de televisão para falar sobre as manifestações. Nesta altura dos protestos, quando os maiores centros urbanos já haviam cancelado o aumento anual, ou, em alguns casos, de fato reduzido os preços das tarifas do transporte público, os manifestantes passaram a reivindicar uma infinidade de outras pautas.

No dia 21 de junho, o MPL de São Paulo declarou que não convocaria novas manifestações. Mesmo assim, no dia 22, 325 mil pessoas reuniram-se novamente, em mais de 100 cidades (FOLHA DE SÃO PAULO, 2013; G1, 2013; IG, 2014; ESTADÃO, s/d).

Nos dias seguintes uma série de medidas foram tomadas por diversas instâncias do estado, pressionado pelos protestos; entre elas: arquivamento da Proposta de Emenda Constitucional 37 (PEC 37), que propunha a retirada de poderes de investigação do Ministério Público, restringindo-os às polícias, pelo Congresso; a aprovação da destinação dos royalties do petróleo explorado em território nacional para projetos na área da educação (75%) e da saúde (25%), pela Câmara dos Deputados; a aprovação da qualificação de crime hediondo para delitos

de corrupção, pelo Senado; e o anúncio de passe livre estadual para estudantes, por parte do governador gaúcho, Tarso Genro, no dia 27.

Pesquisa realizada pelo instituto Datafolha entre os dias 27 e 28 de junho revelou, então, que a aprovação do governo Dilma Rousseff havia sido reduzida quase pela metade, passando de 57%, no final da primeira semana de junho, para 30% após o agravamento dos protestos. Pesquisa do Ibope Inteligência publicada dias antes, em 24 de junho, revelou que 75% dos entrevistados eram a favor das manifestações, mas apenas 26% acreditavam que elas trariam grandes mudanças para o país e somente 6% declararam ter participado de algum protesto. 44% acreditavam que os manifestantes haviam agido com muita violência, e 42% acreditavam o mesmo sobre os policiais (IBOPE, 2014).

Os protestos continuaram a ocorrer pontualmente; porém, passaram a perder força desde então. Apenas os protestos no Rio de Janeiro continuaram a ter repercussão nacional nos meses seguintes, até que em fevereiro de 2014, a morte do cinegrafista Santiago Andrade, atingido na cabeça por um rojão disparado por manifestantes enquanto cobria um protesto, marcou o fim das manifestações.

Novos protestos teriam lugar nos dias que antecederam a Copa do Mundo de 2014, mas não com a mesma intensidade do ano anterior. Nas primeiras semanas de 2015, porém, novas manifestações pelo aumento da tarifa foram organizadas, sempre evocando a lembrança de 2013, o que indica que os efeitos deste acontecimento permanecem.

No Quadro 1, estão sintetizados os principais fatos que marcaram o mês de junho de 2013.

Quadro 1 – Fatos que marcaram os protestos de junho de 2013 no Brasil.

DATA	EVENTO
02/06/2013	Tarifas de ônibus, trens e metrô são aumentadas de R\$ 3 para R\$ 3,20 em São Paulo.
03/06/2013	Estudantes protestam contra o aumento da tarifa do transporte público no Rio de Janeiro e em São Paulo.
06/06/2013	5 mil manifestantes bloqueiam a Avenida Paulista, em São Paulo, contra o aumento da tarifa do transporte público. Há protestos também no Rio de Janeiro. Houve intervenção da polícia, com balas de borracha e gás lacrimogêneo, e casos de vandalismo.
07/06/2013	Nova manifestação leva 2 mil pessoas às ruas de São Paulo. A prefeitura de Manaus decide reduzir a tarifa de transporte no município.
10/06/2013	Justiça de Goiás anula o reajuste das passagens de ônibus em Goiânia.
11/06/2013	5 mil pessoas voltam a protestar em São Paulo.
13/06/2013	Ato com mais de cinco mil participantes em São Paulo acaba com violenta repressão

	policial. Mais de 200 são detidos e dezenas ficam feridos, incluindo jornalistas que cobriam o protesto, na mais grave demonstração de violência até então.
17/06/2013	Protestos totalizando cerca de 270 mil pessoas são registrados em pelo menos 30 cidades. A Polícia Militar de São Paulo proíbe a utilização de bala de borracha nos protestos.
18/06/2013	Protestos são registrados em 40 cidades, com participação de pelo menos 110 mil pessoas. A tarifa é reduzida em Cuiabá, Porto Alegre, Recife e João Pessoa.
19/06/2013	Protestos são registrados em pelo menos 30 cidades, com cerca de 140 mil participantes. Novas reduções na tarifa são anunciadas em São Paulo, Rio de Janeiro, Aracaju e Belo Horizonte.
20/06/2013	Atos em mais de 130 cidades do país somam mais de 1,4 milhão de pessoas, totalizando o maior número de manifestantes reunidos de uma só vez durante todo o período das manifestações; a presidenta Dilma Rousseff cancela viagem ao Japão em função da crise institucional provocada pelos protestos. Neste dia, o <i>Jornal Nacional</i> derruba o próprio espelho e realiza cobertura ao vivo dos protestos em todo o Brasil, com chamadas ao vivo de repórteres sediados nas principais cidades brasileiras onde havia manifestações.
21/06/2013	A presidenta Dilma Rousseff pronuncia-se a respeito dos protestos pela primeira vez em rede nacional; enquanto isso, novos atos levam às ruas mais de 160 mil pessoas, em 90 cidades. O MPL de São Paulo declara que não convocará novos protestos.
22/06/2013	Cerca de 325 mil pessoas se reúnem em 100 cidades. A mídia repercute os Pactos anunciados por Dilma Rousseff no dia anterior.
23/06/2013	25 mil pessoas fazem manifestações em 30 cidades.
24/06/2013	Dilma Rousseff anuncia cinco pactos pelo Brasil e recebe o MPL no Palácio do Planalto; ao mesmo tempo, 35 mil pessoas protestam em 60 cidades.
25/06/2013	A Câmara Federal arquiva a Proposta de Emenda Constitucional (PEC) 37, cedendo às reivindicações dos manifestantes, e aprova a destinação de 75% dos royalties da exploração de petróleo no território nacional para a educação e 25% para a saúde.
26/06/2013	O Senado Federal aprova a proposta que transforma corrupção em crime hediondo e a Comissão de Constituição e Justiça da Câmara define o fim do voto secreto em votações para a cassação de parlamentares.
27/06/2013	33 mil pessoas protestam em 38 cidades. Governadores do Rio Grande do Sul e de Goiás anunciam passe livre para estudantes e o Congresso altera regras do Fundo de Participação dos Estados.
28/06/2013	27 mil pessoas protestam em pelo menos 50 cidades. Comissão do Senado aprova projeto para expropriação de terras em que há escravidão.
29/06/2013	5 mil pessoas protestam em 36 cidades.
30/06/2013	9 mil pessoas protestam em 18 mil cidades.

Fonte: Elaborado pelo autor.

Pelo quadro, percebe-se que o dia 13 de junho foi o estopim para o crescimento das manifestações em caráter nacional, registrando também o maior número de vítimas e de pessoas levadas à prisão.

No dia 20, ocorreu o ápice dos protestos, com o maior número de pessoas nas ruas ao mesmo tempo, com consequências imediatas para o estado – a presidenta Dilma Rousseff cancelou uma viagem internacional – e também para a

mídia – o *Jornal Nacional* dedicou-se quase integralmente à cobertura ao vivo do evento em todo o território nacional.

No dia 21, a presidenta Dilma Rousseff pronunciou-se pela primeira vez em rede nacional sobre as manifestações, pronunciamento que teria repercussão no dia seguinte, 22 de junho. Já nos dias 24, 25 e 26, Presidência, Câmara e Senado colocaram em prática medidas que acreditavam que responderiam de imediato às reivindicações dos manifestantes. Estes sete dias, portanto, representam os principais marcos do acontecimento manifestações, e foram por isso selecionados para a análise que é objeto deste trabalho.

A proposta da pesquisa consiste precisamente em verificar a construção dos enquadramentos, isto é, dos quadros interpretativos que deram sentidos às manifestações, em duas mídias, sujeitas a tensionamentos de poder específicos. A construção destes enquadramentos permite pensar sobre as manifestações, mas também sobre os veículos que participam desta cobertura, seu papel na construção discursiva do acontecimento e nos processos de comunicação sobre temas de interesse público que ele suscita. A caracterização destas duas mídias compõe o próximo item deste capítulo.

2.2 AS MÍDIAS: TV BRASIL E TV GLOBO

O acontecimento manifestações de junho de 2013 poderia ser narrado e avaliado a partir de, pelo menos, quatro pontos de vista imediatos: dos próprios manifestantes, da polícia, do estado, da mídia. No entanto, há uma pluralidade de manifestantes nos protestos (movimentos sociais, sociedade civil organizada, membros de partidos políticos, grupos anarquistas, pacifistas, adeptos do *black bloc*¹, etc.), assim como há diferentes polícias (federal, estaduais, batalhões de choque, etc.), diferentes níveis de diferentes poderes compondo o estado (executivo, legislativo e judiciário; federal, estadual, municipal), e, é claro, diferentes mídias

¹ *Black Bloc* é nome dado a uma tática de ação direta, de corte anarquista, empreendida por grupos que se reúnem, mascarados e vestidos de preto, para protestar em manifestações de rua, utilizando-se da propaganda pela ação para desafiar o establishment e as forças da ordem (TAKASHI, 2013). Durante a cobertura das manifestações, o termo foi associado aos manifestantes que, mascarados, destacavam-se dos demais ao promover a destruição da propriedade pública e privada no decorrer dos protestos.

(massiva, alternativa, impressa, radiofônica, televisiva, digital, pública, estatal, corporativa, de exploração comercial, comunitária, universitária, etc.).

Como parte do problema de pesquisa deste trabalho, interessa tensionar a cobertura da televisão pública com a da televisão de exploração comercial. O recorte proposto é constituído das coberturas das manifestações de junho de 2013 nos telejornais *Repórter Brasil* e *Jornal Nacional*, que representam, respectivamente, estes dois sistemas de radiodifusão. O primeiro é o principal noticiário diário da única emissora pública nacional; o segundo, da maior emissora privada em alcance a audiência. Neste item, serão melhor caracterizados as emissoras e os telejornais que compõem o objeto desta pesquisa a partir da pesquisa histórico-descritiva realizada como etapa preliminar às análises, a fim de levantar informações contextuais que qualifiquem as interpretações.

2.2.1 TV Globo e Jornal Nacional: cinco décadas de liderança

A *TV Globo* foi escolhida para esta análise por se tratar da maior emissora de exploração comercial do país em alcance e audiência. Ou seja, é a maior representante deste sistema de radiodifusão.

Em 1957, o empresário Roberto Marinho recebeu concessão para explorar comercialmente um canal de televisão por decisão do então presidente Juscelino Kubitschek. Porém, a inauguração da *TV Globo* ocorreu apenas em 26 de abril de 1965. O período de sua criação correspondeu ao auge da ditadura militar no país e também ao período histórico referido por Sérgio Mattos (2010) como fase populista da televisão brasileira. Segundo este autor, o desenvolvimento industrial e popularização do meio serviu aos interesses dos militares no poder, política e economicamente, ao difundir a ideologia do governo e estimular a produção e aquisição de bens duráveis. Segundo Weber (2000), as redes de televisão eram o suporte ideal para a veiculação da ideologia do estado, principalmente pela abrangência de seu alcance e centralidade da administração.

A criação da Globo teve o respaldo técnico e financeiro do grupo estadunidense Time-Life. A legalidade do contrato entre as duas empresas, que

violava o art. 160 da Constituição então em vigor², foi questionada e tornou-se alvo de processos no Conselho Nacional de Comunicação e de investigação no Congresso. Em 1967, através de parecer aprovado pelo então presidente Castelo Branco, a associação foi viabilizada e considerada legal. Entre 1962 e 1966, a *TV Globo*, recebeu em torno de U\$ 6 milhões da empresa estadunidense, um investimento expressivo para a época³, além de equipamentos, produtos (como filmes para exibição diária) e assessoria técnica de engenheiros vindos dos Estados Unidos. Embora a emissora tenha dado prejuízo nos seus dois primeiros anos de existência, a audiência aumentava e, a partir de janeiro de 1966, já vinha alcançando os primeiros lugares (WEBER, 2000; HERZ, 1991).

Segundo Mattos (2010), depois de firmar-se no mercado nacional, a Globo dispensou a ingerência estadunidense. Ao final da década de 60, consolidou-se enquanto rede nacional e já contava com grande audiência, ao produzir uma programação voltada às classes mais baixas. A partir do início da década seguinte, consolidou-se também como líder de mercado, utilizando técnicas de comercialização importadas do mercado estadunidense. Também nos anos 1970, foi consolidado o chamado “padrão Globo de qualidade” a partir da ingerência moralizante dos governos militares. Produtos como as telenovelas e o *Fantástico*, programa semanal que mistura jornalismo e entretenimento, com alto nível de qualidade técnica e estética, foram responsáveis pela arregimentação massiva das audiências também a partir desta época. Nas décadas seguintes, internacionalizou-se e, em 1995, inaugurou o Projac, maior centro de produção televisiva da América Latina, em Jacarepaguá, no Rio de Janeiro, chegando à década de 2000 como a maior rede de televisão do país (MATTOS, 2010). Após a morte de Roberto Marinho, em 2003, o conglomerado passou a ser controlado por seus filhos: Roberto Irineu Marinho, presidente, e João Roberto e José Roberto Marinho na vice-presidência.

Atualmente, a rede encabeçada pela Globo reúne 28 grupos de comunicação e 122 emissoras e cobre 98,44% do território nacional, atingindo 5.482 municípios e 99,50% da população. Cerca de 90% da programação é produção própria, totalizando 2.500 horas anuais de novelas e programas variados e mais de 1.800 horas anuais de telejornalismo. A rede faz parte do conglomerado de comunicação

² A Constituição Brasileira de 1946 definia, no art. 160, a vedação da propriedade de empresas de radiodifusão por estrangeiros.

³ Valor equivalente a aproximadamente U\$ 43,8 milhões em 2014.

das Organizações Globo, de alcance internacional, que até 2009 incluía 33 jornais, 139 rádios, 105 emissoras de TV aberta, 27 revistas, além de 17 canais e 9 operadoras de TV paga. Trata-se da maior rede de televisão em operação no Brasil e relaciona-se com pelo menos 35 grupos regionais que controlam, ao todo, 340 veículos e 3.305 retransmissoras (DONOS DA MÍDIA, s/d).

Seu principal programa telejornalístico, o *Jornal Nacional*, constitui ainda um dos principais parâmetros editoriais e estéticos para o telejornalismo brasileiro, marco do telejornalismo de rede consolidado entre o final da década de 1960 e os anos 1980 (REZENDE, 2010).

O *Jornal Nacional* é transmitido ao vivo desde sua estreia e foi o primeiro programa a ser apresentado em rede no país. Sua primeira edição foi ao ar em 1º de setembro de 1969, com apresentação de Hilton Gomes e Cid Moreira (MEMÓRIA GLOBO, 2004). Segundo o atual editor-chefe, William Bonner, “O *Jornal Nacional* tem por objetivo mostrar aquilo que de mais importante aconteceu no Brasil e no mundo naquele dia, com isenção, pluralidade, clareza e correção” (BONNER, 2009, p. 17).

O telejornal é elaborado para um público universal, de todas as idades, níveis de escolaridade e faixas econômicas. Para Bonner (2009), em função da pluralidade do público, é inevitável frustrar expectativas ao selecionar os assuntos que farão parte de cada edição.

A principal vocação do telejornal é a factualidade, complementada pela atualidade. Isto é, dá-se preferência para as ocorrências pontuais do dia; matérias mais abrangentes sobre temáticas atuais tendem a aparecer apenas quando o fluxo de notícias do dia é menos intenso (BONNER, 2009).

Atualmente, o *Jornal Nacional* é veiculado de segunda a sábado, às 20h30, a partir dos estúdios da *TV Globo* no bairro Jardim Botânico, Zona Sul do Rio de Janeiro. A apresentação é de William Bonner e Renata Vasconcellos. À época da coleta do corpus desta pesquisa, ainda era apresentado por Patrícia Poeta, que deixou a bancada do telejornal em 31 de outubro de 2014.

2.2.2 TV Brasil e Repórter Brasil: em busca de um sistema público nacional

A *TV Brasil* é a única emissora de televisão pública de alcance nacional atualmente no ar no país. Entrou em funcionamento em 2008, após a realização do 1º Fórum Nacional da TV Pública, realizado no ano anterior. Segundo o site institucional da emissora, “sua finalidade é complementar e ampliar a oferta de conteúdo, oferecendo uma programação de natureza informativa, cultural, artística, científica e formadora da cidadania” (*TV BRASIL*).

A história da *TV Brasil* começa com a Radiobrás, cuja estrutura foi posteriormente transformada na Empresa Brasil de Comunicação – EBC. A Empresa Brasileira de Radiodifusão S. A. – Radiobrás foi criada em 1975. Segundo Weber (2000), o regime militar no Brasil conviveu com o desenvolvimento do conceito de comunicação e com as novas profissões desse campo (sobretudo os relações públicas), o que será utilizado pelos militares em uma política de comunicação amparada por eficazes sistemas de censura e coerção. É nesse contexto que se dá a criação da Radiobrás, vinculada ao Poder Executivo, através da lei 6.301, de 15 de dezembro de 1975, com o objetivo de “implantar e operar as emissoras, e explorar os serviços de radiodifusão do Governo Federal”.

Para Ferraretto (2000), a Radiobrás consistiu num produto típico da ditadura militar, alinhada à doutrina de integração do território nacional promovida pelos militares, além de inserir-se no contexto político mundial da Guerra Fria, restringendo a utilização de ondas de rádio pelos partidários da esquerda, sobretudo no norte do país. Além de levar o discurso oficial anti-subversivo para todo o território nacional, as ondas de rádio controladas pelo governo atrapalhavam as transmissões alinhadas à União Soviética. Em 1980, a empresa tinha sob seu comando quarenta emissoras em funcionamento: sete emissoras de televisão e trinta e três rádios. Enquanto empresa pública de caráter privado, uma vez que pertencia ao Estado, mas era regida pela Lei das Sociedades Anônimas (embora a União fosse seu único acionista), a Radiobrás nasceu com caráter híbrido (BUCCI, 2007).

Segundo Bucci (2007), a partir da abertura política, a separação da Radiobrás dos serviços de relações públicas e assessoria de imprensa desempenhados oficialmente por outros órgãos, como a Secretaria de Comunicação da Presidência, bem como as novas regulamentações pós-regime militar, serviram como garantia de

que a Radiobrás tinha como função apenas informar ao público, e definitivamente não servia à propaganda de governo, ao menos no plano formal. A dificuldade de colocar em prática este princípio, porém, segundo o autor, se devia à cultura da instituição e aos condicionamentos internos de seus profissionais, acostumados a responder diretamente às vontades do gabinete da presidência.

Ao final da década de 80, a Radiobrás se encontrava em plena decadência. A maior parte de suas emissoras foi desativada, doada ou vendidas aos governos estaduais, prefeituras e particulares por preços muito baixos, ao mesmo tempo em que o governo Sarney batia recordes de concessões de frequência de rádio e televisão, contribuindo para o desenvolvimento do sistema comercial; à União restaram apenas nove frequências, sendo que duas delas jamais foram instaladas. Durante os anos 1990, a empresa quase foi fechada, tendo sobrevivido graças à gestão do jornalista Carlos Zarur, primeiro funcionário de carreira a assumir a gestão da empresa a partir de 1998. Com a missão de recuperar a Radiobrás ou decretar sua extinção, Zarur reorganizou a administração da empresa, recuperou as contas e revitalizou seu espaço físico. É deste período a criação da TV Nacional Brasil (NBR) e da Agência Brasil, especializada em notícias do Executivo. Zarur permaneceu na presidência da Radiobrás até o fim do segundo governo Fernando Henrique (BUCCI, 2007).

A grande transformação do modelo de comunicação do estado brasileiro começa a ser esboçada a partir de 2003, quando se nota um esforço por parte dos órgãos de comunicação do governo para alterar da terminologia dos instrumentos de comunicação utilizados até então de forma que fosse mais compatível com a nova realidade política. Brandão (2009) atribui a utilização mais efetiva do termo comunicação pública, enquanto processo comunicativo entre estado, governo e sociedade com objetivo de informar para a cidadania, ao esforço de profissionais da comunicação que ocupavam paralelamente os cargos de assessoria de comunicação do governo e de professores nas escolas de comunicação. O desenvolvimento do termo deve-se também à vontade política dos governantes ligada à necessidade estratégica de diferenciação em relação às políticas de comunicação características de períodos anteriores. A partir de então, se percebe uma forte ênfase na regulamentação da propaganda (uma nova lei foi promulgada e passou a valer a partir de 2009), preocupação explicada pelos grandes volumes de

recurso público empregados nas campanhas publicitárias, mantidas como formato de comunicação predominante das esferas de poder.

Entre 8 e 11 de maio de 2007, ocorreu em Brasília o I Fórum Nacional de TVs Públicas, que reuniu governo, entidades ligadas às comunicações, acadêmicos, jornalistas, comunicadores e representantes da classe artística. O resultado do encontro foi o documento batizado de Carta de Brasília, que apontava a necessidade de criação de uma emissora de televisão pública de âmbito nacional – que viria a ser, no mesmo ano, a *TV Brasil* – cujo propósito seria o provimento de necessidades culturais não contempladas pelos então meios estatais e privados. A fim de viabilizar o empreendimento, foi editada a medida provisória nº 398/2007, posteriormente convertida na lei 11.652/2008, que criou a Empresa Brasil de Comunicação (EBC).

A EBC foi fundada, portanto, a fim de gerar condições materiais para o estabelecimento da *TV Brasil*, utilizando os recursos orçamentários e o patrimônio da Radiobrás, o que implicou, naturalmente, na incorporação à EBC dos serviços já prestados pela empresa a partir de então extinta, o que incluiu a NBR, isolando-os, porém na diretoria de serviços, ao mesmo tempo em que o restante das diretorias poderiam se concentrar na produção de conteúdo independente.

A EBC é atualmente presidida pelo jornalista Nelson Breve. Quase toda a totalidade de seus recursos, em torno de R\$ 500 milhões anuais conforme estimativa de 2014, provêm do orçamento da Secretaria de Comunicação Social da Presidência da República (SECOM), chefiada pelo também jornalista Thomas Traumann, que também preside o conselho de administração da emissora. Ainda que esteja vinculada ao Governo Federal por meio da EBC e da SECOM, a lei que define a criação da EBC (Lei Federal 11.652/08, art. 2º, VIII), bem como seu estatuto (art. 19, XV), asseguram a autonomia da emissora em relação ao Executivo.

Hoje, a transmissão da *TV Brasil* se dá via parabólica e cabo em todo o território nacional, e via sinal aberto em sete estados. Está à frente da Rede Pública de Televisão, uma associação entre a EBC e as emissoras educativas de diferentes regiões, que totaliza 53 geradoras e 727 retransmissoras, em 23 estados e no Distrito Federal, cobrindo pelo menos 1.781 municípios (TV BRASIL, s/d). Segundo matéria do jornal O Estado de São Paulo (2013), o sinal da *TV Brasil* chega a 61% da população, com 7 emissoras próprias e 45 afiliadas. A audiência, porém, seria

baixa: em 2012, a preferência pelo canal na Grande São Paulo variou de 0,06 a 0,11 pontos no Ibope.

A empresa transmite 71 programas, 20 deles de produção própria, 12 em coprodução com produtoras independentes, 12 produzidos por outras emissoras da Rede Pública de Televisão, sete produzidos a partir de parcerias institucionais e políticas públicas de incentivo à produção audiovisual, além de outros 20 comprados ou licenciados, nacional ou internacionalmente (TV BRASIL, s/d). Também dispõe de um canal internacional (*TV Brasil Internacional*), cujo público alvo são os brasileiros emigrados, a partir de acordos de distribuição com operadoras internacionais de TVs por assinatura, cabo e satélite, e também ao vivo pela Internet (TV BRASIL, s/d).

O principal telejornal diário da *TV Brasil* é o *Repórter Brasil*, apresentado de segunda a sexta-feira em duas edições: das 12h às 12h30 e das 21h às 22h. Aos sábados é apresentado somente das 21h às 21h30. A primeira edição do telejornal foi ao ar em 3 de dezembro de 2007, no segundo dia de transmissão da *TV Brasil*.

A edição vespertina é apresentada dos estúdios da emissora no Rio de Janeiro, enquanto a edição da noite é apresentada de Brasília. Além de reportagens próprias e de emissoras da Rede Pública de Televisão, em todo o Brasil, o jornal apresenta entrevistas ao vivo na bancada e minidebates sobre os temas em pauta em cada dia. A edição noturna foi escolhida para análise em função da relevância da faixa horária que ocupa na grade, o chamado horário nobre, o que faz do *Repórter Brasil – Noite* o principal veículo do telejornalismo da emissora. Em sua concepção, foi criado para ser apresentado simultaneamente de três praças, com apresentação de Luiz Lobo (de Brasília), Luciana Barreto (do Rio de Janeiro) e Florestan Fernandes Júnior (de São Paulo).

No início de junho de 2013, porém, o telejornal sofreu reformulações, com mudança de cenário e identidade visual, passando a ser apresentado somente de Brasília, diariamente, por Guilherme Menezes e Katiuscia Neri, embora a maior parte das edições analisadas nessa dissertação tenham sido apresentadas por Guilherme Menezes e Fernanda Isidoro (COUTINHO, 2013; TV BRASIL, 2013).

No próximo capítulo, as linhas teóricas que qualificarão as análises do acontecimento e das mídias descritas até aqui serão desenvolvidas. Entre elas: as

relações entre comunicação e política, que caracterizaram o desenvolvimento de cada uma das televisões apresentadas; a discussão sobre a televisão, seu poder e alcance, e também as particularidades do sistema público em relação ao sistema comercial; e o conceito de acontecimento, utilizado para compreender as manifestações de junho de 2013 no Brasil.

3 COMUNICAÇÃO E POLÍTICA, TELEVISÃO E ACONTECIMENTO

Um dos objetivos deste trabalho é analisar a cobertura das Manifestações de Junho na *TV Brasil* e na *TV Globo* a partir das teorias que permitem relacionar o discurso, midiático, do telejornalismo e o desenvolvimento do acontecimento, bem como suas consequências para a sociedade e os processos políticos. Nesse sentido, a construção teórica se dá em três eixos.

O primeiro relaciona comunicação e política, problematizando o poder da mídia de construir sentidos e dar visibilidade aos atores políticos. Entre a visibilidade e o interesse público, é a perspectiva da comunicação pública que permite articular sociedade, política e mídia na construção de um espaço de circulação de informação e debate a respeito de temas de interesse coletivo. À troca de razões e formulação de consenso, opõe-se a paixão, cerne da construção do espetáculo político-midiático.

O segundo dá conta da importância social e política da televisão, meio que se desenvolve entre disputas de espaço e de poder entre atores públicos e a iniciativa privada. Em especial, procura-se dar conta do telejornalismo como espaço privilegiado de interlocução com a realidade. Identifica-se a relevância da relação que a televisão estabelece com o público, bem como as características, formas e sentidos que permitem reconhecer o conteúdo analisado como jornalístico.

O terceiro apresenta o conceito de acontecimento a fim de caracterizar as manifestações de junho de 2013. A partir da teoria do acontecimento, problematiza-se sua relação com o interesse público. A ideia de *acontecimento público* é utilizada para caracterizá-lo, em função do tensionamento que provoca entre sociedade, estado e mídia, remetendo-o novamente à comunicação pública.

3.1 COMUNICAÇÃO PÚBLICA E ESPETÁCULOS DA POLÍTICA

As relações entre comunicação e política são relações de poder. Os atores que disputam o poder político, na democracia de massa, dependem da mídia para propagar suas mensagens, construir e reconstruir a imagem pública e consolidar

seus projetos políticos, na busca pelo voto. A visibilidade e o desejo de obter imagem pública favorável balizam comportamentos e discursos dirigidos à formação de opinião e índices favoráveis (WEBER, 2000; 2007). Assim, o poder da mídia na arena política é o poder de tornar visível, mas não apenas isso. O modo como é construída esta visibilidade, isto é, os sentidos que são construídos sobre os sujeitos importam, assim como importa a credibilidade – os meios de comunicação massiva são agentes na construção de sentidos e representam espaços de disputa simbólica em que predomina a interpretação por parte do público (GAMSON, 2011). A política de imagem (GOMES, 2004) direciona a prática política para a competição pela produção e controle das imagens públicas.

Por outro lado, numa democracia, os valores de liberdade de informação e liberdade de expressão são fundamentais e também estão profundamente relacionados ao papel da mídia. A circulação de informações e a formação de sistemas e redes de comunicação voltados ao interesse público importam para a qualificação dos processos de tomada de decisão política (BLUMLER; GUREVITCH, 1995; WEBER, 2007). Contemporaneamente, desenvolve-se ainda a noção cidadã do direito à comunicação (GUARESCHI, 2013), sobretudo a ser garantido para os grupos sociais minoritários e para aqueles que defendem interpretações de mundo contra-hegemônicas, historicamente excluídas da visibilidade nos meios de comunicação tradicionais.

Os conteúdos midiáticos são atravessados, assim, pelo tensionamento entre a necessidade de conquistar visibilidade e construir sentidos positivos diante dos cidadãos (eleitores e consumidores) e o interesse público, enquanto fim normativo dos processos democráticos.

O interesse público diz respeito às próprias relações entre indivíduo e política. A dicotomia público/privado reflete a situação entre aquilo que pertence à coletividade e aquilo que pertence a seus membros singulares. Daí se formam dois extremos que se sucedem historicamente, de acordo com as relações de preponderância entre um e outro: o domínio do privado sobre o público, em que a primazia da autonomia do indivíduo caracteriza a emancipação da sociedade civil, protagonizada pela burguesia na modernidade; e a sobreposição do público sobre o privado, enquanto reação contra a concepção liberal do Estado, que submete o

interesse individual ao coletivo, a partir do que se entende que o bem comum não é equivalente à soma dos bens individuais, mas os transcende (BOBBIO, 1986).

Há, assim, uma oposição entre indivíduo e coletivo que caracteriza as sociedades políticas. No espectro que se forma entre estes dois polos, identifica-se a compenetração de um sobre o outro, materializada em dois processos não excludentes: a publicização do privado e a privatização do público. O primeiro reflete o processo de subordinação dos interesses privados aos interesses da coletividade, representada pelo estado, que invade e engloba progressivamente a sociedade civil; o segundo representa a revanche dos interesses privados através da formação das grandes corporações, que se servem dos aparatos públicos para o alcance dos próprios objetivos.

A partir da modernidade, com a emergência da esfera social, há uma transformação no sentido da dicotomia. A igualdade entre os sujeitos na esfera pública passou a encerrar-se no conformismo às regras sociais, que limitam a capacidade de ação. A economia, que antes tinha lugar apenas no privado, emerge ao domínio do público. Nesse contexto, o público permanece como lugar daquilo que é comum e relevante à coletividade, e que adquire caráter de permanência, isto é, que transcende a finitude da vida do indivíduo (ARENDT, 2001).

Ao mesmo tempo, o público é o lugar da aparição (ou da visibilidade) e também é o lugar de convivência, de mediação entre os homens, que pressupõe diversidade de perspectivas e acaba quando é visto apenas sob um aspecto. Quando da sobreposição do privado, os sujeitos são alijados dos olhares e das vozes dos e para os outros. Nisto consiste, para Arendt (2001), a solidão anti-humana da sociedade de massa, onde os sujeitos tornam-se prisioneiros da própria existência singular.

À esfera do privado corresponde o conceito de propriedade como riqueza acumulada. A ascensão da esfera social, que tende a se sobrepor às esferas pública e privada, no sentido clássico, e também à esfera da intimidade moderna, coincide com o momento em que a preocupação individual com a propriedade privada se torna pública. Nisto consiste o desaparecimento de ambas as esferas: o público passa a definir-se em função do privado, que por sua vez é a única preocupação comum que permanece entre os seres humanos.

Jürgen Habermas (2003) apresenta uma perspectiva diversa sobre o desenvolvimento da dicotomia na modernidade, segundo a qual a autonomização da sociedade civil em relação ao estado absoluto toma forma no conceito de esfera pública. A esfera pública é a dimensão que une o privado e o público. É o lugar de encontro entre sujeitos privados para discussão dos assuntos que interessam ao conjunto de uma sociedade (ESTEVES, 2011). Habermas (2003) elaborou o conceito ainda nos anos 1960, compreendido enquanto espaço de publicização e debate, que incide sobre a determinação da vontade política, e que é transfigurado a partir do desenvolvimento da comunicação massiva. A discussão racionalizada e aberta a todos os interessados, a fim de construir consensos, que caracterizaria a esfera pública, dá lugar, a partir do século XX, à disputa com base na persuasão da propaganda e do marketing político. O agir comunicativo, entendido por Habermas (2012) como a ação que tem por objetivo o entendimento mútuo através da linguagem, não tem lugar diante do agir estratégico individual e calculista.

Gomes (2004) identifica pelo menos dois fenômenos distintos que compõem a esfera pública, ou esfera da publicidade social contemporânea: uma dimensão argumentativa (esfera da discussão pública), nos moldes habermasianos, de troca de razões, do debate constitutivo das democracias; e uma dimensão da visibilidade (esfera pública de visibilidade), no sentido de acessibilidade, de disponibilidade ao conhecimento e domínio públicos. Ambas as esferas são relevantes para os regimes democráticos, sendo uma fundamental para a outra, porque a esfera pública argumentativa necessita da esfera de visibilidade pública para cumprir o seu papel de discussão aberta a todos os interessados. A mídia, neste caso, tem um potencial democrático – em lugar de elemento de desintegração da esfera pública, poderia atuar como esfera deliberativa, servindo de encaixe entre as demandas da cidadania e as instâncias deliberativas formais dos estados contemporâneos (GOMES; MAIA, 2008). Sua função é essencial para o estabelecimento do debate público, entendido como o conjunto de discussões em torno dos temas de interesse público, qualificado pelo aprofundamento das questões, através da circulação da informação por meio de diferentes sistemas de comunicação (da mídia, do governo, do legislativo, do judiciário, entre outros).

O fator de entrave para a realização deste potencial é a sobreposição dos interesses privados dos atores sociais que detêm o poder sobre o estado e sobre os sistemas midiáticos, em detrimento do interesse público. Nesse contexto, a disputa

de poder entre estes atores consiste em disputas por visibilidade, que resulta no voto e no poder político, e também no consumo, que amplia o poder econômico dos donos do capital. Para isto, entretanto, estes atores precisam também disputar credibilidade: enquanto as redes midiáticas representam o lugar da visibilidade por excelência, os sujeitos do público inferem a credibilidade de seus discursos em suas diferentes modalidades (informativo, persuasivo, institucional, individual ou híbrido), a partir de suas próprias vivências e também do poder simbólico exercido pelos atores sociais envolvidos nessas discussões (WEBER, 2006).

A sobreposição dos interesses privados em detrimento do interesse público na dinâmica das disputas de poder no espaço público consiste na crise da comunicação pública (BLUMLER; GUREVITCH, 1995). O conceito de comunicação pública articula os planos da política, da sociedade e da mídia enquanto processo de comunicação sobre assuntos de interesse público que se dá na esfera pública e implica dois pressupostos: primeiro, a existência de um interesse público, ou coletivo, em contraposição a um interesse individual ou privado; em segundo, a existência de um espaço de circulação de informações e debate sobre os assuntos de interesse público, em que diversos atores sociais se encontram a fim de trocar argumentos e construir opiniões e consensos, que se traduzem na ação política.

Nos regimes democráticos, a comunicação pública legitima-se pelo interesse coletivo e é situada na esfera pública. Trata-se da comunicação formal que diz respeito à troca e partilha de informações de utilidade pública, cujo desenvolvimento é uma resposta à crescente complexidade de nossas sociedades, facilitando a busca do interesse geral e correspondendo a uma necessidade de relação entre política e cidadania (ZÉMOR, 2003).

Os estudos de comunicação pública tendem a se focar, assim, nas instituições políticas em seus aspectos comunicacionais e nas instituições da mídia em seus aspectos políticos, na relação de ambos com suas audiências e nos demais aspectos relevantes para a comunicação da cultura política de uma sociedade (BLUMLER; GUREVITCH, 1995). Nesse sentido, as pesquisas tendem a se agrupar em torno de pelo menos dois conjuntos de objetos empíricos: os processos sistêmicos de comunicação pública com vistas à geração do debate público, ou as políticas públicas e dispositivos normativos que os determinam.

Em termos teóricos, porém, a ideia de comunicação pública é “um conceito confortável porque sua liquidez serve a diferentes abordagens teóricas e sua complexidade aparece somente no momento de sua exequibilidade” (WEBER, 2007, p. 24). Em outras palavras, sua imprecisão conceitual acaba por permitir que sirva de justificativa formal para uma grande diversidade de práticas. O desenvolvimento de operadores que ajudem a aperfeiçoar o conceito é um dos principais desafios desta área de pesquisa.

Em que pese essa ressalva, a comunicação pública é o conceito que melhor permite a análise dos processos comunicativos em seu sentido social e político mais amplo. Nesse sentido, Queré (1991) defende uma ideia de comunicação enquanto esquema para compreender a organização da sociedade, isto é, como ligação que articula socialmente os fenômenos sociais, ao incorporar sujeitos e mundo através da interação. O autor pressupõe um espaço comum entre estes sujeitos como condição e resultado da ação, no que se caracteriza a reflexibilidade do modelo. A linguagem, nesse sentido, não serve apenas para designar ou representar as coisas, mas possui também uma dimensão expressiva, uma vez que é parte integrante das realidades que permite descrever e reportar. Este trabalho reitera a concepção do autor, articulada a uma problemática da construção intersubjetiva da objetividade, da subjetividade e da sociedade.

Esta perspectiva tem reflexo ainda no conceito de agir comunicativo de Habermas (2012), que diz respeito à interação de pelo menos dois sujeitos, capazes de falar e agir, que estabeleçam uma relação interpessoal, através de meios verbais ou extraverbais, em que a linguagem assume uma posição proeminente e corresponde ao mecanismo de coordenação da ação, que integra os planos do agir e das atividades propositadas pelo indivíduo ao plano da interação. Somente o modelo comunicativo de ação pressupõe a linguagem como um *medium* de entendimento. Assim, é construída a ideia de uma esfera pública como lugar cuja dinâmica é marcada pela comunicação em seu sentido social e político, que tem na linguagem um importante instrumento de diálogo, entendimento e consenso.

Todavia, as discussões em torno dos assuntos de interesse comum não primam apenas pela troca de argumentos. As paixões e afetos que caracterizam o humano misturam-se à razão e fazem-se intrínsecos inclusive à política. O espetáculo (SCHWARTZENBERG, 1978; DEBRAY; 1994; WEBER, 2000; DEBORD, 2005) é o modo de construção da realidade, na mídia, que responde à paixão,

capital político dos sujeitos, e também à persuasão, e que se sobrepõe à troca de argumentos. Política e espetáculo estão historicamente relacionados e o próprio desenvolvimento do estado está atrelado à evolução dos dispositivos discursivos que traduzem o poder do rei ao fiel, súdito, cidadão e, por fim, telespectador (DEBRAY, 1994).

O espetáculo político-midiático é marcado por delitos políticos e estéticos que atravessam a apropriação do espaço midiático pela política e vice-versa. Está profundamente relacionado ao acontecimento e sua potencialidade passional, ao ser apropriado por mídia, política e sociedade. Sua fabricação incorpora processos de hibridação e tradução do acontecimento na linguagem midiática (informação, propaganda ou entretenimento), bem como de cerimonialização, comercialização, consumo e partição das imagens públicas (WEBER, 2002).

O espetáculo opõe-se ao debate público, ao ofuscar a troca de razões e submeter a decisão política não à comunicação pública, mas à persuasão, e ambos se relacionam aos modos, ou regimes, de construção da visibilidade, dependendo do modo como a mídia hierarquiza, tematiza e enquadra os acontecimentos (COELHO, 2011). O tensionamento entre as dimensões pública e privada nesse caso, que envolvem interesses, pactos e disputas, complexifica a análise dos modos de construção dos textos midiáticos.

Uma das hipóteses levantadas neste trabalho é a de que diferentes tipos de enquadramento são capazes de qualificar de maneiras diferentes as discussões a respeito dos temas de interesse público que o atravessam: com maior profundidade, qualificando a comunicação pública através da veiculação de dados e informações, análises, críticas e interpretações dos fatos; ou com ênfase nas imagens, nas sensações, nos sentimentos e nas paixões dos indivíduos. Enquanto o primeiro parece mais formalmente adequado ao estabelecimento de um processo efetivo de comunicação pública, é o segundo que desperta maior interesse, engajamento e empatia, pois o espetáculo não existe sem que seja apropriado pela sociedade.

3.2 TELEVISÃO E TELEJORNALISMO

Há pelo menos duas perspectivas especialmente úteis para compreender teoricamente a televisão. A primeira diz respeito ao que ela é: o que a diferencia das

outras mídias e manifestações culturais e tecnológicas, como impresso, rádio, comunicação digital, cinema, etc. Nesse sentido, pode-se definir a televisão principalmente em relação ao seu significado cultural e linguagem específica: a televisão é o dispositivo audiovisual através do qual uma civilização expressa a si mesma (MACHADO, 2001). Sob o aporte dos estudos culturais, procurou-se compreender a televisão enquanto momento de materialização dos valores e práticas culturais de uma sociedade, cuja centralidade e importância se deve aos fatores cotidianidade e onipresença, isto é, pela ostensiva presença desse meio na casa e na vida das pessoas (FRANÇA, 2012).

Culturalmente, os processos comunicativos televisuais materializam-se em produtos televisuais de natureza complexa e híbrida, com a articulação de diferentes linguagens sonoras e visuais, dotadas de uma gramática própria (DUARTE, 2006). A estética própria da televisão é o espetáculo (WEBER, 2000; MARTINS, 2006), e sua análise pressupõe uma avaliação de seus sentidos e significações, que perpassa os contextos de produção e recepção das mensagens e a diversidade de linguagens que se cruzam no texto televisivo. O caráter discursivo da televisão converte o mundo em fatos imediatamente acessíveis, reduzindo, em contrapartida, o real ao discurso, concebido como inter-relação de diferentes sistemas semióticos e midiáticos. Em outras palavras, os textos-programas não são o real. Trata-se de uma “construção discursiva fragmentada, parcial, instituída a partir de diferentes fontes e referências e da proposição de diferentes regimes de crença” (DUARTE, 2006, p. 25).

A segunda perspectiva importa uma consideração sobre a televisão em sua natureza social e política. A televisão tem importância enquanto lugar de visibilidade e, portanto, de exercício de poder. Pesquisa encomendada pelo Governo Federal revelou que 97% dos brasileiros costumam assistir à televisão e 76,4% deles a consideram seu meio de comunicação favorito; a internet, por exemplo, enquanto tecnologia em ascensão no Brasil, atinge somente 47% e 13,1%, respectivamente, nos mesmos índices (SECOM, 2014a). Estes números atestam a relevância que a televisão ainda possui para seus telespectadores, mesmo em um contexto de profundas transformações culturais e tecnológicas.

Ainda que esteja ostensivamente presente em meios urbanos e rurais, a televisão brasileira é essencialmente urbana, produzida integralmente nas cidades (MATTOS, 2010). Herdou a linguagem e o modo de exploração historicamente

comercial do rádio, em que pese a definição constitucional da natureza pública do sistema de radiodifusão e as constantes influências estatais em sua constituição e funcionamento ao longo da história recente. De fato, para operar em território nacional, as emissoras dependem de outorga estatal, e o estado ainda exerce forte controle sobre os canais de televisão, sobretudo os menores, através dos subsídios públicos. Mas o suporte financeiro predominante da televisão no Brasil continua sendo a publicidade e, embora os governos sejam os principais anunciantes individuais, seguido pelas multinacionais (MATTOS, 2010), são os índices de cobertura e audiência – fatores mercadológicos de consumo, portanto – os principais critérios de investimento desses recursos, o que se comprova pela adoção do chamado critério de mídia técnica, utilizado pela Secretaria de Comunicação da Presidência da República - Secom (2014b) para a distribuição da publicidade governamental⁴.

Assim, são reforçados dois planos de exercício de poder direto sobre e através do meio: o político e o econômico. De um lado, os agentes políticos, que definem as políticas de regulamentação e concessão de outorga, além de financiarem parte considerável da produção através, por exemplo, da propaganda estatal. De outro, os empresários, proprietários dos oligopólios, que exploram comercialmente os canais de radiodifusão públicos, sem deixar de estender os lucros através de atividades relacionadas a seus produtos comunicacionais, por exemplo, através da produção de eventos e da venda de produtos licenciados.

Mas a influência televisiva nos processos políticos pode ser ainda mais abrangente no plano teórico. Numa perspectiva habermasiana, pode-se afirmar que o desenvolvimento das mídias eletrônicas massivas interferiu de forma decisiva na dinâmica da esfera pública. A radiodifusão massiva, especialmente a televisão, transforma as dinâmicas do debate público, não mais argumentativo e discursivo, mas persuasivo e imagético (HABERMAS, 2003). Os processos políticos se voltaram, neste contexto, para a repercussão pública dos atos e para a construção das imagens públicas, na perspectiva do espetáculo e do marketing político (GOMES, 2004).

⁴ Segundo Relatório da Secom, “no período 2008-2013, a SECOM consolidou a adoção de critérios técnicos para os planejamentos e execuções de compra de espaços e/ou tempos publicitários. O objetivo é ampliar a comunicação de governo, atingindo amplas camadas da população, em todo o País, valorizando os veículos de cobertura regional. [...] Na execução dos planos de mídia de campanhas da SECOM e na análise de ações dos órgãos e entidades do Executivo Federal, é estabelecida a equalização dos investimentos considerando a participação de audiência e cobertura de cada veículo” (SECOM, 2014b, p. 37-38).

A televisão incorpora variáveis bastante complexas a esta problemática. As imagens televisivas dotam de um novo sentido a metáfora da visibilidade e o jogo de imagens conceituais. Weber (2006) retoma a pergunta sobre o potencial de manipulação implicado na disputa pelo controle dos imaginários. A autora atribui à dinâmica entre visibilidade e suas antíteses (ocultamento, apagamento e opacidade), obscurecida pela estratégia de visibilidade midiática e sua capacidade de relativizar os interesses da sociedade, a vivacidade do “debate sobre a intimidade entre verdade, realidade, visibilidade, credibilidade e ética” (WEBER, 2006, p. 123). Porém, a hegemonia conquistada pela televisão aberta a partir da metade do século passado vem sendo desafiada, ou diluída, nas primeiras décadas do século XXI, pelos canais de televisão a cabo, pela internet, e também pelo desenvolvimento da máquina de comunicação estatal (GOMES, 2004), que ampliam a oferta de informação e relativizam o poder de influência sobre as opiniões e interpretações sobre o mundo. Estas transformações sugerem novas reflexões, ainda em aberto, sobre a relação estabelecida entre conteúdos e formação da opinião, que levem em conta as novas configurações dos gêneros televisivos e os tensionamentos representados pelo desenvolvimento de espaços digitais de discussão e troca de informações.

3.2.1 Sistema público *versus* sistema comercial

A partir do tensionamento entre interesses políticos e econômicos que a caracteriza a televisão, há uma questão a ser problematizada que diz respeito aos modelos institucionais e sistemas através dos quais ela se constitui. No núcleo da questão, encontra-se a disputa de poder entre estado e iniciativa privada e a criação de sistemas complementares de teledifusão, instituída constitucionalmente, que visam a equilibrar as ofertas de conteúdo televisivo.

No Brasil, o espectro de ondas eletromagnéticas é propriedade do Estado, que distribui o direito de exploração da radiodifusão por meio de concessões. A lógica das políticas de comunicação no país revela um sistema de concessões públicas de caráter concentrador e avesso à mudança, constituído, a partir da década de 1960, pela dinâmica das lutas entre os atores políticos, sob um modelo essencialmente comercial, submetido a interesses políticos e econômicos privados, em detrimento da natureza pública de sua exploração. O sistema de poder no

campo da comunicação no Brasil permanece quase sem qualquer alteração significativa desde então (BOLAÑO, 2007).

Apenas na última década foi possível que grupos da sociedade civil deliberassem efetivamente sobre a necessidade de criação de políticas públicas que efetivassem o direito dos cidadãos não apenas de se informar e expressar livremente o pensamento, mas também de ter acesso aos meios de comunicação massivos, que deveriam assim refletir a pluralidade da sociedade (GUARESCHI, 2013). Após a realização do 1º Fórum Nacional das TVs Públicas, em 2007, encaminhou-se a criação de uma rede de televisão pública de alcance nacional que atendesse às necessidades informacionais, culturais, educativas e científicas da população brasileira. Surgia assim a EBC, criada a fim de viabilizar o funcionamento de uma televisão pública nacional, a *TV Brasil*, que entrou em funcionamento no ano seguinte. Embora a complementaridade dos sistemas de radiodifusão públicos, privados e estatais esteja prevista no texto constitucional, foi apenas a partir da criação da EBC que o estado passou a atuar mais efetivamente no sentido de colocar este princípio em prática. A televisão pública nacional surge, então, como forma de contraposição ao oligopólico sistema de exploração comercial, sustentado por interesses privados também de atores políticos do estado.

Embora não haja consenso sobre o modelo a ser adotado pelas televisões e rádios públicas – seja institucional, seja editorialmente – parte considerável das perspectivas de análise (LEAL FILHO, 1997; 2008; RINCÓN, 2002; KOTSCHO, 2003; INTERVOZES, 2010; OTONDO, 2013; MIRANDA; SANTAGATA, 2013) afirmam que estas mídias se estabelecem como alternativa à televisão de exploração comercial. Daí a ideia de que a televisão pública é “a outra TV”, que ganha densidade cidadã ao relatar como nos tornamos coletivo social (RINCÓN, 2002). De maneira geral, destaca-se o compromisso com a cidadania e os direitos humanos, rechaçada a busca por audiências a qualquer preço; com a pluralidade dos atores que compõem uma sociedade, incluindo em especial os grupos minoritários e aliados de visibilidade nos meios tradicionais; com a educação e com a cultura; com a inovação e excelência técnica e de conteúdo; com a transparência, interesse público e participação da sociedade na gestão de seus recursos e conteúdo; com a formação do espírito crítico; e com o pensamento livre.

Laurindo Leal Filho (1997; 2008) foi um dos primeiros autores brasileiros a investigar as características deste modelo com base na experiência da britânica BBC, exemplo bem sucedido de televisão pública livre de pressões comerciais ou políticas. Os princípios que a caracterizam – universalidade, independência, pluralidade, inovação, entre outros – podem servir de parâmetros, segundo o autor, para as televisões públicas latino-americanas.

Entretanto, ainda que o surgimento e posterior desenvolvimento do sistema de radiodifusão pública no Brasil, que tem início nos anos 1970, com a criação das televisões educativas, tenha se dado à margem do sistema comercial, os arranjos institucionais construídos para viabilizá-los acabaram criando um novo problema: a vinculação das emissoras de rádio e televisão públicas ao estado e o conseqüente comprometimento de sua autonomia em relação aos poderes governamentais. Nos sistemas de comunicação do estado brasileiro, as televisões públicas e educativas ocupam posição ambígua em relação aos canais institucionais estatais. Esta definição tem sido um problema para quem estuda as mídias do campo público, como alguns autores preferem chamá-las, reunindo-as sob o guarda-chuva de sua natureza jurídico-institucional. Se por um lado há motivos para desconfiar dessa diferenciação, já que a programação de ambas se confunde (BARROS; BERNARDES, 2012) e existem ainda evidências da influência dos governos sobre seu conteúdo (TORVES, 2006), pesquisas sobre modelos de gestão mais recentes atribuem aos conselhos formados por representantes da sociedade civil um papel importante de gestão sobre os conteúdos destas emissoras como forma de garantir sua autonomia (MIOLA, 2009; RAMOS, 2013).

A lei 11.652/2008, que regula a radiodifusão pública no Brasil, por sua vez, regula os princípios e objetivos que devem sustentar a programação das televisões e rádios públicas no Brasil. Entre eles, o respeito à complementaridade entre os sistemas privado, público e estatal, definida constitucionalmente; a promoção do acesso à informação, da cidadania, do espírito crítico e da cultura nacional; a não discriminação religiosa, político partidária, filosófica, étnica, de gênero ou de orientação sexual, vedado qualquer tipo de proselitismo; a autonomia em relação ao governo federal; e a participação da sociedade civil em sua gestão. A radiodifusão pública brasileira deve, ainda segundo esta lei, oferecer mecanismos para o debate público sobre temas de relevância nacional e internacional; apoiar processos de

inclusão social e socialização da produção de conhecimento; buscar excelência em conteúdos e linguagens e estimular a produção de conteúdos interativos, especialmente aqueles voltados para a universalização da prestação de serviços públicos.

A reflexão sobre o telejornalismo produzido na televisão pública enfrenta os mesmos desafios. Até o final dos anos 1960, não havia no Brasil nenhuma perspectiva alternativa à televisão comercial. Nesse sentido, a implantação da TV Cultura, ligada à Fundação Padre Anchieta, em São Paulo, em 1969, foi um marco. Rezende (2010) ressalta vários momentos em que a TV Cultura teve destaque na história do telejornalismo brasileiro. Autores como Coutinho (2013) e Rothberg (2011) se ocupam dos princípios normativos do jornalismo da televisão pública, ligado fundamentalmente à perspectiva do jornalismo público, ou cidadão, fundamentado na noção de interesse público. Para Leal Filho (1997), o jornalismo da televisão pública deve ser investigador e questionador, sem emitir opiniões.

Cabe lembrar, por fim, que os sistemas público e de exploração comercial são formalmente considerados complementares no texto constitucional, mas não existe regulação sobre este princípio. Uma das razões de ser da pesquisa aqui proposta é refletir sobre como as diferenças de conteúdo entre o sistema público e o sistema privado, observado no modo como são construídos os quadros de sentido no telejornalismo de ambos os tipos a respeito de temas de interesse coletivo.

3.2.2 Jornalismo na televisão

No contexto da produção midiática televisiva, são muitos os tipos de conteúdo veiculados: informação, infantil, entretenimento, publicidade, jornalismo, entre outros. Estes conteúdos são definidos por objetivos e formatos múltiplos e distintos. O jornalismo é um deles e, portanto, não se deve confundi-lo com a própria mídia, da mesma forma que não se pode tomar a parte pelo todo.

Diante da complexidade envolvida na definição do que é o jornalismo, é este o sentido que o caracteriza neste trabalho: uma prática comunicacional específica cuja relação com a realidade e credibilidade significa o potencial de influir nos processos sociais e políticos através da construção de sentidos e interpretações sobre os acontecimentos, reinterpretados e tensionados com a experiência própria

do sujeito, que por sua vez age politicamente (através de voto, protesto, engajamento, indiferença, etc.).

O jornalismo pode ser entendido a partir das relações que estabelece com a realidade, no sentido em que descreve eventos da realidade objetiva, isto é, do poder do jornalismo enquanto discurso sobre o real. O poder do discurso jornalístico consiste em não apenas relatar, mas construir efetivamente a realidade (TRAQUINA, 2004; BERGER, 2003), e este estatuto adquire um novo sentido na televisão, principalmente em função da imagem. Esta produção de sentido reflete as disputas de poder da política e empresta aos atores da arena pública a visibilidade e a credibilidade de que necessitam para conquistar o capital político.

A relação entre jornalismo e democracia surge com a esfera civil republicana, ligada à imprensa opinativa, como garantia de transparência e liberdade de expressão civil, protegida da arbitrariedade do estado aristocrático. Daí a identificação da imprensa com o exercício cidadão dos direitos civis e políticos por parte da sociedade, a ser garantido pelo estado (GOMES, 2009). Na prática, com as transformações sociais que resultaram na ascensão política da burguesia, em concomitância com o desenvolvimento industrial da própria profissão (SCHUDSON, 2010), esta relação se transforma. O jornalismo torna-se informativo e voltado aos interesses das audiências, que não necessariamente refletem os princípios da cidadania. A relação com o interesse público permanece apenas como estratégia de legitimação do campo, cujos atores – os jornalistas – reafirmam sua vinculação à esfera civil em nome do interesse público, ao mesmo tempo em que se colocam como vigilantes das instituições políticas. Em lugar de questionar a apropriação da política em termos de espetáculo, por exemplo, o jornalismo das grandes corporações parece querer controlar, ele mesmo, o “espetáculo cotidiano da política” (GOMES, 2004, p. 343), isto é, demarcar em seu poder discursivo o exercício de uma espécie de monopólio sobre a construção da realidade política. A tese do poder da imprensa enquanto influência sobre a formação da opinião pública, mobilizando a sociedade para a ação política, foi defendida, entre outros, por Park (2006), para quem a opinião pública emerge das discussões entre indivíduos tentando formular e racionalizar suas próprias interpretações da notícia com ou sem a ajuda dos editoriais. Tal perspectiva evidencia o potencial da instituição jornalística no jogo de representações da esfera pública.

De fato, Porto (2005), ao tratar da questão dos enquadramentos jornalísticos, estabelece uma identificação do princípio da pluralidade (*diversity*) no jornalismo com sua função democrática, baseado na quantidade de interpretações acerca dos temas públicos construídas em cada reportagem. Uma notícia serve ao interesse público, neste caso, em intensidade proporcional à quantidade de pontos de vista sobre um assunto que é capaz de agregar. A ambiguidade do papel do jornalismo é apontada ainda por Neveu (2001), para quem a cultura e ética profissionais, definidoras do campo, contrapõem ao menos duas visões a respeito do papel profissional do jornalista. A primeira diz respeito à sua missão pública enquanto mediador, pedagogo e ordenador do caos dos acontecimentos. A segunda, equipara o jornalismo a um contrapoder, que atua na fiscalização dos demais poderes oficialmente instituídos. Numa perspectiva filosófica e sociológica, o espaço dos jornais pode ser pensado como “ágora, serviço público, lugar de expressão livre e lugar de contrapoder” (MAIGRET, 2010, p. 268), o que complexifica o negócio da informação, pensado não mais como espelho da sociedade ou lugar neutro, mas em termos de negociações e jogos de interesses entre seus atores.

Em que pese estas considerações, Gomes (2009) admite que o jornalismo pode servir à democracia ao disponibilizar aos cidadãos um repertório informativo suficiente para uma escolha eleitoral qualificada, de modo a influenciar a esfera da decisão política independentemente do poder da propaganda política, cuja influência sobre o público é relativizada na medida da diferença de credibilidade atribuída aos dois tipos de discurso (WEBER, 2006). Mas o autor pondera que esta relação com o interesse público não é o princípio absoluto que caracteriza a prática jornalística, porque o jornalismo não se reduz às editoriais teoricamente capazes de munir o público deste tipo de informação – como política, economia e cidades, por exemplo. Notícias sobre esporte, violência, celebridades, etc., também fazem parte do escopo do jornalismo. A respeito da problemática dos interesses cívicos contrapostos aos interesses individuais das audiências, Fontcuberta (2011) argumenta que são várias as funções do jornalismo: informar e interpretar a realidade, agendar os temas da opinião pública e mediar as diversas instâncias da sociedade; mas também entreter, ocupar o ócio e gerar riqueza como forma de negócio. A autora problematiza a existência de necessidades informativas – entendidas como o conjunto de informações que um indivíduo precisa para desenvolver-se como cidadão, com

autonomia de pensamento e liberdade de ação na sociedade em que vive; e o interesse informativo, relacionado a tudo aquilo que interessa ao público, mas não necessariamente contribui para a valorização da cidadania.

Na televisão, os princípios jornalísticos são formatados à linguagem complexa e polissêmica do audiovisual. Em que pese a relação simbiótica entre televisão e entretenimento, os telejornais são o lugar da credibilidade na grade televisiva (SQUIRRA, 1995). A notícia é a representação social da realidade contemporânea, que possibilita o acesso das pessoas ao mundo dos fatos, isto é, trata-se de uma forma de conhecimento do cotidiano (VIZEU, 2005).

O telejornalismo se define como a mediação simbólica entre determinados eventos e um público, para quem estes eventos são relevantes (MACHADO, 2001). Os telejornais servem como chaves explicativas do mundo a partir de mecanismos cognitivos que influem, inclusive, na construção e manutenção das atitudes políticas do cidadão, e a maneira pela qual os meios organizam esta informação acarreta consequências para as interpretações de mundo do telespectador (ALDÉ, 2001).

Estes mecanismos incluem a estratégia de simplificação da realidade através da tomada de opinião: o estatuto de verdade da imagem – “as imagens são capazes de mentir?” (WEBER, 2006, p. 123); e a personalização dos conteúdos (ALDÉ, 2001).

Sobre o primeiro aspecto, cabe ressaltar a problemática da imagem sintoma (CHARADEAU, 2006) e sua capacidade de evocar significações, seja por analogia, seja pelo discurso verbal que lhe é interposto. Este poder de evocação varia, uma vez que depende de quem a interpreta, a partir de suas experiências e compreensões sobre o mundo, apresentando assim um sentido intertextual e plural: jamais significa a mesma coisa para dois sujeitos.

Já sobre o segundo, tem-se que o telejornalismo é um lugar personalista de enunciação (MACHADO, 2001), centrado na figura dos mediadores – repórteres e apresentadores. A relação dos espectadores com os mediadores no telejornalismo é ao mesmo tempo racional e emotiva, e a estratégia de fidelização do espectador e de construção da credibilidade do telejornal passa também pelo apelo à emoção das audiências (HAGEN, 2009). A televisão apela, assim, para a dimensão sensível, afetiva e sensorial do indivíduo, e o faz muito através da exploração do “ao vivo”,

pelo qual aquele que assiste à televisão o faz em função do que deseja sentir mais do que pelo que deseja saber (FECHINE, 2006). Segundo Fachine (2006), os modos de operação em tempo real configuram um sentido para relação entre público e televisão cuja precondição é o contato, colocando no mesmo lugar transmissor e espectador. Especialmente no telejornalismo, é possível interpretar esta relação como uma possibilidade de transposição do público para o local onde acontece a notícia através do acompanhamento “ao vivo” dos fatos e da neutralização da distância representada pelo aparato transmissor.

O telejornal é produto do modelo “ao vivo” (MACHADO, 2001) não apenas porque é apresentado em “tempo real”, mas também porque o seu fechamento obedece à temporalidade imediata. Como consequência, as informações chegam aos públicos inacabadas, desordenadas, brutas e contraditórias. Nesse sentido, o fluxo telejornalístico é uma sucessão de verdades sobre o mesmo acontecimento, isto é, seu produto não é a verdade, mas a enunciação de verdade de cada sujeito envolvido no evento. Assim, contrapõe discursos diversos, contradizendo-os ou relativizando-os ao mesmo tempo em que lhes dá visibilidade. Daí a essencialidade da presença do telejornal no local e no tempo dos acontecimentos. É esta presença que o autoriza como fonte confiável e serve de fundamento para o seu processo significativo. Muitas vezes, inclusive, seu produto é metadiscursivo: não trata exatamente dos eventos, mas da dificuldade de reportá-los.

Finalmente, Machado (2001) atenta para o fato de que, ainda que apresente um modelo polifônico, a produção de linguagem telejornalística consiste em uma postura interpretativa que emana de alguém – um sujeito (editor, repórter, etc.), instituição (emissora) ou grupo social (empresários, elites, políticos, etc.), conforme seus interesses. Daí a relevância da discussão sobre a democratização dos meios, de modo a garantir a pluralidade do discurso televisivo, e a desnaturalização dessas mensagens (ALDÉ, 2001).

No Brasil, o formato telejornalístico variou bastante, desenvolvendo-se em paralelo à tecnologia. Rezende (2010) apresenta a evolução histórica do telejornalismo, dos primeiros telejornais, na década de 50, de linguagem ainda radiofônica e sem imagens de fora do estúdio, às emissoras *all news*, na década de 1990, com 24 horas de programação voltadas ao telejornalismo. O autor destaca os anos entre o final da década de 1960 e o início da década de 1980 como o período

de surgimento do modelo hegemônico que até hoje serve de referência para o telejornalismo brasileiro, representado principalmente pelo *Jornal Nacional*, da TV Globo. O formato – baseado no modelo americano e que consiste, em linhas gerais, em apresentadores que narram as notícias ao vivo a partir de uma bancada, com a inserção de material gravado e *links* ao vivo – consolidou-se nos manuais sobre a prática do telejornalismo (SQUIRRA, 1995; PATERNOSTRO; 2006).

A partir deste modelo, os aspectos de análise do telejornalismo são os traços e marcas que constituem os recursos expressivos de forma mais pontual, conectados ao aparato técnico (MARTINS, 2006). Este conjunto de aspectos abrange pelo menos dois grupos: os aspectos primários, que dizem respeito a roteiro, figurino, maquiagem, cenário, modos de interpretação e/ou apresentação das notícias, direção, enquadramento, iluminação, entre outros; e os aspectos que dizem respeito à constituição final da imagem – edição, cortes, montagem, planos, ângulos, movimentos de câmera e sonorização.

A análise de enquadramentos que se propõe neste trabalho pretende dar conta dos aspectos políticos e estéticos do telejornal no modo como são construídas as interpretações acerca da realidade. Estas interpretações se verificam nas abordagens utilizadas para tratar dos acontecimentos noticiados. Compreende-se também que a dimensão social adquirida por este produto televisivo, embora verificável, consiste num mecanismo de difícil entendimento, relacionado à cultura e muito mais complexo do que a simples imposição de uma ideologia às audiências.

3.3 ACONTECIMENTO

A fim de se apropriar das Manifestações de Junho de 2013, especialmente em seu sentido político e midiático, este trabalho é baseado também no conceito de acontecimento público, qualificado em três dimensões: possui grande visibilidade, adequada à amplitude de seus efeitos diretos na vida dos cidadãos - neste sentido, *interessa* à totalidade de uma sociedade, e sua deliberação deve levar em conta a dimensão destes *interessados*; trata de temas e problemas fundados no interesse público como parâmetro normativo, isto é, voltado para o bem estar coletivo; e exige ação pública, exatamente na direção deste bem estar, que fundamenta e é o próprio

objetivo das políticas públicas, inclusive das que visam à qualificação e ampliação do debate, como é o caso da radiodifusão pública.

Assim, a terceira e última parte deste capítulo teórico pretende dar conta de duas questões: o que é acontecimento público e quais as suas características, e qual a sua importância para as relações entre sociedade, mídia e política.

O conceito de acontecimento no jornalismo interessa para a construção deste ponto teórico à medida que caracteriza as manifestações de junho de 2013, evento que rompe com a normalidade e é incorporado por e através da mídia, em um processo de significação e assimilação social.

No que se refere à dimensão do público, entretanto, e considerando a diversidade de funções do jornalismo, que não apenas informa, mas também entretém, ocupa o ócio e gera riqueza enquanto negócio (FONTCUBERTA, 2011), é possível levantar a hipótese de que nem todo acontecimento jornalístico importa à esfera pública no mesmo grau. Na mesma linha teórica adotada por Coelho (2013), defende-se aqui a existência de um tipo de acontecimento especificamente definido em função de sua relação com o interesse público, com os processos de deliberação e com a cidadania. É esta a ideia de acontecimento público, de sentido profundamente político, capaz de modificar os processos políticos e legais que definem a vida cotidiana e, portanto, vão além do entretenimento e do consumo.

Objeto de diversas áreas, como filosofia, sociologia e comunicação, a definição do acontecimento é notadamente importante para a pesquisa em jornalismo, porque se aproxima da própria ideia de notícia. Enquanto as ciências sociais se ocupam do acontecimento no cotidiano, no sentido da experiência cognitiva do tempo e da realidade objetiva, o conceito de acontecimento jornalístico diz respeito à construção do acontecimento em forma de notícia (BERGER; TAVARES, 2010).

As duas definições estão, todavia, inter-relacionadas. O acontecimento é o ponto de partida do processo de produção da notícia. Trata-se de fenômeno exterior à subjetividade, que é responsável, por sua vez, pela atribuição de sentido àquilo que acontece. Os fenômenos externos percebidos pelo sujeito se convertem em acontecimentos em uma relação de inclusão. Aos sistemas institucionalizados de comunicação, cabe a outorga seletiva do caráter de acontecimento a diferentes

fenômenos no decorrer das épocas. A transmissão dos acontecimentos pelas mídias, ao mesmo tempo que contribui para arrancar-lhes de seu contexto histórico, aproxima-os da vivência cotidiana das massas, em um processo de democratização cuja outra face é a espetacularização (ALSINA, 2009).

O acontecimento corresponde a uma fenomenalidade que se impõe ao sujeito e nunca é transmitida à instância de recepção em seu estado bruto (CHARADEAU, 2007). Sua significação depende do olhar que o torna inteligível – daí que todo o acontecimento é socialmente construído. É a linguagem que recorta o mundo-objeto e o reconstrói em categorias de sentido, em um processo de tematização, em que o objeto-sentido torna-se o propósito, isto é, o “objeto de compartilhamento do ato de comunicação” (CHARADEAU, 2007, p. 94). Caracteriza-se assim o processo evenemencial, ou processo de produção do acontecimento, que possui um caráter social, que vai além do fenômeno em si. Sua significação social é definida pelo interesse deste para o sujeito, e é a problematização realizada por ele que insere o acontecimento na cadeia de causalidade que lhe dá razão de ser.

O acontecimento pode ser definido como uma espécie de entidade, um indivíduo observável – no sentido de ente, que passa por um processo social de individuação extrínseco a si mesmo – e dotado de unidade temporal delimitada. É singular e não reprodutível, e representa uma totalidade significativa dotada de coerência interna – isto é, não se pode dividi-lo sem quebrar a sua individualidade. A recepção, isto é, o fato de que o acontecimento “acontece a alguém”, é também uma de suas dimensões. Nesse sentido, “o acontecimento *permanece*, para além dos limites de sua ocorrência espaço temporal, *enquanto continuar a afetar aqueles a quem ele acontece* [grifo meu]” (QUERÉ, 2011, p. 24). Esta propriedade de produzir efeitos é o que define o acontecimento jornalístico, enquanto variação comunicada de um sistema, pela qual os sujeitos podem sentir-se implicados. Nesse sentido, é definido pela potencialidade de provocar mudança em um sistema concreto, e mesmo uma nova organização desse sistema. Em outras palavras, mesmo que dure pouco, enquanto imprevisto, sua força consiste em modificar seu entorno (FONTCUBERTA, 2011). A compreensão do caráter social do acontecimento aproxima estas perspectivas. Os acontecimentos são capazes até mesmo de definir uma sociedade, uma vez que os valores desta estarão implícitos na transmissão dos acontecimentos, que serão, por sua vez, a imagem que a própria sociedade fará de

si mesma. Nesse sentido, cada sociedade definirá por si mesma o que é acontecimento (ALSINA, 2009).

A mídia, enquanto espaço de informação sobre o espaço público, seleciona e constrói o acontecimento em função de seu potencial de atualidade, socialidade e imprevisibilidade. Ao mesmo tempo, assegura-lhe visibilidade, ou publicização, e produz potencial de captação. Assim, “compreende-se que o espaço público se confunde com o próprio acontecimento midiático, tal como aparece em sua configuração discursiva” (CHARADEAU, 2007, p. 103). Daí a importância do jornalismo nesse contexto: as notícias são recebidas como acontecimentos pelos indivíduos receptores da informação (ALSINA, 2009).

A notícia é baseada no acontecimento, que, junto com a atualidade e a periodicidade, define o próprio jornalismo segundo Fontcuberta (2011). Os elementos essenciais do acontecimento jornalístico são: o rompimento da normalidade, no sentido da máxima de Rodrigues (1993, p. 27), para quem “é acontecimento tudo aquilo que irrompe na superfície lisa da história de entre uma multiplicidade aleatória de factos virtuais”; a comunicabilidade, definida como a capacidade do acontecimento de ser narrado e comunicado (nesse sentido, é a mídia quem decide o que é acontecimento); e a implicação dos sujeitos, que participam de sua construção pela maior ou menor adesão às notícias, e também pela constatação de seus efeitos, sejam pessoais, impessoais, diretos ou indiretos (FONTCUBERTA, 2011).

No que diz respeito à relação com o interesse público, Queré (2011) define acontecimento público como fenômeno inscrito e tematizado num registro específico: o dos problemas públicos e do seu tratamento pela ação pública. Um problema público, segundo o autor, não é o mesmo que um problema social. De fato, para que um problema social se torne um problema público, ele precisa ser tematizado (ou agendado), de um certo modo, em um certo tempo. Por sua vez, a ação pública não se restringe ao resultado da ação coletiva ou da ação estatal, mas também dos movimentos sociais, da opinião pública, das associações e das comissões de cidadãos. Para o autor, o processo de individualização dos acontecimentos públicos consiste na própria experiência pública. O acontecimento público é aquele que é visível, ou seja, que tem lugar na esfera pública de visibilidade (COELHO, 2013). É, portanto, o acontecimento midiático em potencial, dada a relação entre mídia e

visibilidade. Um acontecimento público é ou será, necessariamente, apropriado pela mídia, mas isso não significa que todo acontecimento midiático é público – ele apenas assume essa condição ao envolver sociedade e esfera política.

Em síntese, portanto, o acontecimento público qualifica-se em três dimensões: possui grande visibilidade, trata de temas e problemas fundados no interesse público; e exige ação pública, demandando processos de comunicação e envolvendo mídia, sociedade e política (COELHO, 2013). É especialmente importante para o jornalismo por envolver o interesse público e por acionar Estado e arenas opositoras, possibilitando fiscalização e cobrança dos poderes por parte da mídia. Nesse sentido, o acontecimento público pode mesmo ensejar outras abordagens, como a do entretenimento, mas sua constituição exige a abordagem do jornalismo. Assim, o acontecimento público é, ou também será, um acontecimento jornalístico.

3.3.1 Junho de 2013: um acontecimento público

Os acontecimentos de junho de 2013 inserem-se em um contexto marcado por manifestações nos principais centros urbanos mundiais na última década. Começou pelo conjunto de manifestações em países do oriente médio em favor da democracia e contra regimes ditatoriais, que convencionou-se chamar de Primavera Árabe, em 2010. Em seguida, houve movimentos contestatórios ao *establishment* capitalista na Espanha (*15M/Indignados*), Inglaterra (*riots londrinos*) e Estados Unidos (*Occupy Wall Street*), todos em 2011.

Autores como Harvey, Maricato, Žižek, Davis et. al. (2012) esboçaram algumas considerações sobre o sentido destes eventos, uma “eclosão simultânea e contagiosa de movimentos sociais de protesto” (CARNEIRO, 2012, p.7). Em comum, tratavam-se de uma articulação horizontalizada, sem líderes ou reivindicações pontuais, mobilizadas primeiro via tecnologias digitais de comunicação e redes sociais na Internet, que culminaram com a ocupação do espaço urbano. Castells (2013, p.8) reconhece nestes movimentos sociais do início do século XXI as “dolorosas manifestações de uma sociedade injusta e de uma comunidade política não democrática”, agravadas pela humilhação provocada pelo cinismo e arrogância do poder financeiro, político ou cultural.

O autor reconhece nestes movimentos um contrapoder, caracterizado pelo uso da internet como espaço autônomo, livre dos controles do estado e do mercado, sendo a autonomia da comunicação um traço fundamental para a união das experiências individuais em uma dinâmica de tensionamento de valores, onde as mídias tradicionais há muito tempo são vulneráveis às instituições de poder hegemônicas; e a superação, de caráter emocional, do medo (afeto negativo) pela esperança (afeto positivo), que possibilita a transformação da emoção (indignação, raiva) em ação política. Assim se descreve o surgimento das manifestações:

De início eram uns poucos, aos quais se juntaram centenas, depois se formaram redes de milhares, depois ganharam o apoio de milhões, com suas vozes e sua busca interna de esperança, confusas como eram, ultrapassando as ideologias e a publicidade para se conectar com as preocupações reais de pessoas reais na experiência humana real que fora reivindicada (CASTELLS, 2013, p. 7)

Os protestos romperam a apatia política generalizada de décadas anteriores. A crise econômica de 2008 foi um dos marcos da indignação no Ocidente. Quando a crise estourou, o Estado mostrou-se em prontidão para resgatar os bancos em colapso, no que se poderia chamar de um “socialismo para os ricos” (ALI, 2012). Ali (2012) afirma que, quando se tornou evidente que temas como a alocação de recursos, provisões de bem-estar social e distribuição da riqueza não tinham mais lugar nos debates das assembleias representativas e os cidadãos perceberam que não eram capazes de exercer controle sobre a riqueza que eles mesmos produziam, as pessoas saíram às ruas procurando alternativas fora do sistema político. Žižek (2012) aponta como núcleo das manifestações globais o descontentamento geral com o sistema capitalista.

Criou-se então um vazio no campo da ideologia e a pergunta premente é “que fazer?”; se os manifestantes são contra o “sistema”, o que colocar no lugar? (ŽIŽEK, 2012). As propostas que são delineadas, em princípio, segundo Žižek (2012), são no sentido de democratizar o capitalismo, isto é, de controlar democraticamente a economia (através do controle pela mídia, leis mais severas, etc.), sem que se questione, porém, a moldura institucional do Estado de direito burguês, o que na prática não representaria necessariamente um avanço. O problema que se impõe então é o das consequências das manifestações, pelo menos enquanto forem ausentes de lideranças ou articulações mais firmes e definitivas, pois “nenhum

movimento pode sobreviver a menos que crie uma estrutura democrática permanente, que assegure a continuidade política” (ALI, 2012, p. 70).

Harvey (2014), por sua vez, relaciona as manifestações ao que define como o direito humano coletivo à cidade, enquanto direito de mudar e reinventar o espaço urbano de acordo com nossos mais profundos desejos. Isto é, o direito de reivindicar algum poder sobre os processos de urbanização, profundamente relacionados ao desenvolvimento do capitalismo, privatista, individualista e desigual. Assim como o autoritarismo político e a crise econômica, respectivamente, desencadeiam movimentos no Oriente Médio e no Ocidente (Estados Unidos e Europa), é a mobilidade urbana o tema que aglutina os protestos no Brasil:

Aconteceu também no Brasil. Sem que ninguém esperasse. Sem líderes. Sem partidos nem sindicatos em sua organização. Sem apoio da mídia. Espontaneamente. Um grito de indignação contra o aumento do preço dos transportes que se difundiu pelas redes sociais e foi se transformando no projeto de esperança de uma vida melhor, por meio da ocupação das ruas em manifestações que reuniram multidões em mais de 350 cidades. (CASTELLS, 2013, p. 178)

No sentido proposto por Harvey (2014), a questão da mobilidade urbana ganha uma nova significação. Reivindicar o direito ao transporte público é reivindicar o direito ao próprio espaço urbano. Castells (2013) reforça a ideia de mobilidade como direito universal e aponta a imobilidade estrutural das metrópoles, resultado da especulação imobiliária e da corrupção, como o núcleo da insatisfação no caso brasileiro.

No Brasil, segundo Singer (2013), aos protestos de rua soma-se também a expressão de uma classe média tradicional inconformada com diferentes aspectos da realidade nacional e o reflexo de um chamado novo proletariado, composto por trabalhadores jovens que conseguiram emprego com carteira assinada na década lulista (2003-2013), mas que sofrem com baixa remuneração, alta rotatividade e más condições de trabalho.

As manifestações de junho de 2013, pela ruptura dos fatos cotidianos e pelo impacto social e político que representam, podem ser consideradas um acontecimento e reúnem todas as características que interessam à cobertura jornalística e midiática. Mas, além disso, ao analisar os enquadramentos construídos sobre elas, é preciso considerar que, mais que um conjunto de eventos, trata-se de

uma força mobilizadora de debates sobre problemas públicos e ação política. É, portanto, um acontecimento do tipo público. Assim, justifica-se a inclusão, no recorte analisado, não somente da cobertura das manifestações, mas de sua repercussão e dos temas associados a ela, especialmente de ordem política.

A partir desta apropriação teórica, levanta-se ainda a hipótese de que a materialização do acontecimento em acontecimento público midiático implica em diferenças na apropriação dele por cada uma das mídias, marcadas por certo tipo de linguagem e inseridas, cada uma, em um contexto sócio-histórico específico. É esta característica que dá sentido social às escolhas de temas, enquadramentos e abordagens.

Seguindo a perspectiva da comunicação pública – como horizonte normativo baseado na racionalidade, na igualdade de acesso à esfera pública e na paridade argumentativa de todos os interessados – compreende-se que estas características do espaço público definem também os enquadramentos que pretendam se constituir dentro de uma ideia de interesse público. A partir do capítulo seguinte, serão definidos os parâmetros sob os quais estes enquadramentos serão investigados no que diz respeito ao recorte deste trabalho.

4 CONSTRUÇÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA: ENQUADRAMENTO

Os objetivos desta pesquisa levaram à busca por uma metodologia que fosse capaz de dar conta da complexidade do texto jornalístico em televisão e, ao mesmo tempo, dos fatores sociais, políticos, econômicos, culturais e tecnológicos, dos interesses e das dinâmicas de poder envolvidos no complexo contexto comunicativo e teórico delineado até aqui. A fim de refletir sobre os sentidos expressos nas coberturas televisivas dos protestos de junho de 2013 em sua relação com a realidade social em que se deflagraram e, ao mesmo tempo, operacionalizar um processo tensionador, capaz de contrapor as duas mídias que compõem o objeto deste trabalho, optou-se pela realização de uma análise qualitativa aprofundada dos enquadramentos que compuseram estas duas coberturas.

4.1 ENQUADRAMENTO

A análise de enquadramento é o principal método utilizado neste trabalho de pesquisa e o conceito de enquadramento é a chave teórico-metodológica para seu desenvolvimento. A análise de enquadramento (*frame analysis*) está associada a Goffman (1986) e à perspectiva interacionista, em que há uma preocupação em desvendar os fatores metacomunicativos envolvidos nas interações sociais que permitem que dois sujeitos consigam compreender-se mutuamente no decorrer de uma interação simbólica. Em outras palavras, trata-se da compreensão dos enquadramentos enquanto estruturas de sentido processualmente delineadas no momento do encontro de dois sujeitos sob condições determinadas (FABRINO; SIMÕES, 2012). O conceito de enquadramento surge, assim, no seio da Escola de Chicago, compreendido como o cerne organizativo da experiência social que permite ao indivíduo responder à pergunta: “o que está acontecendo?” (GOFFMAN, 1986).

Em que pese as seis décadas desde a primeira menção ao termo, diversos autores, entre eles Porto (2004), Entman (1993) e Scheufele (1999), ressaltam o caráter incipiente do conceito, o que torna sua utilização um desafio para a pesquisa. Entretanto, os enquadramentos, entendidos de maneira geral como molduras interpretativas a respeito da realidade, construídas através de processos

específicos de seleção e ênfase (ENTMAN, 1993), parecem bastante úteis para sistematizar as abordagens utilizadas no telejornalismo a respeito de temas de interesse público, além de serem capazes de revelar que interpretações predominam nos noticiários (PORTO 2004), e por isso foram escolhidos como a base desta análise.

Os enquadramentos proporcionam um tipo de investigação qualitativa complexa também em função dos diversos níveis em que podem ser verificados. Goffman (1986) define a existência de quadros primários definidos por princípios mais imediatos, acionados inclusive de maneira inconsciente no momento em que o sujeito se depara com determinada situação. Na interação simbólica, estes quadros primários podem ser modificados de comum acordo entre os sujeitos. O elemento acionador da mudança é chamado pelo autor de chave (*key*) e o “chaveamento” (*keeing*) consiste no ato de atualizar o quadro primário conforme a nova configuração interativa, a partir do posicionamento (*footing*) de cada indivíduo na interação. Assim, a chave que transforma uma conversa amigável em uma discussão calorosa pode ser uma expressão de desdém evocada por uma das partes e compreendida pela outra, sendo isto suficiente para alterar drasticamente o sentido da interação.

Na comunicação midiática, os enquadramentos podem ser verificados tanto no âmbito das mídias quanto no das audiências (SCHEUFELE, 1999), daí a diferenciação entre enquadramentos midiáticos e enquadramentos culturais (PORTO, 2004), ou entre *frames* de comunicação e *frames* de pensamento, sendo que os primeiros são a materialização dos segundos (FABRINO; SIMÕES, 2012).

Enquanto, para o indivíduo, os enquadramentos funcionam como modelos interpretativos do mundo, no plano midiático, enquadrar significa selecionar aspectos de uma realidade percebida e torná-los mais salientes no texto, de maneira a promover uma definição particular de um problema, a interpretação de suas causas, e ainda providenciar algum tipo de avaliação moral ou tratamento recomendado para sua solução. Nesse sentido, os enquadramentos diagnosticam, avaliam e prescrevem (ENTMAN, 1993) um problema social. Inclusive, dependendo da temática do problema e das dinâmicas sociais que atuam sobre ele, uma mesma cobertura sobre determinado assunto pode oferecer interpretações homogêneas em determinados níveis e heterogêneas em outros – por exemplo, uma reportagem

pode oferecer certo nível de consenso em relação à definição de um problema e de suas causas, mas diferentes versões sobre como ele pode ser resolvido (ENTMAN, 1993).

Entman (1993) vai além na complexificação do conceito ao afirmar que os enquadramentos são verificáveis em pelo menos quatro momentos do processo comunicativo: quando o emissor decide o que dizer, guiado por esquemas orientadores do seu próprio sistema de valores e crenças; no próprio texto, em que se manifestam pela presença ou ausência de certas palavras-chave, clichês, estereótipos e fontes de informação; no momento da formação da opinião do receptor a respeito do tema, que pode refletir ou não os enquadramentos do texto e as intenções do emissor; e nos processos culturais de maneira geral, sendo a cultura, segundo o autor, a expressão dos enquadramentos comuns, isto é, o conjunto de enquadramentos empiricamente demonstráveis compartilhados pela maioria das pessoas que compõem um grupo social.

Os enquadramentos operam por saliências, tornando uma informação mais ou menos significativa para uma determinada audiência através de processos de alocação, repetição ou por associação com aspectos culturais já familiares. Nesse sentido, mesmo que uma mensagem seja construída com determinada intenção, se os enquadramentos privilegiados forem de encontro a enquadramentos culturais preexistentes, a mensagem corre o risco de ser rejeitada. Assim, não há garantias de que a preponderância de enquadramentos específicos em um discurso influencie efetivamente uma audiência, ainda que existam experimentos que atestem que esta influência é possível. Ademais, as análises de enquadramento servem para verificar o registro dos atores que competiram para dominar o texto (ENTMAN, 1993).

Dado este cenário, percebe-se o papel preponderante dos enquadramentos no texto jornalístico. Geralmente sem serem percebidos, os enquadramentos organizam o mundo tanto para as audiências, quanto para os próprios jornalistas (SCHEUFELE, 1999). Porto (2004) enfatiza o papel de contraposição que a teoria dos enquadramentos representa em relação às concepções de que o jornalismo serviria para informar o público objetiva e imparcialmente.

É reforçada aqui a metáfora da “janela para o mundo” (TUCHMAN, 1978), segundo a qual o jornalismo enquadra a realidade a que temos acesso através de valores como neutralidade, imparcialidade e objetividade, que definem parâmetros

de facticidade, isto é, o que conta ou o que não conta como fato para a mídia (TUCHMAN, 1978, p. 183). No telejornalismo, que permite a apreensão visual da imagem “enquadrada” na tela retangular, esta comparação se torna ainda mais evidente considerando o estatuto de veracidade emprestado ao discurso pelas imagens (WEBER, 2006).

Scheufele (1999) aproxima os enquadramentos do acontecimento jornalístico ao afirmá-los como ideia central ou linha de raciocínio organizadora que dá sentido a um determinado curso de eventos. Os *frames* desempenham um papel essencial na ordenação do mundo, na organização da realidade cotidiana, e consistem, por isso, em um traço fundamental das notícias. Servem ainda enquanto rotinas de trabalho para os jornalistas, ajudando-os a identificar e classificar rapidamente as informações (SCHEUFELE, 1999).

Porto (2004) atenta para a diferenciação entre enquadramentos noticiosos – isto é, padrões de representação, seleção e ênfase que organizam o relato da notícia – e enquadramentos interpretativos – ou seja, os padrões de interpretação que promovem uma avaliação particular dos temas, provenientes de contextos mais amplos e que podem ser incorporadas ou não no texto midiático. Enquanto as primeiras são avaliadas a partir das decisões editoriais de um veículo e do ângulo que empresta às notícias, os segundos podem ser verificados, por exemplo, na fala das fontes e no modo como explicam os problemas sociais objeto da reportagem. Não apenas é possível, como também recomendável, segundo o autor, que o pesquisador trabalhe em ambos os níveis de maneira articulada.

Estes modelos são úteis porque ajudam a entender a análise de enquadramentos dentro de um sistema social complexo, de variáveis múltiplas, com efeitos diretos na vida social e política dos sujeitos. Ainda que os mecanismos que engendram estes efeitos não estejam perfeitamente claros, este aporte metodológico parece ser capaz de elucidar a questão principal que norteia este processo, a saber: a diferença das abordagens jornalísticas sobre um acontecimento da ordem da realidade nas coberturas de dois veículos de naturezas institucionais distintas.

A aplicação da análise se dá a partir da observação pontual de indicadores, detalhados adiante, a partir dos quais são construídos os textos que traduzem os sentidos observados. Não se trata de uma tentativa de estabelecer categorias

rígidas de classificação dos enquadramentos, mas entender estes sentidos em camadas que, se misturam e se sobrepõem, no texto telejornalístico. Cada enquadramento é entendido como um sistema de significados em torno de um regime autônomo de sentido – por exemplo, violência, espetáculo, debate – utilizado para explicar o que está acontecendo.

As análises dos enquadramentos jornalísticos sobre as manifestações construídos pelo *Jornal Nacional* e pelo *Repórter Brasil* permitirão descobrir as interpretações acerca das Manifestações de Junho de 2013 construídas por cada veículo; uma vez contextualizadas e tensionadas, podem ajudar a formular hipóteses sobre os enquadramentos culturais (englobando valores, práticas, visões de mundo, etc.) que condicionam a composição destes quadros específicos. Finalmente, embasarão a reflexão sobre os possíveis impactos e consequências destas coberturas para o debate público e a transformação da realidade social e política como um todo.

4.2 INDICADORES DE ENQUADRAMENTO NO TELEJORNALISMO

No texto audiovisual, especialmente o telejornalístico, considerando os diferentes níveis em que são verificados, é necessário fazer a análise dos enquadramentos a partir de elementos que permitem reconhecer e identificar o conteúdo como jornalismo e, ao mesmo tempo, compreender a lógica de encadeamento das informações e os sentidos construídos, a fim de decifrar os significados e interpretações atribuídos ao acontecimento.

Para tanto, a partir da pesquisa bibliográfica e durante os trabalhos de pesquisa, aulas, discussões em grupo e orientações, foram desenvolvidos indicadores (Quadro 2) que procurassem compreender a maior parte dos aspectos que compõem o produto final do telejornalismo e que servissem como pontos de referência, ou detalhes para os quais olhar, na hora de contruir as interpretações sobre o corpus.

Quadro 2 – Indicadores de enquadramento no telejornalismo

TRATAMENTO EDITORIAL	TRATAMENTO ESTÉTICO	ABORDAGEM
<ul style="list-style-type: none"> - reportagem - <i>link</i> ao vivo - nota coberta - nota simples - entrevista - comentário - lapada - fala-povo - chamada - resumo - previsão do tempo - especial 	<ul style="list-style-type: none"> - denominações - qualificações - imagens - ângulos - ritmo - movimentos de câmara - cenários e ambiências - iluminação - cores - sons - figurino/vestuário - gráficos - expressões 	<ul style="list-style-type: none"> - tempo de duração - mediadores - temas - fontes e vozes

Fonte: Elaborado pelo autor.

A seguir, são detalhados os aspectos compreendidos por cada um dos tipos de indicadores:

a) Tratamento editorial

Estes indicadores correspondem, em primeiro lugar, à pluralidade de *tratamentos editoriais* que pode receber um assunto no telejornalismo, incluindo os elementos articulados em sua composição (*offs*, sonoras, sobe-sons, cabeças, notas-pé, vinhetas, etc.). Cada tipo de conteúdo corresponde a um grau diferente de complexidade e aprofundamento, o que diz fundamentalmente sobre a importância atribuída a cada assunto pelos editores do telejornal.

A *reportagem* caracteriza-se pelo desenvolvimento aprofundado de um assunto, caracterizado pela produção, apuração externa, redação, montagem e edição. É o principal tipo de matéria que compõe o telejornal. Seus elementos internos consistem nos *offs* (textos dos repórteres, que, no entanto, não aparecem na tela; às suas vozes são sobrepostas imagens que, combinadas ao texto, constroem os sentidos da matéria); passagens (gravação do repórter no local do acontecimento, que traz informações relevantes e reforça a presença do jornalista junto à notícia, servindo também de transição ou “ponte” entre assuntos e lugares distintos tratados na mesma reportagem); sonoras (falas editadas das fontes, a partir de entrevista gravada concedida ao repórter) ou sobe-sons (trechos de discursos ou pronunciamentos dirigidos a uma plateia ou público, não necessariamente formado por jornalistas, cujo áudio é captado pelo microfone do repórter); e gráficos (elementos visuais que esquematizam e contribuem para a compreensão de dados, especialmente utilizados para valorizar dados numéricos). Também são

considerados elementos de análise integrantes das reportagens, neste trabalho, a cabeça (abertura da notícia, lida pelo apresentador, que tem a função de chamar atenção do telespectador e definir a informação mais importante, ou gancho, da reportagem); e a nota-pé (nota ao vivo, lida pelo apresentador após a exibição da reportagem, com informações complementares).

Os *links ao vivo* são transmissões ao vivo do repórter presente no lugar do acontecimento com informações sobre o fato. Geralmente o repórter está de pé, em primeiro plano, e permanece no vídeo durante toda a matéria. Também pode caracterizar a transmissão de um acontecimento no exato momento em que ele ocorre, interna ou externamente à emissora, mesmo que a figura do mediador não esteja presente no quadro.

A nota coberta é o texto lido pelo apresentador do telejornal em *off*, isto é, com imagens relacionadas ao assunto sobrepostas à fala, enquanto a *nota simples*, também chamada, no jargão profissional, de *nota pelada*, trata-se da notícia lida pelo apresentador ao vivo da bancada, sem imagens.

A *entrevista* é um diálogo entre apresentador e/ou repórter do telejornal e fonte, em formato de pergunta e resposta, e em geral ao vivo e sem cortes de edição. Quando gravada, editada e interposta por informações apuradas pelo repórter, será considerada *reportagem* para os fins deste trabalho.

O *comentário* trata-se da expressão da opinião de comentaristas e, mais raramente, de apresentadores, que não expressam necessariamente a opinião do telejornal ou da emissora. Frequentemente, servem ao aprofundamento de uma questão apresentada em outra matéria.

A *lapada* é um compacto de matérias sobre assuntos afins, separadas por efeitos visuais. É frequentemente utilizada para condensar notas internacionais ou de esporte, comemorações que ocorrem em vários lugares, acidentes, etc.

O *fala-povo* consiste em enquetes realizadas com transeuntes e/ou com usuários de redes sociais sobre temas abordados pelo telejornal.

Uma *chamada* é a promoção de outros programas da emissora, com informações sobre tema e horário de exibição para o público interessado.

Um *resumo* trata-se da edição resumida de entrevistas, discursos ou debates, sem texto do mediador, ou no máximo com recortes temáticos (por exemplo, um discurso da presidenta em que cada fala é antecedida por gráfico que anuncia o tema sobre o qual será falado, como saúde, educação, segurança, etc.).

A *previsão do tempo* é um quadro comum em telejornais, trata-se de jornalista apresentando as condições meteorológicas para o dia ou para o dia seguinte, geralmente com uso de mapa indicando as temperaturas mínima e máxima nas regiões de cobertura do telejornal.

Por fim, foi considerado *especial* o tratamento editorial de caráter excepcional, de natureza incomum, diferente ou estranha ao formato tradicional do telejornalismo.

b) Tratamento estético

Também são analisados os elementos estéticos que atribuem significação às unidades de análise, isto é, as unidades de sentido que, ao serem enfatizadas ou minimizadas, contextualizadas ou isoladas, expostas ou escondidas, sugerem sensações, estabelecem associações, afirmam e reiteram entendimentos a respeito daquilo que está acontecendo.

As *denominações* referem-se aos nomes utilizados para se referir aos acontecimentos e às pessoas, construindo sentidos sobre elas. Por exemplo, os indivíduos nas ruas podem ser manifestantes, vândalos, cidadãos, etc.; a interação entre manifestantes e polícia pode ser um encontro, um confronto ou uma provocação, e assim por diante.

Já *qualificações* são adjetivos utilizados para descrever eventos, lugares e pessoas. Exemplos: as manifestações podem ser grandes ou pequenas, ordenadas ou tumultuadas; as ruas em que acontecem os protestos podem ser movimentadas ou pacatas, cheias ou vazias, limpas ou sujas; os manifestantes podem ser agressivos ou pacíficos, obedientes ou desobedientes, etc.

A seleção das *imagens* é fundamental para a construção de sentido no texto televisivo. Podem privilegiar sensações de medo, violência, desconforto e insegurança, ou de júbilo, confraternização e engajamento, por exemplo. Os *ângulos de câmera* também são significativos: do alto, sugerem distância, mas também

ampliam as dimensões do acontecimento; de perto, podem significar proximidade e participação dos mediadores no acontecimento, mas também parcialidade, uma vez que o ponto de vista da câmera é mais limitado. Um *ritmo* mais acelerado de edição pode dar ideia de urgência, ao contrário de um ritmo mais lento, e assim por diante, bem como *movimentos de câmera* mais rápidos e desfocados, ou mais lentos e bem acabados.

As imagens evidenciam-se os *cenários e ambiências*, ou os modos como os espaços em que acontecem os eventos são constituídos, seja em estúdio, seja nas ruas; podem construir sentidos de ordem ou caos, formalidade ou informalidade, frieza ou aconchego, rigidez ou dinamismo, etc. A *iluminação* que compõe estas imagens se refere aos jogos de luz e sombra que emprestam sentidos positivos e negativos aos acontecimentos retratados na tela. Aquilo que é obscuro e sombrio pode construir um sentido de medo, desconfiança ou incompreensão; enquanto aquilo que é iluminado pode ser considerado claro e familiar. Em contraste com a sombra, a luz é definitiva para produzir saliência – aquilo que a recebe é ressaltado na tela. Em excesso, porém, a luz pode gerar confusão ou mal-estar, ou pode significar ambientes irrealis, oníricos ou mnemônicos (como no caso do *flashback*).

As *cores*, por sua vez, também constroem sentido; podem significar tranquilidade ou agressividade, calor ou frio, por exemplo. A utilização de muitas cores e padrões pode significar confusão, mas também pluralidade. Cores neutras em figurinos e cenários podem dar sensação de credibilidade e inteligibilidade; cores fortes, de extravagância, etc.

Os *sons*, como ruídos ambientes e trilhas sonoras, também determinam sensações; ritmos mais lentos podem gerar sensação de calma, enquanto músicas aceleradas podem dar ideia de urgência; cantos e gritos de guerra dão ideia de força e unidade; gritos violentos, explosões e estampidos podem gerar sensação de medo e confusão, etc.

Os *figurinos e vestuários* de apresentadores, repórteres, comentaristas e fontes são importantes para a compreensão de seu lugar de fala, mais ou menos formal, bem como a identificação de informações de contexto, como profissão e classe social, embora o sentido construído com base em preconceitos e estereótipos possa não corresponder à realidade.

Já os *gráficos* correspondem aos elementos visuais não gravados por meio de câmera, como quadros, tabelas, planos cartesianos e palavras inseridas sobre a imagem, bem como quaisquer outras representações visuais que colaborem com a organização, hierarquização ou ressignificação das informações apresentadas.

Finalmente, as *expressões* dos mediadores e fontes constituem o modo como se comportam em relação àquilo que dizem: com confiança e tranquilidade, ou nervosismo e apreensão; indignação e revolta, ou resignação; seriedade ou escárnio; alegria ou descontentamento; domínio dos assuntos ou despreparo, etc. É possível, inclusive, que a expressão corporal seja contraditória em relação àquilo que o mediador ou a fonte esteja afirmando – por exemplo, o rosto tenso e a voz falha de um repórter podem contradizer a afirmação de que o confronto que transmite está sob controle.

c) Abordagem

Finalmente, os indicadores de abordagem articulam elementos editoriais e estéticos, de forma e conteúdo, de modo a dar sentido e relevância social às matérias. Dizem respeito a escolhas de ordem técnica, mas também política e ideológica.

Estes elementos incluem, em primeiro lugar, o *tempo* de duração de cada matéria, o que, no telejornalismo, diz respeito ao espaço dado ao assunto de acordo com sua urgência e relevância.

Em segundo lugar, a presença e a atuação dos *mediadores* (apresentadores ou âncoras, comentaristas e repórteres), cujas opiniões e características pessoais são mais ou menos nítidas, dependendo do formato do conteúdo, além de quaisquer outros elementos relativos à performance do profissional que produzam informação relevante para a interpretação da cobertura. Relaciona-se a uma noção de autoria do texto televisivo.

Já os *temas* são os assuntos destacados pelas reportagens a partir da temática principal. No caso específico das Manifestações, entre as diversas questões suscitadas por manifestantes e autoridades, cada matéria é capaz de eleger aquelas consideradas mais importantes: a violência da polícia ou dos

manifestantes, a questão da mobilidade urbana, o vandalismo, os prejuízos de quem fica preso no trânsito, etc.

Finalmente, as *fontes e vozes* são os sujeitos e grupos ouvidos nas matérias. A análise das fontes transcende a mera descrição – importa compreender que atores sociais e políticos têm visibilidade na cobertura jornalística, e qual a qualidade desta participação – se aprofundada, ou meramente ilustrativa, por exemplo. É, portanto, essencialmente qualitativa e dependente da compreensão do contexto sócio-histórico específico que condiciona as manifestações, o que permite a interpretação das falas das fontes a partir de seu posicionamento em relação ao acontecimento e na sociedade como um todo.

É importante afirmar que estes grupos de elementos foram separados para cumprir um fim didático e analítico. A verdade é que eles se condicionam mutuamente e são, na prática, inseparáveis. Os ângulos e movimentos de câmera e o ritmo de edição, por exemplo, definem e dão sentido às imagens, assim como os figurinos e cenários são constituídos também de cores e iluminação. A sistematização serve para ressaltá-los, ao mesmo tempo em que define uma espécie de guia, fornecendo elementos mais ou menos objetivos a partir dos quais se possa problematizar os sentidos dos enquadramentos. Portanto, no decorrer da análise, é o conjunto dos sentidos formado por estes elementos o que importa, e não as informações que produzem isoladamente.

Figura 1 – Exemplo de quadro de análise.

Quadro – Fogo e tensão em Brasília (JN042 – 20/06/2013).			
Cód.	Título:	Data:	Tempo:
JN042	MANIFESTAÇÃO BSB 4	20/06/2013	04:25
TEXTO ORIGINAL (MEDIADORES E FONTES)		DESCRIÇÃO DO AUTOR	
[APRESENTADORES AO VIVO] Patrícia Poeta – A situação então começou tranquila por lá em Goiânia e está pelo jeito terminando também tranquilamente, agora a gente... William Bonner – O que é ótimo... Patrícia Poeta – O que é ótimo... A gente não pode dizer o mesmo de Brasília, né, Ari Peixoto?		Imagens aéreas identificadas como sendo de Goiânia mostram multidão espalhada ao longo de uma rua larga. Transição para imagem identificada como sendo de Brasília. Imagem de multidão ocupando uma rampa sobre um espelho d'água em frente ao Palácio do Itamaraty. Do lado esquerdo, há uma outra rampa, mais larga, cuja visão é parcial. Parece haver bem menos pessoas na rampa mais larga. Há muitos flashes de luz.	
[REPÓRTERES AO VIVO] Ari Peixoto – Patrícia, neste momento a gente mostra aí que pelo menos as pessoas... Essas pessoas estão entrando, ou pelo menos tentando entrar no Palácio do Itamaraty...		Imagem permanece. Não é claro o que acontece na ponta da rampa, na entrada do prédio, parcialmente coberta por uma pilastra. O movimento é de confusão. É possível identificar pelo menos uma pessoa com uma espécie de tecido branco cobrindo o	

A fim de fazer um registro mais preciso dos indicadores encontrados em cada unidade de análise, foram elaborados quadros descritivos que sintetizam as principais informações de cada uma (v. Apêndices). Cada quadro está organizado em duas colunas. Na coluna esquerda, transcreve-se a informação textual, falada pelos mediadores ou pelas fontes por eles entrevistadas, com indicações de que tipo de elemento técnico se trata (*cabeça*, *off*, voz dos apresentadores ou dos repórteres ao vivo, gráficos, sonoras ou notas-pé), grafado em letras maiúsculas entre colchetes, bem como o nome de quem está falando, grafado em negrito. Na coluna da direita, são descritas as imagens e os sons que aparecem na tela, com registros sobre os ângulos e movimentos de câmera, expressões e ambiências, entre outros detalhes observados.

Finalmente, para facilitar a articulação de informações no momento da interpretação dos enquadramentos, as unidades foram subdivididas em fragmentos de análise, correspondentes a cada uma das linhas do quadro. Cada um desses fragmentos articula um bloco de texto falado com o conjunto de imagens e sons que aparecem simultaneamente na tela. A divisão teve como base, primeiramente, os elementos de texto, com sonoras, *offs*, passagens, etc., formando, cada um, um fragmento único. Mas cada vez que, dentro de um mesmo *off* ou de uma mesma sonora, por exemplo, houve mudança de assunto, ou mudança drástica das imagens mostradas, procurou-se separar os conteúdos, dando origem a um novo fragmento.

Esses quadros de análise ajudam a sistematizar o conjunto complexo de informações fornecidas pelo texto audiovisual e servem de base para as descrições e considerações descritas nos capítulos seguintes. Os códigos alfanuméricos atribuídos a cada vídeo ajudam a estabelecer a relação entre o que está descrito no texto e os vídeos a partir dos quais as informações foram retiradas a fim de compor as descrições e análises desenvolvidas a seguir.

4.3 CORPUS DE PESQUISA

As edições selecionadas para análise encontram-se disponíveis na internet, nos sites institucionais da *TV Brasil* e da *TV Globo*. Cada telejornal é editado em pequenos vídeos que são depois publicados pelas próprias emissoras nas páginas

de cada um dos telejornais. Portanto, as unidades de análise consideradas neste trabalho são, a princípio, cada um destes vídeos. Nos casos em que, em análise preliminar, se constatou que o mesmo vídeo possuía mais de uma unidade de conteúdo (por exemplo, uma chamada ao vivo e uma reportagem sobre um tema afim), o mesmo foi separado de modo que cada unidade correspondesse a apenas um tipo de conteúdo. Na classificação final, manteve-se a denominação “vídeo” para cada uma das unidades de pesquisa.

A vantagem de utilizar o material neste formato é a facilidade de armazenamento, acesso e sistematização, uma vez que o material já se encontra fragmentado. Por outro lado, perdem-se elementos relevantes, como a disposição das matérias no espelho dos telejornais, isto é, sua ordem de apresentação, bem como as escaladas e os intervalos. Considera-se, porém, que a fragmentação do material é irrelevante para a interpretação dos enquadramentos intrínsecos a cada unidade de pesquisa e, de qualquer forma, seria impossível realizar uma análise no nível de profundidade a que este trabalho se propõe no todo das edições dos telejornais considerando as dimensões desta dissertação. No momento das interpretações e análises, contudo, procura-se reconhecer e levar em conta esta limitação material da pesquisa.

As edições a serem analisadas foram selecionadas com base nos acontecimentos mais importantes que marcaram o desenvolvimento das Manifestações de Junho de 2013, assim consideradas a partir da pesquisa exploratória que serviu de base para a contextualização do objeto (sintetizados no Quadro 2). No total, são 14 edições, sete de cada telejornal, exibidas nos dias 13, 20, 21, 22, 24, 25 e 26 de junho de 2013.

Quadro 3 – Datas selecionadas para análise.

DATA	EVENTO
13/06/2013	Ato com mais de cinco mil participantes em São Paulo acaba com violenta repressão policial. Mais de 200 são detidos e dezenas ficam feridos, incluindo jornalistas que cobriam o protesto, na mais grave demonstração de violência até então.
20/06/2013	Atos em mais de 130 cidades do país somam mais de 1,4 milhão de pessoas, totalizando o maior número de manifestantes reunidos de uma só vez durante todo o período das manifestações; a presidenta Dilma Rousseff cancela viagem ao Japão em função da crise institucional provocada pelos protestos. Neste dia, o <i>Jornal Nacional</i> derruba o próprio espelho e realiza cobertura ao vivo dos protestos em todo o Brasil, com chamadas ao vivo de repórteres sediados nas principais cidades brasileiras onde havia manifestações.
21/06/2013	A presidenta Dilma Rousseff pronuncia-se a respeito dos protestos pela primeira vez em rede nacional; enquanto isso, novos atos levam às ruas mais de 160 mil pessoas, em 90 cidades. O MPL de São Paulo declara que não convocará novos protestos.

22/06/2013	Cerca de 325 mil pessoas se reúnem em 100 cidades. A mídia repercute os Pactos anunciados por Dilma Rousseff no dia anterior.
24/06/2013	Dilma Rousseff anuncia cinco pactos pelo Brasil e recebe o MPL no Palácio do Planalto; ao mesmo tempo, 35 mil pessoas protestam em 60 cidades.
25/06/2013	A Câmara Federal arquiva a Proposta de Emenda Constitucional (PEC) 37, cedendo às reivindicações dos manifestantes, e aprova a destinação de 75% dos royalties da exploração de petróleo no território nacional para a educação e 25% para a saúde.
26/06/2013	O Senado Federal aprova a proposta que transforma corrupção em crime hediondo e a Comissão de Constituição e Justiça da Câmara define o fim do voto secreto em votações para a cassação de parlamentares.

A edição do *Jornal Nacional* do dia 20 de junho de 2013, que faz parte do corpus selecionado neste projeto, foi uma exceção do ponto de vista do formato. Neste dia, o espelho do telejornal foi derrubado e a edição consistiu na cobertura contínua das manifestações que ocorriam simultaneamente em diversas cidades do país. Para fins de análise, ela foi decupada e fragmentada em unidades menores, utilizando-se como critério os intervalos de transmissão (*breaks*) e também os recortes geográficos, isto é, os trechos correspondentes à cobertura das manifestações em cada cidade foram isolados. Também foram separados em unidades específicas os comentários genéricos dos apresentadores em estúdio, geralmente apresentados na transição da cobertura de um local para outro, além de três reportagens de temática esportiva, as únicas sobre assunto diferente das manifestações. Por analogia, estas unidades foram classificadas como reportagem, *link* ao vivo, comentário, etc., conforme o caso.

Assim, numa primeira triagem, foram catalogados 383 vídeos, 202 do *Jornal Nacional* e 181 do *Repórter Brasil*, catalogados, classificados, quantificados e sintetizados, totalizando 10 horas de material (Tabela 1).

Tabela 1 – Corpus de Pesquisa

DATAS	JORNAL NACIONAL (JN)			REPÓRTER BRASIL (RB)		
	Vídeos sobre manifestações e assuntos relacionados	Vídeos sobre outros temas	Total de vídeos	Vídeos sobre manifestações e assuntos relacionados	Vídeos sobre outros temas	Total de vídeos
13/06/2013	7	17	24	3	20	23
20/06/2013 ⁵	40	3	43	20	12	32
21/06/2013	24	4	28	15	13	28
22/06/2013	22	10	32	4	11	15
24/06/2013	14	12	26	14	12	26
25/06/2013	17	2	19	15	15	30
26/06/2013	22	8	30	17	10	27
Total	146	56	202	88	93	181

Na segunda triagem, foram selecionados os vídeos que trataram das manifestações e também de assuntos relacionados, como suas causas, consequências e o aprofundamento de suas temáticas. Este segundo tipo de material relacionado foi considerado parte da cobertura de acordo com a ideia de que os acontecimentos públicos mobilizam debate, tematizam problemas públicos e exigem ação da sociedade e do estado (QUERÉ, 2011; COELHO, 2013), e de que o acontecimento permanece para além dos limites de sua ocorrência espaço-temporal enquanto continuar a gerar efeitos dentro do contexto social em que se insere (QUERÉ, 2011). Nesta segunda fase de seleção, foram identificados 233 vídeos, 146 do *Jornal Nacional* e 88 do *Repórter Brasil*, que tratam das manifestações ou de assuntos relacionados, aproximadamente seis horas de material.

Finalmente, foi realizada uma terceira e última triagem, a fim de selecionar os vídeos para a análise em profundidade. O primeiro critério utilizado foi o tipo de material. Considerou-se que reportagens e *links* ao vivo valorizam mais a informação do que outros tipos de conteúdo, como notas, que são textos mais simples e que em geral ocupam menos tempo no espelho do telejornal. Ao mesmo tempo, reportagens e *links* ao vivo implicam escolhas mais amplas de caráter editorial e de construção de texto (no sentido amplo, com palavra, imagem e som), diferentemente de entrevistas e debates, em que as fontes têm mais liberdade para discorrer sobre os

⁵ Por se tratar de cobertura quase inteiramente contínua das manifestações, as unidades do *Jornal Nacional* foram divididas a partir da decupagem do material.

temas, com interferência dos mediadores (jornalistas, apresentadores e âncoras) no direcionamento das perguntas e no controle do tempo de fala.

Enquanto as reportagens aprofundam temas e ampliam informações, os *links* ao vivo constroem a noção de importância e urgência atribuída aos acontecimentos, valores caros para o jornalismo e que valorizam a notícia também aos olhos do espectador. Por isso, optou-se por trabalhar com os dois tipos de conteúdo.

O segundo critério de seleção foi quantitativo. Foram selecionadas para análise de enquadramentos as reportagens e *links* ao vivo com maior tempo de duração em cada uma das edições de telejornal consideradas. A edição do *Jornal Nacional* de 20 de junho de 2013 não apresentou nenhuma reportagem sobre as Manifestações ou temas afins. Por isso, desta edição, foi selecionado apenas o maior *link* ao vivo. De forma semelhante, nas edições de 22 e 24 de junho de 2013, o *Repórter Brasil* não apresentou nenhum *link* ao vivo sobre o tema Manifestações e assuntos correlatos, de modo que foram selecionadas, destas edições, apenas a maior reportagem de cada. Das demais edições de ambos os telejornais, foram selecionados uma reportagem e um *link* ao vivo. No total final, foram analisados os enquadramentos de 25 vídeos, 13 do *Jornal Nacional* e 12 do *Repórter Brasil*, correspondentes a aproximadamente uma hora e 34 minutos de material.

Os Capítulos 5 e 6 apresentam, respectivamente, as análises do *Jornal Nacional* e do *Repórter Brasil*, organizadas por data. Ao final de cada um dos capítulos, serão realizadas considerações sobre o conjunto da cobertura e dos enquadramentos em cada um dos telejornais. O Capítulo 7 apresenta a síntese das análises, com observações sobre os sentidos construídos em cada cobertura, bem como as aproximações e distanciamentos que marcam cada um dos telejornais em relação às manifestações.

5 JUNHO DE 2013 NO *JORNAL NACIONAL* (JM)

As manifestações de junho de 2013 não se resumem ao conjunto de eventos registrados nas ruas das grandes cidades brasileiras. Uma vez que o acontecimento público continua *acontecendo* enquanto gera desdobramentos, sua cobertura inclui também as suas consequências, que fazem parte de um mesmo todo complexo de relações e tensionamentos. Nesse sentido, a cobertura do *Jornal Nacional* sobre as manifestações não se esgotou na cobertura dos protestos em si, mas continuou enquanto houve matérias tratando das reações do estado frente aos eventos e também na cobertura da repercussão tiveram junto aos atores políticos. Nesse sentido, a cobertura assume duas formas: a cobertura dos fatos em si (protestos) e a cobertura dos fatos relacionados (as causas e consequências destes protestos). Estas relações de causalidade são definidas contextualmente, mas também pelo próprio texto telejornalístico.

A análise da cobertura procura deslocar-se de uma análise mais superficial e abrangente do conjunto de reportagens, notas, *links* ao vivo, etc., exibidos pelo *Jornal Nacional* em cada um dos dias que compuseram o corpus do trabalho, em direção à análise mais aprofundada dos enquadramentos em vídeos selecionados conforme critérios explicitados no Capítulo 4 (reportagens e *links* ao vivo de maior duração em cada uma das edições selecionadas). Ao final, uma análise complexiva dos indicadores em ambos os níveis de análise procura fazer uma compilação dos sentidos gerais verificados no conjunto da cobertura.

5.1 A COBERTURA DIÁRIA DAS MANIFESTAÇÕES NO JN

As edições selecionadas para análise foram as veiculadas nos dias 13, 20, 21, 22, 24, 25 e 26 de junho de 2013. Neste período, as manifestações cresceram em número e abrangência e o telejornal deu conta não apenas de mostrar o que acontecia nas ruas, mas também da resposta do estado em relação às demandas da população, conforme a Tabela 2.

Tabela 2 – Vídeos do *Jornal Nacional (JN)* por temas.

	13/06/13	20/06/13	21/06/13	22/06/13	24/06/13	25/06/13	26/06/13	TOTAL
MANIFESTAÇÕES	7	40	24	19	11	9	16	126
TEMAS RELACIONADOS								
Ações do Governo Federal	-	-	-	3	2	2	-	7
Ações do Congresso	-	-	-	-	-	2	1	3
Ações do Judiciário	-	-	-	-	-	-	1	1
Ações dos Governos Estaduais	-	-	-	-	-	-	1	1
Ações das Prefeituras	-	-	-	-	-	-	1	1
Reforma Política	-	-	-	-	1	4	2	7
Mais Médicos	-	-	-	-	-	-	1	1
OUTROS TEMAS	17	3	4	10	12	2	7	56
TOTAL POR DATA	24	43	28	32	26	19	30	202

Fonte: Elaborado pelo autor.

Como mostra a Tabela 2, o *Jornal Nacional* apresentou: 126 vídeos sobre as manifestações; 7 vídeos sobre ações do governo federal (discursos, anúncios ou políticas apresentadas pela presidenta Dilma Rousseff ou seus Ministros); 3 vídeos sobre ações do Congresso (votações e discursos no plenário); 1 vídeo com ação do Judiciário (posse de um ministro do STF, que se posiciona sobre as manifestações em seu discurso); 1 vídeo com ações de governos estaduais (anúncio de medidas em relação ao transporte público); 1 vídeo com ações de prefeituras (também se trata de anúncio sobre ações ligadas ao transporte); 7 vídeos sobre a reforma política anunciada pela Presidência; e 1 vídeo com o posicionamento da classe médica sobre o programa Mais Médicos, anunciado pelo Poder Executivo em resposta às manifestações.

5.1.1 Dia 13/06/2013 – O estopim da violência em São Paulo

No dia 13, um ato com mais de cinco mil participantes em São Paulo acabou com violenta repressão policial. Mais de duzentas pessoas foram detidas e dezenas ficam feridas, incluindo jornalistas que cobriam o protesto. Nesta data, o *Jornal Nacional* exibiu 24 vídeos, sendo 7 deles sobre as manifestações e temas relacionados e outros 17 sobre temáticas diversas, conforme o Quadro.

Quadro 4 – Classificação dos vídeos do *Jornal Nacional* em 13/06/2013.

JORNAL NACIONAL – DIA 13/06/2013				
VÍDEOS SOBRE MANIFESTAÇÕES E ASSUNTOS RELACIONADOS				
Cód.	Título	Tempo	TE*	Síntese da abordagem
JN001	ANISTIA	00:20	NS	Anistia Internacional se manifesta sobre protestos.
JN002	MANIFESTAÇÃO POA	00:15	NC	Manifestações em Porto Alegre.
JN003	MANIFESTAÇÃO RIO 1	01:00	LV	Repórter acompanha manifestação Rio.
JN004	MANIFESTAÇÃO RIO 2	01:00	LV	Atualização da manifestação no Rio.
JN005	MANIFESTAÇÃO SP 1	02:30	LV	Repórter acompanha manifestações em SP.
JN006	MANIFESTAÇÃO SP 2	00:55	LV	Atualização das manifestações em SP.
JN007	MANIFESTAÇÃO SP 3	03:40	RP	Perfil dos presos em manifestações em SP.
Total de vídeos: 7 (09:40)				
VÍDEOS SOBRE OUTROS TEMAS				
Cód.	Título	Tempo	TE*	Síntese da abordagem
JN008	SELEÇÃO BRASIL 1	01:00	LV	Repórter acompanha concentração da seleção em Brasília.
JN009	BOVESPA	00:25	NS	Síntese da situação da bolsa de valores.
JN010	SEGURANÇA COPA	02:05	RP	Central de segurança para grandes eventos é inaugurada em Brasília.
JN011	GENES	00:30	NS	Justiça dos EUA decide que gene humano não pode ser patenteado.
JN012	SELEÇÃO ITÁLIA	01:30	RP	Seleção italiana visita o Cristo Redentor.
JN013	FLAMENGO	00:20	NS	Flamengo contrata Mano Menezes.
JN014	MORTE ÍNDIO	00:20	NC	Polícia investiga morte de índio no MS.
JN015	SELEÇÃO BRASIL 3	02:00	RP	Jogador Neymar realiza coletiva de imprensa.
JN016	LEI PARTIDOS	02:30	RP	STF deixa para a próxima semana julgamento da constitucionalidade da lei que muda regras partidárias.
JN017	PEC 37	00:40	NS	Grupo de trabalho fecha proposta da PEC 37.
JN018	TURQUIA	00:30	NC	Primeiro-ministro da Turquia dá ultimato a ativistas.
JN019	SELEÇÃO ESPANHA	01:25	LV	Seleção da Espanha faz primeiro treino no Brasil.
JN020	SELEÇÃO JAPÃO	01:15	RP	Seleção do Japão tem time mais forte do que nos últimos anos.
JN021	SELEÇÃO URUGUAI	01:40	LV	Seleção do Uruguai é prejudicada pela chuva em PE.
JN022	SÍRIA	00:30	NS	EUA afirma que Síria usou armas químicas contra oposição.
JN023	TEMPO	01:20	PT	Previsão do tempo.
JN024	SELEÇÃO BRASIL 4	01:50	RP	Seleção treina com portões fechados em Brasília.
Total de vídeos: 17 (19:50)				
TOTAL DE VÍDEOS DA EDIÇÃO: 24 (29:30)				

*TE – Tratamento Editorial, conforme descrição no Capítulo 3: RP – reportagem; LV – *link* ao vivo; LP – lapada; NS – nota simples; NC – nota coberta; EN – entrevista; CM – comentário; FP – fala-povo; CH – chamada; RS – resumo; PT – previsão do tempo; ES – especial.

A cobertura das manifestações nesta data incluiu quatro *links* ao vivo, dois do Rio de Janeiro (JN003 e JN004) e dois de São Paulo (JN005 e JN006), além de uma reportagem sobre os manifestantes presos nos dias anteriores nessa última cidade (JN007) e duas notas, uma resumindo os protestos em Porto Alegre (JN002) e outra com a posição da Anistia Internacional, que repudiou a violência dos protestos (JN001).

Os vídeos sobre outros assuntos que não as manifestações trataram de esporte e temas relacionados à Copa das Confederações, bem como de economia, assuntos internacionais, polícia, política e previsão do tempo, conforme segue: nove vídeos trataram de futebol, sendo que oito deles falaram sobre a Copa das Confederações e temas relacionados (JN008, JN010, JN012, JN015, JN019, JN020, JN021 e JN024) e apenas um abordou notícia sobre time de futebol nacional

(JN013); uma nota simples com a síntese da situação da bolsa de valores (JN009); três vídeos sobre noticiário internacional (JN011, JN018, JN022); uma sobre a investigação da morte de um índio no Mato Grosso do Sul (JN014); uma reportagem sobre projeto de lei que muda as regras partidárias (JN016); e uma nota simples sobre o grupo de trabalho que fechou uma proposta para o Projeto de Emenda Constitucional – PEC 37 (JN017). Cabe ressaltar que esta última nota não foi considerada parte da cobertura das Manifestações, porque este tema ainda não era compreendido como uma das demandas dos manifestantes.

Sobre a cobertura, percebe-se uma centralidade nas duas maiores cidades do país, Rio de Janeiro e São Paulo, com aprofundamento da cobertura paulista, através de uma reportagem. A edição do telejornal deste dia também privilegiou os *links* ao vivo, que, juntos, somam mais tempo do que o conjunto de todos os vídeos restantes sobre as manifestações.

Foram selecionados para aprofundamento da análise os vídeos de código JN005 e JN007.

a) JN005 – Enfrentamento ao vivo em SP

Neste *link* ao vivo, o repórter Cesar Galvão acompanha os protestos que aconteciam naquele momento em São Paulo. O cenário é de violência e confusão: as imagens são escuras e desfocadas, há corre-corre, explosões, fumaça, flashes de luz e fogo. A interação entre manifestantes e polícia é definida como um confronto mútuo, em que ambos “se enfrentam”. Há grande quantidade de presos, 60 pessoas são detidas, o que reforça o caráter de crime ou ilegalidade dos atos.

Segundo o texto do repórter, os manifestantes bloqueiam avenidas e confrontam a polícia. Param o trânsito, picham ônibus, atiram lixeiras, ocupam prédios e, por fim, vão presos. Mas, nas imagens inseridas sobre sua voz, eles aparecem oferecendo flores a um interlocutor fora de quadro; em troca, recebem dele bombas de gás e balas de borracha.

A polícia tenta dispersar a multidão usando “bombas”. As imagens mostram que os policiais fecham e isolam ruas, e impedem a passagem dos manifestantes para Avenida Paulista. Disparam balas de borracha, fazem prisões, revistam e agridem fisicamente manifestantes em menor número. Quando um homem passa

mal e desmaia em meio à abordagem, as imagens mostram os policiais depositando-o no porta-malas de uma viatura. A imagem contradiz o texto, que afirma que o manifestante, na verdade, estaria sendo levado para o hospital. Não se trata necessariamente de um problema ético: o papel da contradição é complexificar o significado, no sentido de que a imagem permite apreender um sentido que o texto, somente, não explicita.

Também pelo texto do repórter, somos informados de que o prefeito da cidade não vai rever o preço da passagem. Este é o motivo dos protestos, segundo a informação do repórter, que já entram em seu quarto dia.

b) JN007 – Das ruas para a delegacia em SP

Esta reportagem traça o perfil dos manifestantes presos em São Paulo em função de sua participação em manifestações dos dias anteriores. Como resultado de protesto realizado dois dias antes, 20 manifestantes foram presos, sendo que 13 deles continuavam detidos. As imagens de delegacia já na abertura da matéria reforçam este sentido. Algumas imagens do interior são gravadas de maneira furtiva e flagram a expressão de sofrimento de um dos “presos”.

Os “suspeitos” de “vandalismo”, segundo a polícia, têm perfis diversos. Moram em diferentes partes da cidade e têm profissões diferentes. O gráfico sintetiza as informações sob o título: “PERFIL DOS DETIDOS”, decorado com imagens de algemas e de retratos 3x4 escurecidos, clandestinos. Os manifestantes são criminosos, e os criminosos são professores, jornalistas, metalúrgico, publicitário, editor, artista e até uma estudante “desempregada”. Suas idades variam de 19 a 43 anos.

Como suspeitos de um crime, têm direito a advogados, que são “apoiadores do movimento que organizou as manifestações”. Estes advogados pedem a liberdade dos detidos, mas o clima é de preocupação. Não se esclarece por que foram detidos, que crimes teriam cometido. Um deles, o jornalista Pedro Ribeiro Nogueira, “foi indiciado por dano ao patrimônio e formação de quadrilha”.

As imagens mostram, primeiro, Pedro algemado, conduzido à viatura. Em seguida, mostram o jornalista cercado por “pelo menos oito policiais” que “o agridem”, segundo o texto da reportagem, flagradas pela câmera amadora de uma

moradora do centro da cidade. São imagens contraditórias. Ainda não fica claro o que Pedro fez para provocar a reação dos policiais e a posterior prisão. A pista é a declaração da PM de “agiu para garantir o direito de livre manifestação, mas também o direito de ir e vir de toda a população”, negando que tenha “insuflado a violência”.

Os “colegas de Pedro” se definem como ativistas que “fazem trabalho social, não são vinculados a partidos e fazem vaquinhas para [...] pagarem a fiança dos presos”. Segundo a ativista Mayara, a “orientação” é “sempre ser um movimento pacífico” e sua “radicalidade” consiste em “fechar ruas para pressionar o poder público ao diálogo”. Chama atenção a contradição entre “radicalidade” e “diálogo”, porque quem é radical, dificilmente busca o diálogo.

A ativista critica ainda a ação da polícia. Admite a “depredação”, mas argumenta que foi motivada pela agressividade dos policiais – o que a polícia nega. Por fim, afirma que não apoia a “violência praticada por alguns manifestantes” e que não está em seu “script depredações ou ações do tipo”.

Neste momento, é o texto da repórter que contradiz discurso das fontes: “mas [as depredações] aconteceram”. Daí em diante são apresentados dados atestados/reforçados pelas imagens da “depredação” (ônibus e pontos de ônibus pichados, vidros quebrados) e de “agressão a policiais” (manifestantes atirando garrafas).

A posição do Governo do Estado e da Prefeitura é de que é “impossível” abrir mão do reajuste, que teria sido abaixo da inflação. O governador define o ato como “movimento pequeno e violento” e reafirma que “não se cogita redução de tarifa”; já o prefeito insiste que o aumento será mantido porque está abaixo da inflação e diz que a “manifestação” é legítima, a “violência”, não. Os representantes do poder público explicitam, assim, compreensões com nuances diferentes sobre os fatos, mas idênticas na ação. Independente da validade da demanda, recusam-se a voltar atrás.

O Governo Federal, através do ministro da Justiça, é chamado a opinar e oferece “ajuda federal”, considerando inaceitável o recurso à violência. No que consiste a ajuda, não é explicado, mas a ameaça implícita é a de reforço no aparato repressivo. O Governo de São Paulo recusa a oferta.

5.1.2 Dia 20/06/2013 – Protestos em todo o Brasil

No dia 20, foram registradas manifestações em mais de 130 cidades do país, somando pelo menos 1,4 milhão de pessoas nas ruas. Trata-se do maior número de manifestantes reunidos de uma só vez durante todo o período das manifestações. Nesta edição, o *Jornal Nacional* derrubou a maioria das matérias preparadas para o dia e realizou uma cobertura ao vivo dos protestos em todo o Brasil, com chamadas de repórteres a partir das principais cidades brasileiras onde havia manifestações. A cobertura contínua foi decupada e classificada, conforme o Quadro, somando 43 vídeos: 40 sobre as manifestações e 3 sobre temas diversos.

Quadro 5 – Classificação dos vídeos do *Jornal Nacional* em 20/06/2013.

JORNAL NACIONAL – DIA 20/06/2013				
VÍDEOS SOBRE MANIFESTAÇÕES E ASSUNTOS RELACIONADOS				
Cód.	Título	Tempo	TE*	Síntese da abordagem
JN025	MANIFESTAÇÃO RIO 1	00:25	LV	Imagens dos protestos no Rio de Janeiro.
JN026	COMENTÁRIO 1	00:55	CM	William Bonner fala sobre os atos de violência contra jornalistas durante a cobertura das manifestações.
JN027	MANIFESTAÇÃO RIO 2	01:00	LV	Atualização da manifestação no Rio de Janeiro.
JN028	MANIFESTAÇÃO BSB 1	02:10	LV	Atualização da manifestação em Brasília.
JN029	MANIFESTAÇÃO CAMPINAS 1	01:40	LV	Atualização das manifestações em Campinas.
JN030	MANIFESTAÇÃO BELÉM	01:55	LV	Repórter traz informações sobre a situação das manifestações em Belém.
JN031	MANIFESTAÇÃO RIO 3	01:25	LV	Novas imagens da manifestação no Rio de Janeiro.
JN032	MANIFESTAÇÃO CAMPINAS 2	02:15	LV	Atualização da situação em Campinas.
JN033	MANIFESTAÇÃO BSB 2	01:45	LV	Repórter mostra dispersão dos manifestantes em Brasília.
JN034	MANIFESTAÇÃO RIO 4	00:35	LV	Imagens da manifestação no Rio de Janeiro.
JN035	MANIFESTAÇÃO POA 1	01:35	LV	Imagens ao vivo da manifestação em Porto Alegre.
JN036	MANIFESTAÇÃO BSB 3	04:25	LV	Repórter traz novas informações sobre as manifestações em Brasília.
JN037	COMENTÁRIO 2	01:00	CM	William Bonner fala sobre a violência nas manifestações.
JN038	MANIFESTAÇÃO CE	01:10	LV	Repórter traz informações sobre as manifestações em Fortaleza.
JN039	MANIFESTAÇÃO RIO 4	03:35	LV	Repórter atualiza informações sobre as manifestações no Rio de Janeiro.
JN040	MANIFESTAÇÃO BH 1	01:15	LV	Repórter traz informações sobre as manifestações em Belo Horizonte.
JN041	MANIFESTAÇÃO GOIÂNIA 1	02:25	LV	Repórter atualiza informações sobre os protestos em Goiânia.
JN042	MANIFESTAÇÃO BSB 4	05:25	LV	Repórteres acompanham a situação em frente ao Palácio do Itamaraty em Brasília.
JN043	MANIFESTAÇÃO BSB 5	04:50	LV	Após o intervalo, repórteres continuam acompanhando conflito entre polícia e manifestantes em Brasília.
JN044	MANIFESTAÇÃO SP 1	03:15	LV	Repórter mostra manifestação na Avenida Paulista.
JN045	MANIFESTAÇÃO POA 2	01:05	LV	Imagens mostram saques na zona central de Porto Alegre.
JN046	MANIFESTAÇÃO RIO 6	03:35	LV	Repórter traz novas informações sobre manifestações no Rio de Janeiro.
JN047	MANIFESTAÇÃO GOIÂNIA 2	02:00	LV	Atualização da situação dos protestos em Goiânia.
JN048	MANIFESTAÇÃO BH 2	01:30	LV	Repórter mostra manifestação se movendo em direção ao centro de Belo Horizonte.
JN049	COMENTÁRIO 3	01:00	CM	William Bonner fala sobre a minoria de manifestantes que cobre o rosto durante as manifestações.
JN050	MANIFESTAÇÃO FLORIANÓPOLIS	01:45	LV	Repórter traz informações sobre as manifestações do dia em Florianópolis.

JN051	MANIFESTAÇÃO SALVADOR	01:20	LV	Repórter traz informações sobre o entorno da Arena Fonte Nova, em Salvador, onde acontece jogo pela Copa das Confederações.
JN052	MANIFESTAÇÃO RIO 7	00:55	LV	Repórter traz novas informações sobre as manifestações no rio de Janeiro.
JN053	MANIFESTAÇÃO RECIFE	01:50	LV	Repórter mostra o fim das manifestações em Recife.
JN054	MANIFESTAÇÃO VITÓRIA 1	01:45	LV	Repórter mostra conflito entre manifestantes e polícia em Vitória.
JN055	MANIFESTAÇÃO POA 3	02:00	LV	Repórter atualiza situação das manifestações em Porto Alegre.
JN056	MANIFESTAÇÃO CAMPINAS 3	00:40	LV	Imagens mostram confusão em frente à prefeitura de Campinas.
JN057	MANIFESTAÇÃO BSB 6	04:35	LV	Repórter atualiza as informações sobre as manifestações em Brasília.
JN058	MANIFESTAÇÃO VITÓRIA 2	01:20	LV	Repórter atualiza informação sobre situação em frente ao Tribunal de Justiça do Espírito Santo.
JN059	COMENTÁRIO 4	00:45	CM	William Bonner fala sobre a atitude dos manifestantes frente à minoria que estaria provocando vandalismo nas manifestações.
JN060	MANIFESTAÇÃO RIO 8	01:05	LV	Repórter sintetiza situação final das manifestações no Rio de Janeiro.
JN061	MANIFESTAÇÃO BSB 7	01:45	LV	Repórter informa que a situação é tranquila em Brasília.
JN062	MANIFESTAÇÃO SP 2	01:40	LV	Repórter informa situação da manifestação em frente à Câmara de Vereadores de São Paulo e que um rapaz morreu atropelado durante as manifestações em Ribeirão Preto.
JN063	MANIFESTAÇÃO POA 4	00:30	LV	Imagens mostram confusão em Porto Alegre.
JN064	COMENTÁRIO 5	01:30	CM	William Bonner encerra a edição do telejornal.
Total de vídeos: 40 (75:35)				
VÍDEOS SOBRE OUTROS TEMAS				
Cód.	Título	Tempo	TE*	Síntese da abordagem
JN065	SELEÇÃO	01:35	RP	Seleção pode ter alterações para próximo jogo na Copa das Confederações.
JN066	ESPANHA X TAITI	01:10	RP	Espanha vence Taiti pela Copa das Confederações.
JN067	URUGUAI X NIGÉRIA	00:20	NC	Uruguai vence Nigéria pela Copa das Confederações.
Total de vídeos: 3 (03:05)				
TOTAL DE VÍDEOS DA EDIÇÃO: 43 (78:40)				

*TE – Tratamento Editorial, conforme descrição no Capítulo 3: RP – reportagem; LV – *link* ao vivo; LP – lapada; NS – nota simples; NC – nota coberta; EN – entrevista; CM – comentário; FP – fala-povo; CH – chamada; RS – resumo; PT – previsão do tempo; ES – especial.

O apresentador e editor-chefe do telejornal, William Bonner, justifica sua opção editorial logo no início do telejornal. Ele diz:

William Bonner – [...] o que está acontecendo é que as notícias estão transcorrendo sucessivamente e, a esta altura, já não faz muito sentido a gente planejar uma edição de *Jornal Nacional*, porque os fatos estão acontecendo. Então o que nós estamos fazendo aqui já é um *Jornal Nacional*, que está transcorrendo ao sabor dos acontecimentos, que estão se desdobrando na frente da tela.

A despeito das vinhetas de entrada e saída de bloco e do posicionamento dos apresentadores da bancada, o formato do telejornal foi completamente alterado. Segue-se então uma sucessão de *links* ao vivo de várias cidades do país, pontuados

por pequenos comentários dos apresentadores. São mostrados os eventos que acontecem no Rio de Janeiro, Brasília, Campinas, Belém, Porto Alegre, Fortaleza, Belo Horizonte, Goiânia, Florianópolis, Salvador, Recife e Vitória.

As informações são descritivas. Muitas vezes, como ficará mais evidente na análise dos enquadramentos, os mediadores, repórter e apresentadores, não têm certeza do que está acontecendo e só conseguem descrever as imagens que aparecem na tela, levantando hipóteses sobre elas. São os fatos que, por si só, atraem o olhar do jornalista e do espectador, dispensando a condução de uma ordem pré-estabelecida a partir de critérios técnicos.

As imagens trazem o choque diante da grandeza das manifestações, capazes de mobilizar tantas pessoas, ao mesmo tempo, em tantos lugares do Brasil. A partir do lugar privilegiado que provavelmente nenhum outro veículo tenha, o telespectador do *Jornal Nacional* do dia 20 de junho de 2013 teve a sensação de estar presente, ao mesmo tempo, em vários lugares do país, testemunhando um evento de relevância histórica.

É bastante evidente também, ao longo da cobertura, a afirmação de que, embora se viva um “momento histórico”, as reivindicações legítimas dos manifestantes “pacíficos” podem ser ofuscadas pela minoria de “vândalos” e “baderneiros” que “se aproveitam” do momento para criar confusão e espalhar o terror e a violência. Em vários momentos durante a cobertura, apresentadores e repórteres repetem versões deste discurso, sobretudo no comentário de William Bonner, editor-chefe, ao encerrar a edição, à semelhança de um editorial. Ele diz:

William Bonner – [...] Durante todo o dia, houve passeatas imensas e a maior parte dos manifestantes tinha propósitos pacíficos. Mas em quase todas as passeatas, grupos acabaram provocando confrontos, ações violentas de vandalismo, que são sempre lamentáveis. O Brasil inteiro espera que as manifestações pacíficas prevaleçam e que os que se aproveitam deste instante histórico para tumultuar e para agredir fiquem isolados.

Ainda que ambos os apresentadores façam comentários pontuais e perguntas para os repórteres durante os *links* ao vivo, os momentos que se caracterizam como expressões de opinião, e, portanto, classificados como comentários, são todos de William Bonner. Em todos os cinco comentários, a ênfase é a mesma: a condenação

da violência contra a pessoa e contra o patrimônio público e privado promovida por uma suposta minoria durante as manifestações.

Quanto aos vídeos que não trataram das manifestações, chama atenção o fato de que a única pauta importante o suficiente para não ser derrubada pela cobertura das manifestações é o esporte, mais especificamente a Copa das Confederações, sobre a qual foram apresentadas duas reportagens (JN065 e JN066) e uma nota coberta (JN067).

Cabe ainda um apontamento sobre a música de encerramento do programa neste dia, executada em uma versão estendida e mais lenta, diferente da tradicional, que evoca um sentimento de triunfo. Ao mesmo tempo, a câmera mostra a redação do telejornal, atrás da bancada, como se fosse feita uma homenagem ao trabalho da equipe da redação na cobertura do evento, e marca o caráter histórico da edição e ao mesmo tempo explicita seu caráter passional.

Desta edição, foi escolhido para análise aprofundada apenas o vídeo de código JN042, um *link* ao vivo, uma vez que o telejornal não apresentou reportagens.

a) JN042 – Fogo e tensão em Brasília

Na descrição da cobertura, foi registrado o caráter diferenciado desta edição do *Jornal Nacional*. O vídeo JN042 mostra o momento de maior tensão da noite, quando uma multidão de manifestantes aparentemente tenta entrar à força no Palácio do Itamaraty, em Brasília.

A primeira indicação é de que a manifestação na cidade não está tranquila. As primeiras imagens são de multidão aglomerada em frente ao Palácio do Itamaraty, sede das Relações Exteriores. Há bombas e flashes. A situação é confusa mesmo para os repórteres que a descrevem, que não têm certeza do que está acontecendo. Eles procuram interpretar as imagens ao mesmo tempo em que as descrevem. O sentido geral é de tensão e confusão.

Há pessoas, “dezenas ou até centenas”, entrando ou pelo menos tentando entrar no Itamaraty. Ameaçam o prédio, uma das “joias de Oscar Niemeyer”, jogando objetos contra ele, assim como desrespeitaram o monumento, o Meteoro, símbolo

do palácio, subindo sobre ele. Jogam objetos também contra a polícia. Segundo o ponto de vista da repórter, “algumas pessoas entraram no espelho d’água” e, em seguida, ela “ouviu explosões”. As bombas que estouraram dentro d’água seriam, portanto, obra dessas pessoas (“a impressão que a gente tem é que os manifestantes colocaram essas bombas”, ela diz).

A voz da apresentadora a ignora e pergunta: “estão tentando entrar no prédio?”. A repórter hesita, não tem certeza, mas sugere: “a sensação é que as pessoas tentam entrar”; “em alguns momentos, há a sensação de uma tentativa de invasão, mas não dá para ter certeza”; “[há] pessoas entrando e saindo”. No texto, a repórter reluta, relativiza, mas, na prática, já confirmou que há movimento de entrada no prédio. A “situação é tensa”. Nem em protestos anteriores, quando manifestantes teriam subido nas cúpulas do Congresso, a situação teria chegado neste nível de tensão. Neste momento, porém, o apresentador relativiza a apreensão, afirmando que não há uma situação flagrante de violência.

Figura 2 – Fogo no Palácio do Itamaraty, em Brasília (JN042).



Mas, de repente, há fogo (Figura 2). A imagem do fogo surge do nada, surpreende, choca e é alarmante. Dura pouco, mas tem um efeito impactante na cobertura. Confirma a violência e acaba com a relativização. Os manifestantes “celebram” a chama. Depois do fogo, é estabelecido o confronto direto entre

manifestantes e policiais. Policiais saem de dentro do prédio, investindo contra os manifestantes. Há muitas imagens de violência. Pessoas atiram objetos contra os policiais, que revidam com spray de pimenta. O repórter chama atenção para uma “clara divisão entre os manifestantes”. Enquanto a maioria já havia ido embora, este grupo, menor, está na frente do Itamaraty tentando invadir o prédio: “é a tal história de novo [...] é um grupo muito menor do que a multidão agindo de maneira perigosa”. A fumaça toma conta das cenas.

A narrativa inteira é contraditória e está baseada na sensação dos repórteres e apresentadores, tomados de emoção pelo acontecimento tanto quanto o público. Não há tempo para a apuração, substituída pela descrição das imagens. Em princípio, há uma tentativa de relativização dos fatos. Os mediadores dizem: “não temos certeza, mas parece”. Na prática, nega-se a violência dos manifestantes ao mesmo tempo em que se afirma. Até que a imagem do fogo não deixa dúvida: “se vê claramente agora”. Quanto ao público, acompanha junto com os mediadores o que está acontecendo para tirar suas próprias conclusões no calor do momento.

5.1.3 Dia 21/06/2013 – As imagens da destruição

No dia seguinte, 21 de junho, a presidenta Dilma Rousseff pronuncia-se a respeito dos protestos, pela primeira vez, em rede fechada de televisão. Mais manifestações, em 90 cidades, levam às ruas mais de 160 mil pessoas. Neste dia, foram registrados 28 vídeos, 24 sobre as manifestações e temas relacionados e apenas 4 sobre outros temas, conforme o Quadro.

Quadro 6 – Classificação dos vídeos do *Jornal Nacional* em 21/06/2013.

JORNAL NACIONAL – DIA 21/06/2013				
VÍDEOS SOBRE MANIFESTAÇÕES E ASSUNTOS RELACIONADOS				
Cód.	Título	Tempo	TE*	Síntese da abordagem
JN068	AUTORIDADES RIO	02:55	RP	Como foi o dia seguinte às manifestações no RJ.
JN069	CNBB	00:30	NS	CNBB divulga nota sobre manifestações.
JN070	FIFA	01:25	RP	FIFA se pronuncia sobre manifestações;
JN071	MORTES	01:30	RP	Duas pessoas morrem em consequência das manifestações.
JN072	MOVIMENTO PASSE LIVRE	02:10	RP	MPL anuncia que não voltará a organizar protestos.
JN073	MANIFESTAÇÃO MG 1	00:30	NC	Manifestantes fecham rodovia em Belo Horizonte.
JN074	MANIFESTAÇÃO MG 2	00:20	NS	Manifestantes bloqueiam outra estrada em Minas Gerais.
JN075	MANIFESTAÇÃO RIO 1	00:45	LV	Repórter acompanha manifestações no RJ.
JN076	MANIFESTAÇÃO RIO 2	00:50	LV	Atualização das manifestações no RJ.
JN077	MANIFESTAÇÃO RIO 3	01:50	RP	Síntese das manifestações do dia anterior no RJ.
JN078	MANIFESTAÇÃO RIO 4	01:25	LV	Repórter acompanha manifestações na Barra da Tijuca no RJ.
JN079	MANIFESTAÇÃO SALVADOR	02:05	RP	Síntese das manifestações no dia anterior em Salvador.

JN080	MANIFESTAÇÃO SP 1	00:45	LV	Repórter acompanha manifestações em SP.
JN081	MANIFESTAÇÃO SP 2	02:20	RP	Síntese das manifestações no dia anterior em SP.
JN082	MANIFESTAÇÃO SP 3	00:50	LV	Atualização das informações sobre as manifestações em SP.
JN083	MANIFESTAÇÃO SP 4	00:35	LV	Atualização das informações sobre as manifestações em SP.
JN084	MANIFESTAÇÃO SP 5	01:10	LV	Atualização das informações sobre as manifestações em SP.
JN085	MANIFESTAÇÃO SP 6	00:50	LV	Atualização das informações sobre as manifestações em SP.
JN086	MANIFESTAÇÕES BRASIL	01:50	LP	Imagens das manifestações em vários lugares do Brasil.
JN087	REPERCUSSÃO MANIFESTAÇÕES	01:30	RP	Manifestações ganham destaque na imprensa internacional.
JN088	REPÓRTER FERIDO	00:40	NC	Repórter é atingido na testa por bala de borracha.
JN089	VANDALISMO BSB	02:50	RP	“Vândalos” tentam incendiar Palácio do Itamaraty durante manifestação do dia anterior.
JN090	VANDALISMO RIO 1	04:10	ES	Imagens do vandalismo no RJ.
JN091	VANDALISMO RIO 2	01:40	RP	Manifestantes confrontam policiais no RJ.
Total de vídeos: 24 (35:25)				
VÍDEOS SOBRE OUTROS TEMAS				
Cód.	Título	Tempo	TE*	Síntese da abordagem
JN092	EMPREGO	00:15	NS	Geração de empregos em maio.
JN093	SELEÇÃO ITÁLIA	01:20	RP	Seleção da Itália se prepara para jogo.
JN094	SELEÇÃO BRASIL	02:20	RP	Seleção do Brasil se prepara para jogo.
JN095	TEMPO	00:50	PT	Previsão do tempo.
Total de vídeos: 4 (04:45)				
TOTAL DE VÍDEOS DA EDIÇÃO: 28 (40:10)				

*TE – Tratamento Editorial, conforme descrição no Capítulo 3: RP – reportagem; LV – *link* ao vivo; LP – lapada; NS – nota simples; NC – nota coberta; EN – entrevista; CM – comentário; FP – fala-povo; CH – chamada; RS – resumo; PT – previsão do tempo; ES – especial.

A edição traz oito *links* ao vivo de São Paulo e do Rio de Janeiro, onde ainda ocorriam manifestações. São cinco vídeos mostrando os protestos em São Paulo (JN080, JN082, JN083, JN084 e JN085) e três no Rio (JN075, JN076 e JN078). Também foram exibidas reportagens sobre a repercussão das manifestações do dia 20 no Rio de Janeiro (JN068) e em Brasília (JN089), com destaque aos danos ao patrimônio público causados nas duas cidades; e sobre duas mortes relacionadas às manifestações: uma mulher que não participava das manifestações, mas que passou mal após a explosão de uma bomba em Belém, e um rapaz atropelado em Ribeirão Preto, no interior de São Paulo (JN071).

Alguns grupos e entidades opinaram sobre os eventos. Uma reportagem mostrou o posicionamento do Movimento Passe Livre, grupo que teria organizado os primeiros protestos contrários ao aumento da tarifa do transporte público em várias cidades do país, que afirmou que não organizaria novos protestos (JN072); uma reportagem com o posicionamento da Fifa, organizadora da Copa das Confederações, afirmou que não se considerava a possibilidade de suspender o evento e nem a Copa do Mundo, realizada no ano seguinte, por causa das manifestações (JN070). Uma nota simples deu conta da opinião da Confederação dos Bispos do Brasil (CNBB), condenando a violência nos protestos (JN069).

Outras três reportagens sintetizaram os protestos do dia anterior no Rio de Janeiro (JN077), em Salvador (JN079) e em São Paulo (JN081). Outra matéria deu conta da repercussão internacional dos protestos nos principais jornais do mundo (JN087). As manifestações em Minas Gerais foram sintetizadas em uma nota coberta e uma nota simples (JN073 e JN074)

Finalmente, quatro vídeos deram conta do tema violência. Um deles, uma nota coberta, informou o estado de saúde de um repórter da Globo News, Pedro Vedova, atingido na testa por uma bala de borracha disparada por policiais (JN088).

Outros três mostraram a violência dos manifestantes. Uma lapada (JN086) sintetizou, em quase dois minutos, “episódios de violência”, segundo texto lido pela apresentadora do telejornal, em Porto Alegre, Florianópolis, Curitiba, Belo Horizonte, Vitória, Goiânia, Cuiabá, Campo Grande, Porto Velho, Boa Vista, Macapá, Manaus, Palmas, Aracaju, Maceió, Recife, João Pessoa, Natal, Fortaleza, Teresina e Imperatriz, no Maranhão.

Figura 3 – Cenas de violência no Rio de Janeiro (JN090).



Outro vídeo, com mais de quatro minutos, mostra imagens de vandalismo no Rio de Janeiro, gravadas durante as manifestações do dia anterior (JN090). A edição mostra apenas imagens, sem texto de repórter, sonora ou quaisquer outros elementos que caracterizem o vídeo como uma reportagem. São quatro minutos de imagens de confusão e destruição promovida por manifestantes em diferentes lugares do Rio de Janeiro. Na Figura 3, homens mascarados queimam entulho em rua da Zona Sul da cidade, enquanto, à direita, passageiros tentam se proteger dentro de ônibus com as janelas quebradas, atacado por homens com pedaços de

pau. Estes homens ainda derrubam portas e grades a chutes e aos gritos. Quebram portas de vidro, invadem prédios. Derrubam postes, placas e outros tipos de estruturas. Com pedras portuguesas recolhidas das calçadas perfuradas, tijolos e pedaços de madeira, destroem caixas eletrônicos e quebram janelas de ônibus com passageiros dentro. Destroem automóveis. Colocam fogo em cabines telefônicas. Carregam objetos saqueados. Detalhes mostram as palavras “ódio concentrado” escritas na jaqueta de um homem. São imagens de caos e violência pura, que chocam e provocam medo e repulsa. Para a finalidade desta pesquisa, este vídeo não foi considerado uma reportagem, mas um vídeo de caráter especial, de formato não tradicional dentro dos padrões do telejornalismo. É certamente o vídeo que chama mais atenção dentre os registrados no dia 21.

Uma última reportagem (JN091), com um minuto e quarenta de duração, mostra o confronto entre manifestantes e polícia, também no Rio de Janeiro, com informações sobre como teria começado o enfrentamento. O teor também é de violência, mas o conteúdo não chega a ser tão impactante quanto o de JN090.

Quanto aos vídeos que não trataram das *manifestações*, apenas 4, observa-se que se trata de uma pequena nota de viés econômico (JN092); a previsão do tempo (JN095); e duas reportagens sobre a Copa das Confederações (JN093 e JN094).

Foram selecionados para análise aprofundada, nesta edição, os vídeos de código JN068 e JN078.

a) JN068 – Vandalismo no RJ

Nesta reportagem, exibida no dia 21, são avaliados os resultados do “vandalismo” do dia anterior nas ruas do Rio de Janeiro. A primeira tomada da matéria “choca” com as “marcas da destruição”. Há entulho, cacos de vidro, estruturas derrubadas, incendiadas, portas amassadas, postes derrubados e empilhados, buracos nas calçadas. O cenário é de caos. As lembranças dos que testemunharam o que aconteceu evocam “momentos de pânico”. Na sonora de um homem, há a ideia de que a manifestação encerrala, assusta quem está de fora: “a gente ficou encurralado aqui, porque não tinha para onde a gente correr”, ele diz.

O quadro é de prejuízo. Enquanto as imagens mostram os danos, a ênfase dada pelo texto se dá sobre as despesas. Informa-se que será preciso quase um milhão de reais para consertar tudo, dinheiro que sai do bolso do cidadão. Há prejuízos também no patrimônio privado. Houve saques.

A polícia fez prisões e investiga se traficantes podem ter participado do quebra-quebra. Novamente, criminalizam-se as manifestações. Mesmo os “representantes das manifestações” voltam atrás e dizem que é hora de reavaliar o movimento. Lamentam o fato de que “bandidos se infiltraram nos protestos” e censuram os que não mostram o rosto. A divisão entre “manifestantes” e “bandidos” é reiterada na fala da testemunha, segundo a qual um bando jogara pedras, enquanto outros pediam para não atirar, mas eram ignorados.

O estado reage ao “vandalismo” e o secretário de Segurança ameaça chamar as forças armadas. A prioridade é integridade física das pessoas e do patrimônio público e privado. Prefeito e governador afirmam, por sua vez, que não vão tolerar atos de “vandalismo”, entendido como atos de violência contra prédios e equipamentos públicos e privados. Segundo eles, quem comete excesso deve ser punido. Se não defendem a polícia, também não protege vândalos. Nesta situação, “não há vitoriosos”.

Sobre o que são as manifestações? Não se sabe – seus resultados são a violência, a desordem, a destruição, o medo. Tanto é que aqueles que a organizaram em primeiro lugar – e que teriam, antes, provavelmente, algum motivo – não querem mais convocar manifestações, admitindo que haviam perdido o controle.

b) JN078 – Pequena manifestação no RJ

Neste *link* ao vivo, a repórter mostra a situação no Rio de Janeiro, onde aconteciam manifestações no momento em que o telejornal ia ao ar. A manifestação desta vez não é muito impressionante. Trata-se de um pequeno grupo de manifestantes. Mesmo assim, há correria, confusão com a Polícia Militar. No vídeo, predomina a imagem alarmante das luzes de sirene ligadas.

Estas manifestações amedrontam. Fazem o comércio fechar. Tudo começa com cerca de mil pessoas protestando de forma tranquila no fim da tarde. As imagens claras, de multidão em marcha, se transformam quando um “grupo de

baderneiros” perto dali entra em ação. Atacam ônibus, afugentam passageiros e também um taxista. Provocam fogo, fazem saques e promovem quebra-quebra.

Aqui há um sentido de violência sobre as manifestações, mas diferente do confronto entre manifestantes e PMs. Trata-se de um movimento organizado e criminoso, que provoca terror. Mascarados cujo único objetivo é destruir, promover o caos e agredir pessoas. Perde-se qualquer sentido de protesto, de mobilização, há apenas a quebra da ordem, irracional e sem sentido. Se são indivíduos isolados, “baderneiros” separados dos “manifestantes”, sua força destrutiva é suficiente para obscurecer a manifestação, transformá-la completamente em algo nefasto e sem lado positivo.

5.1.4 Dia 22/06/2013 – A repercussão do pronunciamento da presidenta

No dia 22, um sábado, 325 mil pessoas protestaram em aproximadamente 100 cidades, enquanto a mídia repercutia os pactos anunciados pela presidenta Dilma Rousseff no dia anterior. Neste dia, o telejornal dedicou mais da metade do seu tempo à cobertura das manifestações. Foram 22 vídeos, contra 10 sobre outros temas, totalizando 32 vídeos, conforme o Quadro.

Quadro 7 – Classificação dos vídeos do *Jornal Nacional* em 22/06/2013.

JORNAL NACIONAL – DIA 22/06/2013				
VÍDEOS SOBRE MANIFESTAÇÕES E ASSUNTOS RELACIONADOS				
Cód.	Título	Tempo	TE*	Síntese da abordagem
JN096	MANIFESTAÇÃO MA	00:25	NC	São Luís registra segunda manifestação desde o início dos protestos.
JN097	MANIFESTAÇÃO SANTA MARIA	00:20	NC	Síntese das manifestações do dia em Santa Maria.
JN098	MANIFESTAÇÃO PA	00:20	NC	Síntese das manifestações do dia em Belém.
JN099	GOVERNADORES	01:40	RS	Governadores repercutem propostas da Presidência.
JN100	MANIFESTAÇÃO MG 1	02:50	RP	Síntese das manifestações do dia em Belo Horizonte.
JN101	MANIFESTAÇÃO MG 2	01:05	LV	Situação das manifestações em Belo Horizonte.
JN102	CATEDRAL BRASÍLIA	00:20	NC	Catedral de Brasília recebe abraço simbólico.
JN103	INVASÃO ITAMARATY	00:30	NC	Polícia identifica homem que teria invadido Itamaraty em meio a protesto.
JN104	MANIFESTAÇÃO BRASÍLIA	01:00	LV	Nova manifestação acontece em Brasília.
JN105	MANIFESTAÇÃO BA	01:30	LV	Síntese das manifestações em Salvador.
JN106	PACTOS DILMA	02:30	RP	Dilma propõe Pactos para responder às manifestações.
JN107	MANIFESTAÇÃO PR	01:10	RP	Síntese das manifestações do dia anterior em Curitiba.
JN108	MANIFESTAÇÃO MG 3	00:20	NC	Manifestações bloqueiam rodovias em Minas Gerais.
JN109	MANIFESTAÇÕES EXTERIOR	00:25	NC	Brasileiros fazem manifestações no exterior.
JN110	MANIFESTAÇÃO RJ	00:30	NC	Três manifestações são registradas no Rio de Janeiro.
JN111	PRISÕES RJ	00:40	NC	Nove suspeitos de vandalismo são presos no Rio de Janeiro.
JN112	MANIFESTAÇÃO CE	00:20	NC	Síntese das manifestações do dia anterior em Fortaleza.
JN113	MANIFESTAÇÃO SP	01:25	RP	Síntese das manifestações do dia em São Paulo.
JN114	VIOLÊNCIA POLICIAL RIO	03:45	RP	Estudantes denunciam excessos da polícia no Rio de Janeiro.
JN115	OPOSIÇÃO DILMA	00:40	NS	Oposição repercute propostas da Presidência.

JN116	MANIFESTAÇÃO MG 4	00:40	NC	Manifestação registra violência em Belo Horizonte.
JN117	MANIFESTAÇÃO AC	00:15	NC	Síntese da manifestação em Rio Branco.
Total de vídeos: 22 (22:10)				
VÍDEOS SOBRE OUTROS TEMAS				
Cód.	Título	Tempo	TE*	Síntese da abordagem
JN118	FRED	03:00	EN	Repórter entrevista o jogador Fred após vitória da Seleção Brasileira contra a Itália.
JN119	SELEÇÃO 1	02:45	RP	Seleção Brasileira passa da primeira fase da Copa das Confederações.
JN120	SELEÇÃO NIGÉRIA	01:30	RP	Seleção da Nigéria se prepara para jogo contra Espanha.
JN121	SELEÇÃO ESPANHA	01:30	RP	Seleção da Espanha se prepara para jogo contra Nigéria.
JN122	ACIDENTE CE	00:20	NC	Seis pessoas morrem em acidente no interior do Ceará.
JN123	PREVISÃO DO TEMPO	01:15	PT	Previsão do tempo.
JN124	SELEÇÃO URUGUAI	01:35	RP	Seleção do Uruguai se prepara para jogo da Copa das Confederações.
JN125	MÉXICO E JAPÃO	00:30	NC	México vence o Japão pela Copa das Confederações.
JN126	SELEÇÃO 2	01:30	RP	Seleção Brasileira se prepara para próxima fase da Copa das Confederações.
JN127	ACIDENTE SC	01:25	RP	Acidente mata nove pessoas em Santa Catarina.
Total de vídeos: 10 (15:20)				
TOTAL DE VÍDEOS DA EDIÇÃO: 32 (37:30)				

*TE – Tratamento Editorial, conforme descrição no Capítulo 3: RP – reportagem; LV – *link* ao vivo; LP – lapada; NS – nota simples; NC – nota coberta; EN – entrevista; CM – comentário; FP – fala-povo; CH – chamada; RS – resumo; PT – previsão do tempo; ES – especial.

A maioria dos vídeos (13) tratou das próprias manifestações, resumindo os fatos que aconteceram em várias cidades do Brasil naquele dia e no dia interior (JN096, JN097, JN098, JN100, JN101, JN104, JN105, JN107, JN108, JN112, JN113, JN116 e JN117). O maior protesto aconteceu em Belo Horizonte, onde cerca de 70 mil pessoas foram às ruas e marcharam em direção ao estádio do Mineirão, que recebia jogos da Copa das Confederações, o que terminou em violência. As manifestações desta cidade foram objeto de três dos vídeos (JN100, JN101, JN116).

Três outros vídeos repercutiram as consequências de manifestações anteriores (JN102, JN103 e JN111): em Brasília, onde ocorreu um abraço à Catedral da cidade, danificada nas manifestações do dia 20, e um homem foi preso; no Rio de Janeiro, pelo menos nove suspeitos de vandalismo foram para a prisão.

Um vídeo, JN109, repercutiu as manifestações de brasileiros que moram no exterior, especificamente nos Estados Unidos e Paris.

Três vídeos repercutiram os pactos propostos pela presidenta no dia anterior, o que representa o início de uma nova fase na cobertura dos protestos. Uma reportagem (JN106) reproduziu trechos da fala da presidenta elogiando as manifestações pacíficas, que definiu como uma “nova energia política”, e condenando a violência. A reportagem também lista as providências anunciadas pela presidenta: criar um plano nacional de mobilidade urbana; trazer médicos do exterior; e destinar todos os recursos do petróleo para a educação. O repórter

ressaltou que as duas últimas medidas dependeriam de aprovação do Congresso. A reportagem informa que a presidenta deveria se reunir com governadores e prefeitos nos dias seguintes para criar um “grande pacto” e que ela teria afirmado que o dinheiro gasto com estádios para a Copa das Confederações tratava-se de financiamento e seria, portanto, devolvido oportunamente aos cofres públicos. A reportagem encerra com fala da presidenta afirmando que estava “ouvindo as vozes democráticas que pedem mudança”, mas que não iria “transigir com violência e arruaça”.

Um vídeo (JN099) resumiu falas de quatro governadores (Eduardo Campos/PSB/PE; Marconi Perilo/PSDB/GO; Jaques Vagner/PT/BA; e Tarso Genro/PT/RS), opositoristas e aliados, em cujos estados houve manifestações, sobre os pactos propostos pela presidenta. Apenas os governadores aliados (Vagner e Genro) gravaram imagens. A apresentadora Patrícia Poeta ressaltou, entretanto, que outros quatro governadores e dois prefeitos também foram procurados pelo telejornal, mas não quiseram se pronunciar. Entre eles, os prefeitos e governadores do Rio de Janeiro e de São Paulo. De maneira geral, os governadores elogiaram a posição da presidenta e se propuseram a participar do pacto por ela proposto.

Por fim, uma nota simples (JN115) sintetizou a posição dos líderes dos partidos de oposição em relação ao que foi apresentado. Para o PSDB e o DEM, a presidenta teria reproduzido “o tipo de ação política condenada pelo movimento” e “o pronunciamento não correspondeu à insatisfação demonstrada nas ruas”.

A maioria dos vídeos que não trataram das manifestações no dia 22 foi sobre a Copa das Confederações (JN118, JN119, JN120, JN121, JN122, JN125, JN126); os demais trataram de dois acidentes de trânsito com vítimas fatais (JN122 e JN127) e da previsão do tempo (JN123).

Os vídeos selecionados para análise dos enquadramentos em profundidade foram os códigos JN105 e JN114.

a) JN105 – Confronto em Salvador

Neste vídeo, o repórter José Raimundo atualiza as informações sobre as manifestações que aconteceram neste dia em Salvador, nas proximidades da Arena

Frente Nova, onde acontecia uma partida de futebol pela Copa das Confederações. A primeira informação trazida na cabeça é a de que houve “choque com a polícia”. O repórter começa o texto dizendo que cinco homens foram presos em Salvador durante as manifestações daquele dia, dois deles portando explosivos. Enquanto alguns roubavam lojas, outro destruía placas.

Também ficamos sabendo que policiais bloquearam o acesso ao estádio Arena Frente Nova e que a tentativa de desobediência por parte de alguns grupos resultou na reação da polícia que caracterizou os enfrentamentos já anunciados. As imagens são confusas. Em seguida, veem-se algumas pessoas paradas em frente a um shopping, enquanto o texto afirma que tentavam bloquear uma avenida, o que resultou, mais uma vez, em reação da polícia, enfrentamento, violência e correr. Por fim o repórter anuncia que o grupo continua tentando bloquear outra avenida, “segundo informações da polícia”.

A polícia é a única fonte citada no *link* ao vivo, o que se reflete na narração dos fatos. Os atos da polícia são justificados pela desobediência dos manifestantes, entre os quais havia criminosos, ladrões e vândalos. São construídos, portanto, sentidos bastante negativos para as manifestações, ao mesmo tempo em que não se apresentam os motivos ou reivindicações dos protestos.

b) JN114 – Violência da polícia no RJ

Nesta reportagem, o telejornal aprofunda as denúncias de violência por parte da polícia, registradas após manifestações no Rio, sobretudo por parte de estudantes. Mas, já na primeira frase da cabeça, justifica-se a ação da polícia que a reportagem irá denunciar. O sentido é de concessão: “a polícia precisou conter a ação de vândalos”, *entretanto* houve registros de excessos na internet. A reportagem que segue apresenta a fala de vítimas e testemunhas destes excessos.

As fontes entrevistadas são todas jovens que participaram das manifestações, em sua maioria estudantes. Eles narram como sofreram com a ação abusiva da polícia. Sem que cometessem qualquer ato de provocação, e, em alguns casos, sem sequer participar da manifestação, foram atacados dentro de bares e no metrô, com balas de borracha e bombas de efeito moral lançadas pelos agentes não a esmo,

mas propositalmente, direcionadas a qualquer ponto em que houvesse reunião de jovens.

O mote que dá início à matéria é um manifesto lido por estudantes da UFRJ contra as ações violentas. O evento é uma performance midiática. A estudante que lê o manifesto é enfática e expressiva. Ela olha diretamente para a câmera e interpreta pausadamente as palavras.

As imagens, algumas retiradas da internet, comprovam as acusações para o telespectador. De fato, as imagens mostram os policiais sendo violentos, atacando pessoas dentro de estabelecimentos comerciais e provocando dispersão e desordem. Um jovem professor aparece com um curativo que cobre toda a cabeça; em um trecho de vídeo publicado na internet, um rapaz com os olhos marejados explica para a câmera que não fez nada que justificasse a agressão que sofreu da polícia. Outros relatos foram gravados no dia seguinte, nas casas dos estudantes de classe média que se tornaram vítimas. Também é lembrado o caso do repórter da Globo News atingido na testa por uma bala de borracha no mesmo protesto. Sua imagem, com o rosto ensanguentado e um círculo vermelho afundado na testa, é chocante.

A repórter, por sua vez, afirma o papel do Ministério Público na investigação dos excessos. Finaliza com uma estudante de classe média narrando o horror de se tornar alvo da polícia pela primeira vez na vida: “fiquei com medo de morrer. Eu nunca pensei que fosse sentir isso”. Apenas na nota-pé há uma manifestação formal da polícia dizendo que irá estudar os casos.

O sentido geral da reportagem é bastante diferente da cobertura realizada até então. A denúncia da violência da política é enfática e bem documentada. Há, porém, o cuidado de isolar a injustiça destas ações da necessária ação da polícia contra a violência que também fez parte dos processos, como expressado pelo apresentador do telejornal logo na cabeça da reportagem. Percebe-se, também, um viés de classe e etnia: todas as fontes ouvidas são estudantes universitários ou jovens profissionais brancos, bem educados e bem vestidos, vítimas insuspeitas de uma ação policial excessiva que, se existe no dia a dia, nunca lhes havia sido direcionada.

5.1.5 Dia 24/06/2013 – A presidenta propõe 5 Pactos

Já no dia 24, a presidenta Dilma Rousseff, em reunião com governadores e prefeitos de capitais em Brasília, propõe cinco “Pactos pelo Brasil”, conjunto de proposições para atender às manifestações. Na edição do *Jornal Nacional* deste dia, 14 vídeos trataram das manifestações e assuntos correlatos, enquanto outros 12 trataram de outros temas, totalizando 26 vídeos, conforme o Quadro.

Quadro 8 – Classificação dos vídeos do *Jornal Nacional* em 24/06/2013.

JORNAL NACIONAL – DIA 24/06/2013				
VÍDEOS SOBRE MANIFESTAÇÕES E ASSUNTOS RELACIONADOS				
Cód.	Título	Tempo	TE*	Síntese da abordagem
JN128	PACTOS DILMA 1	03:00	RP	Presidenta Dilma Rousseff propõe pactos para atender às manifestações.
JN129	PACTOS DILMA 2	01:10	LV	Atualização sobre reunião entre a presidenta e os governadores e prefeitos.
JN130	REFORMA POLÍTICA	04:00	RP	Repercussão da proposta de reforma política.
JN131	MANIFESTAÇÃO BH	00:45	NC	Manifestações fecham rodovias em Minas Gerais.
JN132	MANIFESTAÇÃO GO	00:30	NC	Estudantes fazem manifestação em Goiânia.
JN133	MANIFESTAÇÃO AM	00:15	NC	Síntese das manifestações em Manaus.
JN134	MANIFESTAÇÃO POA 1	01:00	LV	Repórter acompanha manifestações em Porto Alegre.
JN135	MANIFESTAÇÃO POA 2	00:50	LV	Atualização das manifestações em Porto Alegre.
JN136	MANIFESTAÇÃO SANTOS	00:30	NC	Manifestos fecham rodovia que dá acesso ao porto de Santos.
JN137	MANIFESTAÇÃO MA	00:40	NC	Manifestações fecham rodovias em São Luiz.
JN138	MANIFESTAÇÃO PA	01:00	LV	Repórter acompanha manifestações em Belém.
JN139	MANIFESTAÇÃO RIO	00:40	NC	Síntese das manifestações no Rio de Janeiro.
JN140	MANIFESTAÇÃO PI	00:30	NC	Síntese das manifestações no Piauí.
JN141	VANDALISMO BSB	00:30	NC	Polícia de Brasília identificou manifestante acusado de participar de atos de vandalismo.
Total de vídeos: 14 (15:20)				
VÍDEOS SOBRE OUTROS TEMAS				
Cód.	Título	Tempo	TE*	Síntese da abordagem
JN142	SELEÇÃO BRASIL	02:45	RP	Jogadores da seleção se recuperam para Copa das Confederações.
JN143	SNOWDEN	01:00	RP	EUA se manifesta sobre decisão de Rússia e China de receber Edward Snowden.
JN144	LUIS SUAREZ	02:25	EN	Entrevista gravada e editada com jogador uruguaio Luís Suarez.
JN145	SELEÇÃO URUGUAI	02:10	RP	Brasil se prepara para jogo contra Uruguai.
JN146	PEDÁGIOS SP	00:20	NS	Governo de SP anuncia que não haverá aumento nos pedágios.
JN147	BERLUSCONI	00:25	NS	Ex-primeiro-ministro italiano, Silvio Berlusconi, é condenado à prisão.
JN148	PRISÃO RELIGIOSOS	01:35	RP	Polícia prende líderes de igreja acusados de desvio do dízimo.
JN149	BOLSAS	00:25	NS	Síntese das bolsas de valores internacionais.
JN150	MANDELA	00:20	NS	Ex-presidente da África do Sul permanece em estado crítico em Pretória.
JN151	SELEÇÃO ESPANHA	01:25	LV	Espanha treina para jogo contra Itália.
JN152	SELEÇÃO ITÁLIA	01:30	LV	Itália se prepara para jogo contra Espanha.
JN153	TEMPO	01:00	PT	Previsão do tempo.
Total de vídeos: 12 (15:20)				
TOTAL DE VÍDEOS DA EDIÇÃO: 26 (30:40)				

*TE – Tratamento Editorial, conforme descrição no Capítulo 3: RP – reportagem; LV – *link* ao vivo; LP – lapada; NS – nota simples; NC – nota coberta; EN – entrevista; CM – comentário; FP – fala-povo; CH – chamada; RS – resumo; PT – previsão do tempo; ES – especial.

Links ao vivo informaram sobre a situação dos protestos que ocorriam em Porto Alegre (JN134 e JN135) e Belém (JN138). Uma série de notas cobertas deu conta das manifestações no estado de Minas Gerais (JN131) e Piauí (JN140) e nas cidades de Goiânia (JN132), Manaus (JN133), Santos (JN136), São Luís (JN137) e Rio de Janeiro (JN139). Uma nota coberta tratou ainda da prisão de um homem identificado como um dos manifestantes envolvidos na depredação do prédio do Itamaraty, em Brasília, na manifestação ocorrida no dia 20 de junho de 2013.

As propostas da Presidência foram tema de um *link* ao vivo de Brasília (JN129) e de duas reportagens: uma delas (JN128) resumiu as propostas da presidente; a outra repercutiu, entre juristas e grupos políticos, o tema específico da reforma política, proposta pela presidenta Dilma Rousseff na forma de um plebiscito que definiria a formação de uma Constituinte exclusiva, isto é, um grupo de legisladores reunidos especificamente para discutir e reformular os trechos da constituição que tratam do sistema político-eleitoral. Dos cinco pactos propostos pela presidenta (responsabilidade fiscal e controle da inflação; plebiscito para formação de constituinte exclusiva para a reforma política; saúde; educação; e transportes), apenas um deles, a reforma política, foi eleito pelo jornal para ser aprofundado em uma reportagem.

Os vídeos sobre outros assuntos trataram dos temas esporte, internacional, política, polícia, economia e previsão do tempo, conforme segue: duas reportagens (JN142 e JN145), dois *links* ao vivo (JN151 e JN152) e uma entrevista gravada e editada sobre a Copa das Confederações e assuntos relacionados, como treinos das seleções participantes e perfil de seus jogadores; uma reportagem e duas notas simples sobre o noticiário internacional (JN143, JN147 e JN150); uma nota simples sobre o preço dos pedágios em São Paulo (JN146); uma reportagem sobre a prisão de religiosos acusados de aplicar golpe financeiro nos fiéis (JN148); uma nota simples sobre a situação das bolsas de valores (JN149) e a previsão do tempo (JN153).

Os vídeos selecionados para análise dos indicadores de enquadramento em profundidade foram os códigos JN129 e JN130.

a) JN129 – Presidência anuncia Pactos

Neste *link* ao vivo, o repórter atualiza as informações de Brasília, onde a presidenta Dilma Rousseff se reúne com prefeitos e governadores. O assunto são os bastidores do Palácio, as ações da política, do Estado, para responder aos eventos das ruas. O Governo Federal responde às manifestações com 5 Pactos para melhorar serviços públicos. Os prefeitos das capitais e governadores concordam e se comprometem a viabilizar medidas pontuais, em parceria com a Presidência da República, como a construção de 800 hospitais. Há também uma vaga promessa de reunião com o Congresso.

Esta reportagem corresponde a um segundo momento da cobertura, em que o foco principal se torna a consequência das manifestações em termos da articulação dos diversos níveis de poder, com a iniciativa de atender ao apelo das ruas. A maioria das medidas, por enquanto, não é muito concreta, mas é o suficiente para caracterizar o caráter público das manifestações, que aqui são tratadas também como problema político mais amplo, especialmente como crise política.

b) JN130 – Polemização da reforma política

Este vídeo aprofunda o tema da reforma política, uma das medidas anunciadas pelo Governo Federal para atender às manifestações. Esta matéria problematiza o chamado “plebiscito para a convocação de assembleia constituinte” a fim de realizar a reforma política, uma das propostas apresentadas pela Presidência. São apresentadas as posições da base de deputados governistas na Câmara, da oposição e dos juristas. O tom estabelecido é a polêmica: “entre as propostas apresentadas hoje pela presidente Dilma Rousseff, a mais polêmica é o plebiscito para convocação de uma assembleia constituinte específica pra reforma política”, diz a apresentadora do jornal logo no início do vídeo.

O grupo dos que apoiam a medida o fazem sob o argumento de que seria uma iniciativa positiva do Executivo diante da morosidade do Congresso. Com autoridade e ação, a presidenta, no centro das atenções, diz que quer “propor debate”. Aliados falam em “estar em sintonia com o povo”, pois “ninguém aguenta mais” o modo de se fazer política que está posto.

A estratégia é buscar a aprovação por parte da população – por meio de plebiscito, de acordo com a proposta da presidente, mas o líder de governo, em um lapso de linguagem, também chama o projeto de referendo. O sentido é parecido, mas há uma sutileza que coloca em dúvida as intenções da política – o poder procura conhecer e responder à vontade do povo, ou assume que sua proposição já está de acordo com essa vontade?

A oposição não é contra o plebiscito – e quem iria ficar contra algo que significa a decisão do povo, neste momento? Mas discordam do protagonismo do Executivo, uma vez que esta seria uma prerrogativa do Congresso. A contradição se evidencia no discurso: é prerrogativa do Congresso, segundo a fala de um deputado, mas a falta de vontade política para implementar a reforma é atribuída ao Executivo, que estaria impedindo sua própria base de votar a reforma política. A acusação é de que o governo estaria “tergiversando”, prometendo algo que não é de sua competência.

Também se ouve um ex-ministro do Supremo Tribunal Federal, para quem o governo agride a constituição vigente ao propor plebiscito, que representa apenas “retrocesso”. Já outra corrente de juristas, afirma que a tese do executivo seria, sim, possível.

As representações do poder que se evidencia são as imagens dos corredores de Brasília. Os debates no interior do poder são jogos de cena, armados para serem vistos pela mídia. Já a classe política é toda feita de figuras públicas de aparência formal e respeitosa, muito parecidos entre si independentemente da ideologia política que representam. A relação entre grupos políticos rivais e núcleos de poder é obscura, cheia de nuances, sinônimos que não são exatamente sinônimos, poréns e senões. Pode-se aventar a hipótese de que o discurso é obscurecido propositalmente – pelas fontes ou pelos mediadores?

5.1.6 Dia 25/06/2013 – A repercussão dos Pactos

No dia 25/06/2013, a Câmara Federal arquivou a Proposta de Emenda Constitucional (PEC) 37 e aprovou, já na madrugada do dia 26, a destinação de 75% dos royalties da exploração de petróleo no território nacional para a educação e 25%

para a saúde. Da Esplanada, o ministro da Educação anunciou que a presidenta havia desistido da ideia de uma constituinte exclusiva para a reforma política.

Neste dia, 17 vídeos sobre as manifestações e assuntos afins foram registrados, enquanto apenas dois vídeos trataram de outras temáticas, totalizando 19 vídeos, conforme o Quadro.

Quadro 9 – Classificação dos vídeos do *Jornal Nacional* em 25/06/2013.

JORNAL NACIONAL – DIA 25/06/2013				
VÍDEOS SOBRE MANIFESTAÇÕES E ASSUNTOS RELACIONADOS				
Cód.	Título	Tempo	TE*	Síntese da abordagem
JN154	MARÉ	04:45	RP	Nove pessoas morrem em tiroteio em arrastão após manifestações no Rio de Janeiro.
JN155	DILMA	02:30	RP	Dilma anuncia pactos para atender às manifestações.
JN156	CONGRESSO MANIFESTAÇÕES	01:45	RP	Congresso apresenta pauta de votações para atender às manifestações.
JN157	PLEBISCITO DILMA 1	01:30	LV	Atualização das informações sobre o plebiscito proposto pela presidenta Dilma Rousseff.
JN158	PLEBISCITO DILMA 2	06:00	RP	Autoridades discutem viabilidade da reforma política proposta em resposta às manifestações.
JN159	PLEBISCITO JURISTAS	01:30	EN	Juristas repercutem proposta de plebiscito.
JN160	PLEBISCITO MINISTROS STF	02:25	EN	Ministros do STF repercutem proposta de plebiscito.
JN161	OPOSIÇÃO DILMA	02:20	RP	Oposição apresenta propostas alternativas à presidenta Dilma Rousseff.
JN162	MANIFESTAÇÃO SC	00:15	NC	Manifestantes exigem redução do preço da passagem em Florianópolis.
JN163	MANIFESTAÇÃO MG	00:40	NC	Manifestantes bloqueiam rodovias em Minas Gerais.
JN164	MANIFESTAÇÃO FAVELAS RIO 1	01:00	LV	Repórter acompanha manifestações de moradores de favelas no Rio de Janeiro.
JN165	MANIFESTAÇÃO FAVELAS RIO 2	01:25	RP	Síntese das manifestações do dia no Rio de Janeiro.
JN166	MANIFESTAÇÃO NITERÓI	01:10	NC	Manifestantes percorreram região central de Niterói.
JN167	MANIFESTAÇÃO POA	01:40	RP	Síntese da manifestação em Porto Alegre no dia anterior.
JN168	MANIFESTAÇÃO SP	00:50	NC	Síntese das manifestações do dia nas zonas sul e leste de São Paulo.
JN169	VANDALISMO GO	00:40	NC	Carros da imprensa são atacados em Goiânia.
JN170	PEC 37	01:40	LV	Repórter acompanha discussão sobre a PEC 37 em Brasília.
Total de vídeos: 17 (32:05)				
VÍDEOS SOBRE OUTROS TEMAS				
Cód.	Título	Tempo	TE*	Síntese da abordagem
JN171	SELEÇÃO BRASIL 1	02:10	RP	Seleção treina em Minas Gerais.
JN172	SELEÇÃO BRASIL 2	02:30	RP	Reportagem mostra pontos fortes da seleção.
Total de vídeos: 2 (04:40)				
TOTAL DE VÍDEOS DA EDIÇÃO: 19 (36:45)				

*TE – Tratamento Editorial, conforme descrição no Capítulo 3: RP – reportagem; LV – *link* ao vivo; LP – lapada; NS – nota simples; NC – nota coberta; EN – entrevista; CM – comentário; FP – fala-povo; CH – chamada; RS – resumo; PT – previsão do tempo; ES – especial.

Sete vídeos falaram sobre novas manifestações em diversas cidades: Florianópolis (JN162); Belo Horizonte e região metropolitana (JN163); Rio de Janeiro (JN164 e JN165); Niterói (JN166); Porto Alegre (JN167) e Goiânia (JN168). Destes

apenas um se trata de *link* ao vivo (JN164); dois, de reportagem (JN165 e JN167); e o restante, de notas cobertas.

Outra nota chamou atenção para o vandalismo contra carros de reportagem de um jornal e de televisões locais em Goiânia (JN169), umas delas afiliada da Rede Globo.

As ações do Governo Federal em resposta às manifestações foram tema de seis vídeos. Uma reportagem tratou da repercussão dos pactos propostos pela presidenta entre a base aliada (JN155); outra, da repercussão entre a oposição (JN161); em uma entrevista editada, juristas deram sua opinião sobre a proposta de plebiscito para a reforma política (JN159); em outra síntese de entrevista, ministros do Supremo Tribunal federal (um ex-ministro, um atual ministro e um ministro a ser empossado no dia seguinte), deram sua opinião sobre o mesmo assunto (JN160); um *link* ao vivo de Brasília atualizou as informações sobre as discussões ocorridas durante o dia no Palácio do Planalto (JN157); finalmente, uma reportagem (JN158) ouviu a OAB e autoridades do Governo e do Legislativo, também sobre a reforma política.

Dois vídeos, uma reportagem (JN156) e um *link* ao vivo (JN170), falaram sobre as ações da Câmara dos Deputados que visavam a responder às demandas dos manifestantes. A que mais se destaca é o arquivamento da PEC 37, previsto para acontecer ainda naquela mesma noite.

Finalmente, uma reportagem sintetizou os acontecimentos ocorridos na noite anterior no complexo de favelas da Maré, no Rio de Janeiro. Nove pessoas foram mortas pela polícia (o número de vítimas subiria para 10 no dia seguinte) depois de um arrastão, que teria acontecido após um protesto “pacífico”, segundo a reportagem, promovido por um grupo de 100 estudantes na Avenida Brasil. A reportagem chama atenção por fazer uma divisão muito clara entre os manifestantes, “pacíficos” e os “criminosos” e “bandidos oportunistas” que tentaram “efetuar algum saque, algum roubo, paralisar o trânsito, fazer baderna”, nas palavras de um policial ouvido pela reportagem. Um representante de ONG e moradores da favela, alguns identificados e outros não pela reportagem, enfatizaram a violência, a truculência e a falta de planejamento da ação por parte da polícia. Ainda segundo o texto da reportagem, a polícia teria admitido que pelo menos dois homens, mortos a tiros de fuzil, seriam inocentes.

Nota-se, então, novamente, a divisão do telejornal entre a cobertura das manifestações nas ruas e da ação do estado em resposta a elas, especificamente do Governo Federal e dos parlamentares. O Judiciário participa da cobertura apenas para opinar a respeito da viabilidade das propostas. De todas as temáticas endereçadas, é nítida a ênfase que se dá, mais uma vez, à questão da reforma política, seja através de constituinte exclusiva, plebiscito ou outra forma, como emenda constitucional. Também a questão da PEC 37 é ressaltada em relação a outras pautas do legislativo, como a destinação dos royalties do petróleo.

Por último, apenas dois vídeos não trataram das manifestações ou de assuntos correlacionados neste dia. Os dois falaram sobre o mesmo tema: a preparação da Seleção Brasileira de futebol para os próximos jogos da Copa das Confederações (JN171 e JN172).

Os vídeos selecionados para análise dos indicadores de enquadramento em profundidade foram os códigos JN158 e JN170.

a) JN158 – Polêmica sobre o plebiscito continua

Nesta reportagem, o telejornal prossegue a discussão sobre a viabilidade do plebiscito para a reforma política. Excessivamente longa para seu formato, com seis minutos de duração, nela o plebiscito é mais uma vez motivo de “debate e discussão”, com caráter de polemização.

A matéria abre com um posicionamento da OAB, gravado no dia anterior. Os advogados acusam a presidenta de estar mal assessorada, pois a reforma que propõe é um absurdo jurídico. Após reunirem-se com a presidenta, porém, seu discurso é amenizado.

Mas Governo Federal, através do ministro da Justiça, nega que o executivo tenha mudado de posição, em que pese admitir a validade da contribuição da OAB, e reforça a proposta de plebiscito. A posição é reforçada em nota oficial. Não há decisão definitiva, mas o tom é conciliatório.

O sentido de polemização continua a ser construído. Segundo a reportagem, as opiniões divergem mesmo “dentro do próprio palácio”, referindo-se à fala do vice-presidente, Michel Temer, que não concorda totalmente com proposta da Presidência. Mas, novamente, todos concordam com o plebiscito. A polêmica se dá principalmente sobre a ideia da formação de uma constituinte.

O presidente do Senado está ao lado da presidenta. Em seu discurso, evoca o ex-presidente e ex-senador José Sarney e até o imperador D. Pedro I, que teriam agido de forma semelhante à da presidenta Dilma Rousseff no passado. O presidente da Câmara, porém, refuta completamente a ideia.

A reportagem termina com posição do Judiciário. O então presidente do STF, Joaquim Barbosa, parece evitar se comprometer alegando que pode ter que julgar a constitucionalidade da ação no futuro. Barbosa, porém, provoca, questionando se seria bom fazer reforma constitucional em momento de crise, pois “até hoje não demonstraram interesse”, sem esclarecer a quem se refere. Agora, segundo ele, “querem” fazer reforma em meio à crise, que foi provocada exatamente pela falta de vontade política de fazer qualquer reforma. Por fim, também ele defende o plebiscito, e afirma que inclusive já houve situação parecida na história recente do país.

Chama atenção, na fala do ministro, a expressão das manifestações enquanto crise política, provocada pela apatia, pela falta de vontade política do poder instituído – de que ele inclusive faz parte.

b) JN170 – Congresso responde à crise

Neste *link* ao vivo, mais uma vez o tema é a cobertura das ações do estado para responder às manifestações. Desta vez, a repórter acompanha as ações do Congresso. Mais uma vez, a ação do estado é polêmica, no caso “ultra polêmica”. O Congresso vota se arquiva ou não a Proposta de Emenda Constitucional 37, que diminui o poder de investigação do Ministério Público, entre outras propostas.

As imagens são dos bastidores do poder. A repórter fala de uma sala onde estão os outros jornalistas, interna ao Congresso. Os detalhes de fundo revelam este caráter de bastidor. Há desordem no Plenário. A decisão está sendo realizada diante das câmeras, tal qual é de verdade. O discurso é de não artificialidade, ao contrário, por exemplo, da propaganda política. Mas as informações dão a entender que os líderes já decidiram votar a PEC, artificialidade que contradiz a imagem e entrega o jogo de decisões já tomadas na esfera oculta da política, com garantia de quórum, e reconstituídas, com ares de verdade simultânea, em frente às câmeras do telejornalismo político.

A expectativa é de que a PEC seja derrubada, “como pediram vários manifestantes nos protestos que nós temos acompanhado”. As galerias estariam lotadas de pessoas acompanhando a votação, segundo o texto da repórter, apesar de não as enxergarmos. Há nisto um sentido de reconhecimento da pauta das manifestações e interesse pela participação política, invisível, em contraste com a artificialidade e a morosidade dos discursos do Congresso, diante das câmeras.

5.1.7 Dia 26/06/2013 – Ainda os Pactos: a discussão sobre a reforma política

No dia 26/06/2013, o Senado Federal aprovou a proposta de lei que transforma corrupção em crime hediondo. Na Câmara, a Comissão de Constituição e Justiça definiu o fim do voto secreto em votações para a cassação de parlamentares. Neste dia, foram registrados 30 vídeos no *Jornal Nacional*: 23 sobre as manifestações e apenas 7 sobre outros temas, conforme o Quadro.

Quadro 10 – Classificação dos vídeos do *Jornal Nacional* em 26/06/2013.

JORNAL NACIONAL – DIA 26/06/2013				
VÍDEOS SOBRE MANIFESTAÇÕES E ASSUNTOS RELACIONADOS				
Cód.	Título	Tempo	TE*	Síntese da abordagem
JN173	CONGRESSO MANIFESTAÇÕES	03:40	RP	Congresso faz mutirão para atender às manifestações.
JN174	PLEBISCITO DILMA	04:40	RP	Reportagem sintetiza discussões sobre a reforma política em Brasília.
JN175	PLEBISCITO JURISTAS	05:00	RP	Reportagem explica reforma política proposta pela presidenta.
JN176	PASSE LIVRE GO	00:25	NS	Governador de Goiás institui passe livre para estudantes.
JN177	POSSE BARROSO	01:00	NC	Luis Roberto Barroso toma posse no STF.
JN178	MANIFESTAÇÃO PA	00:45	LV	Manifestantes estão em frente à prefeitura em Belém.
JN179	MANIFESTAÇÃO BH 1	01:50	RP	Síntese das manifestações do dia em Belo Horizonte.
JN180	MANIFESTAÇÃO BH 2	02:00	RP	Manifestantes não cumprem acordo com governador em Belo Horizonte.
JN181	MANIFESTAÇÃO BH 3	01:10	LV	Atualização das manifestações em Belo Horizonte.
JN182	MANIFESTAÇÃO BSB	01:50	RP	Síntese das manifestações do dia em Brasília.
JN183	MANIFESTAÇÃO BSB 2	00:40	LV	Atualização das manifestações em Brasília.
JN184	MANIFESTAÇÃO CUIABÁ	00:20	NC	Síntese das manifestações em Cuiabá.
JN185	MANIFESTAÇÃO ES	00:25	NC	Síntese das manifestações em Vitória.
JN186	MANIFESTAÇÃO AP	00:20	NC	Síntese das manifestações em Macapá.
JN187	MANIFESTAÇÃO AM	00:25	NC	Síntese das manifestações em Manaus.
JN188	MANIFESTAÇÃO TO	00:15	NC	Síntese das manifestações em Palmas.
JN189	MANIFESTAÇÃO RE	00:20	NC	Síntese das manifestações em Recife.
JN190	MANIFESTAÇÃO BSB 3	00:50	LV	Atualização das manifestações em Brasília.
JN191	MANIFESTAÇÃO RO	00:20	NC	Síntese das manifestações em Porto Velho.
JN192	MARÉ	02:55	RP	Atualização das informações sobre tiroteio na Maré.
JN193	TRANSPORTE SP	00:25	NS	Prefeitura de São Paulo cancelou licitação para o transporte público.

JN194	BOATE KISS	02:10	RP	Manifestantes ocupam Câmara Municipal de Santa Maria.
JN195	MAIS MÉDICOS	00:30	NS	Associações médicas criticam proposta do governo de contratar profissionais estrangeiros.
Total de vídeos: 23 (32:15)				
VÍDEOS SOBRE OUTROS TEMAS				
Cód.	Título	Tempo	TE*	Síntese da abordagem
JN196	CHUVAS PR	00:25	NC	Chuva provoca estragos no Paraná.
JN197	CASAMENTO IGUALITÁRIO EUA	01:10	RP	Suprema Corte americana reconhece casamento igualitário nos EUA.
JN198	SELEÇÃO BRASIL 1	02:40	RP	Seleção brasileira vence seleção uruguaia na semifinal da Copa das Confederações.
JN199	SELEÇÃO BRASIL 2	01:50	RP	Jogadores e técnico comentam jogo da seleção.
JN200	SELEÇÃO BRASIL 3	02:40	RP	Síntese do jogo da seleção contra o Uruguai.
JN201	SELEÇÃO ESPANHA	01:30	RP	Espanha e Itália se preparam para semifinal da Copa das Confederações.
JN202	DONADON	03:50	RP	Deputado Nathan Donadon (PMDB-RO) é condenado à prisão por corrupção.
Total de vídeos: 7 (14:05)				
TOTAL DE VÍDEOS DA EDIÇÃO: 31 (46:20)				

*TE – Tratamento Editorial, conforme descrição no Capítulo 3: RP – reportagem; LV – *link* ao vivo; LP – lapada; NS – nota simples; NC – nota coberta; EN – entrevista; CM – comentário; FP – fala-povo; CH – chamada; RS – resumo; PT – previsão do tempo; ES – especial.

A cobertura dos protestos continua: em *links* ao vivo de Belém (JN178) e Belo Horizonte (JN181); em duas reportagens também sobre Belo Horizonte, uma sintetizando as manifestações e outra relatando que um grupo de “vândalos” não cumprira um acordo realizado entre representantes do Comitê Popular dos Atingidos pela Copa e o governo de Minas Gerais e ultrapassara o perímetro de segurança em torno do estádio Mineirão, onde acontecia o jogo Brasil vs. Uruguai, pela Copa das Confederações; em reportagem sobre as manifestações do dia em Brasília (JN182), com atualização da situação via dois *links* ao vivo (JN183 e JN190); e várias notas cobertas sobre os protestos em Cuiabá (JN184), Vitória (JN185), Macapá (JN186), Manaus (JN187), Palmas (JN188), Recife (JN189) e Porto Velho (JN191).

Uma reportagem mostrou também uma manifestação promovida por estudantes na cidade de Santa Maria, no Rio Grande do Sul, que protestavam em função de denúncias envolvendo a relatora da Comissão Parlamentar de Inquérito que apurava as responsabilidades do incêndio ocorrido na Boate Kiss, no final de janeiro daquele ano, onde morreram mais de 200 pessoas (JN194). Uma gravação divulgada na mídia revelou que haveria a tentativa de blindar autoridades públicas, em especial o então prefeito de Santa Maria, Cezar Schirmer. Indignadas, 200 pessoas, em sua maioria jovens, ocuparam o plenário da Câmara Municipal da cidade em pleno auge das manifestações no restante do país.

Quanto às ações do poder público em relação às manifestações, houve uma reportagem tratando das medidas do Congresso para atender às demandas dos manifestantes (JN173); duas reportagens discutindo a proposta de plebiscito para a reforma política, uma sintetizando as discussões do dia em Brasília (JN174) e outra aprofundando o assunto através da opinião de juristas (JN176); e por fim uma nota simples, que repercutiu a opinião das associações médicas, contrárias à contratação de profissionais estrangeiros, proposta pelo governo federal em resposta às demandas da área da saúde (JN195).

Duas outras notas simples anunciaram medidas de governanças locais. A primeira informou que o governo de Goiás instituiria o passe livre no transporte público para os estudantes do estado (JN176) e outra que a prefeitura de São Paulo havia cancelado as licitações previstas para o transporte público, além de criar um Conselho Municipal de Transporte com a participação de movimentos sociais, a fim de analisar a situação da mobilidade urbana na cidade.

Uma reportagem (JN192) deu seguimento à cobertura do assassinato de dez pessoas após manifestação no complexo de favelas da Maré. Associações de moradores, Anistia Internacional e Polícia pronunciaram-se sobre o caso.

Finalmente, uma reportagem mostrou a posse de Luis Roberto Barroso como novo ministro do Supremo Tribunal Federal (JN177). Ao final do vídeo, o ministro declarou que via as manifestações como algo “positivo” e “construtivo”, que certamente faria bem ao país.

Sete vídeos foram registrados sobre outros temas que não as manifestações, com destaque para o esporte, com quatro vídeos sobre a Copa das Confederações (JN198, JN199, JN200 e JN201), além de uma notícia internacional (JN196) e de uma nota coberta sobre a situação das chuvas no Paraná (JN196).

Por fim, uma reportagem informou que o deputado federal Nathan Donadon (PMDB-RO), condenado por peculato, teve a prisão decretada pelo STF, tornando-se o primeiro deputado a ser preso desde a redemocratização política (JN202). Embora a decisão histórica tenha feito parte do ambiente de ebulição social e política das manifestações, não é estabelecida nenhuma relação de causa e consequência entre o fato e as manifestações por parte do telejornal, o que justifica

o fato do vídeo não ter sido incluído naqueles considerados parte da cobertura das manifestações.

A edição do *Jornal Nacional* do dia 26 foi semelhante às anteriores, dedicando vários vídeos à cobertura ao vivo dos atos em Brasília e Belo Horizonte, onde a manifestação aconteceu em concomitância com um jogo da seleção brasileira de futebol. A cobertura das ações do poder público também seguiu o padrão dos dias anteriores, aprofundando ainda mais a questão do plebiscito para a reforma política.

A questão de Santa Maria traz mais uma nuance das manifestações. O que parece uma causa diferente das até então apresentadas, porém, refere-se mais à suposta corrupção por parte dos parlamentares responsáveis pela apuração de responsabilidades do que ao evento em si, já seis meses após a tragédia. A ocupação da Câmara de Vereadores da cidade marca o encontro de dois grandes acontecimentos públicos (incêndio e manifestações) unidos por um de seus mais relevantes aspectos, que é exatamente a tematização de questões de interesse coletivo. No caso, ambos os acontecimentos agendavam a discussão sobre a responsabilidade e a ética na administração pública.

Por fim, a fala do ministro Barroso, recém-empossado sobre as manifestações, reflete exatamente este poder do acontecimento público e esta necessidade da política – e do STF, como poder político – de responder às problematizações impostas pelo acontecimento, tanto quanto o Governo e o Parlamento. O Judiciário, no caso, não tem a prerrogativa de agir senão quando provocado, pelo devido processo legal, mas, como em outros momentos da cobertura, é chamado a opinar sobre os acontecimentos, pois se espera dos ministros um posicionamento sobre os fatos enquanto representantes do estado.

Foram selecionados para a análise em profundidade os vídeos de código JN174 e JN181.

a) JN174 – A viabilidade da reforma política

Nesta reportagem, mais uma vez, é aprofundada a discussão sobre a reforma política. Prossegue discussão sobre o plebiscito, com ênfase na opinião dos especialistas em direito. Afinal, é verdade ou não o que propõe o Governo? A

medida é plausível? É possível? Há alguma chance de ser colocada em prática? Ou é tergiversação, para administrar a crise?

Apresenta-se uma explicação detalhada e didática sobre o que é e do que trata a reforma política, bem como o que pode mudar. Imagens genéricas de arquivo de símbolos da política (Brasília, a bandeira nacional) ilustram a reportagem explicativa, exceção no conjunto dos vídeos analisados.

Questiona-se a viabilidade da reforma. Há pouco tempo, se a intenção for fazer valer as novas regras nas próximas eleições. A informação principal é de que os juristas divergem sobre as formas de colocá-la em prática: emenda, plebiscito, constituinte. Divergem inclusive sobre a suposta obrigatoriedade do Estado de acatar uma decisão do hipotético plebiscito, porque este dever não estaria expresso na Constituição. Coloca-se em dúvida a eficácia do plebiscito enquanto forma de resolver o problema.

O ex-ministro do STF, Carlos Ayres Britto, afirma que o plebiscito precisa ser pragmático – é preciso “claridade do sol nordestino a pino”. Segundo ele, as questões do plebiscito precisam ser “perguntas sobre vida vivida, experimentada pelo povo, e não perguntas teóricas, correspondentes a uma vida pensada, uma vida conceituada”. Será que é instrumento adequado? Não seria o referendo, que significa, na prática, que o Congresso deveria propor a reforma que considera mais adequada e, depois, pedir a chancela do povo?

b) JN181 – Vândalos *versus* manifestantes em MG

Neste último *link* ao vivo analisado, a repórter mostra a situação de novas manifestações em Belo Horizonte, no mesmo dia em que o Brasil joga contra a seleção do Uruguai no Mineirão, pela Copa das Confederações. A situação, segundo ela, já está controlada.

Nas imagens, há fogo, que destrói a propriedade privada. Há também flashes e ruídos, que colaboram para a construção de uma atmosfera de confusão e violência, que teria prevalecido há poucos instantes. Segundo ela, 24 pessoas foram presas pelo vandalismo e porte de material explosivo.

O governo de Minas Gerais diz que 5 mil policiais atuaram para garantir segurança dos manifestantes pacíficos e dos 60 mil torcedores de Brasil e Uruguai. Isto demonstra a prioridade do governo em dizer que está cuidando da segurança e que controlou a situação. Novamente, há a nítida separação entre os manifestantes, cuja ação é legítima, e os criminosos, contra quem devem ser protegidos. Não há mais muita informação e o clímax dos eventos já parece ter chegado ao fim.

5.2 ESPETÁCULO DAS RUAS E POLEMIZAÇÃO DA POLÍTICA

No geral, o tratamento editorial do JN privilegia os fatos, com predomínio do formato “ao vivo” a partir das principais cidades do país. A cobertura do telejornal é factual, e em certo sentido pragmática, ao dar ênfase aos eventos, procurando, sempre que possível, mostrar o acontecimento tal qual se desenrolava em frente às câmeras, e mostrar as consequências imediatas das manifestações, desde o trânsito parado até o saldo da violência. Os temas abstratos, as grandes questões públicas que o acontecimento suscita, só fazem parte da cobertura a partir da guerra de versões entre atores políticos rivais, contrabalanceadas pela voz de especialistas, a partir de uma proposição concreta (plebiscito da reforma política), com efeitos potenciais para o processo eleitoral que se avizinhava.

Numa cobertura marcada pelo realismo, o que se sobressai é a emoção e o potencial espetacularizante das imagens. Nesse sentido, a edição do dia 20 é bastante significativa. O telejornal é englobado pelos fatos, passando a fazer parte deles (a edição histórica do telejornal também faz parte do acontecimento), ao mesmo tempo em que ajuda a construí-los, emoldurá-los e compreendê-los, sempre pelo aspecto impactante do que é mostrado. Pode-se levantar a hipótese de que é esta sempre a relação do jornalismo com o acontecimento, normalmente disfarçada pela rigidez dos formatos e rotinas de produção, mas desnaturalizada na fluidez desta cobertura, realizada “ao sabor dos acontecimentos”.

Neste caso, é a cobertura em si, mais do que os próprios fatos, que adquire relevância. Os jornalistas, repórteres e apresentadores se tornam parte daquilo que cobrem. A narrativa é em primeira pessoa. O que os mediadores veem é o que o telejornal tem de melhor para oferecer a seu público, em um momento escasso de

respostas que expliquem o sentido daquilo que acontece, pelo menos da maneira simplificada e rápida de que necessita o jornalismo em geral e o telejornalismo em particular em matéria de discurso. Sem o texto editado, construído para domá-las, as imagens podem assumir qualquer sentido, inclusive significados contraditórios. De fato, as contradições e oposições são abundantes no ao vivo. Há falta de clareza e firmeza nas descrições (“parece que entram”; “parece que foram eles”; “não dá para ter certeza”). Palavras e imagens também se contradizem: os manifestantes são violentos, mas oferecem flores aos policiais na imagem e a polícia leva um enfermo para o hospital no porta-malas da viatura, no lugar dos criminosos.

Ainda relacionado a uma ideia de factualidade, ressalta-se a cobertura intensa da Copa das Confederações, que não desaparece nem nos dias mais críticos das manifestações, quando todas as outras pautas são derrubadas. O torneio mundial foi sediado no Brasil, transmitido exclusivamente pela *TV Globo* e teve como vitoriosa a Seleção Brasileira, justo em meio à efervescência das ruas. São muitas as hipóteses para isto. A proximidade dos jogos, a dimensão do torneio, ou a relevância do futebol como parte do imaginário e da representação de uma identidade brasileira. A relação dos protestos com a Copa das Confederações na cobertura jornalística excede a capacidade de análise deste trabalho. Cabe apenas o registro de que este torneio, na cobertura jornalística realizada pelo *Jornal Nacional*, teve relevância não exatamente igual à das manifestações, que predominaram, mas com certeza acima dos demais temas abordados. No fim da competição, o Brasil, da política derrotada, saiu vitorioso no esporte nacional. Além do esporte, foram objeto da cobertura, nos dias analisados, as seguintes temáticas: economia, internacional, política, polícia e meteorologia.

De maneira geral, nos enquadramentos, os sujeitos em torno dos quais se constroem os enquadramentos são os protagonistas/antagonistas dos dramas e conflitos ensejados. Nas ruas, o conflito se dá entre manifestantes e políticos, manifestantes e policiais, ou entre os manifestantes e o conjunto da sociedade, no momento em que há atos de depredação. No plano da política, acionado a fim de responder às ruas, os tensionamentos se dão entre os poderes do estado, uns contra os outros, entre governo e oposição, e entre especialistas cujas opiniões – e matrizes ideológicas – divergem a respeito das propostas de governo.

No plano dos protestos, isto é, em relação ao que acontece nas ruas, predominam os sentidos de violência, nas imagens, compostas de luzes e cores escuras e ambiências confusas e caóticas, articuladas às denominações e qualificações negativas construídas nos textos. Demarca-se firmemente a oposição entre “manifestantes”, a “maioria pacífica”, e os “vândalos” ou “baderneiros”, que “provocam” e entram em “conflito”, causam “confusão” e promovem “arruaça”.

Os manifestantes, num primeiro momento, “bloqueiam avenidas”, “confrontam a polícia”, “danificam o patrimônio” e “vão presos”. São organizados em movimentos, com representantes políticos e legais (“advogados do movimento”). A partir do momento em que passa a predominar a dicotomia “manifestantes x vândalos”, os primeiros se tornam “pacíficos” e “tranquilos”, enquanto os últimos são “violentos”, “criminosos”, “bandidos oportunistas”, que invadem prédios, destroem, explodem, provocam terror, roubam e celebram a destruição. Cogita-se, inclusive, a relação deles com traficantes. Assim, fica assegurada a legitimidade dos discursos de violência, apoiado pelas imagens escuras, sombrias e confusas – e que não mentem? – mesmo quando o acontecimento se torna massivo e milhões aderem às minorias que antes protestavam sozinhas. Garante-se também um nível de radicalidade: ao diferenciar o vândalo do cidadão, no exercício do direito de protestar, pode-se de julgar moralmente o primeiro com mais liberdade e rechaçar seu comportamento com todo o vigor.

A polícia não é completamente imune, porém, de culpa pelos atos violentos. A princípio, a instituição nega a violência, contradizendo inclusive as imagens. Mas, no momento em que as denúncias são legitimadas – também por imagens, desta vez gravadas por cidadãos anônimos e publicadas na internet –, as autoridades policiais prometem averiguar os motivos do excesso. O texto dos mediadores, por sua vez, justifica e ameniza a repercussão negativa da ação da polícia (os vândalos obrigam a polícia a reagir – ainda que haja equívocos, a ação é justificada). O papel dos policiais na cobertura é, assim, também contraditório. Apesar da violência da repressão, a polícia protege o patrimônio público e privado e a integridade dos indivíduos de fora da manifestação, e também aqueles que participam pacificamente dela, aparecendo muitas vezes como única fonte – e portanto única voz – das reportagens que sintetizam os protestos.

Quanto à cobertura das ações do poder público, o sentido que prevalece é o de disputa. A partir da compreensão das manifestações enquanto espécie de crise institucional que tensiona especialmente a sociedade e o Poder Executivo (nos três níveis), verifica-se na cobertura uma disputa em torno das ações propostas especialmente pelo Governo Federal. Os pactos apresentados pela presidenta Dilma envolvem saúde, educação, transporte, responsabilidade fiscal e reforma política, mas apenas o último é escolhido para ser aprofundado exhaustivamente. A discussão em torno dele se torna “polemizada”. No legislativo, oposição e aliados da presidenta comentam o tema, tecem considerações, concordam ou discordam das soluções esboçadas pelo governo. O judiciário e os especialistas do direito são chamados a avaliar, opinar e julgar a viabilidade dos pactos. Eles se contradizem e não chegam a um acordo. A interpretação da lei também está em disputa.

A discussão é delineada nos seguintes termos: a reforma deve ser feita em formato de plebiscito (o povo decide), emenda constitucional (o Congresso decide) ou constituinte (convoca-se um novo Congresso para decidir)? De qualquer modo, a reforma é viável? É desejável? Por que, entre todos os temas que atravessaram as manifestações, é este o eleito para receber mais destaque durante toda a cobertura? Novamente o factual parece prevalecer, por ser esta a medida mais impactante e mais urgente a ser discutida, a poucos meses do fim do prazo para modificações na lei eleitoral para que existam efeitos nas eleições do ano seguinte. É, da mesma forma, uma das medidas que carregam maior potencial de conflito, se comparada a temas mais abstratos e universais, como melhorias na saúde, educação e transporte. Não por acaso, é também a que mais diretamente altera as dinâmicas do poder político e, portanto, interessa de modo mais imediato aos atores mais poderosos da sociedade.

Os dados levantados até aqui permitem identificar alguns sentidos e características das manifestações no *Jornal Nacional*. Pode-se afirmar que a totalidade da cobertura é marcada principalmente pelo factual no tratamento das questões, pelo espetáculo e pelos sentidos de violência no tratamento dos protestos e de polemização no que diz respeito às das disputas de poder. Enquanto as vozes e fontes das reportagens constituem os sujeitos que entram em conflito de versões, os subtemas da cobertura apontam as causas e as consequências atribuídas aos eventos (aumento da tarifa de transporte público, vandalismo, PEC 37, reforma

política), mas sobretudo sob o ponto de vista das disputas políticas que ensejam. A relevância destes enquadramentos para a compreensão das manifestações tem a ver com o alcance do telejornal, carro-chefe do jornalismo da maior emissora do país em cobertura e audiência.

6 JUNHO DE 2013 NO REPÓRTER BRASIL (RB)

O *Repórter Brasil* dedicou tempo significativo à cobertura dos protestos de 2013. O telejornal tratou das manifestações em reportagens, *links* ao vivo, notas e também em entrevistas, comentários e pelo menos um quadro especial, além de dedicar uma série de reportagens aos temas que estariam por trás das reivindicações das ruas. Assim como no caso do *Jornal Nacional*, a análise da cobertura considerou os protestos e também as suas consequências políticas, em consonância com o conceito de acontecimento público que sustenta estas análises.

Tabela 3 – Vídeos do *Repórter Brasil* (RB) por temas.

	13/06/13	20/06/13	21/06/13	22/06/13	24/06/13	25/06/13	26/06/13	TOTAL
MANIFESTAÇÕES	3	19	10	3	1	3	6	45
TEMAS RELACIONADOS								
Ações do Governo Federal	-	-	2	1	6	-	1	10
Ações do Congresso	-	-	-	-	-	4	2	6
Ações dos Governos Estaduais	-	-	-	-	-	1	-	1
Ações das Prefeituras	-	1	-	-	-	1	-	2
Reforma Política	-	-	-	-	4	1	1	6
Saúde	-	-	-	-	-	2	-	2
Mais Médicos	-	-	-	-	-	3	1	4
Educação	-	-	-	-	-	-	2	2
Mobilidade Urbana	-	-	3	-	2	-	-	5
“Cura gay”	-	-	-	-	-	-	1	1
PEC 37	-	-	-	-	1	-	-	1
Royalties do Petróleo	-	-	-	-	-	-	3	3
OUTROS TEMAS	20	12	13	11	12	15	10	93
TOTAL	23	32	28	15	26	30	27	181

Como mostra a Tabela 3, O *Repórter Brasil*, em todos os dias selecionados para análise, publicou 45 vídeos sobre eventos nas ruas; 10 vídeos sobre ações do governo federal; 6 sobre ações do Congresso; 1 sobre ações de governos estaduais; 2 sobre ações de prefeituras; 6 sobre a reforma política; 2 sobre o tema saúde (discussões a respeito da saúde pública no Brasil); 4 sobre o programa Mais Médicos, anunciado pela Presidência como parte do pacote de medidas em resposta às manifestações; 2 sobre o tema educação; 5 sobre o tema mobilidade urbana; 1

sobre o projeto de lei que ficou conhecido como “cura gay”; 1 sobre a PEC 37; e 1 sobre a destinação dos royalties do petróleo.

Foi uma cobertura abrangente, que tratou de aspectos distintos das manifestações com profundidade semelhante. Caracterizou-se também por manter em todas as edições a cobertura cotidiana dos outros temas que não os relacionados com as manifestações e por tratar destas últimas sob um viés mais analítico.

6.1 A COBERTURA DAS MANIFESTAÇÕES DIA A DIA NO RB

As edições do *Repórter Brasil* dos dias 13, 20, 21, 22, 24, 25 e 26 de junho foram analisadas uma a uma. À medida que os fatos relacionados às manifestações foram se desenvolvendo, as pautas do telejornal foram se deslocando dos acontecimentos em si para suas causas e consequências. Assim como foi feito com o *Jornal Nacional*, a cobertura do *Repórter Brasil* foi analisada primeiro em conjunto e, depois, em profundidade, tendo como base as matérias selecionadas segundo o tipo de tratamento editorial (reportagens e *links* ao vivo) e tempo de duração (as mais longas, dentro destas duas categorias), como explicado no Capítulo 4.

6.1.1 Dia 13/06/2013 – Destaque para os protestos em São Paulo

Neste dia, um ato com mais de cinco mil participantes em São Paulo acabou com violenta repressão policial. Mais de duzentas pessoas foram detidas e dezenas ficam feridas, incluindo jornalistas que cobriam o protesto. Na edição do *Repórter Brasil* correspondente, foram registrados 23 vídeos: três sobre manifestações e 20 sobre outros temas.

Quadro 11 – Classificação dos vídeos do *Repórter Brasil* em 13/06/2013.

REPÓRTER BRASIL – DIA 13/06/2013				
VÍDEOS SOBRE MANIFESTAÇÕES E ASSUNTOS RELACIONADOS				
Cód	Título	Tempo	TE*	Síntese da abordagem
RB001	MANIFESTAÇÕES RJ	00:40	RP	Resumo da manifestação no Rio de Janeiro.
RB002	MANIFESTAÇÕES SP1	02:00	LV	Atualização das manifestações em São Paulo.
RB003	MANIFESTAÇÕES SP2	01:30	RP	Resumo das manifestações em São Paulo.
Total de vídeos: 3 (04:30)				
VÍDEOS SOBRE OUTROS TEMAS				
Cód	Título	Tempo	TE*	Síntese da abordagem
RB004	TREM BUENOS AIRES	01:25	LP	Síntese do noticiário internacional.

RB005	ATENTADO ARGENTINA	02:05	RP	Consequências das eleições iranianas na Argentina.
RB006	CASAMENTO COLETIVO	01:55	RP	Casamento coletivo é realizado em Campina Grande, na Paraíba.
RB007	SANTO ANTÔNIO	01:00	LP	Síntese das comemorações de Santa Antônio em várias cidades do país.
RB008	ELEIÇÕES IRÃ 1	01:10	NC	Iranianos escolhem novo presidente.
RB009	ELEIÇÕES IRÃ 2	02:30	NC	Quadro "Repórter Brasil Explica" explica como funcionam as eleições no Irã.
RB010	EXPLOÇÃO BAIXADA	02:10	RP	Reportagem explica cuidados com gás veicular após explosão na Baixada Fluminense, no RJ.
RB011	FERNANDO PESSOA 1	01:00	ES	Poema de Fernando Pessoa em comemoração aos 125 anos do nascimento do escritor.
RB012	FERNANDO PESSOA 2	01:00	ES	Poema de Fernando Pessoa em comemoração aos 125 anos do nascimento do escritor.
RB013	FERNANDO PESSOA 3	01:00	ES	Poema de Fernando Pessoa em comemoração aos 125 anos do nascimento do escritor.
RB014	FRAUDE ETANOL	01:35	LP	Polícia prende responsáveis por esquema em venda de etanol na BA e outras notícias locais.
RB015	GABINETE PORTUGUÊS	01:40	RP	Projetos sobre língua portuguesa são inaugurados na BA.
RB016	GENES EUA	00:40	LP	Síntese do noticiário internacional.
RB017	GREVE TREM SP	02:40	RP	Metroviários fazem greve em SP.
RB018	CANUDOS	02:10	RP	Quadro "Outro Olhar" mostra moda das sombrinhas em Canudos, na BA.
RB019	CUPOM FISCAL	00:20	NS	Lei obriga informação dos impostos em notas fiscais.
RB020	GORJETA	02:55	RP	Projeto de lei regulamenta gorjetas.
RB021	LEI INFORMAÇÃO	02:00	RP	Projeto na internet promove Lei de Acesso à Informação.
RB022	ÍNDIOS MUNDURUKU	02:20	RP	Índios voltam ao Pará após ocupação em Brasília.
RB023	SÍRIA	00:15	NS	EUA afirma que Síria usou armas químicas contra rebeldes.
Total de vídeos: 20 (31:50)				
TOTAL DE VÍDEOS DA EDIÇÃO: 23 (36:20)				

*TE – Tratamento Editorial, conforme descrição no Capítulo 3: RP – reportagem; LV – *link* ao vivo; LP – lapada; NS – nota simples; NC – nota coberta; EN – entrevista; CM – comentário; FP – fala-povo; CH – chamada; RS – resumo; PT – previsão do tempo; ES – especial.

Sobre as manifestações foi realizada a cobertura dos eventos do Rio de Janeiro (RB001) e de São Paulo (RB002 e RB003). São Paulo aparece com uma reportagem completa e um *link* ao vivo, totalizando três minutos e meio. Enquanto o *link* atualiza as informações após os eventos da noite, que terminaram em conflito, a reportagem questiona o aumento de passagens e mostra a intransigência dos governos municipal e estadual, mesmo diante da tentativa de mediação por parte do Ministério Público.

Sobre o Rio de Janeiro, há apenas uma nota, com menos de um minuto. Há uma ênfase na cobertura das manifestações em São Paulo, onde aconteceu o maior e mais violento protesto do dia. A cobertura das manifestações é pequena relativamente ao tempo de duração do telejornal, de uma hora.

Os outros temas abordados na edição incluem noticiário internacional, polícia, cultura (poemas de Fernando Pessoa), comportamento, serviço e questão indígena, como segue: seis vídeos sobre o noticiário internacional (RB004, RB005, RB008, RB009, RB016, RB023); três reportagens explicando as novidades introduzidas por

três novas leis regulando a emissão de cupons fiscais e gorjetas, além de um portal sobre a Lei de Acesso à Informação (RB019, RB020, RB021); generalidades locais, como a moda das sombrinhas para se proteger do sol em Canudos, no interior da Bahia (RB018), uma operação policial (RB014) e a inauguração de um projeto cultural sobre a língua portuguesa (RB015), ambos também na Bahia; um casamento coletivo na Paraíba, em homenagem ao dia de Santo Antônio (RB006), bem como as homenagens ao santo em diversas outras cidades do país (RB007); uma suíte sobre explosões de gasodutos no Rio de Janeiro, explicando as especificidades de segurança do gás encanado (RB010); uma reportagem sobre a situação dos índios Munduruku do Pará (RB022); uma reportagem sobre a greve dos metroviários em São Paulo, sem, contudo, fazer qualquer relação com as manifestações (RB017) e poemas de Fernando Pessoa veiculados no fim de cada bloco, antes dos intervalos, e no final do telejornal (RB011, RB012, RB013).

Os vídeos selecionados para análise em profundidade foram os códigos RB002 e RB003.

a) RB002 – Confronto em SP

Neste *link* ao vivo, os atos são referidos como protestos na cabeça e como manifestações pela repórter, e são causados pelo aumento das tarifas de transporte público em São Paulo. No decorrer do vídeo, estas manifestações ou protestos se transformam em confronto.

A manifestação é, em primeiro lugar, de grande dimensão. A reportagem informa que estiveram presentes cinco mil pessoas. Também é violenta. Há imagens de policiais com capacetes, escudos, cassetetes, todos objetos que remetem à agressividade, ao poder de violência exercido pelo estado, ou à proteção, do policial e da sociedade que ele protege, contra a violência causada por outro agente. De qualquer forma, violência. Há viaturas em movimento e pessoas discutindo com policiais. Em determinado momento, a repórter se refere às ruas da cidade como “um cenário de guerra”.

As manifestações também são confusas. As imagens são escuras e pouco nítidas. Há fumaça e corre-corre. As cenas são descritas pela repórter como “uma confusão muito grande”, e, na Avenida Paulista, para onde estariam se dirigindo os

manifestantes em determinado momento, “também há muita confusão”. O confronto acontece porque os manifestantes desobedecem a “recomendação” da polícia de não seguir até a Avenida Paulista. A polícia “recomenda”, e, quando os “manifestantes” não seguem sua recomendação, ela “reage”. Como consequência de decidirem seguir até a Avenida Paulista, os manifestantes recebem bombas de gás lacrimogêneo e balas de borracha.

Os manifestantes então “partem para o enfrentamento”, “entram em conflito”, desafiam os policiais sobre cavalos sem nenhuma proteção, incendeiam ônibus. Alguns deles são presos e por fim se dispersam, embora também haja a informação de que eles se dirigiam à Avenida Paulista, onde a polícia os aguardava.

Já os policiais, após reagir contra a desobediência dos manifestantes, “perdem o foco” à medida que estes se dispersam, mas os aguardam novamente na Avenida Paulista. A ação da polícia é, assim, justificada pela ação dos manifestantes, mas parece desproporcional e desastrada, pois fora de controle. Os manifestantes, que em princípio apenas protestam contra o aumento da tarifa, descumprem a recomendação da polícia, e se tornam violentos em contrarreação à atitude dos policiais. A queima dos ônibus é secundária em relação a sua desobediência.

b) RB003 – Protestos em SP explicados

Esse vídeo trata das manifestações em São Paulo. Ambas as palavras são utilizadas para se referir aos fatos. É realizado um balanço das prisões ocorridas nos protestos nos dias anteriores na primeira metade da reportagem, e aprofundada a discussão sobre a causa atribuída a eles: o aumento das tarifas de transporte público.

Essas manifestações/protestos são duramente reprimidas. Há prisões às “dezenas”. A polícia está envolvida, há estouros e disparos de rojão. Pessoas são agredidas, inclusive clandestinamente, ideia reforçada pela estética amadora da filmagem que mostra, também segundo o texto, policiais agredindo um homem, o jornalista Pedro Ribeiro Nogueira. De fato, ainda que os presos tenham sido os manifestantes, os policiais são os únicos que aparecem cometendo um ato explícito de violência.

As manifestações têm, aqui, uma causa muito clara: a questão do transporte público. A repórter esclarece que, embora as autoridades justifiquem o aumento, dizendo que o índice de reajuste está abaixo da inflação, se consideradas as últimas duas décadas, o preço da passagem subiu muito mais do que a inflação. Isto é, é legítima a discussão sobre o aumento da passagem e há pelo menos dois lados a serem ouvidos nesta questão.

Os sujeitos deste acontecimento são os manifestantes e os policiais, mas também os jornalistas e as instituições públicas (Ministério Público, Governo do Estado de São Paulo e Prefeitura de São Paulo). Os manifestantes saem às ruas para protestar. São principalmente contra o aumento, mas também reclamam, em seus cartazes, da violência e do governador. Também nos cartazes, rejeitam um suposto rótulo de “vândalos” e xingam, em letras maiúsculas: “VÂNDALO É A MÃE”. Têm representantes e compõem um “movimento que quer redução da tarifa”. Estão dispostos a negociar e prometeram o fim dos protestos caso fosse suspenso o aumento, ainda que temporariamente. Nas imagens de uma audiência pública, aparecem jovens e estão caracterizados com camisetas vermelhas com símbolos políticos de esquerda, em contraposição a seus interlocutores, mais velhos e vestidos formalmente.

Os policiais, por sua vez, agridem e prendem um jornalista em serviço. A força que usam é desproporcional – vários deles batem em um homem sozinho e desarmado.

O jornalista Pedro Ribeiro Nogueira, que sofre com a agressão da polícia, não tem rosto. Sua única representação visual na reportagem é um vulto escuro que apanha da polícia. Ele sofre injustamente. Identifica-se como jornalista em serviço, fazendo a cobertura das manifestações, e tenta apenas “ajudar” outras pessoas. Mesmo assim, apanha de vários policiais, é acusado de crimes inafiançáveis e é preso. O final da história é um pouco menos sombrio. A nota-pé informa que ele conseguiu o direito de pagar fiança e será solto no dia seguinte. A ONG em que trabalha, Portal Jovem Aprendiz, através de sua diretora, expressa a indignação dos jornalistas: “o jornalista tem que ser protegido nestas situações. O jornalista está lá para relatar à sociedade o que ele vê, o que está acontecendo, e ele tem que ser protegido. Não pode ser autuado”.

Entre as instituições públicas, o Ministério Público se destaca por sua postura conciliatória. Encaminha proposta, busca acordo, realiza audiências públicas para debater a questão com governo estadual e municipal e manifestantes. Mas não é bem sucedido.

A tentativa de acordo falha por causa da intransigência do Governo e da Prefeitura de São Paulo. O governador “descarta” a suspensão do reajuste; o prefeito “afirma que não vai atender ao pedido do Ministério Público”. Ambos argumentam a seu favor que o reajuste foi abaixo da inflação. Entretanto, este argumento foi refutado pela própria reportagem.

6.1.2 Dia 20/06/2013 – Pontos positivos e negativos

Neste dia, atos em mais de 130 cidades do país somaram mais de 1,4 milhão de pessoas, totalizando o maior número de manifestantes reunidos de uma só vez durante todo o período das manifestações. No *Repórter Brasil* correspondente a esta data, foram registrados 22 vídeos, 20 sobre as manifestações e temas relacionados e 12 sobre outros temas.

Quadro 12 – Classificação dos vídeos do Repórter Brasil em 20/06/2013.

REPÓRTER BRASIL – DIA 20/06/2013				
VÍDEOS SOBRE MANIFESTAÇÕES E ASSUNTOS RELACIONADOS				
Cód	Título	Tempo	TE*	Síntese da abordagem
RB024	DEBATE MANIFESTAÇÕES	10:10	EN	Entrevista com historiador Yuri Franco e socióloga Maria Carloto.
RB025	DILMA VIAGEM	01:30	LV	Repórter informa que Dilma cancelou viagens e que manifestação continua em Brasília.
RB026	MANIFESTAÇÕES BSB 1	01:50	LV	Manifestação continua em Brasília.
RB027	MANIFESTAÇÕES BSB 3	01:40	RP	Resumo das manifestações durante o dia em Brasília.
RB028	MANIFESTAÇÕES BSB 2	01:00	LV	Atualização das manifestações em Brasília.
RB029	MANIFESTAÇÕES RIO	00:55	LV	Atualização da manifestação no Rio de Janeiro.
RB030	MANIFESTAÇÕES RIO 2	01:15	RP	Resumo das manifestações durante o dia no Rio de Janeiro.
RB031	MANIFESTAÇÕES SP 1	01:30	LV	Manifestação acontece em São Paulo.
RB032	MANIFESTAÇÕES SP 3	01:00	RP	Resumo das manifestações do dia em SP.
RB033	MANIFESTAÇÕES SP 4	01:50	RP	Síntese das manifestações que levaram à redução do preço da passagem em São Paulo.
RB034	MANIFESTAÇÕES SP 2	00:30	LV	Atualização da situação da manifestação em São Paulo.
RB035	MANIFESTAÇÕES SP 5	01:40	RP	Manifestantes falam sobre o que protestam em São Paulo.
RB036	PERGUNTA DO DIA 1	01:00	FP	Transeuntes e usuários de redes sociais respondem o que consideram positivo e negativo nas manifestações.
RB037	PERGUNTA DO DIA 2	00:55	FP	Transeuntes e usuários de redes sociais respondem o que consideram positivo e negativo nas manifestações.
RB038	PERGUNTA DO DIA 3	00:50	FP	Transeuntes e usuários de redes sociais respondem o que consideram positivo e negativo nas manifestações.
RB039	MANIFESTAÇÕES CE E RS	00:30	NS	Situação das manifestações em Fortaleza e Porto Alegre.

RB040	MANIFESTAÇÕES BRASIL	01:40	LP	Resumo das manifestações em vários lugares do país.
RB041	PASSAGEM NITERÓI	01:40	RP	Passagem de ônibus é reduzida após manifestações em Niterói.
RB042	MANIFESTAÇÕES RIO 3	00:50	RP	Medidas de segurança para a Copa das Confederações.
RB043	MANIFESTAÇÕES RIO 4	01:45	RP	Atualização das manifestações no Rio de Janeiro.
Total de vídeos: 20 (34:00)				
VÍDEOS SOBRE OUTROS TEMAS				
Cód	Título	Tempo	TE*	Síntese da abordagem
RB044	COMENTÁRIO MULHERES	02:35	CM	Emir Sader comenta pesquisa sobre violência de gênero.
RB045	QUADRILHAS	01:05	LV	Competição de quadrilhas acontece em Salvador.
RB046	FARC	00:35	NS	Estudo faz balanço da atuação das FARC nos últimos 40 anos.
RB047	FAZENDAS MS	02:00	RP	Governo Federal propõe compra de fazendas em disputa no MS.
RB048	FESTAS JUNINAS	01:25	RP	Reportagem fala sobre comidas típicas das festas juninas.
RB049	FRAUDE ENERGIA	01:50	RP	Polícia civil do MA prende quadrilha que fraudava energia elétrica.
RB050	LEI PARTIDOS	01:55	RP	STF libera andamento de projeto de lei que muda regras para criação de partidos.
RB051	ESTADO LAICO	02:10	RP	ONGs lançam Movimento Estratégico pelo Estado Laico.
RB052	VIOLÊNCIA MULHERES	00:40	NS	Relatório da OMS revela dados sobre violência de gênero no mundo.
RB053	PALESTINA	01:30	LP	Primeiro-ministro palestino renuncia e outras notícias internacionais.
RB054	BOLSAS	02:30	NC	Síntese do dia nas bolsas de valores internacionais.
RB055	SÍRIA	01:05	NC	Síntese do conflito na Síria.
Total de vídeos: 12 (19:20)				
TOTAL DE VÍDEOS DA EDIÇÃO: 32 (53:20)				

*TE – Tratamento Editorial, conforme descrição no Capítulo 3: RP – reportagem; LV – *link* ao vivo; LP – lapada; NS – nota simples; NC – nota coberta; EN – entrevista; CM – comentário; FP – fala-povo; CH – chamada; RS – resumo; PT – previsão do tempo; ES – especial.

Os vídeos sobre as manifestações consistiram em: entrevista com historiador e socióloga sobre as possíveis causas e rumos das manifestações (RB024); três *links* ao vivo de Brasília (RB025, RB026, RB028), dois de São Paulo (RB031 e RB034) e um do Rio de Janeiro (RB029); três reportagens sobre o Rio de Janeiro (RB030, RB042 e RB043); três reportagens sobre São Paulo (RB032, RB033 e RB035); uma reportagem sobre Brasília (RB027); uma sobre Niterói (RB041); uma nota simples sobre as manifestações em Porto Alegre e Fortaleza (RB039); uma lapada sintetizando as manifestações em Salvador, Teresina, Curitiba e Florianópolis; e três vídeos em que se ouviu a opinião da população nas ruas e nas redes sociais sobre as manifestações (RB036, RB037, RB038).

Há quantidade significativa de *links* ao vivo, seis ao todo, mas apenas das três principais cidades do país. Brasília aparece mais ao vivo do que São Paulo, que por sua vez aparece mais ao vivo do que o Rio de Janeiro. Há uma quantidade significativa de reportagens explicando os acontecimentos. Além disso, uma

entrevista de 10 minutos, com dois jovens especialistas, procurou aprofundar o tema das manifestações.

Rio de Janeiro e São Paulo apareceram em três reportagens cada, além de Niterói, cidade vizinha ao Rio de Janeiro, que também apareceu em uma reportagem. Brasília Também aparece em uma. Às demais cidades do país em que houve manifestações, foi dedicada uma nota simples de 30 segundos e uma lapada de menos de dois minutos, sintetizando os acontecimentos em Porto Alegre, Fortaleza, Salvador, Teresina, Curitiba e Florianópolis. Houve, portanto, uma ênfase dos fatos que ocorreram em São Paulo, Brasília e Rio de Janeiro.

Chama atenção o quadro “Pergunta do Dia”, que diariamente faz aos telespectadores questões sobre os temas abordados pelo telejornal, sempre ao fim de cada bloco, e exibe a opinião de pessoas ouvidas nas ruas ao mesmo tempo em que convida os telespectadores usuários de redes sociais a se manifestarem via internet. Neste dia, a pergunta era a seguinte: “O que foi positivo e negativo nestas manifestações?”. Parece uma tentativa do telejornal de ampliar a discussão dos assuntos tratados no programa para outras plataformas. As opiniões ouvidas nas ruas podem não ser muito aprofundadas, mas certamente incentivam que se pense sobre o assunto. O mesmo acontece com as opiniões postadas nas redes sociais e reproduzidas pelo telejornal.

Os outros temas cobertos pelo telejornal que não tiveram relação com as manifestações foram o noticiário internacional, questão de gênero, política, questão agrária e indígena, polícia, laicidade do estado, economia e cultura regional, conforme segue: três vídeos sobre o noticiário internacional (RB046, RB053, RB055); um relatório da OMS sobre a violência contra as mulheres no mundo (RB052), com comentário do sociólogo Emir Sader sobre o assunto (RB044); uma reportagem sobre o projeto de lei que modifica as regras para os partidos políticos (RB050); uma matéria sobre os conflitos entre índios e produtores rurais no interior do Mato Grosso do Sul (RB047); operação contra furto de energia elétrica no Maranhão (RB049); um debate da organização civil sobre a laicidade do estado (RB051); queda das bolsas internacionais (RB054), com comentário de Luís Nassif; e duas matérias sobre as festividades juninas, uma com ênfase nas comidas típicas (RB048) e outra sobre um concurso de quadrilhas na Bahia (RB045).

Os vídeos selecionados para análise em profundidade foram os códigos RB026 e RB033.

a) RB026 – Sombras do conflito em Brasília

Neste *link* ao vivo, o repórter André Carravilla conta ao apresentador, Guilherme Menezes, e aos telespectadores, como está a situação da manifestação que ocorria naquele momento em Brasília. Percebe-se que o evento tem grandes dimensões. O número de participantes varia, segundo as informações do texto, entre 25 e 30 mil.

Nenhuma causa é atribuída diretamente ao protesto nesse vídeo. Suas consequências também não são claras. Não é este o objetivo da reportagem. Sabemos apenas que o Palácio do Itamaraty, sede das Relações Exteriores, foi danificado e invadido e que algumas pessoas foram presas. Além do grande porte, o protesto também é violento. Há “momentos tensos” e “confronto” com policiais, vidros são quebrados, um prédio foi invadido e manifestantes, presos. Há muitas sirenes vermelhas de polícia brilhando no vídeo. Há também luzes que vem do alto, provavelmente de helicópteros, que revelam aos poucos a dimensão da multidão de pessoas que ocupa o espaço entre os principais prédios da capital federal. A imagem é alarmante e em certa medida assustadora. Não é possível ver os limites do espaço ocupado pela multidão, um oceano de pessoas oculto em sombras.

Estes manifestantes, referidos assim e também como “multidão”, o que de fato é condizente com a imagem que surge na tela, tomam o gramado em frente ao Congresso Nacional. Eles “atacam” os policiais com “garrafas d’água e outros objetos”, a que os policiais “tiveram que revidar”, lançando bombas de gás. Os manifestantes então se dispersam por causa do gás, mas em seguida “cercam” o Itamaraty. Um “grupo” – nem todos, portanto – quebra vidraças e entra no palácio, mas acaba preso pelos policiais que já estavam lá dentro. Eles tentam repetir ato de subir nas cúpulas do Congresso, mas não obtêm sucesso, graças ao trabalho dos policiais.

A polícia “fecha o acesso” aos prédios do poder, formando um “cordão de isolamento”: a polícia é o instrumento que separa, isola o Estado das manifestações, e prende quem cruza a linha entre o gramado e o interior do prédio através da violência ilegítima. A violência que praticam, por sua vez, é legítima: os policiais são

forçados a atirar bombas de gás lacrimogêneo, diante das agressões que sofreram por parte dos manifestantes. A multidão, neste caso, por sua dimensão, realmente parece assustadora perto dos policiais, representados na tela apenas pelas sirenes das viaturas.

b) RB033 – Vitória dos manifestantes em São Paulo

Esta reportagem fala sobre a suspensão do aumento das tarifas em São Paulo após várias manifestações. Tem a peculiaridade de não ter sido chamada do estúdio, mas sim a partir de *link* ao vivo, por uma repórter posicionada no meio de manifestantes e num cenário repleto de símbolos de protestos, como a máscara de “Guy Fawkes”⁶, mãos abertas e cartazes (Figura 4). Durante toda a cobertura das manifestações, as mãos abertas e levantadas se tornariam parte da identidade visual criada para tratar das manifestações, sobrepostas à bandeira nacional. Na Figura 2, a repórter Ana Luiza Médici anuncia a reportagem do colega Eduardo Goulart de Andrade em meio aos manifestantes em São Paulo; à direita está o apresentador do *Repórter Brasil*, Guilherme Menezes, em frente ao telão com a imagem utilizada pelo telejornal que copia o gesto do manifestante na imagem da esquerda.

Figura 4 – Detalhes da cobertura do *Repórter Brasil* sobre as manifestações (RB033).



⁶ Guy Fawkes (1570-1606) foi um soldado inglês católico nascido na cidade de York. Foi preso, torturado e condenado à morte por sua participação na Revolta da Pólvora (1605), levante católico que pretendia explodir o prédio do parlamento inglês, assassinando os parlamentares e o rei, Jaime I, protestante, em um contexto de forte intolerância religiosa (COBBETT, 1988). O rosto do personagem histórico, em forma de máscara, tornou-se símbolo de insurgência contra o estado, principalmente através da Graphic Novel “V de Vingança”, de Alan Moore e David Lloyd, publicada nos anos 1990. A máscara também é um símbolo do grupo Anonymous, criado em 2003, que representa o conceito de muitos usuários de comunidades online existindo simultaneamente como um cérebro global (OLSON, 2012).

A informação principal é que os protestos contra o aumento da tarifa de transporte público tiveram como resultado a suspensão do aumento da tarifa em São Paulo. As “seis manifestações”, como referido pelo repórter, foram “grandes” e também mobilizadoras. A palavra mobilização aparece duas vezes no texto. São comparadas ao movimento dos Caras Pintadas, que pediram o *impeachment* do então presidente Fernando Collor no início da década de 1990, e foram bem sucedidas. Representam a “pressão popular”, são numerosas e triunfantes (“o sentimento é de vitória”). Aparecem em imagens bem iluminadas, de milhares de pessoas marchando juntas e na mesma direção pelas ruas da grande cidade. São também associadas à juventude. O próprio repórter é jovem, usa barba e dispensa a gravata. Há imagens de jovens compondo a multidão, com cartazes que dizem “Nova Era” e “Nós fazemos a diferença”. No conjunto, remetem à união e ao futuro e são o “primeiro passo para outras reivindicações”.

Sonoras feitas com cidadãos nas ruas, não identificados como manifestantes, confirmam o tom positivo da matéria. O povo diz que a manifestação é “ótima” e “deu resultado bom”. Acham que “o povo brasileiro acordou” e não aceita mais “calado” o que o governo faz e que “o Brasil tem o poder de ir para a rua lutar”. Acreditam também que “a paciência [do povo] acabou”. Quanto aos governantes, sua postura é de resignação. Governador e prefeito, de partidos rivais, aparecem juntos na imagem. Dão o braço a torcer (antes, não cogitavam a suspensão do aumento), mas ameaçam que haverá “corte de investimentos em outras áreas” e outros “sacrifícios”.

6.1.3 Dia 21/06/2013 – Análise ao vivo dos protestos

Este foi o dia em que a presidenta Dilma Rousseff pronunciou-se a respeito dos protestos pela primeira vez, pela televisão, em rede nacional. Novos atos levaram às ruas mais de 160 mil pessoas, em 90 cidades do país. Foram registrados 15 vídeos sobre as manifestações e assuntos relacionados e 13 sobre outros temas, totalizando 28 vídeos correspondentes à edição do *Repórter Brasil* desta data.

Quadro 13 – Classificação dos vídeos do *Repórter Brasil* em 21/06/2013.

REPÓRTER BRASIL - DIA 21/06/2013				
VÍDEOS SOBRE MANIFESTAÇÕES E ASSUNTOS RELACIONADOS				
Cód	Título	Tempo	TE*	Síntese da abordagem
RB056	BLOQUEIO ESTRADA MG	01:00	RP	Manifestação bloqueou estrada em Minas Gerais.
RB057	DEBATE MANIFESTAÇÕES	05:40	EN	Entrevista com Lucas Monteiro, do Movimento Passe Livre, e com o sociólogo Emir Sader.

RB058	DÍVIDAS SANTA CASA	00:55	RS	Síntese de entrevista concedida pelo ministro da Saúde.
RB059	MANIFESTAÇÕES SP	02:00	LV	Resumo das manifestações em São Paulo.
RB060	MANIFESTAÇÕES RIO 1	01:00	RP	Manifestações na Zona Oeste do Rio de Janeiro.
RB061	MANIFESTAÇÕES RIO 2	00:50	RP	Manifestações na Zona Sul do Rio de Janeiro.
RB062	COMENTÁRIO DILMA MST	09:30	EN	Sociólogo Emir Sader e Lucas Monteiro, do Movimento Passe Livre, interpretam as falas da presidenta Dilma Rousseff e do líder do MST, João Pedro Stédile sobre as manifestações.
RB063	PERGUNTA DO DIA 1	01:00	FP	Transeuntes e usuários de redes sociais respondem o que é preciso fazer para melhorar o transporte público em suas cidades.
RB064	PERGUNTA DO DIA 2	01:00	FP	Transeuntes e usuários de redes sociais respondem o que é preciso fazer para melhorar o transporte público em suas cidades.
RB065	PERGUNTA DO DIA 3	01:00	FP	Transeuntes e usuários de redes sociais respondem o que é preciso fazer para melhorar o transporte público em suas cidades.
RB066	MANIFESTAÇÕES BRASIL	01:10	LP	Resumo de manifestações em várias cidades do país.
RB067	MANIFESTAÇÕES BSB	02:40	RP	Resumo das manifestações no DF e dia seguinte ao vandalismo em Brasília.
RB068	MANIFESTAÇÕES RIO 3	02:20	RP	Situação das ruas após as manifestações no Rio de Janeiro.
RB069	DEBATE USP	01:55	RP	Pesquisadores discutem manifestações na USP.
RB070	FIFA	00:15	NS	Fifa diz que “confia nas medidas de segurança adotadas pelo Brasil”.
Total de vídeos: 15 (33:15)				
VÍDEOS SOBRE OUTROS TEMAS				
Cód	Título	Tempo	TE*	Síntese da abordagem
RB071	SÍRIA	00:30	NS	ONU manifesta-se sobre o conflito na Síria.
RB072	PARATODOS	01:30	CH	Chamada para programa Paratodos.
RB073	EMPREGO	00:20	NS	Cresceu número de postos de trabalho em maio.
RB074	ÍNDIA	01:00	LP	Enchentes na Índia e outras notícias internacionais.
RB075	POUPANÇA	03:55	EN	Economista Flávio Basílio fala sobre poupança.
RB076	FESTA JUNINA MA	01:00	LV	São Luís faz festa junina com shows de Bumba-meu-boi.
RB077	ISRAEL	01:20	LP	Guarda mata judeu em Israel, entre outras notícias internacionais.
RB078	CAMINHOS REPORTAGEM	01:00	RP	Programa Caminhos da Reportagem é finalista do Prêmio Roche de Jornalismo de Saúde.
RB079	QUADRILHAS	02:15	RP	Reportagem conta história das quadrilhas.
RB080	SEU BOLSO	02:20	RP	Reportagem mostra mãe que decidiu abrir poupança para o filho.
RB081	IPCA	00:20	NS	IPCA diminuiu em junho.
RB082	RB EXPLICA	02:40	RP	Quadro “Repórter Brasil Explica” mostra alternativas de poupança.
RB083	SELEÇÃO	00:55	RP	Preparação da seleção brasileira para jogo contra Itália.
Total de vídeos: 13 (19:05)				
TOTAL DE VÍDEOS DA EDIÇÃO: 28 (52:20)				

*TE – Tratamento Editorial, conforme descrição no Capítulo 3: RP – reportagem; LV – *link* ao vivo; LP – lapada; NS – nota simples; NC – nota coberta; EN – entrevista; CM – comentário; FP – fala-povo; CH – chamada; RS – resumo; PT – previsão do tempo; ES – especial.

Sobre as manifestações, foram registrados os seguintes vídeos: três reportagens sobre as manifestações no Rio de Janeiro, com ênfase nos fatos que aconteceram nas zonas Oeste (RB060) e Sul (RB061) e na situação das ruas após os fatos do dia anterior (RB062); uma reportagem sobre as manifestações em Minas Gerais (RB056); uma reportagem sobre as manifestações em Brasília e no Distrito Federal (RB061); uma lapada sintetizando o “vandalismo”, segundo texto do vídeo, em São Luiz, Campo Grande, Salvador e Porto Alegre (RB060); um *link* ao vivo de

São Paulo, atualizando a situação das manifestações na cidade (RB059); uma reportagem também sobre São Paulo, mas com ênfase em um debate acontecido na Universidade de São Paulo – USP, sobre as manifestações (RB069); uma nota simples sobre a posição da Fifa, que afirma “confiar nas medidas de segurança adotadas pelo Brasil” no contexto da Copa das Confederações (RB070); a síntese de um pronunciamento do Ministro da Saúde declarando que “manifestação sem violência faz bem para a saúde” (RB058); o quadro “Pergunta do dia”, sobre transporte público (RB063, RB064, RB065); e dois vídeos com comentários sobre as manifestações (RB057 e RB062), ambos com participação do sociólogo Emir Sader, comentarista fixo do telejornal, e de um representante do Movimento Passe Livre, movimento social organizado que é apresentado como o movimento que convocou as primeiras manifestações, totalizando mais de 15 minutos de discussão ao vivo sobre o assunto. O primeiro comentário foi sobre o movimento em si e os próximos rumos das manifestações; o segundo repercutiu fala da presidenta Dilma Rousseff e do MST, questionando o papel dos movimentos sociais neste acontecimento.

A cobertura das manifestações continua intensa neste dia, ocupando mais da metade do telejornal. A ênfase na cobertura dos eventos dos grandes centros urbanos também continua, com três reportagens somente sobre o Rio de Janeiro, uma sobre Brasília e outra sobre rodovias em Minas Gerais, além de um *link* ao vivo de São Paulo, o único do telejornal. Às demais cidades cobertas, São Luiz, Campo Grande, Salvador e Porto Alegre, é dedicada uma lapada de pouco mais de um minuto.

Percebe-se uma inclinação para a análise das causas das manifestações, com dois comentários que totalizam mais de 15 minutos e uma reportagem sobre um encontro realizado na USP para discutir a questão. A ênfase é a questão da mobilidade urbana, como atesta a participação de um representante do Movimento Passe Livre e também o tema do quadro “Pergunta do Dia”, que pergunta aos telespectadores: “o que é preciso fazer para melhorar o transporte público de suas cidades?”.

Quanto ao *link* ao vivo de São Paulo, há ênfase na indignação dos manifestantes sobre a questão da “cura gay”, referente a projeto de lei que permitiria o tratamento médico das homossexualidades, como se fossem doenças, aprovado

na Comissão de Direitos e Minorias da Câmara Federal, sob a presidência do deputado Marco Feliciano (PSC-SP).

O tema do vandalismo também surge, com matérias sobre a situação das ruas no Rio de Janeiro, São Luiz, Campo Grande, Salvador e Porto Alegre após as manifestações do dia anterior. A preocupação com a violência também se faz presente nas declarações do ministro da Saúde e da Fifa.

A resposta das autoridades é outro tema que parece surgir na cobertura. Além do ministro da Saúde e da Fifa, a própria presidenta Dilma Rousseff, que se pronuncia pela primeira vez nesse dia, tem uma fala exibida e comentada no telejornal. O MST também aparece, como representante dos movimentos sociais organizados, havendo inclusive um debate sobre qual seria a participação desses movimentos nesse contexto.

Os vídeos sobre outros temas trataram do noticiário internacional, temas institucionais, cultura regional, esporte (Copa das Confederações) e economia, conforme segue: três vídeos com notícias internacionais (RB071, RB074, RB077); duas pautas institucionais – chamada para programa Paratodos (RB072) e nota sobre a indicação do programa Caminhos da Reportagem para um prêmio latino-americano de jornalismo de saúde (RB078); duas sobre festas juninas, uma sobre as festividades no Maranhão (RB076) e outra sobre quadrilhas juninas (RB079); uma sobre a preparação da seleção brasileira para o jogo do dia seguinte, contra a Itália, pela Copa das Confederações (RB083); e cinco matérias sobre economia: uma nota simples sobre o crescimento dos postos de trabalho em maio de 2013 (RB073) e outra sobre a queda do Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo – IPCA (RB081); dentro do quadro semanal “Seu Bolso”, uma reportagem sobre a história de uma mãe que optou em fazer uma poupança para o filho (RB078), seguida de uma entrevista com especialista sobre o mesmo assunto (RB075); e mais uma matéria sobre os diversos tipos de investimento em poupança dentro de um quadro intitulado “*Repórter Brasil Explica*” (RB082).

Os dias selecionados para análise em profundidade foram os códigos RB059 e RB067.

a) RB059 – Protestos contra a “cura gay”

Este *link* ao vivo faz uma síntese das manifestações do dia no estado de São Paulo. Os “protestos” deste dia são grandes e ultrapassam os limites da capital paulista. Enquanto cerca de mil pessoas marcharam pelo centro da cidade, outras oito mil estão em frente ao aeroporto de Guarulhos. O sentimento contrário à aprovação do projeto “cura gay” é apontado como a causa da manifestação na capital. As pessoas que participaram do protesto “diziam ser contra o projeto em cartazes”. Há também bandeiras do arco-íris em meio à manifestação. Participam movimentos sociais LGBT e pelo menos uma classe profissional organizada (Conselho Regional de Psicologia).

As consequências imediatas dos protestos, segundo o *link* ao vivo, são pelo menos cinco rodovias bloqueadas e voos cancelados. Entre as estradas fechadas, está a Via Dutra, principal eixo de ligação terrestre entre as duas maiores cidades do país, Rio de Janeiro e São Paulo. Além disso, os manifestantes que estão em frente ao aeroporto de Guarulhos parecem perigosos. Eles ameaçam a segurança dos passageiros que estão dentro do aeroporto, orientados a permanecer longe das portas. O motivo do perigo não é explicitado.

b) RB067 – “Onda das manifestações” e vandalismo no DF

Esta reportagem trata de dois assuntos principais, os novos protestos que tiveram lugar nas imediações de Brasília, no dia em que foi registrada, e o saldo deixado na capital federal pelos manifestantes do dia anterior.

O primeiro fato abordado pela reportagem é um protesto de 500 pessoas em uma cidade nos arredores do Distrito Federal. A manifestação consiste em um bloqueio de rodovia realizado por moradores de Novo Gama. As imagens sugerem que se trata de um lugar pobre e inóspito. Chama atenção no texto da repórter a afirmação de que os moradores da cidade teriam entrado “na onda das manifestações”. Esta compreensão caracteriza as manifestações como uma moda ou tendência não necessariamente politizada. Reforça esta compreensão a imagem de adolescentes sorridentes segurando cartazes apontados para a câmera.

A causa do protesto é a má qualidade do transporte público em contraste com o preço caro das tarifas no município. Representados nas sonoras, os manifestantes

reclamam que o ônibus é lotado demais e “quebra no caminho”; um homem diz que o povo está “engasgado” com o assunto. Os manifestantes queimam pneus e bloqueiam estradas. Há consequências imediatas. Do local do protesto, o prefeito, que não corresponde à representação usual de políticos, uma vez que é jovem e usa roupas informais, anuncia a redução das tarifas, a contar da semana seguinte. Ele ainda promete mais cobrança da prefeitura sobre os empresários para que a qualidade do transporte melhore.

O segundo tema da reportagem é o “vandalismo” cometido durante as manifestações do dia anterior, caracterizado como vários “ataques” aos prédios públicos de Brasília. O texto da reportagem mostra o dia seguinte, quando é preciso “juntar os cacos” e “recuperar prejuízos”. A caracterização do episódio é completada pelas imagens, que mostram a Catedral com vidros rachados, pessoas recolhendo entulhos deixados na rua, prédios e pontos de ônibus pichados e danificados. As imagens da noite anterior, de multidão aglomerada em frente à entrada do Itamaraty e de um princípio de incêndio sobre a estrutura do prédio são utilizadas para fazer a ligação entre as manifestações e os prejuízos mostrados na reportagem.

Também há vítimas humanas. O texto informa que 82 foram feridas, duas em estado grave e que, além delas, outras 12, militares, também foram feridas. Três pessoas foram presas. As imagens que acompanham a informação remetem a confronto entre manifestantes e polícia, com nuvens de fumaça, confusão, aglomeração, pessoas feridas sendo carregadas, feridas ou imobilizadas pela polícia. A ideia geral é de confusão e violência, contra pessoas e contra o patrimônio público. Informa-se que um inquérito fora instaurado para identificar as pessoas que participaram do “vandalismo”.

A reportagem dá voz privilegiada ao Itamaraty. Em nota, o órgão afirma que “deplora os atos de violência e depredação” e que “examinará adoção de medidas preventivas necessárias ao reforço da segurança”. Um funcionário do Ministério das Relações Exteriores e o próprio ministro são ouvidos. Os demais servidores se unem para responderem à violência da manifestação com um ato simbólico: um abraço ao prédio. O ministro diz que ato de abraçar “repudia” o que aconteceu no dia anterior, “em que pessoas atravessaram esta rampa para destruir, para quebrar vidraça”; já o funcionário afirma que “todo mundo tem apoiado o movimento pacífico, mas não a destruição”.

6.1.4 Dia 22/06/2013 – Em Brasília, Marcha das Vadias; no exterior, repercussão presidencial

Neste dia, um sábado, o *Repórter Brasil* dedicou pouco tempo de cobertura às manifestações e temas relacionados em comparação aos demais dias analisados, apresentando apenas quatro matérias sobre estes assuntos e 11 sobre temas diversos, totalizando 15 vídeos. Cabe ressaltar que a edição de sábado do telejornal tem apenas 30 minutos, a metade das edições de segunda a sexta-feira.

Quadro 14 – Classificação dos vídeos do *Repórter Brasil* em 22/06/2013.

DIA 22/06/2013				
VÍDEOS SOBRE MANIFESTAÇÕES E ASSUNTOS RELACIONADOS				
Cód	Título	Tempo	TE*	Síntese da abordagem
RB084	DILMA INTERNACIONAL	00:40	NC	Jornais internacionais repercutem pronunciamento de Dilma Rousseff.
RB085	MANIFESTAÇÕES EXTERIOR	00:40	LP	Brasileiros que vivem no exterior fazem protestos na Alemanha e na França.
RB086	MANIFESTAÇÕES BRASIL	01:20	LP	Novas manifestações são registradas em várias cidades do país.
RB087	MARCHA VADIAS	02:40	RP	Mulheres fazem protesto em Brasília.
Total de vídeos: 4 (05:20)				
VÍDEOS SOBRE OUTROS TEMAS				
Cód	Título	Tempo	TE*	Síntese da abordagem
RB088	FORRÓ CARUARU	01:00	LV	Festa junina vai até o final do mês em Caruaru.
RB089	SANFONEIROS	02:00	RP	Reportagem mostra relação entre sanfoneiros e sanfona.
RB090	PLANTAS TÓXICAS	01:45	RP	Pesquisa aponta plantas ornamentais tóxicas em escolas do RJ.
RB091	PERGUNTA DO DIA 1	00:50	ES	Transeuntes e usuários de redes sociais respondem o que acham do desempenho da Seleção Brasileira no jogo contra a Itália.
RB092	ÍNDIOS REFÊNS	00:40	NS	Índios mantêm refêns no oeste do Pará.
RB093	MONTE FUJI	00:55	NC	Monte Fuji se torna patrimônio mundial.
RB094	DESEMPREGO ITÁLIA	01:00	LP	Italianos protestam contra desemprego e outras notícias internacionais.
RB095	REFUGIADOS	02:00	RP	Evento reúne refugiados em São Paulo.
RB096	PROUNI	00:30	NS	Inscrições no Pro Uni estão abertas pela internet.
RB097	LEILÃO RECEITA	01:30	RP	Receita Federal realiza leilão com produtos apreendidos em MG.
RB098	PERGUNTA DO DIA 2	00:40	ES	Transeuntes e usuários de redes sociais respondem o que acham do desempenho da Seleção Brasileira no jogo contra a Itália.
Total de vídeos sobre outros assuntos: 11 (12:50)				
TOTAL DE VÍDEOS DA EDIÇÃO: 15 (18:10)				

*TE – Tratamento Editorial, conforme descrição no Capítulo 3: RP – reportagem; LV – *link* ao vivo; LP – lapada; NS – nota simples; NC – nota coberta; EN – entrevista; CM – comentário; FP – fala-povo; CH – chamada; RS – resumo; PT – previsão do tempo; ES – especial.

Duas lapadas mostraram a síntese das manifestações ocorridas no dia em diversas cidades do Brasil (RB086) e do exterior (RB085). Já uma reportagem (RB087) acompanhou a Marcha das Vadias, manifestação de caráter internacional que reivindica direitos femininos entre outras questões de gênero. Mesmo se tratando de evento independente, pelo contexto em que se dá, entende-se que a marcha integrou o conjunto de protestos que definiram o junho de 2013, motivo pela qual foi incluída na cobertura das manifestações neste trabalho. Outro fator que

contribui fortemente para esta compreensão é o fato de que o telejornal associou este evento ao acontecimento, por exemplo, através do uso de uma imagem de fundo, na cabeça, que foi usada para a cobertura das manifestações em geral.

Apenas um vídeo repercutiu o anúncio da presidenta Dilma Rousseff realizado no dia anterior (RB084). A nota coberta trouxe trechos de reportagens dos veículos Le Monde (França), BBC News (Reino Unido) e The New York Times (Estados Unidos) dizendo que a presidenta anunciou compromisso de fazer melhorias nos serviços públicos e de se encontrar com os líderes das manifestações pacíficas, e que alguns programas anunciados “no passado, não encontraram apoio suficiente”, mas sem explicar aos telespectadores a que programas se refere.

Os temas dos vídeos que trataram de outros assuntos incluíram cultura, sobretudo a nordestina (RB088, RB089), saúde (RB090), esporte (RB091, RB098), noticiário internacional (RB093, RB094), questão indígena (RB092), refugiados (RB096), um serviço sobre o Pro Uni (RB096) e uma reportagem sobre um leilão a ser realizado pela Receita Federal (RB097).

Os vídeos selecionados para análise em profundidade foi apenas o de código RB087, uma reportagem, uma vez que o telejornal não apresentou *links* ao vivo neste dia.

a) RB087 – Vadias marcham em Brasília

Esta reportagem sintetiza a terceira edição da Marcha das Vadias que ocorreu em Brasília. Embora se trate de um evento específico, que surgiu em outro país e que inclusive já se encontrava em sua terceira edição – de forma independente, portanto, das manifestações de junho de 2013 – ele não poderia deixar de ser associado às manifestações em função do contexto em que ocorre.

A reportagem mostra a terceira edição da Marcha das Vadias como um ato pacífico e engajado, que reúne mulheres de todas as idades, ainda que na maioria jovens, e mesmo crianças. A imagem que ilustra a cabeça da matéria, projetada no telão, atrás do apresentador, de mãos levantadas sobre as cores da bandeira do Brasil, faz a ligação entre este evento e o conjunto das manifestações, uma vez que também foi utilizada na apresentação de outros vídeos sobre esta pauta.

O protesto recebia o apoio dos moradores das regiões em que passavam, segundo o texto da repórter, manifestado através da simbologia dos panos brancos, um símbolo de paz. As imagens são, assim, também claras e positivas. Entre os motivos elencados para a marcha, o fim do preconceito e a igualdade dos direitos entre homens e mulheres. Ressaltou-se que mesmo homens participaram do ato, levantando ainda uma questão de representação de gênero ao mostrar um rapaz de salto alto. A questão da violência contra as mulheres também é abordada, com apresentação de dados que comprovariam a pertinência do problema.

Por fim, outro tema relacionado ao evento foi a liberdade sexual, não apenas feminina. A fala de uma entrevistada (“cure o seu preconceito. Porque preconceito, machismo, homofobia têm cura, o resto não é doença”) faz referência à questão da cura gay, projeto que foi alvo das manifestações de junho de uma maneira geral e que esteve presente em outras reportagens do telejornal sobre o assunto.

6.1.5 Dia 24/06/2013 – Propostas do Executivo ganham destaque

Neste dia, a presidenta Dilma Rousseff anunciou cinco Pactos pelo Brasil e mais de 35 mil pessoas fizeram novas manifestações em 60 cidades. Foram registrados 26 vídeos para esta edição do telejornal, 14 vídeos sobre manifestações e temas correlatos e 12 vídeos sobre outros temas.

Quadro 15 – Classificação dos vídeos do *Repórter Brasil* em 24/06/2013.

REPÓRTER BRASIL - DIA 24				
VÍDEOS SOBRE MANIFESTAÇÕES E ASSUNTOS RELACIONADOS				
Cód	Título	Tempo	TE*	Síntese da abordagem
RB099	ATUAÇÃO POLÍCIA	01:20	RP	Movimentos sociais e pesquisadores discutem atuação da polícia nas manifestações.
RB100	COMENTÁRIO DILMA	03:25	CM	Sociólogo Emir Sader comenta plebiscito da reforma política proposto pela presidenta Dilma Rousseff.
RB101	DILMA ANUNCIA MEDIDAS	03:00	RS	Presidenta Dilma Rousseff anuncia medidas para atender manifestações.
RB102	ELEIÇÕES LIMPAS	01:55	RP	Projeto de iniciativa popular propõe reforma eleitoral.
RB103	MOBILIDADE URBANA	04:00	RP	Série "A Pauta das Ruas" discute mobilidade urbana.
RB104	MANIFESTAÇÕES BRASIL	01:15	LP	Resumo das manifestações em várias cidades do país.
RB105	MORTES MANIFESTAÇÕES	01:10	RP	Duas pessoas morrem atropeladas em manifestação no interior de Goiás.
RB106	PEC 37	01:55	RP	Explicação do que trata a PEC 37.
RB107	PERGUNTA DO DIA 1	00:50	FP	Transeuntes e usuários de redes sociais respondem o que diriam à presidenta Dilma Rousseff se pudessem participar de encontro sobre as manifestações.
RB108	PERGUNTA DO DIA 2	01:00	FP	Transeuntes e usuários de redes sociais respondem o que diriam à presidenta Dilma Rousseff se pudessem participar de encontro sobre as manifestações.
RB109	PERGUNTA DO DIA 3	01:00	FP	Transeuntes e usuários de redes sociais respondem o que diriam à

				presidenta Dilma Rousseff se pudessem participar de encontro sobre as manifestações.
RB110	REDUÇÃO TARIFA SP	01:50	RP	Tarifas de transporte público são reduzidas em São Paulo.
RB111	REUNIÃO DILMA 1	02:25	RP	Dilma propõe medidas para atender às manifestações em reuniões com prefeitos e governadores e representantes dos manifestantes.
RB112	REUNIÃO DILMA 2	01:10	RP	Membros do Congresso e OAB repercutem as propostas da presidenta Dilma.
Total de vídeos: 14 (26:15)				
VÍDEOS SOBRE OUTROS TEMAS				
Cód	Título	Tempo	TE*	Síntese da abordagem
RB113	SNOWDEN	01:30	NC	Edward Snowden pede asilo ao Equador.
RB114	COMENTÁRIO SNOWDEN	03:15	CM	Emir Sader comenta o caso Snowden.
RB115	DEBATE OUVIDORIAS	02:45	RP	TV Brasil organiza debate sobre ouvidorias.
RB116	DEMÓSTENES TORRES	00:30	NS	MP-GO denuncia senador cassado Demóstenes Torres.
RB117	FESTA JUNINA MA	03:15	ES	Clipe com imagens do Bumba-meu-boi.
RB118	FOLGUEDOS PI	01:35	RP	Expressões culturais do nordeste encontram-se nos Folguedos do PI.
RB119	IMPOSTO FEIJÃO	02:30	RP	Câmara de Comércio Exterior suspende imposto sobre o feijão.
RB120	LINCHAMENTO XIITAS	01:35	LP	Xiitas morrem linchados por radicais no Egito e outras notícias internacionais.
RB121	PATRIMÔNIO UNESCO	00:50	NC	Unesco inclui 19 lugares na lista de patrimônios mundiais.
RB122	PEDÁGIO ES	00:40	NC	Pedágios são suspensos no ES.
RB123	RIOMAIS	01:40	RP	RioMais promove debates sobre meio ambiente no RJ.
RB124	SÃO JOÃO SALVADOR	02:45	RP	Comemorações do dia de São João na BA.
Total de vídeos: 12 (22:50)				
TOTAL DE VÍDEOS DA EDIÇÃO: 26 (49:05)				

*TE – Tratamento Editorial, conforme descrição no Capítulo 3: RP – reportagem; LV – link ao vivo; LP – lapada; NS – nota simples; NC – nota coberta; EN – entrevista; CM – comentário; FP – fala-povo; CH – chamada; RS – resumo; PT – previsão do tempo; ES – especial.

Sobre as manifestações e temáticas relacionadas, o telejornal apresenta os pactos anunciados pela presidenta Dilma Rousseff em resposta às manifestações (RB096), bem como sua repercussão no Congresso e entre juristas (RB097); discute a proposta de plebiscito para a reforma política apresentada pela presidenta através do comentário do sociólogo Emir Sader (RB085) e mostra reportagem sobre um projeto de lei de iniciativa popular, proposto pela sociedade civil, que também propõe reforma eleitoral e combate à corrupção e, segundo o telejornal, também surge em resposta às manifestações (RB087); uma reportagem sobre os limites de atuação da polícia nas manifestações, tema de uma reunião de especialistas em São Paulo (RB084); uma reportagem, parte de uma série intitulada “A Pauta das Ruas”, sobre mobilidade urbana nos grandes centros brasileiros (RB088); uma reportagem sobre a repercussão da suspensão do aumento da tarifa em São Paulo (RB095); uma reportagem explicando a polêmica em torno da discussão da Proposta de Emenda Constitucional – PEC 37 (RB091); uma lapada, de pouco mais de um minuto, sobre as manifestações em Porto Alegre, Rio de Janeiro e Brasília (RB089); uma reportagem sobre duas mortes ocorridas em consequência de manifestação no

interior do Distrito Federal (RB090); e o quadro “Pergunta do dia”, que pergunta aos telespectadores o que diriam à presidenta Dilma Rousseff se pudessem participar da reunião em que ela propôs os Pactos pelo Brasil (RB092, RB093 e RB094).

A cobertura das manifestações continua grande, ocupando pouco mais que a metade do telejornal. Não foram registrados *links* ao vivo, no entanto. O foco da cobertura se desloca para as ações do poder público em resposta aos protestos. Apenas duas matérias trataram das manifestações em si: uma reportagem sobre mortes durante protestos no Distrito Federal, que aconteceram em decorrência de um atropelamento, e uma lapada que sintetiza os atos em três grandes cidades. É notável que Brasília e Rio de Janeiro, que nas edições anteriores foram objeto de mais de um vídeo, são agora resumidas em uma única lapada, junto com Porto Alegre.

Há mais vídeos mostrando e repercutindo as propostas da presidenta Dilma, incluindo a “Pergunta do dia”, do que as manifestações do dia, indicando que este é o tema principal da edição. A cobertura é intensificada principalmente em relação à proposta de reforma política, tema de duas reportagens e um comentário.

Outra questão que se nota é a ampliação e aprofundamento da discussão sobre outros temas, além do transporte, como a violência na atuação da polícia, a PEC 37 e a própria reforma política. A questão da mobilidade urbana, entretanto, não é abandonada. Pelo contrário, o tema abre uma série de reportagens dedicadas às principais questões levantadas pelas manifestações, sugestivamente intitulada “A Pauta das Ruas”.

Os vídeos sobre outros temas trataram de notícias internacionais, cultura regional, política, economia, noticiário geral local e meio ambiente, conforme segue: três vídeos sobre fatos internacionais (RB098, RB099, RB105); festas juninas no Maranhão, no Piauí e na Bahia (RB102, RB103 e RB109); reportagem sobre debate organizado pela ouvidoria da EBC sobre a importância de sua atuação para a *TV Brasil* (RB100); uma nota simples sobre a denúncia do senador cassado Demóstenes Torres por corrupção, pelo Ministério Público de Goiás (RB101); uma reportagem sobre o preço do feijão (RB104); uma nota coberta sobre uma lista de lugares em diversas partes do mundo incluídos na lista de patrimônios da humanidade pela Unesco (RB106); uma nota simples sobre a suspensão de pagamento de pedágio no Espírito Santo (RB107); e uma reportagem sobre o

RioMais, centro internacional de pesquisa e debate ambiental com sede no Rio de Janeiro (RB108).

O único vídeo selecionado para análise em profundidade nesta edição foi o de código RB103, uma reportagem, uma vez que, assim como no dia 22, o telejornal não apresentou *links* ao vivo nesta edição.

a) RB103 – Mobilidade urbana é “Pauta das Ruas”

Esta reportagem trata do tema da mobilidade urbana. Ao contrário das demais analisadas até aqui, não dá conta de um evento, mas de um assunto específico, considerado uma “Pauta das Ruas”, como sugere o nome da série a que ela dá início. Isto é, um assunto relacionado às manifestações, pautado e agendado por elas. Na cabeça da matéria, esta relação é estabelecida quando a apresentadora diz que as manifestações “deixaram evidente a insatisfação popular com o preço da passagem”. Utilizando o gancho da “lei que determina que os municípios [...] apresentem projetos para facilitar o ir e vir dos moradores”, a reportagem faz uma espécie de diagnóstico da aplicação da lei e da situação da mobilidade urbana nas cidades brasileiras em geral.

Figura 5 – Detalhe da vinheta da série “A Pauta das Ruas” (RB103).



O transporte público é ruim; é preciso sair com muita antecedência para chegar aos lugares, segundo o repórter. As pessoas ouvidas reclamam que precisam de muitas conduções para se locomover, dando a entender que a

abrangência do transporte não é adequada, e que isso leva muito tempo. Dizem também que não há ônibus suficiente. Por suas falas, vê-se que é uma questão que tem um impacto direto na qualidade de vida das pessoas. Segundo o texto, o preço também é alto e provocava insatisfação. Apenas com as manifestações o preço foi reduzido. Ou seja, as manifestações não apenas pautaram o tema, mas provocaram uma mudança concreta. Um homem ouvido nas ruas reitera a fala do repórter, reclamando que o serviço é caro e ineficiente.

Quanto às soluções, há uma lei que, desde o ano anterior (2012), obriga municípios com certa quantidade de habitantes a estabelecerem políticas públicas para solucionar estes problemas, através de preços mais acessíveis, redução de tempo de deslocamento e integração de diferentes sistemas.

Na passagem, porém, o repórter afirma que a lei não é cumprida, pelo menos em São Paulo, com dados que reforçam a desproporcionalidade entre o espaço ocupado, na cidade, pelos carros particulares e o transporte público e formas alternativas de locomoção, como as bicicletas. A causa atribuída a esta problemática vem na fala de uma cidadã: “falta vontade política”, diz ela, de dentro de um carro de passeio.

Uma especialista introduz, em seguida, um novo argumento: a questão metropolitana. Em sua fala, afirma que as decisões da prefeitura de uma cidade como São Paulo precisam envolver sua região metropolitana para serem eficazes. Ou seja, a mobilidade urbana é uma questão que transcende o espaço do município nas grandes concentrações urbanas, e precisa ser pensada sistemicamente. Um representante da sociedade civil organizada amplia a discussão. Segundo ele, a falta de mobilidade tem consequências para a saúde, isto é, para a manutenção da vida, e, conseqüentemente traz ônus para o estado em forma de mais custos, e toda esta problemática, segundo ele, reforça a importância da questão do transporte para a cidade.

A última imagem mostra os ônibus em movimento ao lado de carros parados no congestionamento, em conformação com a última frase da sonora: “quem quiser fluidez vai usar o transporte público, quem quiser continuar parado no trânsito, usa o automóvel”. Assim como esta, as demais imagens utilizadas para ilustrar toda a reportagem constroem uma representação do cenário urbano centrada no transporte. As ruas da cidade se definem pelo fluxo constante de veículos e pela

proporção entre seus tipos: caminhões, carros, ônibus, motocicletas, bicicletas. Os pedestres são secundários e aparecem, geralmente, em paradas de ônibus, ou embarcando nos coletivos. Na cidade, ninguém anda a pé. O espaço urbano se equivale a este fluxo. Esta compreensão da simbiose entre a cidade e o transporte é importante para compreender as manifestações. A crise do transporte é a crise da cidade. E ao encerrar a reportagem com os ônibus fluindo em contraposição aos carros de passeio, estagnados, forma-se a compreensão de que a solução para esta crise está no investimento no coletivo, e não no individual.

6.1.6 Dia 25/06/2013 – O Estado responde às manifestações

Este é o dia em que a Câmara Federal arquivou a PEC 37, cedendo às reivindicações dos manifestantes, e discutiu a destinação de 75% dos royalties da exploração de petróleo no território nacional para a educação e 25% para a saúde. Esta última foi aprovada já na madrugada do dia seguinte. Foram registrados, nesta data, exatamente 15 vídeos sobre as manifestações e temas relacionados e 15 sobre outros temas, totalizando 30 vídeos.

Quadro 16 – Classificação dos vídeos do Repórter Brasil em 25/06/2013.

REPÓRTER BRASIL – DIA 25/06/2013				
VÍDEOS SOBRE MANIFESTAÇÕES E ASSUNTOS RELACIONADOS				
Cód	Título	Tempo	TE*	Síntese da abordagem
RB125	CÂMARA DISCUTE PROJETOS	01:00	LV	Plenário da Câmara Federal discute propostas para atender às manifestações.
RB126	COMENTÁRIO MANIFESTAÇÕES	03:00	CM	Sociólogo Emir Sader comenta respostas do estado às manifestações.
RB127	MANIFESTAÇÕES FAVELAS	00:45	RP	Moradores de favelas cariocas fazem manifestações no Rio de Janeiro.
RB128	MANIFESTAÇÕES BRASIL	01:30	LP	Resumo das manifestações em várias cidades do país.
RB129	PEC 37 1	00:35	LV	Plenário da Câmara dos Deputados derruba PEC 37.
RB130	PEC 37 2	00:40	LV	Atualização das informações sobre a derrubada da PEC 37.
RB131	REFORMA POLÍTICA	03:00	RP	Presidenta Dilma Rousseff anuncia plebiscito para a reforma política.
RB132	PASSAGEM SP	01:35	RP	Governo de São Paulo anunciou medidas para mobilidade urbana após novas manifestações.
RB133	SENADO TRANSPORTE	00:30	NS	Senado aprova proposta para transporte público.
RB134	SUS	03:10	RP	Série "A Pauta das Ruas" fala sobre o SUS.
RB135	TRANSPORTE CURITIBA	02:50	RP	Quadro "Outro Olhar" fala sobre o sistema de transporte coletivo de Curitiba.
RB136	PACTO SAÚDE	02:15	RP	Governo Federal apresenta Pacto pela Saúde.
RB137	PERGUNTA DO DIA 1	01:00	FP	Transeuntes e usuários de redes sociais respondem o que acham da contratação de médicos estrangeiros pelo governo.
RB138	PERGUNTA DO DIA 2	01:00	FP	Transeuntes e usuários de redes sociais respondem o que acham da contratação de médicos estrangeiros pelo governo.
RB139	PERGUNTA DO DIA 3	01:00	FP	Transeuntes e usuários de redes sociais respondem o que acham da contratação de médicos estrangeiros pelo governo.
Total de vídeos: 15 (23:50)				

VÍDEOS SOBRE OUTROS TEMAS				
Cód	Título	Tempo	TE*	Síntese da abordagem
RB140	CARTILHA FRIGORÍFICO	01:50	RP	Setor frigorífico lança cartilha com normas de trabalho.
RB141	CIÊNCIA EM HQ	02:20	RP	Alunos aprendem ciências com histórias em quadrinhos no RJ.
RB142	COPA CONFEDERAÇÕES	01:20	RP	Preparação da seleção brasileira para jogo no dia seguinte.
RB143	DELFINO NETO AI5	01:20	RP	Economista Delfim Netto depõe à Comissão da Verdade em SP.
RB144	DISCRIMINAÇÃO ARGENTINA	03:05	RP	Nova lei define mês de junho como Mês da Reflexão sobre o Preconceito na Argentina.
RB145	EUA CLIMA	01:10	NC	EUA lançam políticas ambientais.
RB146	ÍNDIOS EMPREENDEDORISMO	01:55	RP	Índios e especialistas discutem empreendedorismo nas comunidades indígenas.
RB147	MENSALÃO	00:30	NS	Empresário Marcos Valério e deputado João Paulo Cunha (PT-SP) são condenados pela Justiça Federal.
RB148	PROVA ABC	01:00	RP	Resultados da Prova ABC, aplicada em todo o país pelo Movimento Todos pela Educação.
RB149	QUADRILHA BAHIA	00:30	NC	Capelinha do Forró é campeã do Concurso Estadual de Quadrilhas Juninas da Bahia.
RB150	SNOWDEN MOSCOU	01:30	NC	Presidente da Rússia afirma que Snowden está em Moscou.
RB151	TERRORISMO AFGANISTÃO	01:35	LP	Radicais afegãos realizam atentado em Cabul, entre outras notícias internacionais.
RB152	TRÁFICO RIO	01:50	RP	Operação contra tráfico de drogas deixa nove mortos no RJ.
RB153	TRÂNSITO BAIXA UMIDADE	01:20	RP	Incêndios aumentam riscos de acidente de trânsito.
RB154	NÚMEROS VIOLÊNCIA SP	00:30	NS	Secretaria de Segurança Pública de SP publica números da violência.
Total de vídeos: 15 (21:25)				
TOTAL DE VÍDEOS DA EDIÇÃO: 30 (45:15)				

*TE – Tratamento Editorial, conforme descrição no Capítulo 3: RP – reportagem; LV – link ao vivo; LP – lapada; NS – nota simples; NC – nota coberta; EN – entrevista; CM – comentário; FP – fala-povo; CH – chamada; RS – resumo; PT – previsão do tempo; ES – especial.

Sobre as manifestações, foram apresentados: *links* ao vivo do Plenário da Câmara Federal informaram, primeiro, que os deputados discutiam propostas para atender às manifestações (RB110) e, em seguida, que haviam derrubado a PEC 37 (RB114 e RB115); três reportagens mostraram outras ações do estado em resposta às manifestações, como o anúncio da presidenta Dilma Rousseff sobre a realização de um plebiscito para a reforma política (RB116); o anúncio do Pacto pela Saúde, também por parte do governo federal (RB121); e novas medidas para mobilidade urbana adotadas pelo governo de São Paulo após novas manifestações (RB117); uma nota simples também informou que uma comissão do Senado aprovara proposta para redução da carga tributária sobre o transporte público (RB118); a ação do estado em resposta às manifestações também foi tema do comentário do sociólogo Emir Sader (RB111); quanto ao tema da saúde, uma reportagem da série "A Pauta das Ruas" falou sobre os desafios do Sistema Único de Saúde – SUS (RB119); já o quadro "Pergunta do dia" trazia a seguinte questão para os telespectadores: “o que você acha da contratação de médicos estrangeiros pelo governo”? (RB122, RB123 e RB124).

Outra reportagem tratou do sistema de transporte coletivo de Curitiba como exemplo de eficiência (RB120); uma reportagem mostrou a manifestação realizada

por moradores de favelas cariocas na Zona Sul do Rio de Janeiro (RB112); e uma lapada resumiu as manifestações do dia em Belo Horizonte e no interior de Minas Gerais, em Porto Alegre e em Goiânia, sendo que as duas últimas haviam terminado em violência, segundo o vídeo (RB113).

A cobertura das manifestações seguiu intensa, portanto, neste dia, com metade dos vídeos da edição dedicados às manifestações e assuntos relacionados. O principal tema são as ações do estado em áreas diversas, sobretudo transporte e saúde, em resposta às reivindicações das manifestações. Vários poderes aparecem procurando atendê-las: as duas casas legislativas federais, o Governo Federal e o Governo do Estado de São Paulo. A ação estatal também é tema do comentário de Emir Sader.

Os únicos *links* ao vivo, no total de três, são do plenário da Câmara dos Deputados, que discutia o destino da PEC 37 no momento em que o jornal entrava no ar, acabando por derrubá-la no transcorrer da edição.

Também nesta edição o tema saúde ganhou destaque. Uma reportagem mostra as propostas do Governo Federal para a área, apresentadas naquele mesmo dia, e outra, pertencente à série “A Pauta das Ruas”, discute o assunto em profundidade. A “Pergunta do dia” também trata do tema e pergunta a opinião dos telespectadores sobre o Programa Mais Médicos, que seria tema de intensa cobertura midiática nas semanas seguintes.

Quanto aos atos nas ruas, vê-se pouco nesta edição. Apenas uma reportagem sobre manifestações atribuídas a moradores de favelas cariocas, com menos de um minuto de duração, e uma lapada resumindo os eventos do dia em Minas Gerais e nas cidades de Porto Alegre e Goiânia. Cabe ressaltar a ênfase na violência que é dada no tratamento das duas últimas.

Em relação a outros temas, foram observados vídeos sobre noticiário internacional, serviços, educação, esporte, comissão da verdade, questão indígena, política, cultura regional e polícia, conforme segue: quatro vídeos sobre fatos internacionais (RB129, RB130, RB135, RB136); reportagem sobre o lançamento de cartilha com normas de trabalho em frigoríficos (RB125); reportagem sobre o papel dos quadrinhos no ensino de ciências (RB126); reportagem sobre a preparação da seleção brasileira para jogo da Copa das Confederações (RB127); reportagem

repercutindo o depoimento do economista Delfim Netto à Comissão da Verdade (RB128); reportagem sobre evento que discutiu empreendedorismo nas comunidades indígenas (RB131); nota simples sobre a condenação do empresário Marcos Valério e do deputado João Paulo Cunha (PT-SP) pela Justiça Federal em decorrência do caso "Mensalão" (RB132); resultados de prova aplicada em todo o país por movimento da sociedade civil para avaliar a qualidade da educação (RB133); reportagem sobre a vencedora do Concurso Estadual de Quadrilhas Juninas da Bahia (RB134); reportagem sobre operação contra tráfico de drogas que deixou nove mortos no Rio de Janeiro (RB137); uma reportagem alertando para o aumento do risco de acidentes de trânsito em decorrência de incêndios no Distrito Federal (RB138); e uma nota simples divulgando números da Secretaria de Segurança Pública de São Paulo sobre a violência no estado (RB139).

Os vídeos selecionados para análise em profundidade foram os de código RB125 e RB134.

a) RB125 – Câmara discute projetos

Este *link* ao vivo trata da votação na Câmara dos Deputados, em Brasília, de projetos que envolvem algumas das demandas que faziam parte das manifestações.

A relação entre a votação que acontece na Câmara e as manifestações é estabelecida logo na cabeça do *link* ao vivo. A repórter afirma em seguida que há disposição, a partir de “acordos”, de “dar uma resposta rápida às manifestações populares”. Entre estas pautas, estão a distribuição de recursos para os estados, a destinação de 100% dos recursos dos royalties obtidos em função da exploração de petróleo pelo programa Pré-Sal para projetos na área da educação (o que não se concretiza inteiramente) e a PEC37, que na prática restringiria o poder do Ministério Público nas investigações. Segundo a repórter, a última é a “mais polêmica”, identificada como “uma das bandeiras dos movimentos nas ruas”. A repórter completa dizendo que os deputados “vão atender aos protestos populares”, arquivando o projeto da PEC37 “definitivamente”.

Este curto *link* ao vivo sintetiza pelo menos duas compreensões importantes. A primeira é o reconhecimento da PEC 37 como uma das bandeiras mais caras aos manifestantes. A problemática envolvida na PEC é a corrupção, do Estado e das polícias. Ser contra a PEC 37 significa ser contra o afastamento do Ministério

Público das atividades de investigação. No art. 127 da Constituição, o órgão é definido como “essencial à função jurisdicional do Estado, incumbendo-lhe a defesa da ordem jurídica, do regime democrático e dos interesses sociais e individuais indisponíveis” (CONSTITUIÇÃO FEDERAL, 2014), e um de seus princípios é a independência funcional. Apesar de fazer parte do estado, zela por interesses da sociedade e é independente dos três poderes. Portanto, menos suscetível à corrupção. Em outra reportagem analisada (RB003), o Ministério Público já havia sido representado por sua postura conciliatória, recomendando ao poder público que ouvisse e buscasse uma negociação com os manifestantes.

Já as polícias estão subordinadas aos executivos, federal e estadual, mais próximas dos órgãos dos quais se protestava do que da sociedade, servindo ainda como “cordão de isolamento” (RB026) entre os manifestantes e os poderes. Além disso, durante as manifestações, os policiais ainda eram aqueles que investiam contra os manifestantes, independentemente do julgamento da proporcionalidade ou legitimidade desta investida.

Assim, tem-se que a questão da PEC 37 extrapola a materialidade do projeto derrubado pela Câmara. Trata-se de uma insatisfação generalizada contra o estado fortemente presente nas manifestações, em certa medida compreendida e simbolicamente atendida pelos deputados.

A segunda compreensão que se faz deste vídeo é exatamente esta urgência da Câmara em atender às demandas dos manifestantes. A intenção dos deputados é “dar uma resposta rápida”, tomando isto como possível e inclusive desejável. O fim da Câmara é simplificar, tornar objetivo o movimento e suas demandas, para, enfim, resolvê-las “definitivamente”. Ao mesmo tempo em que representa o reconhecimento e valorização das manifestações por parte do parlamento, há uma sensação de desacordo entre a reação objetiva da Câmara e a complexidade do fenômeno.

b) RB134 – Saúde também é “Pauta das Ruas”

Esta reportagem faz parte da série “A Pauta das Ruas” e discute a questão da saúde pública como demanda das manifestações. Logo na cabeça, a apresentadora constrói uma equivalência que permeia o restante da reportagem: saúde pública é o

mesmo que a política de saúde pública, materializada no SUS – Sistema Único de Saúde. É este o assunto da reportagem. Em síntese, trata-se de um diagnóstico do SUS, cuja má qualidade é entendida como “um dos motivos que levaram os manifestantes às ruas”. A ideia principal é a de que já existe uma determinação do Estado para atender à questão da saúde pública, mas que por vários motivos, esta determinação não funciona bem na prática.

Já na abertura da matéria, o repórter sintetiza os problemas do atendimento público de saúde: capacidade de atendimento abaixo do necessário (“filas”, “pacientes em corredores”, “escassez de leitos”) e falta de informação. As sonoras de cidadãos, gravadas em frente a hospitais, corroboram a informação do *off*: faltam médicos, os hospitais estão cheios, os funcionários não estão aptos a prestar as informações necessárias e são desrespeitosos com os pacientes. Em resumo: falta um “atendimento mais humano”.

Segundo o repórter, há estrutura formal, garantida na constituição, para um atendimento universal e gratuito, sistema de que fazem parte cerca de 6 mil hospitais. Sua fala aponta uma incongruência entre o que está definido em lei e a situação diagnosticada anteriormente.

Este argumento é reiterado nas sonoras: segundo uma especialista, “há uma diferença muito grande entre o SUS aprovado na Constituição e o SUS real. Falta recurso, mas também falta gestão”; para outro, “o que a população [está] pedindo na verdade é que se tenha um sistema organizado. Não adianta você colocar dinheiro, mais dinheiro”. O problema não seria mesmo dinheiro: o valor destinado ao Sistema triplicou nos últimos dez anos, segundo dados apresentados na matéria. Disto se depreende que o problema não é exatamente a ausência de recursos, mas a gestão pública destes recursos. De qualquer forma, a culpa é do estado, que não está qualificado para gerir a questão.

Outra questão problemática é a disparidade geográfica. Nas regiões sul e sudeste há duas vezes mais médicos do que nas outras três regiões do país. Para resolver o desequilíbrio, é informado que o governo “decidiu contratar médicos estrangeiros para melhorar o sistema público de saúde”. Uma especialista alerta para a necessidade de controlar a qualificação destes profissionais e criar garantias para que eles não se concentrem nos grandes centros urbanos, o que não resolveria o problema.

Em síntese, o problema da saúde pública no Brasil conta com uma estrutura que, teoricamente, é adequada, mas que, na prática, enfrenta dois problemas principais: gestão inadequada e desequilíbrio da distribuição sobre tudo de profissionais da área médica. As consequências são o mau atendimento e a insatisfação generalizada que levam inclusive às manifestações. As soluções são a qualificação da gestão, o que parece bastante abstrato, e a contratação de médicos estrangeiros, para dar conta da má distribuição, o que não apenas é bastante concreto como foi apresentado pelo governo em seus Pactos.

6.1.7 Dia 26/06/2013 – Análises prosseguem, e também os protestos

Neste dia, o Senado Federal aprovou a proposta que transformou corrupção em crime hediondo e a Comissão de Constituição e Justiça da Câmara definiu o fim do voto secreto em votações para a cassação de parlamentares. No *Repórter Brasil*, foram registrados 17 vídeos sobre manifestações e temas correlatos e 10 vídeos sobre outros temas, totalizando 27 vídeos.

Quadro 17 – Classificação dos vídeos do Repórter Brasil em 26/06/2013.

REPÓRTER BRASIL – DIA 26/06/2013				
VÍDEOS SOBRE MANIFESTAÇÕES E ASSUNTOS RELACIONADOS				
Cód	Título	Tempo	TE*	Síntese da abordagem
RB155	CONGRESSO MANIFESTAÇÕES	01:00	LV	Atualização da votação de propostas no Congresso para atender às manifestações.
RB156	VOTO SECRETO	02:30	RP	Congresso vota propostas para atender às manifestações.
RB157	DILMA SINDICATOS	01:30	RP	Presidenta Dilma Rousseff reuniu-se com as centrais sindicais.
RB158	ENTREVISTA EDUCAÇÃO	05:50	EN	Entrevista com o doutor em educação Remi Castioni sobre o tema educação.
RB159	ENTREVISTA PLEBISCITO	04:15	EN	Entrevista com cientista político João Paulo Peixoto sobre o plebiscito da reforma política.
RB160	ESCOLAS PÚBLICAS	03:15	RP	Série "A Pauta das Ruas" fala sobre educação.
RB161	MANIFESTAÇÕES BH	01:40	RP	Resumo das manifestações durante a tarde em Belo Horizonte.
RB162	MANIFESTAÇÕES BSB 1	02:00	RP	Resumo das manifestações do dia em Brasília.
RB163	MANIFESTAÇÕES BSB 2	01:20	LV	Situação das manifestações em Brasília.
RB164	MANIFESTAÇÕES BSB 3	02:25	LV	Atualização das manifestações em Brasília.
RB165	MANIFESTAÇÕES BRASIL	01:25	LP	Resumo das manifestações em diversas cidades do país.
RB166	MANIFESTAÇÕES SP CURA GAY	01:05	LV	Resumo das manifestações em SP contra o projeto de lei da "cura gay".
RB167	CURA GAY	02:00	RP	Reportagem explica discussão sobre a "cura gay"
RB168	PERGUNTA DO DIA 1	00:50	FP	Transeuntes e usuários de redes sociais respondem como acham que o dinheiro dos royalties do petróleo deveria ser aplicado na educação.
RB169	PERGUNTA DO DIA 2	00:50	FP	Transeuntes e usuários de redes sociais respondem como acham que o dinheiro dos royalties do petróleo deveria ser aplicado na educação.
RB170	PERGUNTA DO DIA 3	01:00	FP	Transeuntes e usuários de redes sociais respondem como acham que o dinheiro dos royalties do petróleo deveria ser aplicado na educação.
RB171	MÉDICOS X MAIS MÉDICOS	01:40	RP	Classe médica se posiciona sobre a contratação de médicos estrangeiros pelo governo.
Total de vídeos: 17 (34:35)				

VÍDEOS SOBRE OUTROS TEMAS				
Cód	Título	Tempo	TE*	Síntese da abordagem
RB172	BANCO VATICANO	01:20	LP	Papa anuncia comissão para reformar Banco do Vaticano, entre outras notícias internacionais.
RB173	BARROSO STF	00:50	NC	Luís Roberto Barroso toma posse no STF.
RB174	CASAMENTO IGUALTÁRIO EUA	00:55	NC	Suprema Corte dos EUA reconhece casamento igualitário.
RB175	CONFRONTO MARÉ	01:50	RP	Número de mortos em confrontos na Maré sobre para 10.
RB176	CONSELHO EBC	00:20	NC	Eliane Gonçalves assume vaga no Conselho Curador da EBC.
RB177	COPA CONFEDERAÇÕES	01:20	RP	Público assiste aos jogos da Copa das Confederações no RJ.
RB178	CORREDOR MARCIO MIRANDA	01:55	RP	Reportagem conta a histórico do corredor paralímpico Marcio Miranda.
RB179	FORROCK	01:40	RP	Festival mistura festa junina e rock em Maceió.
RB180	ONU DROGAS	01:50	RP	ONU lança relatório sobre uso de drogas no mundo.
RB181	PRISÃO DONADON	01:25	NS	STF determina prisão do deputado federal Nathan Donadon (PMDB-RO).
Total de vídeos: 10 (13:25)				
TOTAL DE VÍDEOS DA EDIÇÃO: 27 (48:00)				

*TE – Tratamento Editorial, conforme descrição no Capítulo 3: RP – reportagem; LV – *link* ao vivo; LP – lapada; NS – nota simples; NC – nota coberta; EN – entrevista; CM – comentário; FP – fala-povo; CH – chamada; RS – resumo; PT – previsão do tempo; ES – especial.

Sobre as manifestações, foram apresentados os seguintes conteúdos: *link* ao vivo informou sobre a votação de propostas no Congresso para atender às manifestações, como projeto que torna corrupção crime hediondo, no Senado, e a redução do PIS/PASEP e Cofins que incidem sobre o transporte público (RB140); reportagem explicou as principais pautas do Congresso em resposta às manifestações, como o fim do voto secreto para a cassação de parlamentares e o repasse dos royalties do petróleo para a educação e a saúde (RB141); reportagem sobre reunião da presidenta Dilma Rousseff com as centrais sindicais, em busca de apoio para o plebiscito da reforma política (RB142); uma entrevista com o cientista político João Paulo Peixoto sobre o plebiscito (RB144); uma reportagem da série "A Pauta das Ruas" sobre os principais desafios da educação no país (RB145); uma entrevista com o doutor em educação Remi Castioni sobre o tema educação (RB143); o quadro "Pergunta do dia" questiona como os telespectadores acham que o dinheiro dos royalties do petróleo deveriam ser aplicados na educação (RB153, RB154 e RB155); uma reportagem mostra a reação negativa da classe médica contra a proposta de contratação de médicos estrangeiros pelo governo federal, apresentada no dia anterior (RB156); mais *links* ao vivo atualizam a situação das manifestações em Brasília (RB148, RB149) e São Paulo (RB151), sendo que, nesta última cidade, é atribuída ênfase à contrariedade dos manifestantes em relação ao chamado "projeto da 'cura gay'", aprovado pela Comissão de Direitos Humanos e Minorias da Câmara, também objeto de reportagem nesta edição (RB152); duas reportagens resumem as manifestações do dia em Belo Horizonte (RB146) e

Brasília (RB147); e uma lapada sintetizando as informações sobre as manifestações em Porto Alegre, no interior de Minas Gerais, Salvador e São Paulo (RB150).

A cobertura das manifestações e temas relacionados corresponde a mais da metade dos vídeos da edição. A pauta “educação”, após a aprovação da destinação de 75% dos royalties do petróleo para projetos da área, ganha destaque em reportagem da série “A Pauta das Ruas”, vídeo de maior duração da edição, e também em entrevista realizada em estúdio e no quadro “Pergunta do dia”.

A cobertura das discussões que estavam tendo lugar no congresso aparece em *link* ao vivo e reportagem. A ação da presidência também aparece em reportagem e é discutida em entrevista no estúdio. A ênfase é a proposta de plebiscito para a reforma política. A ação na área da saúde, divulgada na edição do dia anterior, aparece novamente, desta vez em reportagem apresentando a contrarreação da classe médica, contrária às medidas anunciadas pela presidência.

A cobertura das manifestações volta a ser objeto de *links* ao vivo, de São Paulo e Brasília. Também há reportagens e lapada sobre os acontecimentos do dia em Brasília, Belo Horizonte, Porto Alegre, interior de Minas Gerais, Salvador e São Paulo. A ênfase é na questão da “cura gay”, em referência a projeto aprovado na Comissão de Direitos Humanos e Minorias da Câmara dos Deputados, então presidida pelo deputado Marco Feliciano. O assunto é tema de reportagem que o aprofunda e é citado como motivo dos protestos em São Paulo, Brasília e Porto Alegre.

Vídeos sobre outros temas trataram de temáticas internacionais, política, polícia, institucional, esporte e cultura regional, conforme segue: um vídeo sobre noticiário internacional (RB157) ; posse de Luís Roberto Barroso como ministro do STF (RB158); uma reportagem sobre o número de mortos em confrontos no complexo de favelas da Maré, no Rio de Janeiro (RB160); uma nota coberta sobre a posse da nova integrante do Conselho Curador da EBC, Eliane Gonçalves (RB161); uma reportagem sobre o público da Copa das Confederações (RB162); a história do corredor paralímpico Marcio Miranda (RB163); a cobertura de um festival de música que mistura festa junina e rock em Maceió (RB164); e a prisão, determinada pelo STF, do deputado federal Nathan Donadon (PMDB-RO) (RB158).

Cabe ressaltar que os fatos que tiveram lugar na Favela da Maré não foram incluídos na cobertura das manifestações porque o telejornal não estabeleceu nenhuma conexão entre eles e o acontecimento público que é objeto deste trabalho, ao contrário, por exemplo, do *Jornal Nacional*, que estabeleceu com clareza esta relação.

Os vídeos selecionados para análise em profundidade nesta edição foram os de código RB160 e RB164.

a) RB160 – “Pauta das Ruas” inclui educação

Esta reportagem é a terceira da série “A Pauta das Ruas” e trata da educação pública no país. A primeira informação apresentada, já na cabeça da reportagem, é a de que 80% dos alunos do ensino básico no Brasil frequentam escolas públicas. Assim, falar de educação, é falar, principalmente, de ensino público. E este é o principal tema da reportagem. A garantia de um “ensino de qualidade para todos” é caracterizada como “um dos grandes desafios que o país precisa enfrentar”.

A apresentadora informa em seguida que a educação “virou bandeira das manifestações”, principalmente depois do lançamento do Pacto da Educação, um dos planos apresentados pelo Governo Federal em resposta aos protestos. Assim, o tema também é caracterizado como uma “Pauta das Ruas”. É esta também a informação trazida pela repórter na abertura da matéria, que traz imagens das manifestações. A fala de duas mulheres, cujas imagens as caracterizam como manifestantes, corroboram a reivindicação, acrescentando que os professores deveriam “ser mais compromissados” e receber “salários decentes”, pois são “pessimamente remunerados”; que os pais deveriam compreender que o futuro dos filhos depende disso; e que a estrutura das escolas é precária, pois em algumas “não tem nem cadeiras para as crianças sentarem”.

Mais informações dão conta da importância da escola básica e da dimensão do problema em números – 85% das 50 milhões de crianças e adolescentes que frequentam escolas dependem do ensino público. A taxa de acesso ao ensino básico, ensino fundamental e médio, teria saltado 84% desde o ano 2000, mas quase 4 milhões de jovens ainda não estão sequer na escola. A repórter insinua que nem sempre o aprendizado é adequado à idade do aluno e mostra dados que comprovam que os estudantes não estão aprendendo o que deveriam aprender. O

texto da repórter, respaldado por fala de representante da Unesco, ressalta a necessidade de valorização e qualificação do professor.

A reportagem indica, assim, que a educação é realmente um problema, porque há números que comprovam que o aprendizado está aquém da meta e nem todas as crianças estão na escola. E o ensino público é o principal foco deste problema, porque atende a imensa maioria dos jovens. São mencionadas pelo menos duas de suas causas pontuais, a falta de estrutura nas escolas e a falta de investimento na remuneração e na qualificação dos professores, mas estes problemas não são aprofundados no sentido de suas causas específicas, consequências ou soluções concretas.

Uma representante da sociedade civil afirma, por fim, que as manifestações representam uma tomada de consciência da sociedade a respeito da responsabilidade individual de cada cidadão em relação à educação.

b) RB164 – Novo foco de tensão em Brasília

Este *link* ao vivo trata da cobertura das manifestações que aconteceram em Brasília no dia 26/06/2013. Segundo informações da cabeça, a manifestação deste dia em Brasília “começou pacífica”, mas “as coisas mudaram”. Nas imagens do *link* ao vivo, nada é muito nítido. Há muita fumaça, policiais e viaturas com as luzes das sirenes ligadas. Já os manifestantes não parecem tão numerosos.

A situação, segundo o repórter, “é muito grave”, “degringolou de uma hora para a outra” e “o que se vê é uma praça de guerra”. A equipe ao vivo sofre com os efeitos das bombas de gás lançadas pela polícia. Segundo ele, uma multidão de cinco mil pessoas teria sido dispersada pelo gás. Os policiais jogam bombas e também “brigam” com os manifestantes. Os manifestantes “enfrentam” a polícia, com pedras e outros objetos arremessados. Eles provocaram a ação dos policiais, jogando água neles e fazendo uma série de xingamentos, a que os policiais revidam com as bombas de gás. Por outro lado, há entre eles crianças e idosos “caminhando com a família” e que agora vão embora da Esplanada “com medo”. Muitas pessoas são detidas pela polícia, embora não se informe o motivo das detenções.

Não há informações sobre a causa da manifestação. O centro da abordagem é a violência da polícia, que bate, prende e sufoca com nuvens de gás. Os

manifestantes provocaram, logo, não são inocentes, mas alguns deles são (crianças, idosos, família) e a reação da polícia não poupa ninguém, sequer a equipe de reportagem.

6.2 “PAUTA DAS RUAS” E ANÁLISES AO VIVO

No total, a cobertura foi composta de 84 vídeos sobre manifestações e temas relacionados e 82 sobre outros temas. No que diz respeito à abrangência, é notável o número maior de vídeos sobre os eventos em São Paulo, Rio de Janeiro e Brasília, com destaque também para Minas Gerais. Os acontecimentos nas demais localidades foram resumidos em notas ou lapadas.

No geral há um equilíbrio entre assuntos relacionados às manifestações e temáticas afins e os outros temas da cobertura cotidiana do jornal. Os temas que apareceram e que não dizem respeito às manifestações foram o noticiário internacional, cultura, política, economia, cultura (sobretudo a nordestina, em plena temporada de festas juninas), pautas de serviço (explicação sobre mudanças trazidas por novas leis, dicas para evitar incêndios e outros tipos de acidentes, etc.), questões relacionadas à cidadania e aos direitos humanos e de minorias (questão indígena, agrária, de gênero, Comissão da Verdade, laicidade do estado, etc.), esporte (especialmente relacionadas à Copa das Confederações), meio ambiente, educação e pautas institucionais (informando novidades no Conselho Curador da EBC ou publicidade de outros programas da emissora).

A cobertura do tema manifestações e de seus subtemas (causas, reivindicações, resultados) foi marcada pelo aprofundamento dos assuntos, inclusive as questões mais abrangentes e abstratas, e por um viés analítico dos fatos. Os enquadramentos revezam sentidos de violência e confusão com a ideia de engajamento cívico, isto é, ação política racionalmente orientada e determinada, que expressa cidadania e é capaz de trazer resultados na forma da ação dos governantes..

Nos formatos editoriais, a cobertura foi diversa, combinando *links* ao vivo e reportagens sobre os principais eventos, entrevistas e matérias especiais sobre os temas levantados pelas manifestações e pelo próprio poder público, como é o caso

do plebiscito da reforma política. Muito tempo foi dedicado a conversas com especialistas em estúdio, que aprofundavam as discussões sobre os temas do dia e procuravam interpretar os sentidos dos acontecimentos. Além de especialistas, pelo menos um representante do MPL foi convidado para debater os acontecimentos ao vivo. Emir Sader, sociólogo e cientista político, que participa do telejornal de forma fixa fazendo comentários sobre assuntos diversos, também colaborou com interpretações.

Também nas reportagens houve uma proposta mais analítica. Os textos dos repórteres e os gráficos trouxeram dados concretos sobre os temas em discussão que contribuiriam para a formação de quadros gerais sobre assuntos genéricos relacionados às manifestações e às proposições apresentadas pelo poder público, como educação, transporte, saúde e sistema político. A série de reportagens “A Pauta das Ruas” trouxe ao telespectador matérias cujo cerne não era o factual, mas as questões públicas inerentes aos acontecimentos, de responsabilidade do estado e da sociedade, coletivamente. Mesmo matérias com ganchos factuais bem definidos, como as que trataram dos protestos paulistanos, eram complementadas com informações de contexto e recuperações históricas que procuraram compreender e explicar os eventos.

A frieza analítica deixou de lado a característica passional que atravessa o acontecimento e que, afinal, está profundamente relacionada com o impacto simbólico e com o engajamento que provocam na sociedade. Os eventos são, em certa medida, subdimensionados em privilégio de suas razões, e os *links* ao vivo não dão conta plenamente da dimensão sensorial do acontecimento. Os diversos outros assuntos concomitantes à cobertura, desde crises internacionais até os campeonatos de quadrilhas, ofuscam os protestos enquanto pauta maior do dia. O espetáculo dá lugar à análise e não se trata, portanto, de um texto televisivo nos moldes convencionados. Há um sentido menor de urgência nas imagens e as demandas tendem a ser objetivadas e politicamente sistematizadas. Por outro lado, o espectador que estivesse interessado em acompanhar os fatos ao mesmo tempo em que aconteciam ficaria frustrado. Enquanto as ruas convulsionavam, mediadores e convidados discutiam hipóteses de dentro do estúdio.

Mas isto não significa que os quadros de sentido construídos sobre os acontecimentos excluam as emoções, sobretudo o medo diante da violência dos

protestos. O vandalismo está presente nas manifestações, bem como a violência policial. As cenas de protestos são descritas como “cenários de guerra” e a expressão dos repórteres nos locais de manifestação onde há conflito é de preocupação. Os manifestantes “desobedecem”, “provocam”, “bloqueiam”, “destroem” e “invadem”. A polícia “reage”, protegendo o patrimônio público, “agride”, “dispersa”, “prende” e chega até mesmo a perder o controle.

A diferença é que este enquadramento de violência permanece ao lado de um sentido igualmente forte de mobilização política que perpassa o conjunto das manifestações, sobretudo na exploração dos subtemas, apontados como as causas dos protestos. A questão do transporte público aparece desde as primeiras edições analisadas como o fator que desencadeia o acontecimento, enquanto outras pautas vão surgindo ao longo da cobertura. São elencados como temas relacionados às manifestações as questões da mobilidade urbana, da saúde e da educação; assuntos relacionados à ética na política, como a PEC 37 e a reforma eleitoral; e a indignação dos manifestantes com medidas pontuais relativas a direitos humanos e das minorias, como a questão de gênero e a equivocada “cura gay”.

A série “A Pauta das Ruas” pretendeu definir e aprofundar a discussão sobre pelo menos três destes temas no decorrer das edições analisadas: transporte público, saúde e educação. Cabe notar que existe uma relação de cada uma destas temáticas com as notícias do dia em que são exibidas: a matéria sobre a saúde é veiculada em 25 de junho, dia do anúncio do Pacto Nacional pela Saúde, e a reportagem sobre educação, na edição do dia 26, sendo que a destinação de 75% dos royalties do petróleo para a projetos desta área fora definida na madrugada anterior.

O quadro “Pergunta do dia” é outro aspecto que caracteriza a cobertura. Pelo nome, sugere-se que a pergunta feita aos telespectadores esteja relacionada à pauta que o telejornal considera como a pauta do dia, isto é, a notícia mais importante da edição. Com exceção do dia 13, em que o quadro é substituído por poemas de Fernando Pessoa, por ocasião dos 125 anos de seu nascimento, e do dia 22, quando tratou de tema relacionado à Copa das Confederações, nas demais edições analisadas a pergunta esteve relacionada às manifestações ou a assuntos correlatos: aspectos positivos e negativos dos protestos, no dia 20; transporte público, no dia 21; ações da presidenta Dilma em resposta às manifestações, no dia

24; saúde, no dia 25; e educação, no dia 26. A existência deste quadro nas edições do telejornal denota uma preocupação em buscar formas de interação e participação do público, principalmente através de redes sociais. Ao mesmo tempo, a formulação das perguntas indica uma politização das pautas e a sua proposição sugere que se discutam os assuntos apresentados em termos mais ou menos objetivos, ainda que as respostas do público reproduzidas pelo telejornal não promovam necessariamente uma qualificação da discussão.

Esta mobilização social intrínseca ao acontecimento é bem sucedida, à medida que o poder público é obrigado não apenas a se pronunciar, mas também a apresentar soluções. Algumas delas já existem, como é o caso da lei da mobilidade urbana, e nesse caso a reportagem procura compreender por que a política pública não dá certo, através da análise de especialistas e da opinião do representante de uma ONG que trabalha com o tema, a Rede Nossa São Paulo. Em outros casos, como o da redução da tarifa de transporte na capital paulista, o triunfo dos manifestantes é motivo de celebração.

Em um primeiro momento, o Estado é apático, não dialoga e demonstra intransigência ao recusar-se a negociar com manifestantes, mesmo com a intervenção de órgãos auxiliares como o Ministério Público. De maneira geral, nas análises construídas na série “Pauta das Ruas”, o poder público é ineficaz ao não investir o suficiente e não saber como gerir o que investe nas políticas de transporte, saúde e educação.

Já em um segundo momento, diante da crise, o Executivo responde aos manifestantes com a suspensão do aumento da tarifa, em São Paulo, e com propostas e pactos no plano nacional. Já o Legislativo vota projetos outrora engavetados com inédita agilidade, aprovando novas leis e derrubando propostas polêmicas. A PEC37 e a “cura gay” são engavetadas, os royalties do petróleo são encaminhados para a educação e para a saúde e a discussão sobre uma possível reforma política sai finalmente do papel, tudo graças às manifestações. A sociedade civil, por sua vez, participa ativamente dos protestos, através, por exemplo, do MPL e dos grupos LGBT. Além disso, ONGs como a Portal Aprendiz e Rede Nossa São Paulo participam das discussões construídas nas reportagens opinando, sugerindo e avaliando os temas em discussão.

Em síntese, no *Repórter Brasil*, os sentidos de enfrentamento, confronto e violência caracterizam as manifestações tanto quanto sentidos de engajamento cívico, relacionado à participação política, à reivindicações legítimas do cidadão frente ao estado e aos grupos de poder, como a própria mídia. Trata-se de uma espécie de engajamento de sentido positivo, de apropriação e colocação em prática do direito de manifestação e participação democrática naquilo que é de interesse coletivo. A ação do estado, por sua vez, é consequência das manifestações e tende a dialogar com as pautas dos manifestantes e provocar debate sobre temas e políticas públicas.

7 JUNHO DE 2013 ENTRE O ESPETÁCULO E O DEBATE PÚBLICO

As manifestações brasileiras de junho de 2013 foram um acontecimento do tipo público, porque provocaram tensionamentos em todos os níveis da comunicação pública: estado, governo e sociedade. As relações entre atores políticos, marcadas pela permanente disputa de poder nas democracias, foram reproduzidas na mídia, que cobriu os protestos da sociedade e também a resposta governamental e legislativa. A materialização destes tensionamentos no texto midiático é *visível*. A contraposição se dá no nível dos sentidos e os enquadramentos são os recortes de significados que permitem enxergar estas disputas, que reproduzem, na tela da televisão, as batalhas que se dão nas ruas e também nos corredores dos palácios. Em outras palavras, as contradições entre os enquadramentos reproduzem os conflitos da ordem da realidade, e tudo se potencializa através do impactante texto audiovisual, onipresente nos lares, nas discussões, nas tomadas de opinião.

A televisão, por sua relação com a imagem, atesta verdades sobre as manifestações. Mesmo quem participou dos movimentos está limitado pelo alcance de seus próprios sentidos, e constrói seu conhecimento sobre o que acontece também com base nas representações a que tem acesso. Quando estas representações são construídas na televisão, as imagens atribuem a elas veracidade, consolidada pela credibilidade inerente ao formato telejornalístico. Assim, quem não esteve presente nas manifestações, mas também quem esteve presente, pode revoltar-se com as imagens da polícia acoassando um jornalista – inocente, a princípio – e no exercício de seu trabalho, em uma ruela escura do centro de São Paulo, onde ele é agredido por numerosos homens sem rosto, inteligíveis apenas pelo brilho dos capacetes da polícia contra a escuridão da noite. A clandestinidade do ato é revelada pela televisão, que traz a violência policial para dentro da casa do telespectador, tanto no *Jornal Nacional* quanto no *Repórter Brasil*. Da mesma forma, a violência policial contra os estudantes, que ninguém vê, é mostrada na publicação de vídeos publicizados primeiro pelas redes sociais. Ao ser incorporada ao texto jornalístico tradicional, o telejornal valida estas imagens

amadoras e amplia seu alcance e confiabilidade. É verdade, porque alguém compartilhou na rede, e também porque saiu no *JN*.

As diferenças de tom das coberturas implicam consequências para sua relação com a realidade. O *Jornal Nacional*, mais presente nas ruas, mostra a realidade de forma mais urgente e imediata quando sobrevoa Brasília e mostra o fogo no momento em que surge a chama, que surpreende inclusive os mediadores. Suas múltiplas câmeras, espalhadas por todas as regiões do Brasil – o que reflete seu domínio de mercado e também seu poder social e político – ampliam a dimensão dos eventos e apresentam ao público um espetáculo à altura da importância política do acontecimento, digna de repercussão internacional e de medidas urgentes no Planalto e no Congresso, como se vê nos dias que sucederam a manifestação do dia 20.

Os enquadramentos do poder, por sua vez, em ambos os telejornais, tendem a privilegiar diferentes aspectos de sua relação com a sociedade nas notícias sobre as respostas às manifestações, salientando pelo menos dois modos fundamentais e opostos da complexa relação entre mídia, estado e sociedade: a política instituída como lugar de espetáculo e disputa de imagem, e que visa à conquista e permanência de um projeto político no plano das instituições do estado, contraposta à ação política mobilizadora, geradora de debate, que pressiona o estado e convoca à reflexão sobre temas diversos relacionados ao interesse público.

Enquanto a televisão de exploração comercial tende a privilegiar o primeiro aspecto em uma cobertura factual (é assim que as coisas são), a televisão pública diferencia-se dela ao construir uma cobertura de caráter mais analítico (como as coisas poderiam ser).

Ainda que elementos de linguagem e sentidos, como o de violência, estejam presentes em ambas as coberturas, o *Repórter Brasil* tende a problematizar de forma mais abrangente as questões em debate; ao *Jornal Nacional*, por outro lado, importam mais os fatos e com isso, seu discurso de aproxima mais do *real*, em sentido midiático. Também provoca debate, mas qualifica-o de forma diferente. Há uma preocupação maior, por parte do *Jornal Nacional*, em se apropriar da realidade, e para isso suas câmeras capturam os acontecimentos à medida que acontecem, mantendo sintonia entre os sentidos dos repórteres e as emoções do telespectador.

O resultado é a ampliação do caráter espetacular da cobertura, contraposto à frieza das análises em estúdio, distantes dos fatos, produzidas pelo *Repórter Brasil*.

7.1 OS SENTIDOS DA VIOLÊNCIA NA COBERTURA DAS MANIFESTAÇÕES

Parte do espetáculo a respeito das manifestações é construído a partir do choque provocado pelos atos violentos exaustivamente mostrados no vídeo. O enquadramento “violência” existe nas duas coberturas. O rompimento que caracteriza as manifestações – e os acontecimentos, de forma geral – representa também uma ameaça à ordem instituída e às relações mais ou menos estáveis estabelecidas entre os sujeitos na arena pública. O próprio sistema político é, em determinado momento, colocado em xeque. O medo, a confusão, o atordoamento também são reais e estão na cobertura televisiva, rica em imagens de vandalismo, prejuízos, explosões, estampidos, agressões, prisões e confrontos. O prédio do Itamaraty aparece em chamadas – apenas por alguns instantes. Mas são instantes suficientes para gerar impacto. O que querem os manifestantes? Não importa. Representam uma ameaça e cometem excessos, a despeito de suas boas intenções.

Os enquadramentos também revelam sutilezas. A violência, assim como a multidão, não é homogênea. Dá-se em múltiplas direções, partindo de sujeitos diferentes. Nas ruas, a sociedade enfrenta o poder instituído, representado pela polícia. A violência pode partir dos policiais em direção aos manifestantes, pode ser mútua, ou pode partir dos manifestantes contra a própria sociedade. Quando parte dos policiais, ela é clandestina, desproporcional, fora de controle e precisa ser investigada. Faz vítimas entre pessoas inocentes. É, em resumo, ilegítima. E a dimensão de sua ilegitimidade se amplia, quando contraposta à injustiça do ato arbitrário de aumentar passagens e também à intransigência do poder público.

Ressalta-se especialmente o caso das pelo menos 10 mortes ocorridas na favela da maré, tema de reportagens a partir do dia 25, relacionadas aos protestos pelo *Jornal Nacional*. A relação é obscurecida pela cobertura policializada dos fatos (no *Repórter Brasil*, o caso foi tratado apenas como questão de polícia e as

manifestações não foram mencionadas). Ao se fazer a síntese das mortes em função dos protestos em balanços posteriores, as pessoas fuziladas pela polícia não são contabilizadas. Este evento produz indícios de um viés classista no tratamento das manifestações, reprimidas com balas de borracha e gás lacrimogêneo nos bairros de classe média – registro publicado por estudantes através da internet e apropriado pelo *JN* em tom de denúncia – e as mortes e o sentido criminoso emprestado aos fatos que acontecem na favela, prontamente associadas ao tráfico de drogas.

Na maioria das vezes, porém, a violência é justificável – a polícia responde quando é provocada. A presença da polícia nos protestos é naturalizada, o que desde já implica existência de uma espécie de ameaça à ordem, inerente ao direito de expressão. Quando é pacífica, a manifestação ocorre sem grandes problemas. Na maior parte das vezes, porém, há desobediência e provocações, o que acarreta a reação, legítima, da polícia, protegendo a integridade física dos que não se manifestam, dos que são alvo das manifestações (os funcionários que do Itamaraty, representantes de governo, não merecem ser atacados) e também de seus próprios agentes, o direito à propriedade privada e a integridade do patrimônio coletivo das cidades. A polícia protege também o direito de ir e vir, ameaçado pelos bloqueios de ruas, estradas e aeroportos. É contraditório, porque garantir a mobilidade é o próprio objetivo de quem protesta. Numa cobertura de caráter analítico, como é o caso do *Repórter Brasil*, o peso da contradição tende a ser ampliado. Na cobertura factual, o princípio que se sobrepõe é a indignação, plenamente legítima, dos que se veem prejudicados pelo evento no tempo imediato, o que reflete também certo individualismo associável ao campo privado.

A violência mais salientada nos textos e comentários dos mediadores, porém, é a violência dos manifestantes contra a sociedade. Ambas as coberturas naturalizam o rechaço ao vandalismo enquanto prática condenável e antidemocrática, que vitimiza o patrimônio público e privado. Este tipo de violência não tem justificativas na cobertura dos telejornais, em que pese, por exemplo, a existência de grupos, como os adeptos do *black bloc*, que defendem a violência contra o patrimônio enquanto forma legítima de expressão e reivindicação. A discussão que se apresenta aqui não é axiológica, mas tem a ver com hegemonia – mesmo na cobertura da televisão pública, nos dias analisados, a compreensão

hegemônica sobre o vandalismo não foi problematizada, o que indicaria a existência de limites sobre a pluralidade que caracterizara o telejornalismo público – afinal, o que *não* deve ser discutido na televisão pública? O que caracteriza a violação da cidadania no plano simbólico e qual sua relação com os princípios de liberdade de expressão e pluralidade de pensamento?

Também deriva da problemática do vandalismo a dicotomia repetida com maior ênfase pelo *Jornal Nacional*, ainda que presente em ambas as coberturas: a diferenciação entre a “maioria pacífica” e a “minorias violentas”. Esta compreensão se desenvolve ao longo dos dias de cobertura analisados e parece funcionar como uma espécie de salvaguarda do direito de criticar a ruptura da ordem sem indispor-se com uma quantidade cada vez maior de pessoas que aderiam aos protestos. É um discurso que agrada a contentes e descontentes – reconhece a legitimidade das manifestações, mas atenta para suas consequências negativas – ao mesmo tempo em que simplifica, em duas denominações, a complexidade dos eventos que se desenham na tela, atribuindo sentidos de valor ao acontecimento e personalizando-o, ao contrapor o manifestante – elevado à categoria de herói cívico – não mais à polícia, mas ao vândalo, criminoso, aproveitador e antidemocrático. Cabe ressaltar que a dicotomia não se aplica aos protestos na Favela da Maré, cujo próprio caráter de manifestação é apenas ligeiramente mencionado, ofuscado diante da problemática da guerra entre policiais e traficantes, em que os moradores da favela, no discurso midiático, são baixas de guerra, vítimas do acaso em meio ao fogo cruzado.

7.2 ESPETÁCULO E DISPUTA DE IMAGEM NO JORNAL NACIONAL

Junto aos enquadramentos de violência para caracterizar as manifestações, a cobertura do *Jornal Nacional* caracterizou-se por uma abordagem polemicista das ações do poder em resposta às manifestações. Em ambas as coberturas, as medidas anunciadas pelo Executivo e pelo Legislativo foram enquadradas como respostas à crise de imagem. Mas, no *Jornal Nacional*, a polarização e o debate em torno das medidas, sobretudo do Governo Federal, no caso da reforma política, foram mais acentuadas. Além disso, os atores que gravitam em torno desta discussão na cobertura do *JN* são os próprios atores do poder: membros do

governo, o vice-presidente, parlamentares aliados, partidos de oposição, prefeitos e governadores afetados pelas manifestações.

Na cobertura dos protestos, especialmente na reportagem sobre o perfil dos manifestantes presos em São Paulo, o *Jornal Nacional* indicava as disputas de visibilidade que fundamenta o acontecimento quando mostrava uma ativista, ligada a partidos políticos segundo o texto da matéria, afirmando que seu objetivo é fechar ruas para pressionar o poder público. Na cobertura das ações de governo em resposta às manifestações, este sentido é ampliado e reconstruído em outro patamar – o das lutas pelo poder legitimado pelo voto.

O que se percebe é uma disputa de sentidos e de credibilidade, provocada, estimulada e aprofundada pelo telejornal, que ouve exaustivas fontes ligadas ao estado e ao direito a fim de questionar: a reforma política proposta pela presidenta é viável? Sob que forma? É desejável? Apresentam-se assim juízos políticos sobre a ação do governo, que implicam desqualificação da imagem da presidenta, mas também o exercício do poder de vigilância que caracteriza o jornalismo.

O Governo responsabiliza o Congresso pela apatia em relação à reforma política; o Congresso culpa o governo, mas, ao mesmo tempo, reclama que a tentativa de fazer um plebiscito incide sobre competência que é sua. No fim das contas, meses depois das manifestações, a reforma seria tão reduzida a ponto de ser aprovada sob a alcunha de *minirreforma*, resultado dos pactos e atos de poder da esfera não visível da política – ainda que a discussão sobre ela continue e esteja, no momento em que se escreve este texto, prestes a ser novamente reformulada. Na esfera de visibilidade, porém, o problema já havia sido controlado no momento em que os protestos perderam força. Assim, o que a cobertura dos atos do poder, especialmente do Governo, pelo *Jornal Nacional*, evidencia é a disputa por visibilidade que articula política e mídia. Os tensionamentos de poder traduzidos em disputas por imagens favoráveis se reproduzem no plano da comunicação e os enquadramentos privilegiam a formação de um embate político entre os atores de poder, ao qual a sociedade tem acesso de forma plebiscitária.

Isso não significa que os embates pela imagem pública favorável não estejam presentes no telejornal da *TV Brasil*, apenas que a cobertura da TV pública não emprestou tanta ênfase aos atores políticos, dando preferência a analistas e comentaristas. Os atos de governo, no *Repórter Brasil*, são narrados como

consequências diretas das manifestações. O jornal prefere problematizar as grandes questões (saúde, transporte, educação) em lugar de dedicar tanto tempo da cobertura às nuances das propostas de governo.

A preocupação com os detalhes da reforma política reforça o compromisso factual da cobertura do *Jornal Nacional*. A pouco mais de um ano das eleições, se aprovada, a reforma política acarretaria consequências bastante diretas nas dinâmicas de poder nos anos seguintes, a começar pelo próprio processo eleitoral, no qual a televisão é protagonista entre as mídias. A urgência com que o assunto é discutido faz transparecer a apreensão dos mediadores (e da mídia que representam). As fontes e vozes ouvidas representam o poder instituído e o direito. Tratam-se, portanto, de atores com influência ativa no processo político e legal que se desenrolava, e por isso sua opinião era também tão importante. Se a reforma política tivesse realmente ocorrido na proporção em que se anunciava, não haveria dúvidas sobre a relevância do tratamento editorial dado à matéria. O enfraquecimento da pauta, porém, não surpreende, se for considerada a perspectiva da disputa de visibilidade especialmente no momento de crise. Uma vez que as dinâmicas de poder retornam à normalidade – ainda que em um patamar diferente do que ocupava antes do acontecimento – a urgência e o peso das medidas também foram enfraquecidos. O telejornalismo participou deste processo ao repercutir e dimensionar a polêmica durante o período de maior incerteza política e silenciar sobre ele nos meses seguintes.

Chama atenção ainda o recorte feito pelo *Jornal Nacional* das palavras de Dilma Rousseff, um dia após a presidenta se pronunciar em rede nacional sobre as manifestações (22/06/2013). Além de listar as medidas anunciadas, ainda bastante generalistas, o telejornal chama atenção para a reprodução, na fala da presidenta, do discurso que se tornou comum na cobertura: o reconhecimento da importância democrática dos protestos, com a ressalva de que não haveria transigência “com violência e arruaça”. Denota-se assim uma apreensão, por parte da política, de um discurso amplamente construído na mídia, e que, como já foi dito, relaciona-se estrategicamente com a busca da aprovação da maioria do público, o que contribui para a formação de sentidos positivos – a presidenta fala a verdade? Provavelmente, uma vez que seu discurso também é o discurso do jornalismo.

7.3 DEBATE PÚBLICO NO *REPÓRTER BRASIL*

Os enquadramentos do *Repórter Brasil* também deram visibilidade às ações do estado em resposta à crise gerada pelas manifestações. Os tensionamentos entre atores políticos não deixam de existir na cobertura da televisão pública, apenas se tornam menos evidentes porque, nas amostras coletadas, não é explícita a contraposição de versões entre grupos rivais no poder. Os que aparecem, claro, se beneficiam da exposição e aproveitam para disputar a construção de sentidos positivos junto ao telespectador. Mas as análises do telejornal utilizam-se muito de dados concretos e da opinião de especialistas para avaliar as propostas da Presidência e do Congresso, apontando inclusive, no caso da política de mobilidade urbana, quando a ação já posta em prática pelo estado gerou pouco resultado.

A ênfase que marca os enquadramentos do telejornal é a resposta às reivindicações das ruas. O *Repórter Brasil* celebra a vitória das manifestações em São Paulo, quando o prefeito da cidade e o governador do Estado decidem rever o aumento da tarifa do transporte público local. Este é um momento chave em uma cobertura que foi marcada pela análise dos aspectos positivos e negativos – inclusive com participação do público – dos protestos e de discussões aprofundadas sobre várias das pautas que surgiam nas ruas.

A natureza cidadã e o potencial deliberativo do acontecimento foram salientados pelos vídeos do *Repórter Brasil*. O telejornal tratou inclusive de assuntos mais generalistas ou abstratos, como a questão do transporte, da educação ou da saúde. A ênfase conferida nas temáticas foi o seu caráter público: políticas públicas de transporte, sistema público de ensino e SUS, respectivamente. Se contribuíram pouco, nas coberturas ao vivo, para demonstrar as dimensões dos protestos que reuniram cidadãos de norte a sul do país, as matérias do telejornal forneceram informação relevante para a qualificação das discussões a respeito dos temas agendados pelos manifestantes, emprestando a devida relevância para a natureza pública deste acontecimento.

A televisão pública reconheceu os movimentos de junho de 2013 como um fenômeno de contestação à política, compreendida como conjunto de instituições e processos institucionalizados de exercício de poder. Neste sentido, destaca-se a cobertura do arquivamento da PEC 37, pauta relacionada à insatisfação com a

corrupção estatal, síntese da má gestão que privilegia interesses privados sobre os interesses de toda a sociedade.

Este reconhecimento pode ser um passo em direção à construção de uma nova política, voltada para cidadania e com base na mobilização social em torno dos grandes temas de interesse coletivo. A preocupação de inserir no telejornal a participação dos telespectadores através de redes sociais, ainda que incipiente, vai ao encontro desta proposta, num momento em que as tecnologias de informação e comunicação alternativas às mídias massivas desempenham papel fundamental na organização e discussão em torno dos processos políticos, em especial das manifestações.

Por outro lado, o formato como é apresentada esta cobertura pela *TV Brasil* deixa dúvidas em relação ao seu potencial de engajamento e de formação de uma rede eficiente de circulação de informação e qualificação do debate. O *Repórter Brasil* reproduz padrões tradicionais de tratamento da informação jornalística em muitas das matérias, sem, contudo, apresentar provas de que possua estrutura formal à altura de uma cobertura nacionalizada como foi a das manifestações. O telejornal tratou consideravelmente menos dos protestos em outras cidades que não fossem Rio de Janeiro, São Paulo, Brasília e arredores. Também são reduzidos na cobertura os sentidos de imediatismo e urgência. Ao emprestar ênfase às análises, o telejornal obrigatoriamente distancia-se dos fatos, o que abre a possibilidade de questionar a função que representa enquanto gênero telejornalístico.

O personalismo e a dramatização dos fatos, características do espetáculo político midiático, também são diminuídos na cobertura do *Repórter Brasil*. Se, por um lado, isso venha a significar uma qualificação da informação, por outro nega uma relação afetiva e cognitiva importante que se estabelece entre a televisão e seu público. Nesse sentido, é difícil imaginar a construção de laços de fidelização com o telespectador. Em outras palavras, o *Repórter Brasil* fica no meio do caminho entre uma proposta diferenciada e os modos consolidados de fazer telejornalismo. Essa crise de identidade remete ao caráter ainda em desenvolvimento da mídia pública.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em junho de 2013, a rua foi redescoberta pelos manifestantes, o que consistiu em acontecimento de tipo específico: o acontecimento público. Durante o processo de constituição do fato em acontecimento, reconquistou-se não apenas o espaço público das cidades, mas também o da comunicação e o da política, à medida que os manifestantes foram capazes de pautar os telejornais e as decisões de governo e do Congresso.

Os protestos mobilizaram boa parte da sociedade, contra ou a favor do que era manifestado. Esta capacidade de mobilizar tantas esferas diz também respeito a seu caráter público, que transformou os modos de se relacionar com a política no Brasil. Os acontecimentos têm o poder de despertar o interesse e também por isso consistem na matéria-prima do jornalismo, capaz de emocionar, entreter, informar e dar sentidos diferentes ao mundo.

O acirramento das tensões eleitorais experimentado no ano seguinte ao das manifestações, se não é consequência direta dos protestos, relaciona-se a eles cada vez que se compara as disposições acaloradas de hoje, de ambos os lados do espectro político, à apatia política que marcava a sociedade há bem pouco tempo, comprovando-se a capacidade dos brasileiros de demonstrar (ainda) sua indignação.

A televisão tem papel importante neste processo. A mídia que ainda está mais presente nos lares é responsável pela revelação da grandiosidade do acontecimento. Assim o faz através das imagens, que chocam, comovem, indignam, assustam e fazem a suposta prova da verdade dos fatos. Também emocionam, e assim promovem o engajamento que reproduz e mantém vivo o acontecimento, chamando atenção para o debate público ao mesmo tempo em que proporcionam espaço de visibilidade para os interesses privados. A contradição que marca a arena da política, em sua interlocução com a mídia, é reproduzida, então, ainda uma vez.

Mídia pública e mídia comercial materializam pelo menos dois aspectos complementares do acontecimento público a partir dos fatos para os quais abrem o espaço do jornalismo: a capacidade de engajar, relacionada à emoção que

provocam, quando transformada em ação política; e a decorrente capacidade de deliberar, quando o debate público qualificado tem eco nas propostas discutidas e votadas nas instâncias formais e legítimas do poder institucionalizado.

Espetáculo e debate público se opõem, então, enquanto regimes de significado: a argumentação, essencial ao debate e de sustentação firmemente racional, permanece como ideário normativo da comunicação pública, mas se materializa, na prática, contraposta à estética definida pela emoção, pelo espetáculo e pela paixão intrínsecos ao humano, capazes de movê-lo em direção à política. O sentimento pessoal de realização, os afetos, as paixões e ideologias são sempre contrabalanceados eticamente por aquilo que diz respeito aos outros, ao coletivo de que faz parte. Portanto, a racionalidade aqui está ligada a um ideal de bem comum, de inclusão, de igualdade de oportunidades e de garantia de direitos que caracteriza a cidadania. Nesse sentido, nunca será absoluta, mas permanece sempre como horizonte que orienta as práticas no domínio do público.

O problema surge, então, quando se evidencia o caráter persuasivo desta produção midiática, que tem alcance maior em função do apelo mercadológico que consiste no consumo das imagens. No espetáculo político midiático, esta abordagem sugere uma política da persuasão pelo impacto emocional, e não da qualificação do debate público.

Ao descolar-se da função mercadológica, a televisão pública reforça, assim, um papel complementar de importância vital para as discussões sobre temas de interesse coletivo. Ainda que represente um alcance menor, a mera existência da televisão pública significa uma oferta informativa essencial que necessita ampliar sua relevância com a qualificação técnica e estética de seu conteúdo e mesmo, quem sabe, através de uma melhor comunicação sobre si mesma.

A crise da representação é uma das questões presentes nas ruas durante os protestos. As instituições e os processos da política são constituídos em espaços de batalha pela conquista e manutenção do poder, em que as armas são os significados e o coletivo pouco interessa diante do personalismo. As lutas são, acima de tudo, pelo convencimento: o agir comunicativo é submetido à ação estratégica. A análise dos enquadramentos é o movimento através do qual se pode evidenciar, também, o modo de construção destes sentidos e das disputas de visibilidade que marcam as discussões da esfera pública para além do interesse público – mas

sempre alinhadas com ele, pois é este princípio que as justifica enquanto balizador ético da comunicação e da política nos regimes democráticos.

Este trabalho reconstruiu os modos de compreender as manifestações de junho de 2013 nos telejornais *Jornal Nacional*, da *TV Globo*, e *Repórter Brasil*, da *TV Brasil*. A complementaridade dos sistemas representados por eles é demonstrada no texto audiovisual, através do apontamento dos limites e contradições de cada uma. O espetáculo é capaz de mobilizar; a análise, de qualificar a discussão mobilizada. Sem a qualificação do debate em torno das questões públicas, sobrepõem-se os interesses privados dos atores mais competentes em direcionar a indignação contra seus inimigos políticos através da retórica e das conjunturas sociais, culturais e econômicas, ao mesmo tempo em que desqualificam as instituições do estado e a própria política. Entretanto, no extremo oposto, ao negligenciar o potencial estético do acontecimento, a discussão se afasta das ruas e da realidade, ao negar a natureza humana das paixões, intrínsecas, também, à política.

Na prática, porém, fatores como audiência, estrutura material e alcance geográfico desmentem a equalização dos dois discursos aqui analisados e que são, de fato, incomparáveis. O recentemente instituído sistema público de radiodifusão, que materializa o direito ainda não consolidado à comunicação – ou, em outras palavras, o direito dos grupos minoritários e contra-hegemônicos de também serem *vistos*, adquirindo existência na esfera pública – não se equipara à onipresença e à onipotência do telejornal mais influente do país. Ao mesmo tempo em que a burocracia e a escassez de recursos compromete por vezes a qualidade técnica do telejornal da TV Brasil, que não é capaz de mobilizar uma cobertura ao vivo do local das manifestações, a característica pública da organização em que se insere define um compromisso ético e legal com uma comunicação diferenciada do modelo mercadológico – voltado ao consumo das imagens – e engajado na democratização do acesso à mídia.

No cerne da discussão, a problemática ainda delicada da democratização da mídia, complexificada à luz do desenvolvimento de novas tecnologias de informação e comunicação que acrescentam novos espaços e novos atores aos embates. A análise e a síntese dos enquadramentos, ou modos de compreender, de cada um destes veículos contribuem para a compreensão do caráter político e ideológico destes discursos e para a importância do valor pluralidade para a deliberação

pública. Ao tornar evidentes, através dos indicadores, os modos de construção destes discursos, e ao cruzá-los, espera-se contribuir para a desnaturalização das narrativas hegemônicas consolidadas, isto é, para a reafirmação do jornalismo enquanto discurso sobre a verdade. Dele se cabe falar em precisão, mas nunca em imparcialidade, uma vez que representa sempre um ponto de vista a ser ampliado.

As análises aqui desenvolvidas estão focadas no plano da mídia. Compreende-se que os sentidos sobre o mundo se formam na interação social, a partir do tensionamento entre aquilo que é mostrado e aquilo que é experimentado pelos sujeitos.

Aqui, cabe ressaltar o caráter metodológico dos indicadores, que em nenhum momento são considerados em isolado, mas são os pontos onde o olhar da pesquisa se apoia para traduzir em palavras os sentidos dos enquadramentos; Esses, por sua vez, são sempre interpretativos e carregados de subjetividade, contrabalanceada através da enunciação destes indicadores, pelas exaustivas transcrições e pelos parâmetros teóricos que estruturam a análise.

Também em nenhum momento procurou-se estabelecer classificações rígidas para estes enquadramentos. Foram percebidos sentidos gerais de espetáculo e debate público mais intensamente caracterizados, respectivamente, na cobertura da TV Globo e da TV Brasil, mas ambas as coberturas trouxeram elementos que os mesclavam. Também foram observados subenquadramentos de violência presentes em ambas as caracterizações dos eventos. Percebe-se assim que a relevância metodológica dos indicadores dos enquadramentos está muito mais relacionada à objetivação dos elementos de análise do que a uma espécie de conjunto de requisitos que pudessem permitir o encerramento de qualquer uma das coberturas a um perímetro limitado de compreensão. Outras análises sobre os mesmos enquadramentos poderiam levar a conclusões diferentes assim como a análise de um mesmo sintoma pode ser explicado por diferentes causas. O que se pretendeu fazer foi relacionar o que foi observado com as razões propostas nas teorias que servem de base a esta pesquisa, sobretudo a comunicação pública.

Nesse sentido, o trabalho atingiu seu objetivo principal de tensionar as duas coberturas sob o olhar do interesse público e da disputa argumentativa qualificada e

acessível a todos os interessados que caracteriza a comunicação pública. Se por um lado o trabalho do Repórter Brasil se aproxima mais de um ideal de troca de razões, a amplitude e a qualidade técnica da TV Globo permite inferir um sentido de engajamento público igualmente importante para o debate dos temas de interesse coletivo. Mais uma vez, no entanto, é preciso reforçar que o desequilíbrio entre estes dois aspectos é motivo de preocupação para o observador interessado em qualificar a comunicação e a política.

Resta em aberto a discussão sobre as consequências destes enquadramentos para a formação da opinião dos cidadãos sobre as manifestações, menos ainda sobre a influência da cobertura nas ações e decisões políticas tomadas pelo público em sua vida política e mesmo no processo eleitoral do ano seguinte ao dos protestos. Pode-se, no entanto, reafirmar a importância da televisão para este processo, tanto pela dimensão espacial abrangida quanto pelo potencial semântico das mensagens, especialmente no telejornalismo, através da credibilidade e da relação com o real inerente a seu discurso.

Permanece também a reflexão sobre a relação destes enquadramentos com aqueles produzidos e reproduzidos no contexto das novas tecnologias de comunicação e informação, que guardam relação importante com a própria existência destes protestos, não apenas no Brasil, mas no mundo todo. Como hipótese, pode-se imaginar de que forma estes enquadramentos se repetem na mídia massiva e nas redes sociais, ou como, a partir da interação do público nos espaços de debate e discussão online, estas compreensões sobre os fatos podem ser desconstruídas. Um indício é a incorporação do discurso que opõe “manifestantes” e “vândalos” – que indicativos poderiam sugerir a aceitação generalizada deste discurso senão a observação da eficácia da mobilização online? Que relação este processo guarda com aquilo que é dito na internet sobre as manifestações?

No sentido oposto, também permanece a dúvida de como a apropriação, por parte da mídia massiva, e em especial pela televisão, dos significados produzidos nas redes digitais é capaz de transformá-los. Também como hipótese pode-se sugerir que o peso, em termos de credibilidade e qualificação da argumentação na esfera pública, das declarações de jovens sobre a violência da polícia publicadas na internet é alterado a partir do momento em que estas denúncias são incorporadas ao

texto jornalístico, ampliadas, contextualizadas e contrapostas aos argumentos da própria polícia.

Desde junho de 2013, houve outras mobilizações de rua, primeiro em relação à Copa do Mundo de 2014, realizada no país, depois em meio à corrida eleitoral, e em seguida diante das novas tentativas de aumento da tarifa do transporte público das cidades, entre outras pautas das mais variadas origens sociais e ideológicas. O acontecimento manifestações provocou uma ruptura na vida política brasileira cujos efeitos ainda se desdobram no dia a dia do país e tendem a ser analisados e discutidos ainda por muito tempo. Também o modo de construir sentidos sobre este tipo de fenômeno foi transformado. Contudo, as dinâmicas de disputa de poder e visibilidade que caracterizam a relação entre mídia, sociedade e política na democracia brasileira contemporânea permanecem, com novos e complexos fatores de análise. O aperfeiçoamento das instituições democráticas e do modo de fazer discursos na política passam, assim, pela reflexão qualificada a respeito desta problemática.

REFERÊNCIAS

ALDÉ, Alessandra. **A Construção da Política**: cidadão comum, mídia e atitude política. Tese (Doutorado em Ciências Humanas: Ciência Política) – Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2001.

ALVES, Helena. Breaking Down Brazil's Protests. **Al Jazeera**, 21 jun. 2013. Disponível em: <http://bit.ly/1x7JcFE>. Acesso em: 24 fev. 2014.

ALI, Tariq. O Espírito da Época. In: ALI, Tariq; HARVEY, David; ŽIŽEK, Slavoj et al. **Occupy**: movimentos de protesto que tomaram as ruas. São Paulo: Boitempo; Carta Maior 2012. p. 65-72.

ALI, Tariq; HARVEY, David; ŽIŽEK, Slavoj et al. **Occupy**: movimentos de protesto que tomaram as ruas. São Paulo: Boitempo; Carta Maior 2012.

ALSINA, Miguel. **A Construção da Notícia**. Petrópolis: Vozes, 2009.

ARENDT, Hannah. **A Condição Humana**. 10ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

AVRITZER, Leonardo. O que as manifestações no Brasil nos dizem? **Carta Capital**, 19 jun. 2013. Disponível em: <http://bit.ly/182hxxzG>. Acesso em: 12/12/2014.

BARRERAS, Sandra E. O. B. de. **Comunicação e Barragens**: O poder da comunicação das organizações e da mídia na implantação de hidrelétricas. Tese (Doutorado em Comunicação) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.

BARROS, Antonio Teixeira de; BERNARDES, Cristiane Brum. Identidade e programação das emissoras de televisão do campo público: estudo comparativo de quatro canais federais brasileiros. **ALCEU**. v. 12, n.24. jan./jun. 2012. p. 180-203.

BBC BRASIL. Congresso, governo e Justiça dão resposta às ruas. **BBC Brasil**, 26 jun. 2013. Disponível em: <http://bbc.in/1whyzVC>. Acesso em: 31/10/2014.

BERGER, Christa. **Campos em confronto**: a terra e o texto. 2ª ed. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 2003.

BERGER, Christa; TAVARES, Frederico M. B. Tipologias do acontecimento jornalístico. In: BENETTI, Marcia; FONSECA, Virginia P. S. **Jornalismo e Acontecimento**: mapeamentos críticos. Florianópolis, Insular, 2010. p. 121-142

BLOCO DE LUTA (Bloco de Luta pelo Transporte Público). **Bloco de Luta Pelo Transporte Público**. Disponível em: <http://blocoodeluta.noblogs.org/>. Acesso em: 12/12/2014.

BLUMLER, Jay G.; GUREVITCH, Michael. **The Crisis of Public Communication**. Nova York: Routledge, 1995.

BOBBIO, Norberto. **Estado, Governo, Sociedade**: para uma teoria geral da política. 6ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

BOLAÑO, Ricardo S. **Qual a lógica das políticas de comunicação no Brasil?** São Paulo: Paulus, 2007.

BONNER, William. **Jornal Nacional**: modo de fazer. Rio de Janeiro: Globo, 2009.

BRANDÃO, Elisabeth P. Conceito de Comunicação Pública. In: DUARTE, Jorge (org.). **Comunicação Pública: estado, mercado, sociedade e interesse público**. São Paulo, Atlas, 2009.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Disponível em: <http://bit.ly/1dFiRrW>. Acesso em: 12/12/2014.

_____. **Lei Federal 11.652/2008**. Disponível em: <http://bit.ly/1BX9TCU>. Acesso em: 14/12/2014.

BOCCHINI, Lino. Editoriais de Estadão e Folha pediram violência da PM. **Carta Capital**, 14 jun. 2013. Disponível em: <http://bit.ly/1KlqvxG>. Acesso em: 10/12/2014.

BONELA, Davi Padilha. Brasil: Escalada de protestos contra aumento do preço do transporte público. **Global Voices**, 13 jun. 2013. Disponível em: <http://bit.ly/1wSp4Np>. Acesso em: 14/12/2014.

BUCCI, Eugênio. **Em Brasília, 19 horas**: a guerra entre a chapa-branca e o direito à informação no primeiro governo Lula. Rio de Janeiro: Record, 2008.

BRUM, Eliane. Quanto valem 20 centavos? **Época**, 17 jun. 2013. Disponível em: <http://glo.bo/1gl6C7r>. Acesso em: 12/12/2014.

CARNEIRO, Henrique S. Rebeliões e Ocupações de 2011. In: ALI, Tariq; HARVEY, David; ŽIŽEK, Slavoj et al. **Occupy**: movimentos de protesto que tomaram as ruas. São Paulo: Boitempo; Carta Maior 2012. p. 7-14.

CARTA CAPITAL. As manifestações pelo Brasil em 20 de junho. **Carta Capital**, 20 jun. 2013a. Disponível em: <http://bit.ly/1whDpSQ>. Acesso em: 12/12/2014.

_____. **020**. São Paulo: tvCarta.doc, 2014. 19min. Disponível em: <http://bit.ly/1GwFR09>. Acesso em: 12/12/2014.

CASTELLS, Manuel. **Redes de indignação e esperança**: movimentos sociais na era da Internet. Rio de Janeiro: Zahar, 2013. Coutinho, 2013

CHARADEAU, Patrick. A televisão e o 11 de setembro: alguns efeitos do imaginário. **LOGOS 24**: cinema, imagens e imaginário. Ano 13, 1º semestre 2006.

_____. **Discurso das Mídias**. São Paulo: Contexto, 2007.

COBBETT, William. **A History of the Protestant Reformation in England and Ireland**. London: Paperback, 1988.

COELHO, Marja Pfeifer. Regimes de visibilidade midiática: os acontecimentos, entre a notícia e o espetáculo. **Caleidoscópio** – Revista de Comunicação e Cultura. n. 10 (2011). p. 125-135.

_____. **O Acontecimento Público Satiagraha, entre o Estado e a Mídia**. Tese (Doutorado em Comunicação) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.

DEBORD, Guy. **A Sociedade do Espetáculo**. Lisboa: Edições Antipáticas, 2005.

DEBRAY, Régis. **O Estado Sedutor**. Petrópolis: Vozes, 1994.

DONOS DA MÍDIA. **Rede Globo de Televisão**. Disponível em: <http://donosdamidia.com.br/-rede/4023>. Acesso em: 12/12/2014.

DUARTE, Elizabeth B. Reflexões sobre os gêneros e formatos televisivos. In: DUARTE, Elizabeth B.; CASTRO, Maria L. D. de (orgs.). **Televisão: entre o mercado e a academia**. Porto Alegre: Sulina, 2006. p. 19-30.

ENTMAN, Robert M. Framing U.S. Coverage of International News: Contrasts in Narratives of the KAL and Iran Air Incidents. **Journal of Communication**, 41(4), 1991.

_____. Framing: toward a clarification of a fractured paradigm. **Journal of Communication**, 43 (4), 1993. p. 51-58.

ESTADÃO. **Os Protestos e as Manifestações no Brasil**. Disponível em: <http://topicos.estadao.com.br/protestos>. Acesso em: 12/12/2014.

_____. Aparato Estatal de Notícias custa R\$ 900mi. **O Estado de São Paulo**, 21 abr. 2013. Disponível em: <http://bit.ly/193AzXz>. Acesso em: 30/09/2013.

ESTEVES, João Pissarra. **Sociologia da Comunicação**. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 2012.

FERRARETTO, Luiz Artur. **Rádio: o veículo, a história e a técnica**. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 2000.

FABRINO, Ricardo; SIMÕES, Paula Guimarães. Enquadramento: diferentes operacionalizações analíticas de um conceito. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. vol. 27, n.79. jun. 2012. p. 187-235.

FECHINI, Yvana. **Uma proposta de abordagem do sensível na TV**. Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho “Produção de Sentido nas Mídias”, do XV Encontro da Compós. Unesp-Bauru, SP, junho de 2006.

FONTCUBERTA, Mar de. **La Noticia: pistas para entender el mundo**. Nova edição revisada e ampliada. Barcelona; Buenos Aires: Paidós, 2011.

FRANÇA, Vera. **Tevê, Jornalismo e Acontecimento**. In: GOMES, Itânia M. M. **Análise de Telejornalismo: desafios teórico-metodológicos**. Salvador: Edufba, 2012. p. 329-248.

FRANCISCATO, Carlos Eduardo. **A fabricação do presente**: como o jornalismo reformulou a experiência do tempo nas sociedades ocidentais. São Cristóvão (SE): Editora UFS/Fundação Oviedo Teixeira, 2005.

G1. **Liminar suspende aumento da passagem de ônibus em Porto Alegre**. Disponível em: <http://glo.bo/13Vi9nk>. Acesso em: 05/10/2013.

_____. **Resultados das manifestações de junho**. Disponível em: <http://g1.globo.com/-/brasil/linha-tempo-manifestacoes-2013/platb/>. Acesso em: 30/09/2013.

_____. **Protesto por aumento da passagem de Porto Alegre termina em tumulto**. Disponível em: <http://glo.bo/10jfSfp>. Acesso em: 05/10/2013.

_____. **Violência marca protesto contra nova tarifa de ônibus em Goiânia**. Disponível em: <http://glo.bo/18xtVCV>. Acesso em: 05/10/2013.

GAMSON, William. **Falando de política**. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

GLOBAL VOICES. Revolta do Vinagre no Brasil. **Global Voices**, 24 ago. 2013. Disponível em: <http://bit.ly/1aW2SaQ>. Acesso em: 14/12/2014.

GOFFMAN, Erving. **Frame Analysis**: an essay on the organization of experience. Boston: Northeastern University, 1986.

GOMES, Wilson. **As transformações da política na era da comunicação de massa**. São Paulo: Paulus, 2004.

_____. **Jornalismo, fatos e interesses**. Florianópolis: Insular, 2009.

GOMES, Wilson; MAIA, Rousiley. **Comunicação e Democracia**: problemas e perspectivas. São Paulo: Paulus, 2008.

GUIMARÃES, Camila. O que diz a voz do povo? **Época**, 21 jun. 2013. Disponível em: <http://glo.bo/193zJtR>. Acesso em: 12/12/2014.

GUARESCHI, Pedrinho. **O Direito Humano à Comunicação**. Petrópolis: Vozes, 2013.

GUNKEL, David J. A Crisis of Representation. In: SAID, Gustavo F.; DOURADO, Jacqueline L. **O delírio é um desejo**: ensaios e fragmentos sobre os protestos de junho de 2013 no Brasil. Teresina: Edufpi, 2014. p. 29-38.

HABERMAS, Jürgen. **Mudança Estrutural da Esfera Pública**. 2ª ed. Tradução de Flávio R. Kohte. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2003.

_____. **Teoria do Agir Comunicativo**: racionalidade da ação e racionalização social. 2 vol. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012.

HAGEN, Sean. **A emoção como estratégia de fidelização ao telejornal**: um estudo de recepção sobre os laços entre apresentadores e telespectadores do Jornal Nacional. Tese (Doutorado em Comunicação) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

HARVEY, David. **Cidades Rebeldes**: do direito à cidade à revolução urbana. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

HERZ, Daniel. **A História Secreta da Rede Globo**. 14ª ed. Porto Alegre: Ortiz, 1991.

IBOPE, 2014. **Pesquisa de opinião pública sobre as manifestações**. Disponível em: <http://bit.ly/1CSCH0D>. Acesso em: 12/12/2014.

INTERVOZES. **Contribuições para a construção de indicadores do direito à comunicação**. São Paulo: Intervozes – Coletivo Brasil de Comunicação Social, 2010.

IG. 1 Ano das Manifestações no Brasil. **Último Segundo - IG**, 02 jun. 2014. Disponível em: <http://bit.ly/1F18EUb>. Acesso em: 13/12/2014.

KOTSCHO, Ricardo. TV Pública: espaço da pluralidade. In: CARMONA, Beth et al. (org.). **O desafio da TV pública**: uma reflexão sobre sustentabilidade e qualidade. Rio de Janeiro: TVE Rede Brasil, 2003. p.76-77.

LEAL FILHO, Laurindo Lalo. **A Melhor TV do Mundo**: o modelo britânico de televisão. São Paulo: Summus, 1997.

LEAL FILHO. **Vozes de Londres**: Memórias Brasileiras da BBC. São Paulo: Edusp, 2008.

LOCATELLI, Carlos. **Comunicação e Barragens**: O poder da comunicação das organizações e da mídia na implantação de hidrelétricas. Florianópolis: Insular, 2014.

MACHADO, Arlindo. **A televisão levada a sério**. 2a.ed. São Paulo: Senac, 2001.

MAIGRET, Éric. **Sociologia da Comunicação e das Mídias**. São Paulo: SENAC, 2010.

MARTINS, Nísia. Informação na Tevê: a estética do espetáculo. In: DUARTE, Elizabeth B.; CASTRO, Maria L. D. de (orgs.). **Televisão**: entre o mercado e a academia. Porto Alegre: Sulina, 2006. p. 125-138

MATTOS, Sérgio. **História da televisão brasileira**: uma visão econômica, social e política. 5a ed. revista e ampliada. Petrópolis: Vozes, 2010.

MIOLA, Edna. **Sistema Deliberativo e Tensões entre Interesses Públicos e Privados**: a criação da Empresa Brasil de Comunicação em debate no Congresso e na imprensa. Tese (Doutorado em Comunicação Social) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2012.

MIRANDA, Adrián; SANTAGATA, Gabriel. Televisión pública, nuevas realidades, nuevos contextos: qué modelos. In: GUÉRIN, Ana I. et al. (org.) **Pensar la televisión pública**: qué modelos para América Latina. Buenos Aires: La Crujía, 2013. p. 21-27.

MPL (Movimento Passe Livre). **Sobre o movimento**. Disponível em: <http://www.mpl.org.br/>. Acesso em: 28/02/2015.

NEVEU, Erik. **Sociologie du Journalisme**. Paris: La Découverte, 2001.

NIDECKER, Fernanda. Protestos no Brasil têm semelhanças com outros ao redor do mundo. **BBC Brasil**, 21 jun. 2013. Disponível em: <http://bbc.in/18th8WO>. Acesso em: 31/10/2014.

OLSON, Parmy. **We Are Anonymous**: Inside the Hacker World of LulzSec, Anonymous, and the Global Cyber Insurgency. Nova York: Little, Brown & Company, 2012.

OTONDO, Teresa Montero. **Televisão Pública: para quem e para quê?** São Paulo: Annablume, 2012.

PARK, Robert E. Notícia e o Poder da Imprensa. In: BERGER, C.; Marocco, B. **A Era Glacial do Jornalismo: teorias sociais da imprensa**.v. 2. p. 71-82.

PASINATO, Nicolas. Manifestantes se reúnem para defender alegria nas ruas de Porto Alegre. **Sul21**, 03 out. 2012. Disponível em: <http://bit.ly/1fWaTNU>. Acesso em: 05/10/2013.

PATERNOSTRO, Vera Íris. **O Texto na TV: manual de telejornalismo**. 2a ed., revisada e atualizada. Rio de Janeiro: Elsevier, 2006.

PORTO, Mauro. **Enquadramentos da mídia e política**. In: Comunicação e Política: conceitos e abordagens. São Paulo: Unesp, 2004.

_____. The principle of diversity in journalism. **Brazilian Journalism Research**. vol. 1, n.1, 2005/1. p. 135-154.

QUERÉ, Louis. D'un modele epistemologique de la communication a un modele praxeologique. **Réseaux**, vol. 9, n° 46-47, 1991. p. 70-90.

QUERÉ, Louis. Acontecimento e experiência pública. **Caleidoscópio: revista de comunicação e cultura**. n. 10. 2011. p. 13-37.

QUERO, Caio. Vitória e 'efeito contágio' multiplicam pequenos protestos pelo país. **BBC Brasil**, 28 jun. 2013. Disponível em: <http://bbc.in/1Mlutjf>. Acesso em: 31/10/2014.

QUINTEROS, Cora C. G. **Hegemonia midiática na América Latina: a notícia televisiva como propositora do acontecimento político**. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Linguagens) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Linguagens, Universidade Tuiuti do Paraná, Curitiba, 2010.

RAMOS, Murilo César. **Empresa Brasil de Comunicación (EBC): análisis de su modelo institucional**. In: GUÉRIN, Ana I. et al. (org.) Pensar la televisión pública: qué modelos para América Latina. Buenos Aires: La Crujía, 2013. p. 311-337.

REZENDE, Guilherme Jorge de. **60 Anos de Jornalismo na TV Brasileira: percalços e conquistas**. In: VIZEU, Alfredo (org.). 60 anos de telejornalismo no Brasil: história, análise e crítica. Florianópolis: Insular, 2010.

RINCÓN, Omar (org.). **Televisão Pública: do consumidor ao cidadão**. São Paulo: Friedrich Ebert Stiftung, 2002.

RODRIGUES, Adriano Duarte. O Acontecimento. In: TRAQUINA, Nelson (Org.). **Jornalismo: Questões, Teorias e “Estórias”**. Lisboa: Veja, 1993. p. 27-33.

ROTHBERG, Danilo. **Jornalismo Público**. São Paulo: Unesp, 2011.

SCHEUFELE, Dietram A. Framing as a Theory of Media Effects. **Journal of Communication**, Winter 1999. p. 103-122.

SCHUDSON, Michael. **Descobrimos a Notícia: uma história social dos jornais nos Estados Unidos**. Petrópolis: Vozes, 2010.

SCHWARTZENBERG, Roger Gérard. **O Estado Espetáculo**. São Paulo: DIFEL, 1978.

SECOM (Secretaria de Comunicação da Presidência da República). Pesquisa Brasileira de Mídia 2014: hábitos de consumo de mídia pela população brasileira. Brasília: Secom, 2014a. Disponível em: <http://bit.ly/1n35YOv>. Acesso em: 15/12/2014.

_____. Relatório de Gestão do Exercício 2013. Brasília: Secom, 2014b. Disponível em: <http://bit.ly/1A6ISse>. Acesso em: 17/12/2014.

SEGALLA, Amauri. O Manifestante. **IstoÉ**, 29 nov. 2013. Disponível em: <http://bit.ly/1Mj67Vy>. Acesso em: 12/12/2014.

SINGER, André. Brasil, Junho De 2013: Classes E Ideologias Cruzadas. **Novos Estudos - CEBRAP**, n. 97, São Paulo, nov. 2013.

SQUIRRA, Sebastião. **Aprender Telejornalismo: produção e técnica**. 2a. ed., 1a. reimpressão. São Paulo: Brasiliense, 1993.

SUL 21. **Em imagens, o protesto dos ciclistas no centro de Porto Alegre**. Disponível em: <http://bit.ly/1J7TqdT>. Acesso em: 25/02/2015.

TAKAHASHI, André. **O Black Bloc e a resposta à violência policial**. Disponível em: <http://bit.ly/1NxmuQ5>. Acesso em: 15/05/2015.

TAMBELLI, Tiago. **20 Centavos**. São Paulo; Brasília; Rio de Janeiro: 2014. 52 min.

TAVARES, Guilherme V. **A Saúde em Pauta**: Análise de Enquadramento de Matérias sobre Saúde Pública de dois Telejornais. Tese (Doutorado em Comunicação) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Bauru, 2012.

TORVES, José Carlos de Oliveira. **TVE-RS, Governos X Conselho Deliberativo**: Um Estudo Das Operações Ideológicas No Comando Da Emissora. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo**: Vol. 1 (Porque as notícias são como são). Florianópolis: Insular, 2004.

TUCHMAN, Gaye. **Making news**: a study in the construction of reality. New York: The Free Press, 1978.

TV BRASIL. **Sobre a TV Brasil**. Disponível em: <http://tvbrasil.ebc.com.br/sobreatv>. Acesso em: 22/12/2014.

_____. Repórter Brasil estreia novo cenário nesta segunda. **TV Brasil**, 30 mai. 2013. Disponível em: <http://bit.ly/1NynuFi>. Acesso em: 12/12/2014.

VIZEU, Alfredo. Telejornalismo conhecimento: o conhecimento do cotidiano. **Estudos em jornalismo e mídia**. Vol. 2, n. 2, 2005/2. p. 83-94.

WEBER, Maria Helena. **Comunicação e Espetáculos da Política**. Porto Alegre: UFRGS, 2000.

_____. Mera coincidência, a danação da política. In: BERGER, Christa (Org.). **Jornalismo no cinema**. Porto Alegre: UFRGS, 2002. p. 215-244.

_____. Visibilidade e Credibilidade: tensões da comunicação política. In: MAIA, R.; CASTRO, M. C. P. S. (org.). **Mídia, Esfera Pública e Identidades Coletivas**. Belo Horizonte, UFMG, 2006. p. 117-135.

_____. Na Comunicação Pública, a captura do voto. **Revista Logos: Mídia e Democracia**, n. 27, ano 14, 2º sem/2007. p. 21-42.

WEINER, João. **Junho**. São Paulo: Folha de São Paulo, 2014. 71min.

ZÉMOR, Pierre. **A Comunicação Pública**. Tradução e comentários de Elisabeth Brandão. In: MARTINS, Luiz (org.). *Algumas Abordagens em Comunicação Pública*. Brasília: Casa das Musas, 2003. p. 76-103.

ZERO HORA. Depois de quase quatro meses, movimento Ocupa POA deixa a Praça da Matriz. **Zero Hora**, 12 abr. 2012. Disponível em: <http://bit.ly/HEHwLc>. Acesso em: 05/10/2013.

ŽIŽEK, Slavoj. O violento silêncio de um novo começo. In: ALI, Tariq; HARVEY, David; ŽIŽEK, Slavoj et al. **Occupy: movimentos de protesto que tomaram as ruas**. São Paulo: Boitempo; Carta Maior 2012. p. 15-26.

APÊNDICE A – QUADROS DE ANÁLISE DOS VÍDEOS DO JORNAL NACIONAL (JM)

a) JN005

Quadro 18 – Matéria JN005, em 13/06/2013 (Enfrentamento ao vivo em SP)

Cód: JN005	Título: MANIFESTAÇÃO SP 1	Data: 13/06/2013	Tempo: 02:30
TEXTO ORIGINAL (MEDIADORES E FONTES)		DESCRIÇÃO DO AUTOR	
[CABEÇA] William Bonner – Manifestantes e PMs voltaram a se enfrentar hoje em São Paulo e pelo menos 60 pessoas foram detidas.		Apresentadores em estúdio, atrás da bancada. Ambos enquadrados. Expressões sérias.	
[CABEÇA – Cont.] William Bonner – O repórter Cesar Galvão acompanha este protesto neste momento na região central da cidade. Cesar, boa noite.		Quadro se divide, mostrando os apresentadores em estúdio e uma imagem noturna aérea de multidão em torno de uma fila de ônibus.	
[REPÓRTER AO VIVO] César Galvão – Boa noite, Bonner, boa noite a todos. Os manifestantes estão ainda nas avenidas do centro da cidade. Eles bloqueiam neste momento a Avenida Angélica, passam ali entre os ônibus, e o trânsito fica praticamente parado. Durante esta manifestação, aconteceram vários confrontos com a polícia. Eles seguiam das ruas que davam acesso ao centro em direção à Avenida Paulista e ali aconteceram prisões. O Batalhão de Choque soltou bombas para tentar dispersar a manifestação.		Logotipo da Globo identifica as imagens como sendo ao vivo. Imagens de multidão em volta de ônibus. Imagem de homem em primeiro plano, vestindo camisa branca, capacete de ciclismo e mochila nas costas. Sua expressão é de indignação. Atrás dele se vê um grupo de homens uniformizados, de capacete e escudo da polícia. Imagens de pessoas segurando o que parecem ser ramos de flores brancas, oferecendo-as a alguém. De repente, essas pessoas se viram e correm na direção contrária da que vinham, sem que se possa ver o que provocou a mudança. Na sequência, se vê uma explosão, depois outra, e à medida em que o enquadramento se abre, vê-se fumaça e várias pessoas correndo. Um grupo grande de homens de capacete marcham em direção ao fundo da tela, em formação, atrás de uma linha de escudos preenchendo completamente a largura da rua. À frente deles, se vê fumaça.	
[REPÓRTER AO VIVO - Cont.] César Galvão – A concentração deles começou no centro da cidade. A gente observa aí que o Batalhão de Choque foi chamado e impediu que eles fossem em direção à Paulista. No caminho, eles picharam ônibus, tentaram fechar a rua da Consolação, um dos principais acessos do centro à zona oeste da cidade. Os policiais dispararam bombas e foram atingidos por lixeiras. Dispararam também tiros de balas de borracha. Aconteceram várias prisões.		Imagens aéreas mostram um ônibus completamente pichado. A maioria das inscrições não são legíveis. Uma delas diz apenas “3,20”. Imagens aéreas de multidão. A imagem é confusa, mas percebe-se que as pessoas fogem de algo no canto inferior direito da tela. Vê-se alguns flashes de luz emanando daquele ponto. Mais imagens aéreas de pessoas em grupo movendo-se de forma desordenada, em oposição a um grupo de homens de uniforme e capacetes. Ainda em imagens aéreas, vê-se homens de uniforme escuro disparando algum tipo de arma há fumaça. Em outro <i>take</i> , vê-se o mesmo grupo de uniformizados agrupados atrás de escudo, no momento em que é arremessado em direção a eles um objeto escuro reconhecível como uma lixeira. Depois que o objeto bate no grupo e cai no chão, os homens disparam uma espécie de pequeno canhão. Imagens com enquadramento mais aberto mostram um cruzamento vazio, visto de cima, com apenas um grupo de homens uniformizados no centro, em que se vê pelo menos duas colunas de fumaça indicando a trajetória de algum tipo de projétil. Em seguida, vê-se rapidamente uma pilha de objetos não identificáveis em chamas. Imagens noturnas aéreas de multidão correndo na mesma direção.	
[REPÓRTER AO VIVO - Cont.] César Galvão – Cerca de 60 pessoas foram detidas durante o protesto. Algumas foram revistadas na rua. Foram detidas também durante o início da concentração. Várias pessoas chegaram a ocupar o		Imagens diurnas mostram um homem de capacete identificado como policial militar procurando algo em uma mochila, segurada por um rapaz jovem de camiseta branca, de costas para a câmera. Imagens de dois homens de capacete com uniforme da polícia chegando por trás de um rapaz de camiseta listrada que	

<p>prédio da Justiça Federal, que fica no centro da cidade. Essas pessoas foram cercadas pelo Batalhão de Choque, colocadas em fila e levadas de ônibus em direção à delegacia. Na delegacia, foram colocados ali, perto de uma parede, e um manifestante passou mal. Esse manifestante teve que ser levado para o hospital.</p>	<p>falava e gesticulava, empurrando-o e em seguida agredindo-o, enquanto ele revida ao ataque. Um dos policiais o imobiliza enquanto o outro o agarra pelo pescoço. Atrás, vê-se um cordão formado por homens com uniforme diferente dos que estão em primeiro plano, formando uma linha atrás de escudos identificados como sendo da polícia, mais alguns homens uniformizados de colete verde e algumas pessoas com máquinas de fotografia. Outros dois homens de colete verde interferem na tentativa de imobilizar o rapaz, totalizando quatro policiais contra um homem. Mais policiais chegam em seguida. A imagem treme e desaparece. Imagens aéreas mostram multidão reunida em calçada. Há homens uniformizados de capacete e pessoas em roupas civis com os braços para o alto. Imagem mostra fila de pessoas encostadas em uma parede, enquanto um homem com colete da polícia militar as observa. Imagens de um rapaz de camiseta listrada desmaiado, sendo erguido e carregado por três policiais. Dois o seguram pelos braços e um pelas duas pernas. Imagens do rapaz que estava sendo carregado deitado de costas no porta-malas de uma viatura. Um policial fecha a porta sobre ele.</p>
<p>[REPÓRTER AO VIVO - Cont.] César Galvão – O prefeito da cidade informou que não vai rever o preço da passagem de ônibus, aumentado de três reais para três reais e vinte centavos. Por isso, os manifestantes fazem aí o quarto dia de protesto. Eles continuam circulando pelas ruas da cidade. Essas são imagens da Avenida Paulista, que foi totalmente bloqueada, e a polícia tenta evitar que eles ocupem este lugar, porque a Paulista faz a ligação entre a Rua da Consolação e os acessos à Zona Sul da cidade. A avenida continua bloqueada. A gente vai ver agora imagens ao vivo da Rua Angélica, os manifestantes estão neste ponto, entre os ônibus, e distantes nesse momento da barreira montada pelo Batalhão de Choque, no centro de São Paulo. Bonner e Patrícia.</p>	<p>Imagens aéreas de multidão desordenada, circulando entre carros e ônibus parados. Todos marcham para a mesma direção, abaixo da tela. Imagens, feitas do solo, de rua completamente vazia, a não ser por colunas de fumaça que tomam completamente a calçada. Mais imagens aéreas de multidão se deslocando por avenida, entre carros e ônibus. Imagem do solo mostra grupo de policiais em roupa camuflada, botas e escudos identificados como pertencentes ao Batalhão de Choque. Três policiais que não seguram escudos seguram armas</p>
<p>Patrícia Poeta – Obrigada, Cesar. É a quarta manifestação em menos de uma semana.</p>	<p>Novamente a imagem se divide para mostrar os policiais enquadrados pela imagem ao vivo, externa, e a bancada do estúdio, onde estão os dois apresentadores.</p>

b) JN007

Quadro 19 – Matéria JN007, em 13/06/2013 (Das ruas para a delegacia em SP)

Cód. JN007	Título: MANIFESTAÇÃO SP 3	Data: 13/06/2013	Tempo: 03:40
TEXTO ORIGINAL (MEDIADORES E FONTES)		DESCRIÇÃO DO AUTOR	
[CABEÇA] Patrícia Poeta – Dos 20 presos no protesto de anteontem em São Paulo, 13 passaram esta quinta-feira ainda detidos. Segundo a polícia, são suspeitos de terem participado de atos de vandalismo. Eles moram em regiões diferentes da cidade, e tem profissões diversas.		Apresentadores no estúdio. Ambos na bancada, enquadrados ao mesmo tempo. William Bonner tem o cenho franzido. Poeta tem a expressão séria.	
[OFF DA REPÓRTER] Graziela Azevedo – Em frente à delegacia onde está a maioria dos 13 presos que esperam por liberdade provisória ou transferência, o clima é de preocupação. Advogados que apoiam o movimento que organizou as manifestações entraram com pedido de habeas corpus. O mais novo dos detidos tem 19 anos, o mais velho, 43...		Imagem da fachada da delegacia, onde se lê “2º DP – POLÍCIA CIVIL – CENTRAL DE FLAGRANTES – 1ª SECCIONAL – CENTRO”. Uma mulher mais velha de óculos escuros fala com uma jovem. As duas têm expressões sérias e preocupadas. Mais imagens da fachada da delegacia. Imagens do interior de um prédio, mas captadas aparentemente pelo lado de fora, mostram homem bastante jovem, com os braços para trás e expressão de sofrimento falando com uma mulher cujo rosto não é visível. Do lado esquerdo, um escudo desfocado da cidade de São Paulo completa o quadro. Imagem de carros de polícia entrando em movimento em alta velocidade, com as sirenes ligadas.	
[GRÁFICO] Graziela Azevedo –... Três são estudantes. Os outros, tem profissões variadas: professores, metalúrgico, publicitário, editor, artista. A única mulher é uma estudante desempregada. Há também dois jornalistas.		Gráfico intitulado “PERFIL DOS DETIDOS” elenca as profissões das pessoas que foram presas. As letras são brancas, sobre uma moldura azul-petróleo semitransparente. Abaixo, um par de algemas e a gravura de uma “fotografia”, com a silhueta negra de um homem, imitando um retrato de criminoso.	
[OFF DA REPÓRTER] Graziela Azevedo – Um deles, Pedro Ribeiro Nogueira, de 27 anos, trabalha para o Portal Aprendiz da Internet. Ele foi indiciado por dano ao patrimônio e formação de quadrilha.		Imagens de um homem jovem, de cabelos cacheados e barba, vestindo calça jeans e suéter, algemado, sendo conduzido para fora de um prédio por policiais, e depois sendo colocada no porta-malas de uma viatura.	
[OFF DA REPÓRTER – Cont.] Graziela Azevedo – Na noite de terça, as imagens feitas por uma moradora do centro da cidade mostram o momento em que o jornalista é cercado por pelo menos oito policiais militares, que o levam para a esquina e o agridem.		Imagens escuras, feitas de cima, mostram nitidamente um homem sozinho tentando fugir de um grupo de homens de capacetes brancos, que o perseguem até uma grade e o agridem com cassetetes.	
[OFF DA REPÓRTER – Cont.] Graziela Azevedo – Hoje, os colegas de Pedro, que o reconheceram nas imagens do vídeo, estavam na porta da delegacia. Aqui, Mayara Vivian, uma das ativistas do movimento, diz que eles se reúnem, fazem trabalho social, não são vinculados a partidos e fazem vaquinha para, por exemplo, pagarem a fiança dos presos. Mayara criticou a ação da polícia no caso da prisão de Pedro. Ela disse ainda que a deprecação só começou depois que policiais agiram de forma agressiva. A ativista também diz que o movimento não apoia a violência praticada por alguns manifestantes.		Imagens de pessoas jovens na calçada de uma rua, em frente a um prédio. Uma moça jovem, de óculos, fala com outra, cujo rosto não está visível, e que segura o que parece ser um celular na direção de uma interlocutora, como se gravasse uma entrevista. Outra moça, de lenço vermelho em volta do pescoço, mochila nas costas e tatuagem no braço conversa primeiro ao celular, depois com outra moça, de costas, que parece tomar notas. Sua expressão é preocupada. Ela é mostrada em seguida em um grupo de outras pessoas, igualmente jovens. Depois, seu rosto é enquadrado mais de perto e sua expressão é de desagrado. Há então a inserção de imagens de uma parada de ônibus pichada e com os vidros quebrados. Em seguida, imagens feitas do alto, de homens de capacete agridendo um homem que não está visível, e que seriam supostamente do jornalista Pedro apanhando da polícia. Em seguida, mais imagens de destruição – um policial de uniforme tenta apagar o fogo de uma cabine de polícia derrubada. Em seguida, imagens de um homem de rosto coberto	

	pichando um muro à noite. Imagens de uma parede pichada à luz do dia.
[SONORA] Mayara Vivian – A orientação do movimento é sempre de ser um movimento pacífico. Nossa radicalidade é fechar ruas para pressionar o poder público ao diálogo. Agora, não está no nosso script de predações ou ações do tipo.	Mulher jovem, de lenço vermelho no pescoço e mochila nas costas, fala à reportagem em frente à fachada de delegacia. Sua expressão é bastante séria e preocupada. A legenda a identifica como Mayara Vivian, ativista.
[OFF DA REPÓRTER] Graziela Azevedo – Mas elas aconteceram. Pelo menos 85 ônibus foram danificados, uma estação de metrô, prédios e agências bancárias foram depredados e oito policiais, agredidos.	Imagens de um homem com roso e cabeça coberta pichando a frente de um ônibus à noite. Uma legenda identifica as imagens como sendo de terça-feira. Imagem de uma pedra no chão de um ônibus, cheia de cacos de vidro em volta. Imagens da parte de fora de um ônibus vermelho, identificado como pertencente à prefeitura de São Paulo, completamente pichado; entre as inscrições, a única legível diz “3,20 NÃO”. Imagens da entrada de uma estação de metrô com os vidros estilhaçados. Imagem da porta de uma agência bancária também pichada. Imagem de um grupo muito grande de policiais em formação, vestindo colete neon, enquanto uma garrafa de vidro se estilhaça no chão perto deles.
[GRÁFICO] Graziela Azevedo – Em nota a Polícia Militar diz que agiu para garantir o direito de livre manifestação, mas também assegurar o direito de ir e vir de toda a população. Segundo a PM é descabida a declaração de que policiais teriam agido com o intuito de insuflar a violência.	Arte mostra documento identificado com a logotipia da Polícia Militar de São Paulo, de onde são destacadas as seguintes palavras: “A polícia Militar atuou para garantir o direito de livre manifestação, contudo é seu dever assegurar os direitos de toda a população, incluindo-se o direito de ir e vir.” E “É totalmente descabida qualquer declaração de que a PM tenha agido com o intuito de insuflar a violência”.
[OFF DA REPÓRTER] Graziela Azevedo – Tanto Prefeitura quanto Governo do Estado informam que é impossível abrir mão do reajuste da tarifa de ônibus, trem e metrô, que foi abaixo da inflação.	Imagens noturnas feitas do alto mostram grande multidão em passeata, com cartazes e bandeiras. Homem aparece pichando os dizeres “3,20 NÃO” na lateral de um ônibus.
[OFF DA REPÓRTER – Cont.] Graziela Azevedo – Hoje o governador Geraldo Alckmin e o prefeito Fernando Haddad falaram sobre os protestos.	Imagens do governador Geraldo Alckmin, em primeiro plano, cercado de microfones com diferentes canoplas. Sua expressão é séria. Atrás dele, vê-se a logotipia do Governo do Estado de São Paulo. Pequena inserção do prefeito Fernando Haddad entrando em recinto com parede quadriculada em branco e vermelho, com logotipo da Prefeitura de São Paulo nos espaços em branco.
[SONORA] Geraldo Alckmin – O que a gente percebe é que é um movimento político pequeno, mas muito violento. Voz masculina não identificada – Não se cogita então uma redução de tarifa? Geraldo Alckmin – Não, não.	Na mesma posição e lugar que se via antes, o governador fala, com expressão séria. A legenda o identifica como Geraldo Alckmin, governador de São Paulo.
[SONORA] Fernando Haddad – O valor será mantido porque ele está muito abaixo da inflação acumulada. Considero legítima toda a forma de manifestação e expressão, o que a cidade repudia é a violência.	Fernando Haddad de São Paulo fala a microfones das emissoras Record, SBT e Globo. A legenda o identifica como prefeito de São Paulo.
[OFF DA REPÓRTER] Graziela Azevedo – Em Brasília, o ministro da Justiça, José Eduardo Cardozo, ofereceu ajuda federal.	Homem fala em primeiro plano, cercado de microfones. Sua expressão é séria e preocupada.
[SONORA] José Eduardo Cardozo – Imaginar que as pessoas precisam ir para a violência para atingir os seus objetivos, isto é inaceitável e portanto o governo federal está à disposição para aquilo que for necessário, aquilo que nos for solicitado, pelo governo de São Paulo ou por qualquer outro governo que acredite que nós	Homem fala com energia. Sua expressão é bastante séria. A legenda o identifica como José Eduardo Cardozo, ministro da Justiça.

possamos ajudar nesta área.	
[NOTA PÉ] Patrícia Poeta – Olha, o governo do estado de São Paulo agradeceu a oferta, mas não informou se pretende solicitar a ajuda federal. No início da noite, foram libertados 2 dos 13 detidos no protesto de anteontem.	De volta ao estúdio, a apresentadora é enquadrada sozinha, em primeiro plano. Sua expressão é séria e preocupada.

c) JN042

Quadro 20 – Matéria JN042, em 20/06/2013 (Fogo e tensão em Brasília)

Cód. JN042	Título: MANIFESTAÇÃO BSB 4	Data: 20/06/2013	Tempo: 04:25
TEXTO ORIGINAL (MEDIADORES E FONTES)		DESCRIÇÃO DO AUTOR	
<p>[APRESENTADORES AO VIVO]</p> <p>Patrícia Poeta – A situação então começou tranquila por lá em Goiânia e está pelo jeito terminando também tranquilamente, agora a gente...</p> <p>William Bonner – O que é ótimo...</p> <p>Patrícia Poeta – O que é ótimo... A gente não pode dizer o mesmo de Brasília, né, Ari Peixoto?</p>		<p>Imagens aéreas identificadas como sendo de Goiânia mostram multidão espalhada ao longo de uma rua larga. Transição para imagem identificada como sendo de Brasília. Imagem de multidão ocupando uma rampa sobre um espelho d'água em frente ao Palácio do Itamaraty. Do lado esquerdo, há uma outra rampa, mais larga, cuja visão é parcial. Parece haver bem menos pessoas na rampa mais larga. Há muitos flashes de luz.</p>	
<p>[REPÓRTERES AO VIVO]</p> <p>Ari Peixoto – Patrícia, neste momento a gente mostra aí que pelo menos as pessoas... Essas pessoas estão entrando, ou pelo menos tentando entrar no Palácio do Itamaraty, estão na rampa principal ali, mas aparentemente elas não conseguiram entrar ainda. O que é uma pena, porque esta é esta é uma das joias de Oscar Niemeyer aqui em Brasília. As pessoas já desceram do monumento do Bruno Giorgi, do Meteoro, já desceram ali, e o que a gente vê é que há uma tropa policial ali. As pessoas estão jogando coisas contra o Itamaraty, jogando coisas contra os policiais. Agora há pouco houve, a gente ouviu aqui, duas bombas de efeito moral, mas quem vai contar essa história pra gente é a repórter Rita Yoshimine. Rita.</p>		<p>Imagem permanece. Não é claro o que acontece na ponta da rampa, na entrada do prédio, parcialmente coberta por uma pilastra. O movimento é de confusão. É possível identificar pelo menos uma pessoa com uma espécie de tecido branco cobrindo a cabeça. A cena passa a ser vista de um outro ângulo, mais oblíquo em relação ao solo, mas ainda distante. É possível ver um homem de capacete branco e uniforme em frente à multidão. A luz sobre a fachada do prédio contrasta com a sombra em que se encontra a multidão. Um homem parece tirar fotografias, mas não da multidão, de algo que está fora de quadro. Dentro do prédio, é possível ver silhuetas de homens de capacete que parecem ser policiais. Novamente imagens aéreas. Há muitos flashes. Identifica-se pessoas arremessando objetos para dentro do prédio, cuja entrada, agora claramente visível, parece completamente aberta.</p> <p>Novamente imagens mais aproximadas. Alguns policiais permanecem na entrada do prédio, tranquilos. Nota-se que se trata de outra entrada, e não aquela em que há pessoas arremessando objetos.</p>	
<p>[REPÓRTERES AO VIVO – Cont.]</p> <p>Rita Yoshimine – Ari, pois então, nós estamos aqui bem perto do Palácio do Itamaraty e, de fato, no começo da manifestação não havia muita segurança aqui, não. Os policiais estavam mais preocupados em proteger o Congresso Nacional. Mas agora existe um número muito maior e como você já disse, as pessoas estão jogando objetos contra o Palácio do Itamaraty e há dezenas, eu diria até centenas, em cima, e agora há pouco estavam pulando em cima daquela rampa, e algo que chamou nossa atenção aqui é que algumas pessoas entraram no espelho d'água e a gente ouviu umas explosões. Eu vou pedir para recuperarem as imagens de agora há pouco, vamos ver se a gente consegue mostrar...</p>		<p>Imagens da repórter em primeiro plano ela observa algo fora de quadro e parece nervosa. Novamente imagens aproximadas da entrada do Palácio do Itamaraty. Agora há policiais saindo do prédio, vestindo capacetes e coletes à prova de balas. A multidão no local parece estática. Novamente imagens aéreas da rampa mais estreita em frente ao Itamaraty, ainda com grande multidão sobre ela. Não é possível ver a entrada com clareza. De novo imagens aproximadas da rampa maior, a multidão vibra de maneira mais intensa. Também parece que o número de pessoas aumentou desde a última vez em que a câmera mostrou essa imagem. Os policiais de capacete estão mais agitados.</p>	
<p>[REPÓRTERES AO VIVO – Cont.]</p> <p>Rita Yoshimine – A imagem dumás bombas estourando, aí, estas são as imagens. Estas bombas estavam dentro do espelho d'água e, quando a gente olhou para trás, tinha aquelas bombas explodindo de dentro da água. A impressão que a gente tem é que os manifestantes colocaram estas bombas. Que alguns estavam ali no espelho d'água, mandando, e de repente foram quatro na sequência. Aí as imagens... As pessoas em cima do Meteoro, que é um símbolo aqui, né, que fica em frente ao Palácio do Itamaraty, o monumento...</p>		<p>Imagens feitas de longe mostram uma grande sombra que parece ser uma multidão cobrindo pouco mais de um terço da tela a partir de baixo. No meio, vê-se um grande clarão que parece ser uma explosão. O resto da imagem não é nítida, mas é possível identificar uma luz de sirene no canto esquerdo do vídeo e as colunas iluminadas de um prédio no canto direito. A legenda informa que as imagens são de Brasília, gravadas "agora há pouco". A câmera se movimenta e é possível identificar o prédio como sendo o Itamaraty por causa do monumento que fica sobre o espelho d'água. O clarão fica maior e há fumaça. Imagens do monumento que há em frente ao Itamaraty. Há várias pessoas sobre ele. É possível ver que algumas estão sem camisa. Há muita fumaça em torno do monumento, que brilha em contraste com as luzes do espelho d'água. Algumas das pessoas sobre ele pulam na água. Em volta, é possível ver que há</p>	

	<p>inúmeras outras pessoas. Uma delas balança uma bandeira do Brasil.</p>
<p>[REPÓRTERES AO VIVO] Rita Yoshimine – ...Diga, Patrícia. Patrícia Poeta – Eles estão tentando entrar no prédio? Rita Yoshimine – A sensação que a gente tem, ó, existem duas rampas como a gente pode ver aí na imagem, a da esquerda, que é mais larga, tem muitos policiais militares, as pessoas vão até os policiais e ali elas ficam paradas. Na rampa de cá, que é mais estreita, tem muita gente. Daqui onde eu estou, eu não vejo policiais, a sensação é que as pessoas tentam entrar. Ó, estão jogando agora objetos. A gente vê as pessoas entrando e saindo. Eu não sei se tem ali um saguão, uma porta, ou alguma coisa que as pessoas entram e saem. Em alguns momentos há a sensação de uma tentativa de invasão, não dá pra gente ter certeza daqui agora, Patrícia.</p>	<p>Novamente imagens aéreas das rampas em frente ao Itamaraty. Há muitas pessoas aglomeradas sobre a rampa menor. Nota-se uma multidão também na rampa maior, mas parecem menos pessoas. Vê-se que há um cordão de policiais de capacete barrando o avanço da multidão na rampa maior. Imagem mais aproximada, mas pouco nítida, da rampa menor. Uma pessoa vestida de preto pula na água. Sobre a rampa, a multidão parece estática. Há movimentação de alguns policiais na ponta da rampa, na entrada do prédio. Os flashes de luz continuam. Novamente imagens aéreas das duas rampas, a situação é parecida com a anterior.</p>
<p>[APRESENTADORES AO VIVO] Patrícia Poeta – Tá certo, obrigada. Na segunda-feira, lembrando, um grupo chegou a subir no teto do Congresso Nacional, Bonner, mas não houve confronto com a polícia, sem grandes incidentes. Agora a gente tá vendo aí a situação um pouco diferente, um pouco mais tensa. William Bonner – É, mas a rigor não há uma situação flagrante de violência, ou gente forçando portas, nada parecido com isso. Há uma situação de ocupação da rampa, como a Rita explicou...</p>	<p>Permanece a imagem aérea das duas rampas por alguns segundos. Surgem imagens confusas, muito pouco nítidas, em um movimento rápido de câmera.</p>
<p>[APRESENTADORES AO VIVO – Cont.] William Bonner – Mas agora a gente vê fogo... Patrícia Poeta – Tem fogo ali... William Bonner – Nós temos imagens de fogo ali no prédio, que parece ser o prédio do Itamaraty, e alguns dos manifestantes presentes ali celebrando essa... O surgimento dessa chama... Dá pra ver um policial correndo... Patrícia Poeta – Para tentar apagar o fogo... William Bonner – Essas imagens são ao vivo, de Brasília, em frente ao prédio do Itamaraty e aí com a polícia usando extintores de incêndio, [Patrícia interfere, mas áudio é indiscernível] possivelmente algo que foi atirado ali contra a vidraça por gente que estava nesta rampa tentando entrar no Itamaraty. Patrícia Poeta – Vladimir Netto, você tem mais informações aí pra gente? O que você tá vendo daí de cima?</p>	<p>A imagem se estabiliza mostrando o palácio em detalhe. Há labaredas de fogo altas ao longo das estruturas metálicas em torno dos vidros da fachada. No canto inferior, a silhueta de uma multidão, onde há muitos braços estendidos, com punhos fechados. É possível ver pessoas em meio à multidão em atitude celebrativa. As labaredas diminuem rapidamente. Um feixe de luz verde aparece brevemente sobre a fachada. Dentro do prédio, é possível ver um policial uniformizado, de capacete, correndo em direção ao local do fogo. Ele corre novamente, desta vez na direção oposta, para dentro do prédio, outro policial chega com um extintor de incêndio, que ele aciona sobre o que restou das chamas. Um outro policial sai de trás de uma coluna e estende o braço para fora lançando um spray contra a multidão. Um homem com rosto coberto por um tecido branco lança um objeto comprido e brilhante, acertando em cheio o braço do policial que lança o spray. Ele recolhe o braço por alguns instantes, mas em seguida volta a lançar o spray na direção da multidão, que parece muito agitada. É possível ver, ainda que não nitidamente, outras silhuetas lançando objetos na direção dos policiais.</p>
<p>[REPÓRTERES AO VIVO] Vladimir Netto – Daqui de cima, Patrícia, é possível ver que há uma clara divisão entre os manifestantes. A maioria dos manifestantes já havia ido embora em direção à Rodoviária e esse grupo se concentra na frente do Itamaraty, na tentativa de invadir o prédio. Essa entrada é uma entrada de carros para as autoridades, é por isso que os manifestantes estão com dificuldades para conseguir entrar, porque ela é uma rampa onde entram carros de autoridades, como presidente dos países, ou mesmo o próprio ministro das Relações Exteriores. Então há uma certa barreira, então o que me parece daqui de cima é que um dos manifestantes conseguiu atirar algum objeto que</p>	<p>A tela permanece mostrando a mesma abertura do palácio. Não há mais policiais à vista, somente a multidão, à sombra. Nota-se alguns vidros da fachada do prédio quebrados. Vê-se por alguns instantes algumas pessoas entrarem no prédio. Surgem imagens de outro ângulo, bastante iluminado, em que se vislumbra, num pequeno espaço entre as colunas do prédio, pessoas, algumas sem camisa e com o rosto coberto por um tecido branco, entrando e saindo do palácio, um homem embaixo da rampa, com água até os joelhos, parece tirar fotos. De dentro do prédio, de repente, sai uma coluna de fumaça branca bastante espessa que bloqueia a imagem das pessoas. Surgem imagens de outro ângulo, bastante escuras. Há muita fumaça sendo lançada, não é possível ver de onde, entre o vazio escuro da entrada do prédio e a multidão nas sombras. Surgem novas imagens aéreas das</p>

<p>conseguiu fazer este princípio de incêndio dentro do palácio do Itamaraty. Nesse momento, os policiais que estão dentro do Palácio do Itamaraty conseguem impedir que este fogo se alastre, conseguem aparentemente conter o incêndio.</p>	<p>duas rampas, parecida com as anteriores que haviam sido feitas do mesmo ângulo. Mais uma coluna de fumaça é lançada de dentro do prédio.</p>
<p>[APRESENTADOR AO VIVO] [William Bonner e Vladimir Netto falam, áudio incompreensível] William Bonner – Os policiais estão usando extintores de incêndio agora para afastar, para afugentar os manifestantes, Vladimir, é bem claro isso, usaram para apagar o fogo que começou, e que nós vimos ao vivo aqui, na tela da Globo, e agora eles decidiram usar o extintor de incêndio como uma arma para afastar as pessoas dali.</p>	<p>Imagens aéreas da lateral da entrada do prédio. Há muita fumaça. Quase não é possível enxergar a multidão que permanece sobre a rampa menor de acesso ao prédio. Algumas pessoas caminham dentro do espelho d'água. Surgem imagens aéreas novamente. A fumaça se alastra e as pessoas mais próximas do prédio parecem finalmente se afastar. Surge uma imagem muito pouco nítida, onde se percebe que há muita fumaça na fachada do prédio, entre o palácio e a multidão, oculta nas sombras. Dois policiais de capacetes brancos são visíveis dentro do prédio, por uma brecha entre a fumaça. Em meio à multidão, alguém balança uma bandeira nacional.</p>
<p>[APRESENTADORES AO VIVO] Patrícia Poeta – Agora deu para ver também, no espelho d'água, que tem manifestante ali. Parecia que tinha gente atirando objetos contra o prédio, vamos ver se a gente consegue ver de novo... Agora eles se afastaram, mas tinha dois manifestantes... Ali, agora... William Bonner – É... Patrícia Poeta – Deu para ver, não sei se o pessoal que está em casa consegue ver... William Bonner – Se vê claramente agora... Atiraram alguma coisa... Patrícia Poeta – Ó, outro objeto agora, neste momento, sendo atirado contra o prédio. William Bonner – É preciso ressaltar que essas pessoas que estão agindo dessa maneira não estão representando aquela multidão que ocupou pacificamente ali a área em frente ao Congresso Nacional...</p>	<p>Novamente imagens aéreas. Ainda há muita gente sobre a rampa menor de acesso ao Itamaraty, mas a fumaça já toma conta completamente da fachada do prédio, cobrindo completamente a rampa maior. Na ponta da multidão mais próxima ao prédio, é possível ver pessoas arremessando objetos. Imagens frontais pouco nítidas mostram a silhueta de várias pessoas contra a fachada iluminada do palácio. Uma delas atira algo que parece um cone de trânsito contra a fachada. Há muitos e contínuos flashes de luzes.</p>
<p>[APRESENTADORES AO VIVO] Patrícia Poeta – William Bonner – É a tal história, de novo, [vazamento de áudio incompreensível] é um grupo muito menor do que a multidão agindo de maneira perigosa, ó, lá, atiraram algo nos policiais agora...</p>	<p>Imagens aéreas, pouco nítidas. É possível perceber que a multidão sobre a rampa menor se afasta da entrada do prédio em meio à fumaça. Algumas pessoas correm na direção oposta à do prédio. Algumas se atiram na água. No fundo, há um ruído que parece ser a voz do repórter Vladimir Netto se sobrepondo à voz dos apresentadores, mas não é possível compreender o que ele diz. Nova imagem em detalhe da fachada do prédio mostra muitos policiais de capacete saindo e andando rapidamente em direção à multidão.</p>
<p>William Bonner – Agora os policiais é que vão para fora... Patrícia Poeta – Tá tendo confronto lá... William Bonner – E agora eles estão expulsando as pessoas da rampa, com uso também dos extintores, e não apenas dos extintores... Vladimir Netto – Exatamente... Os policiais militares saíram do prédio e estão tentando afastar dali os manifestantes. Muitos se jogaram na água e estão tentando afastar os policiais para tentar evitar este confronto direto com a polícia, mas a situação é muito tensa aqui... William Bonner – E com spray de pimenta também, Vladimir, o spray de pimenta também. São imagens ao vivo, que nós acompanhamos neste momento na tela da Globo, em Brasília, nesta tarde-noite de manifestações por todo o Brasil.</p>	<p>Novamente imagens aéreas da rampa mostram grupo de policiais. À frente deles, um policial segura uma espécie de cano que lança uma fumaça branca na direção da multidão, que se afasta rapidamente. Muitas pessoas pulam na água. Há muita fumaça em torno da cena. Alguns manifestantes parecem revidar contra os policiais, que batem neles com cassetetes. Imagens de ângulo lateral mostram policiais investindo contra a multidão e lançando sprays sobre ela, inclusive sobre as pessoas que pularam na água. Algumas das pessoas na água jogam água contra os policiais sobre a rampa. Ainda há muita fumaça.</p>

d) JN068

Quadro 21 – Matéria JN068, em 21/06/2013 (Vandalismo no RJ)

Cód. JN068	Título: AUTORIDADES RIO	Data: 21/06/2013	Tempo: 02:55
TEXTO ORIGINAL (MEDIADORES E FONTES)		DESCRIÇÃO DO AUTOR	
[CABEÇA] Patrícia Poeta – Hoje as autoridades do Rio de Janeiro se manifestaram sobre estes atos de vandalismo.	Imagem dos apresentadores em estúdio, na bancada. Os dois têm a expressão bastante séria.		
[OFF DA REPÓRTER] Mônica Sanches – Quem chegava para trabalhar no centro do Rio, ficava chocada com as marcas da destruição, nas vidraças dos edifícios, nas agências bancárias. No prédio do Detran, mais de dez portas amassadas. Nas ruas, 60 abrigos de ônibus quebrados, e foram tantos postes danificados que deu para encher um caminhão. Placas, pedaços de pau, buracos nas calçadas. E a lembrança de momentos de pânico.	Imagens diurnas. Pessoas caminham em calçada olhando para prédios com vidraças destruídas. Um homem e uma mulher varrem vidro do chão. Imagens de estruturas de ferro derrubadas sobre uma calçada. Imagens de uma vitrine estilhaçada. Imagem de agência bancária com entulho e vidro quebrado espalhado pelo chão. Fachada de prédio em que se lê “Governo do Rio de Janeiro – SECRETARIA DA CASA CIVIL – DETRAN” com janelas quebradas e portas amassadas. Imagem de ponto de ônibus com vidro quebrado. Imagem de poste derrubado sobre a calçada. Imagem de carroceria de caminhão repleta de postes de metal. Imagem de placa danificada sobre o chão. Imagem de pedaço de madeira sobre o chão. Imagem de calçada coberta de blocos de pedra em frente a vitrine quebrada. Imagem de telhas amassadas no chão, em frente à entrada de um prédio não identificado.		
[SONORA] Homem não identificado – A gente ficou encurralado aqui, porque não tinha para onde a gente correr...	Homem de terno e gravata fala à reportagem na porta de um prédio. Sua expressão é de indignação. Atrás dele, um homem varre o chão.		
[SONORA – Cont.] Homem não identificado – ...É um bando só que realmente tacou pedra, outros pediram para não tacar, mas não tinha como controlar mais.	Imagens de fachada de vidro danificada.		
[PASSAGEM DA REPÓRTER] Mônica Sanches – Quase nada sobrou da cabine da PM queimada pelos vândalos. Uma nova custa 20 mil reais. A despesa para cobrir todo o patrimônio público destruído no Rio pode chegar a um milhão de reais	Passagem começa enquadrando em detalhe uma base retorcida de metal sobre degraus. O enquadramento se abre e se vê a repórter, à direita da estrutura. Sua expressão é séria e enfatizante.		
[SONORA] Diana Dantas – É dinheiro que, querendo ou não, sai do nosso bolso, porque é o imposto que a gente paga que vai pagar isso aí.	Moça jovem, negra, de cabelos cacheados e aparelho ortodôntico fala à reportagem em frente à fachada de um prédio não identificável. Ela veste camiseta polo branca sob casaco escuro e porta um crachá não visível. Sua expressão é tranquila. A legenda a identifica como Diana Dantas, secretária.		
[OFF DA REPÓRTER] Mônica Sanches – Prejuízo também para os comerciantes das lojas saqueadas. A polícia prendeu 6 pessoas, e três menores de idade foram apreendidos, e investiga se traficantes participaram do quebra-quebra...	Imagens de homens com ferramentas, aparentemente fazendo conserto, à porta de uma loja. Fachada de loja com vidros quebrados e pedaços de entulho escorados. Imagem de uma estrutura de cadeira de escritório destruída, jogada na calçada. Imagem de homem de terno e gravata saindo de porta de vidro quase totalmente coberta por lâminas de metal. Imagens de postes arrancados e bases de postes vazias. Imagem de bombeiro uniformizado lançando água sobre a estrutura de metal retorcido à frente da qual a repórter fez a passagem.		
[OFF DA REPÓRTER – Cont.] Mônica Sanches – ...Representantes das manifestações também contam que bandidos se infiltraram nos protestos e que a hora é de avaliar o movimento.	Homem branco, jovem, de barba e camiseta branca, enquadrado em primeiro plano, fala e gesticula. Sua expressão é de indignação. Detalhe de sua camiseta mostra que está escrito “Nada deve parecer impossível de mudar – Bertold Brecht”. Imagem de homem de óculos, vestindo camiseta polo amarela com gola azul falando com expressão preocupada.		
[SONORA] Rafael Araruna – Eles já chegam esbarrando, tentando provocar uma briga. São os únicos que estão com as	Homem de óculos, vestindo camiseta polo amarela com gola azul fala ao microfone com canopla da <i>TV Globo</i> . Sua expressão é de		

<p>caras tapadas. Se você está com a cara tapada, é porque você vai fazer besteira.</p>	<p>preocupação. A legenda o identifica como Rafael Araruna, professor.</p>
<p>[SONORA] Tadeu Lemos – A gente vai se reunir na próxima terça-feira, vai avaliar quais são os próximos passos. Qualquer coisa que desvie a atenção da passeata não nos favorece.</p>	<p>Homem branco, jovem, de barba e camiseta branca, fala com expressão de indignação ao microfone da <i>TV Globo</i>. A legenda o identifica como Tadeu Lemos, estudante.</p>
<p>[OFF DA REPÓRTER] Mônica Sanches – O secretário de segurança afirmou que as Forças Armadas podem ser chamadas para reforçar o policiamento.</p>	<p>Imagem de homem de meia-idade de camiseta branca e óculos, falando atrás de uma bancada. Ao seu lado, um homem também de meia idade, vestindo uniforme da polícia militar. Não é possível ler as placas que os identificam sobre a bancada. Os dois têm expressão séria e preocupada. Enquadramento mais abrangente mostra mais pessoas na bancada: um homem de terno e gravata, uma mulher de vestido e sapato de salto alto e outros dois homens uniformizados. O homem de camisa branca e óculos está no centro da mesa. Abaixo do vídeo, se vê algumas pessoas sentadas de costas, formando uma plateia.</p>
<p>[SONORA] José Mariano Beltrame – Eu quero deixar muito claro à população que este secretário e esta secretaria possui uma parceria antiga com o Ministério da Defesa e, se necessário for, não serei eu que vou deixar de tomar essa providencia no sentido de proteger exatamente o que nós estamos lutando tanto aqui, que é a integridade física das pessoas e o patrimônio público e privado.</p>	<p>O homem de camisa branca fala ao microfone, ainda com expressão preocupada. A legenda o identifica como José Mariano Beltrame, secretário de Segurança Pública do RJ.</p>
<p>[OFF DA REPÓRTER] Mônica Sanches – O prefeito do Rio e o governador disseram que atos de vandalismo não serão tolerados.</p>	<p>Imagem de homem de terno falando e gesticulando com energia e expressão séria. Segura um microfone em uma das mãos. Sobre um púlpito transparente à sua frente, estão microfones de diversos canais de televisão. Surgem imagens de outro homem, mais velho, também sobre um púlpito onde foram encaixados diversos microfones com canoplas de diversas emissoras. Sua expressão é de preocupação e cansaço.</p>
<p>[SONORA] Eduardo Paes – O que não dá para aceitar são atos de depredação. Atos de violência. Contra prédios públicos, e equipamentos públicos ou prédios privados e equipamentos privados. Isso não dá para aceitar.</p>	<p>Homem de terno falando e gesticulando com energia e expressão séria. A legenda o identifica como Eduardo Paes, prefeito do Rio.</p>
<p>[SONORA] Sérgio Cabral – Aqueles que cometem excessos devem ser punidos por isso de ambos os lados, para que prevaleça o ambiente democrático. Ninguém aqui tá protegendo a polícia, mas também não vai proteger vândalos. Numa situação como essa de excessos, não tem vitoriosos.</p>	<p>Imagens de homem falando e gesticulando, com aparência de preocupação e cansaço. A legenda o identifica como Sérgio Cabral, governador do Rio. O áudio é muito ruim, apresentando muito ruído estático.</p>

e) JN078

Quadro 22 – Matéria JN078, em 21/06/2013 (Pequena manifestação no RJ)

Cód. JN078	Título: MANIFESTAÇÃO RIO 4	Data: 21/06/2013	Tempo: 01:25
TEXTO ORIGINAL (MEDIADORES E FONTES)		DESCRIÇÃO DO AUTOR	
[CABEÇA] Patrícia Poeta – No Rio de Janeiro, também estão ocorrendo manifestações na capital e m cidades da Baixada Fluminense. É a repórter Bette Lucchese quem mostra a situação para a gente nesse momento. Boa noite para você, Bette.		Apresentadores no estúdio, atrás da bancada. A expressão dos dois é séria. A tela se divide para mostrar a bancada e a imagem da repórter em plano fechado. Ela segura um microfone e usa grandes protetores de ouvido. Há forte ruído de turbina, o que dá a entender que a repórter se encontra a bordo de um helicóptero.	
[REPÓRTER AO VIVO] Bette Lucchese – Olá Patrícia, boa noite a todos. Nesse momento, nós sobrevoamos a região da Barra da Tijuca, na zona oeste do Rio de Janeiro e como vocês podem ver, lá embaixo, um pequeno grupo de manifestantes está numa avenida. A todo o momento há correria, confusão com a Polícia Militar.		Imagem em plano fechado da repórter. A legenda a identifica como Bette Lucchese, falando do Rio de Janeiro. Imagens aéreas mostram a imagem bastante distante de uma rodovia onde se vê, sem muita clareza, o que parecem ser pessoas em movimento. É possível reconhecer algumas luzes de sirene. O entorno da rodovia é bastante escuro.	
[REPÓRTER AO VIVO – Cont.] Bette Lucchese – Mais cedo, a previsão de pequenas manifestações fez o comércio fechar em alguns bairros da cidade. Aqui na Barra, quatro grandes shoppings suspenderam o funcionamento oito horas antes do normal. No fim da tarde, cerca de mil pessoas saíram em caminhada, tranquilamente, por uma das principais avenidas do bairro.		Inserção de imagens diurnas de fachadas de lojas fechadas e de outras fechando. Imagens de um prédio com fachada de vidro sendo guardado por segurança. Imagens aéreas, ainda diurnas de multidão se locomovendo em uma larga avenida.	
[REPÓRTER AO VIVO – Cont.] Bette Lucchese – Mas bem perto dali, um grupo de baderneiros fez vários ataques, um ônibus foi impedido de passar e voltou na contramão. Passageiros fugiram. Houve fogo. Um táxi foi cercado e teve que dar marcha à ré.		Surtem imagens noturnas de um grupo de pessoas, a maioria com os rostos cobertos por pedaços de pano ou camisetas, andando no meio de uma avenida. Imagens de um ônibus avançando sobre algumas pessoas que correm. Imagens escuras da mesma avenida mostram outros ônibus muito rapidamente. Imagem diurna de um grupo de pessoas em redor de um táxi, se locomovendo rapidamente em marcha à ré. Uma das pessoas chega a abrir e fechar a porta do assento do carona.	
[REPÓRTER AO VIVO – Cont.] Bette Lucchese – O ataque mais violento foi a uma agência de carros que teve veículos apedrejados e foi saqueada. Uma televisão foi roubada. A polícia só conseguiu prender parte do grupo depois de duas horas de arruaça. Bonner.		Mais imagens noturnas de um grupo de pessoas investindo contra uma grade que cerca uma fila de veículos. Imagens de pessoas saindo correndo de um prédio com portas de vidro estilhaçadas. Um homem sai carregando um grande aparelho de televisão. Outro homem quebra uma parte do vidro que ainda estava inteira. Surgem novamente imagens da avenida ao longe, com viaturas de polícia paradas, com as sirenes ligadas, e grupos de pessoas circulando em volta.	
[APRESENTADOR AO VIVO] William Bonner – Bette Lucchese, falando ao vivo do Rio de Janeiro.		A imagem mais uma vez se divide para mostrar, ao mesmo tempo, a avenida e a bancada do telejornal.	

f) JN105

Quadro 23 – Matéria JN105, em 22/06/2013 (Confronto em Salvador)

Cód. JN105	Título: MANIFESTAÇÕES BA	Data: 22/06/2013	Tempo: 01:30
TEXTO ORIGINAL (MEDIADORES E FONTES)		DESCRIÇÃO DO AUTOR	
[CABEÇA] William Bonner – Numa das avenidas que dão acesso à Arena Frente Nova, baderneiros infiltrados em uma manifestação acabaram entrando em choque com a polícia hoje. Quem informa é o repórter José Raimundo. Zé, boa noite.		Apresentadores falam ao vivo do estúdio. Sentados atrás da bancada. A expressão é tranquila.	
[REPÓRTER AO VIVO] José Raimundo – Boa noite, Bonner, boa noite, Patrícia, boa noite a todos. Nós estamos aqui perto de um dos cruzamentos mais movimentados de Salvador, numa região conhecida como Lucaia. Olha, hoje à tarde, cinco homens foram presos em Salvador durante as manifestações. Dois deles estavam com coquetéis molotov. Outros dois foram presos roubando uma loja na Avenida Sete de Setembro. Um rapaz foi preso quando destruiu placas de sinalização de trânsito. A dois quilômetros da Arena Fonte Nova...		Repórter José Raimundo fala de área externa. Ao fundo, se vê uma avenida quase vazia, com movimento tranquilo de carros. Sua expressão é bastante séria.	
[REPÓRTER AO VIVO – Cont.] José Raimundo – ...Policiais bloquearam todos os acessos ao estádio para impedir que os manifestantes se aproximassem. Alguns grupos tentaram furar o bloqueio soltando rojões. Policiais reagiram com bombas de gás.		Imagens diurnas de multidão protestando, com faixas e cartazes. Policiais alinhados fazem cordão de isolamento em uma avenida. Seguem-se imagens de corre-corre e fumaça.	
[REPÓRTER AO VIVO – Cont.] José Raimundo – Depois do jogo, um outro grupo concentrado em frente a um shopping tentou fechar a Avenida Paralela, uma das mais importantes de Salvador. A polícia chegou, houve mais um confronto e o grupo foi dispersado.		Imagens noturnas. Multidão parada em frente ao prédio iluminado. Em uma segunda tomada, a multidão dispara, fugindo de algo.	
[REPÓRTER AO VIVO – Cont.] José Raimundo – Neste momento, este grupo que estava concentrado em frente ao shopping está na avenida paralela tentando fechar o trânsito, segundo informações da polícia. Patrícia.		Volta imagem do repórter com expressão séria.	
[APRESENTADORA EM ESTÚDIO] Patrícia Poeta – Obrigada, Zé, pelas suas informações.		Volta imagem do estúdio. Expressão de Patrícia está mais séria do que na cabeça da matéria.	

g) JN114

Quadro 24 – Matéria JN114, em 22/06/2013 (Violência da polícia no RJ)

Cód: JN114	Título: VIOLÊNCIA POLÍCIA	Data: 22/06/2013	Tempo: 03:55
TEXTO ORIGINAL (MEDIADORES E FONTES)		DESCRIÇÃO DO AUTOR	
[CABEÇA] William Bonner – Na manifestação de anteontem, na Avenida Presidente Vargas no Rio de Janeiro, a polícia precisou conter a ação de vândalos que cercaram a prefeitura e acabaram promovendo um quebra-quebra pelas ruas. Mas à medida que o tempo foi passando, foram surgindo na internet muitas acusações de abusos cometidos pela PM contra pessoas que estavam longe dos tumultos e que não se envolveram neles.		Apresentadores estão no estúdio, atrás da bancada. Eles olham um para o outro enquanto Bonner fala. A expressão dos dois é bastante séria.	
[OFF DA REPÓRTER] Lilia Telles – Ontem à noite, estudantes do <i>Instituto de Física e Ciências Sociais</i> da universidade federal do estado leram um manifesto contra o que consideram ações violentas da polícia.		Imagens noturnas de pessoas jovens reunidas em grupos conversando. Imagem de mulher bastante jovem lendo uma carta. Ao fundo, alguns homens a observam.	
[SOBE-SOM] Gabriela Machado – Foram vistas cenas de extrema covardia com manifestantes. Policiais da PM, Choque e Bope, com seus escudos e blindados, atiraram bombas em pessoas sentadas em bares e que voltavam para casa.		Mulher jovem identificada como Gabriela Machado, estudante, lê o manifesto pausadamente, dando ênfase a cada palavra. Sua expressão é séria e indignada. Em alguns momentos, olha diretamente para a câmera.	
[OFF DA REPÓRTER] Lilia Telles – Na noite de quinta-feira, Vitor e dezenas de outros estudantes buscaram abrigo na universidade.		Repórter conversa com homem jovem, de óculos e barba. Os dois parecem estar em uma espécie de pátio, sentados em redor de uma mesa de madeira. A expressão dele é de seriedade e indignação. A repórter olha para ele com a expressão séria. Há inserção de imagens de multidão nas ruas, corre-corre e muita fumaça, e também de pessoas jovens conversando em frente a uma escadaria.	
[SONORA] Victor Vidigal – Eles partiram para cima da população em geral, indiscriminadamente, <i>tacando</i> bomba para todos os lados. Eu não tinha <i>tacado</i> pedra nenhuma e tava tomando tiro de borracha e bomba de gás do mesmo jeito.		Homem jovem, de barba e óculos, fala à reportagem. Ele está sentado a uma mesa de madeira, cercada de plantas, aparentemente em casa. Os caracteres o identificam como Victor Vidigal, estudante.	
[PASSAGEM DA REPÓRTER] Lilia Telles – O Ministério Público do Rio abriu inquérito para apurar denúncias de excessos cometidos pela polícia durante as manifestações na cidade. Os promotores querem ouvir relatos de quem estava na Avenida Presidente Vargas e principalmente nas imediações do centro, como aqui na Lapa, e que acusa a Tropa de Choque de ter sido violenta.		A repórter faz a passagem na rua, à noite, junto aos Arcos da Lapa, no Rio de Janeiro. Sua expressão é séria.	
[SONORA] Melina D'Ávila – Quebraram o vidro e tacaram uma bomba. Dentro do bar mesmo, estourou perto da gente. Tinha criança, tinha um bebê de colo, a mãe desesperada, chorando, correndo com a criança no colo, um clima absurdo. Estava todo mundo ali em paz.		Mulher jovem fala à reportagem no que parece ser uma sala de estar, sentada ao sofá. Sua expressão é de indignação. Os caracteres a identificam como Melina D'Ávila, gerente comercial.	

<p>[SONORA] Mayra Terra Maluf – Não faziam nenhuma distinção. Eles estavam atirando em todo mundo, era quase um toque de recolher, mandando todo mundo embora, sabe.</p>	<p>Mulher jovem fala à reportagem sentada em um sofá, no que parece ser uma sala de estar. Sua expressão é séria e triste. Os caracteres a identificam como Mayra Terra Maluf, estudante.</p>
<p>[SONORA] Raphaela Prado – Eles expandiram o caos pelo centro da cidade. Não foram capazes de saber onde estavam acontecendo os eventos agressivos isolados e atuar sobre eles.</p>	<p>Mulher jovem fala à reportagem sentada em um sofá, no que parece uma sala de estar. Sua expressão é séria e indignada. Os caracteres a identificam como Raphaela Prado, estudante.</p>
<p>[OFF DA REPÓRTER] Lilia Telles – Muitas pessoas publicaram imagens na internet. No bairro da Lapa, o policial corre para cima de pessoas que estavam em um bar e atira spray de pimenta contra todas. Próximo dali, quem estava na rua foi obrigado a correr para dentro de um bar. Mas nem as portas fechadas impediram a entrada de gás lacrimogêneo.</p>	<p>Cenas filmadas com qualidade inferior a das imagens da reportagem até então, tremidas e um pouco fora de foco, mostram corre-corre de pessoas e policiais. Um policial corre até um grupo de pessoas em frente a um bar com spray de pimenta em mãos, e lança o spray em direção ao interior do estabelecimento. Em seguida, imagens de comerciantes fechando portas de metal às pressas, com muita fumaça dentro dos estabelecimentos, onde se abrigam inúmeras pessoas.</p>
<p>[OFF DA REPÓRTER – Cont.] Lilia Telles – Nesse vídeo, bombas são lançadas contra pessoas que esperavam a reabertura de uma estação do metrô.</p>	<p>Imagens mostram explosões e corre-corre junto à entrada de uma estação do metrô.</p>
<p>[SOBE-SOM] Homem não identificado – A gente tava esperando para entrar no metrô, o metro tava fechado. Não teve motivo nenhum, foi pura covardia.</p>	<p>Um homem muito jovem fala em direção à câmera. Seus olhos estão lacrimejando e sua expressão é de indignação e desespero.</p>
<p>[OFF DA REPÓRTER] Lilia Telles – Este professor foi ferido quando estava indo embora da manifestação.</p>	<p>Um homem jovem, usando óculos, fala à reportagem com a cabeça completamente coberta com curativos.</p>
<p>[SONORA] Homem não identificado – Tava numa parada de ônibus na Lapa. Quando eu vi a bomba vindo eu abaixei, e quando eu abaixei pegou na minha orelha e eu tomei 15 pontos.</p>	<p>Homem jovem, de óculos, com curativo na cabeça, fala à reportagem. Ele não é identificado.</p>
<p>[OFF DA REPÓRTER] Lilia Telles – Policiais também dispararam balas de borracha em direção ao Hospital Municipal Souza Aguiar.</p>	<p>Imagens de policiais de capacete sobre motocicletas, parados em frente ao hospital, disparando balas de borracha. Suas expressões são de tranquilidade e frieza enquanto disparam o projétil. Em frente ao hospital, uma mulher jovem, com o rosto sujo, leva as mãos ao rosto. Sua expressão é de desespero.</p>
<p>[OFF DA REPÓRTER – Cont.] Lilia Telles – O repórter da Globo News Pedro Vedova levou um tiro de borracha na testa enquanto trabalhava na cobertura dos protestos perto da sede da prefeitura, mas em um momento quando não havia nenhum conflito na área. Pedro se recupera em casa.</p>	<p>Imagens de homem jovem, com marca de tiro na testa e o rosto completamente ensanguentado, falando em direção à câmera. No pescoço, uma máscara de gás. São inseridas imagens aéreas de multidão cobrindo completamente largas avenidas.</p>
<p>[OFF DA REPÓRTER – Cont.] Lilia Telles – Essa jovem ainda se emociona quando lembra o que viveu enquanto tentava se proteger.</p>	<p>Imagem de mulher jovem, de óculos, que fala à reportagem do que parece ser uma sala de estar, sentada ao lado de outra mulher jovem que já falou à reportagem. Sua expressão é de indignação.</p>
<p>[SONORA] Tatiana Frambach – Eles não estavam dispersando,</p>	<p>Mulher jovem, de óculos, que fala à reportagem do que parece ser uma sala de estar. Sua expressão é de</p>

<p>eles estavam encurralando a gente, querendo machucar. Aquilo era para machucar. Tinha muita gente passando mal de tanto gás que tava, de tanto spray de pimenta. Fiquei com medo de morrer. Eu nunca pensei que fosse sentir isso.</p>	<p>indignação. Os caracteres a identificam como Tatiana Frambach, estudante.</p>
<p>[NOTA-PÉ] William Bonner – A Polícia Militar do Rio informou que está reunindo todo o material que tem sido apresentado e que vai fazer um estudo de cada caso para avaliar se cabe punição.</p>	<p>De volta ao estúdio, William Bonner fala da bancada do telejornal. Sua expressão é de seriedade.</p>
<p>[NOTA-PÉ] Patrícia Poeta – Deixa eu só fazer uma correção. O prédio da Universidade Federal do Rio de Janeiro em que estudantes se refugiaram na quinta-feira, e que nós mostramos na reportagem há pouco, é o Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, e não de Física como nós dissemos.</p>	<p>Patrícia Poeta, da bancada do telejornal, fala olhando para a câmera. Sua expressão é séria.</p>

h) JN129

Quadro 25 – Matéria JN129, em 24/06/2013 (Presidência anuncia Pactos)

Cód. JN129	Título: PACTOS DILMA 2	Data: 24/06/2013	Tempo: 01:10
TEXTO ORIGINAL (MEDIADORES E FONTES)		DESCRIÇÃO DO AUTOR	
<p>[CABEÇA] Patrícia Poeta – A reunião da presidente Dilma com prefeitos e governadores acabou agora há pouco. O repórter Vladimir Netto está lá no Palácio do Planalto e tem os detalhes para a gente. Boa noite para você, Vladimir.</p>		<p>Imagem dos apresentadores no estúdio, atrás da bancada. A expressão dos dois é séria. A tela se divide para mostrar a bancada e a imagem do repórter, em frente ao Palácio do Planalto, à esquerda.</p>	
<p>[REPÓRTER AO VIVO] Vladimir Netto – Boa noite Patrícia, Bonner, boa noite a todos. Bom, a reunião durou cerca de três horas. De saída, os governadores e prefeitos disseram que concordam com o pacto proposto pela presidente Dilma para melhorar os serviços públicos brasileiros. Por isso, a partir de agora, os governadores e prefeitos vão formar grupos técnicos por região para discutir com o Governo Federal quais são as obras prioritárias e como fazer para acelerar a aplicação destes recursos. Na área da saúde, por exemplo, a ideia é concluir rapidamente a construção de 800 hospitais pelo país. Ministros do governo também detalharam um pouco mais como a presidente Dilma pretende agilizar essas medidas. A ministra Ideli Salvatti, responsável pela articulação política do governo, por exemplo, disse que ainda essa semana a presidente vai se reunir com os presidentes da Câmara e do Senado para discutir as propostas que precisam da aprovação do Congresso. Bonner, Patrícia.</p>		<p>O repórter está enquadrado em primeiro plano. Atrás dele, se vê o Palácio do Planalto. Sua expressão é séria. Ele usa terno e gravata e segura um microfone com canopla da <i>TV Globo</i>.</p>	

i) JN130

Quadro 26 – Matéria JN130, em 24/06/2013 (Polemização da reforma política)

Cód. JN130	Título: REFORMA POLÍTICA	Data: 24/06/2013	Tempo: 04:00
TEXTO ORIGINAL (MEDIADORES E FONTES)		DESCRIÇÃO DO AUTOR	
[CABEÇA] Patrícia Poeta – Entre as propostas apresentadas hoje pela presidente Dilma Rousseff, a mais polêmica é o plebiscito para convocação de uma assembleia constituinte específica pra reforma política. Políticos opositoristas criticaram, políticos governistas defenderam a iniciativa da presidente, e juristas também se manifestaram. Para alguns, a Constituição só pode ser alterada por projeto de emenda constitucional, que exige maioria qualificada. Para outros, o plebiscito pode ser convocado, mas também por meio de emenda, também com maioria qualificada.		A apresentadora é enquadrada sozinha, na bancada, em estúdio. Sua expressão é séria.	
[OFF DO REPÓRTER] Ari Peixoto – Foi o segundo pacto defendido pela presidente Dilma durante o discurso. Ela lembrou que a reforma política que pretende melhorar o sistema eleitoral do país vem sendo discutida há muitos anos no Congresso sem que seja aprovada. Por isso, propôs a discussão sobre um plebiscito para que a população decida se quer uma constituinte exclusiva sobre a reforma política.		Imagens da presidenta Dilma Rousseff discursando atrás de uma bancada de madeira. No fundo, também de madeira, há duas bandeiras, a bandeira nacional o brasão de armas da república. Uma placa sob a bancada identifica a presidenta. Sua expressão é bastante séria. Um enquadramento mais aberto permite ver que ela se encontra em uma espécie de sala de reuniões, no centro de uma mesa também ocupada pelo vice-presidente, Michel Temer, e pela ministra-chefe da Casa Civil, Gleisi Hoffmann. Ao redor deles, em duas outras bancadas formando um “U”, estão vários homens e mulheres em roupas formais e com computadores portáteis sobre a mesa.	
[SONORA] Dilma Rousseff – Quero, neste momento, propor o debate sobre a convocação de um plebiscito popular que autorize o funcionamento de um processo constituinte específico para fazer a reforma política que o país tanto necessita.		Presidenta fala, enquadrada em primeiro plano. Sua expressão é séria. Ela reveza entre ler o discurso e levantar os olhos para seus interlocutores fora de quadro.	
[OFF DO REPÓRTER] Ari Peixoto – Parlamentares que apoiam o governo concordaram com a proposta.		Imagem de homem de terno e gravata conversando e gesticulando com outras três pessoas, todos de pé, no que parece ser um corredor.	
[SONORA] Wellington Dias – Eu diria que todos os partidos sabem que nós estamos numa situação que ninguém aguenta mais. É a hora de se ter uma grande mudança e esse modelo do plebiscito com o Congresso constituinte é uma oportunidade de estarmos em sintonia como povo.		Homem de meia idade, de terno e gravata, fala para vários microfones e gravadores. Os únicos identificados são da <i>TV Globo</i> e da <i>TV Senado</i> . A legenda o identifica como Senador Wellington Dias, PT-PI, líder do partido. Sua expressão é séria e enfática.	
[SONORA] Eduardo Braga – Se for referendada pela população, sim, a população aprova a convocação da constituinte específica		Homem de meia idade, usando óculos e vestindo terno e gravata, fala a diversos microfones, de várias emissoras de televisão. Sua expressão é séria e um pouco exasperada. A legenda o identifica como Senador Eduardo Braga, PMDB-AM, líder do governo.	
[OFF DO REPÓRTER] Ari Peixoto – Os líderes dos partidos da oposição dizem que não são contrários à convocação de um plebiscito, mas afirmam que esta é uma prerrogativa do Congresso. Segundo eles, uma proposta e de emenda constitucional para tratar exclusivamente da reforma política seria o caminho.		O repórter está enquadrado em primeiro plano, em frente ao Palácio do Planalto. Sua expressão é bastante séria.	
[SONORA] José Agripino – Agora, qual é a forma legal de você fazer isso? O Supremo Tribunal Federal teria que ser		Homem de meia idade fala a muitos microfones, de diferentes veículos. Sua expressão é séria, mas tranquila e firme. A legenda	

<p>ouvido sobre isso. Fazer um plebiscito para o que o Congresso pode fazer? Reforma constitucional só tem quórum qualificado, nós podemos fazer na hora em que nós quisermos, basta que o governo queira e mande a sua base votar. Porque o que acontece é que o governo manda que a sua base não vote, e não votando, não tem definição de reforma política.</p>	<p>o identifica como Senador José Agripino, DEM-RN, presidente do partido.</p>
<p>[SONORA] Roberto Freire – O que não adianta é o governo inventar, tergiversando, um plebiscito que não é nem competência dela. É do congresso. O congresso pode fazer a reforma política.</p>	<p>Homem calvo, de óculos, fala a muitos microfones e gravadores. Sua expressão é firme e irônica, e ele chega a esboçar um sorriso.</p>
<p>[OFF DO REPÓRTER] Ari Peixoto – O jurista Carlos Velloso, ex-ministro do Supremo, diz que a Constituição brasileira não prevê a convocação de uma assembleia constituinte com assunto determinado. Segundo ele, a reforma política tem que ser feita por meio de projeto de lei e proposta de emenda constitucional, aprovada por quórum de três quintos, em dois turnos.</p>	<p>Homem idoso, de óculos e cabelos brancos, vestindo terno e gravata, fala e gesticula sentado em frente a estante repleta de livros. As imagens variam entre primeiro plano e detalhe. Sobre a mesa, há um exemplar da Constituição Federal.</p>
<p>[SONORA] Carlos Velloso – Veja, está se agredindo a Constituição vigente [ao] propor uma constituinte exclusiva. Não existe constituinte exclusiva. Constituinte, se convocada, ela pode rever toda a Constituição. E, se isso ocorresse no Brasil, teríamos um retrocesso. Porque nós temos uma boa Constituição. Que carece, é claro, de aperfeiçoamentos pontuais.</p>	<p>O homem fala devagar e pausadamente ao microfone da <i>TV Globo</i>. A legenda o identifica como Carlos Velloso, ex-ministro do STF.</p>
<p>[NOTA-PÉ] William Bonner – Uma outra corrente de juristas defende que a reforma de uma parte da Constituição pode sim ser feita por uma constituinte exclusiva. O constitucionalista Ives Gandra Martins explica porém que também é preciso apresentar uma PEC, uma proposta de emenda constitucional, que teria que ser aprovada em duas votações, em cada uma das casas do Congresso, com maioria de três quintos. Esta PEC teria que convocar um plebiscito e, por meio dele, a população aprovaria ou não a formação de uma constituinte exclusiva para tratar da reforma política.</p>	<p>O apresentador é enquadrado sozinho, atrás da bancada do telejornal. Sua expressão é séria e enfática.</p>

j) JN158

Quadro 27 – Matéria JN158, em 25/06/2013 (Polêmica sobre o plebiscito continua)

Cód. JN158	Título: PLEBISCITO DILMA 2	Data: 25/06/2013	Tempo: 06:00
TEXTO ORIGINAL (MEDIADORES E FONTES)		DESCRIÇÃO DO AUTOR	
[CABEÇA] Poliana Abritta – O plebiscito foi motivo de debate e discussão hoje durante várias reuniões realizadas aqui no Palácio do Planalto, como mostra a reportagem.		A repórter chama a reportagem a partir de <i>link</i> ao vivo de Brasília. Ela está na frente do Palácio do Planalto, enquadrada em primeiro plano, e sua expressão é bastante séria.	
[OFF DA REPÓRTER] Poliana Abritta – Logo cedo, a presidente Dilma recebeu a Ordem dos Advogados do Brasil, que ontem se manifestou contrária a uma das propostas apresentadas por ela: a de que seja feito um plebiscito para a população decidir sobre a convocação de uma constituinte que faria a reforma política...		Imagem da presidenta Dilma Rousseff sentada no centro de uma bancada em forma de “U”, reunida com vários homens e uma mulher vestidos formalmente. Enquanto todos estão vestidos com cores neutras, como preto, branco e bege, a presidenta veste vermelho.	
[OFF DA REPÓRTER] Poliana Abritta – ... Ontem, assim que ouviu o anúncio, a OAB disse que a reforma era inconstitucional e que a presidente estava mal assessorada.		Homem de óculos, terno e gravata fala, em plano fechado. Atrás dele, detalhe do logotipo do Conselho Nacional da Ordem dos Advogados do Brasil. Sua expressão é de preocupação.	
[SONORA] Marcus Vinicius Furtado – Talvez a presidenta tenha sido aconselhada inadequadamente para esta convocação, para esta ideia de convocação de uma assembleia constituinte exclusiva. Mas a Ordem dos Advogados do Brasil irá apresentar diretamente à Presidência a contrariedade dos juristas com relação a esta iniciativa.		O mesmo homem fala no mesmo local, só que em plano um pouco mais aberto. A legenda o identifica como Marcus Vinicius Furtado, presidente da OAB, e ainda sinaliza que a entrevista foi concedida no dia anterior (“ontem”).	
[OFF DA REPÓRTER] Poliana Abritta – Hoje, depois do encontro no Palácio, o presidente da OAB disse que o governo iria rever a decisão em relação a convocar uma constituinte.		Imagem do presidente da OAB caminhando, acompanhado de outros homens, todos vestidos formalmente. Ele carrega um papel branco. Sua expressão é fechada. Ele caminha até um púlpito transparente, indicado por um dos homens que o acompanham através de um gesto. No púlpito, estão microfones com canoplas de diversas emissoras de televisão.	
[SONORA] Marcus Vinicius Furtado – O governo sai convencido de que convocar constituinte não é adequado porque atrasa o processo de reforma política. Porque fazer um plebiscito para fazer uma constituinte vai atrasar a aprovação da reforma política e fará com que toda essa vazão, toda essa insatisfação se perca. O que foi proposto e o que foi o entendimento: temos que fazer um plebiscito para aprovar a própria reforma política. A população tem que dizer diretamente qual reforma política que ela quer.		O presidente da OAB fala mais uma vez, desta vez para vários repórteres. Sua expressão continua séria e fechada.	
[OFF DA REPÓRTER] Poliana Abritta – Logo em seguida, o ministro da Justiça, que participou do encontro, negou que houve recuo por parte do governo, mas disse que o assunto foi colocado como ponto de partida para a discussão e disse que outras serão ouvidas.		Imagens de homem de terno andando cercado de várias pessoas que apontam microfones e gravadores em direção a ele. Surgem imagens do mesmo homem, desta vez no mesmo púlpito ocupado anteriormente pelo presidente da OAB.	
[SONORA] José Eduardo Cardozo – A presidenta ontem não fechou as portas para nenhuma das teses que podem permear este processo constituinte específico. A diferença é que esta proposta que hoje a Ordem dos Advogados do Brasil traz, ela não fala em mudança da Constituição, ela permite que seja feito por uma mera modificação da legislação. Isso pode ser visto como uma vantagem dessa proposta, claro, pela agilidade e		Homem de terno fala aos jornalistas de diversos veículos. A legenda o identifica como José Eduardo Cardozo, ministro da Justiça. Sua expressão é séria e enfática.	

pela situação que obviamente, ela vai propiciar.	
[OFF DA REPÓRTER] Poliana Abritta – José Eduardo Cardozo também disse que uma das propostas estudadas pelo governo é a realização de um plebiscito que apresentaria os temas da reforma política à população como forma de balizar a atuação do Congresso.	São inseridas imagens do ministro ainda falando aos repórteres.
[SONORA] José Eduardo Cardozo – O processo constituinte também poderia ter uma outra viabilização, por outra forma. Qual é a outra forma? É através, é através especificamente de um plebiscito em que se faça questões. Por exemplo, poderia ser feito não uma assembleia constituinte, mas poderia ser feito um plebiscito onde se perguntasse: voto distrital, voto distrital misto, fica como está? Financiamento público de campanha e etc.	O ministro segue falando aos repórteres.
[GRÁFICO] Poliana Abritta – Logo depois da entrevista a presidência divulgou uma nota dizendo que considera importante a proposta da OAB, mas que não houve qualquer decisão. E destacou também a importância de um plebiscito. Logo depois da entrevista a presidência divulgou uma nota dizendo que considera importante a proposta da OAB, mas que não houve qualquer decisão. E destacou também a importância de um plebiscito.	Gráfico mostra documento intitulado “Nota à imprensa”, destacando as frases: “A presidenta ouviu a proposta da OAB, considerou-a uma importante contribuição, mas não houve qualquer decisão” e “A presidenta reiterou relevância de uma ampla consulta popular por meio de um plebiscito”.
[OFF DA REPÓRTER] Poliana Abritta – As opiniões divergem dentro do próprio Palácio. O vice-presidente da república não concorda com a convocação de uma constituinte, mas com o plebiscito sim.	Imagens do vice-presidente, Michel Temer, em roupas formais, sentado em uma poltrona branca, em conversa com outro homem, também vestido formalmente, de costas para a câmera. Sua expressão é tranquila. Surgem imagens do vice-presidente andando em um corredor cercado de homens de terno. Eles sorriem.
[SONORA] Michel Temer – Eu acho viável até por uma razão singela: eu tenho até posição definida, há muitos, anos a respeito disso, dizendo que a constituinte é algo que significa o rompimento da ordem jurídica, seja ela exclusiva ou não exclusiva, porque ela nunca será exclusiva, ela sempre abarcará uma porção de temas e, para a situação atual, não se faz necessária uma constituinte, ou seja, não se faz necessário romper a ordem jurídica. O que se faz necessário é consultar o povo. O povo vai dizer qual a reforma política que quer.	O vice-presidente fala a vários microfones não identificados. Sua expressão é tranquila e firme. A legenda o identifica como Michel Temer, vice-presidente da República.
[OFF DA REPÓRTER] Poliana Abritta – A presidente Dilma também se reuniu com o presidente do Senado, que defendeu o plebiscito e a constituinte exclusiva para a reforma política.	Imagens de homem de terno e gravata, discursando, sentado em uma poltrona de couro. Sua expressão é confiante, quase sorridente, e firme. Acima, à direita, a tela exibe o logotipo da TV Senado.
[SONORA] Renan Calheiros – A competência é do congresso nacional, mas a iniciativa pode ser da Presidência da República. O presidente José Sarney, como todos sabem, convocou uma constituinte. E também o imperador Pedro I, em 1824, o fez, e ainda enviou um ato adicional especificando os assuntos que seriam discutidos por esta constituinte.	Homem segue discursando, mas agora o áudio é compreensível. A legenda o identifica como Senador Renan Calheiros, PMDB – AL, presidente do Senado.
[OFF DA REPÓRTER] Poliana Abritta – E com o presidente da Câmara, que é totalmente contra a ideia.	Imagem de homem de terno e gravata e óculos, reunido com vários outros homens também vestidos formalmente em uma mesa. Em redor, outros homens e mulheres vestidos formalmente circulam em desordem.

<p>[SONORA] Henrique Eduardo Alves – A casa não quer reforma política via constituinte específica. Até porque retardaria mais ainda uma proposta. Essa casa tem o dever de decidir sobre ela, de debater, porque o país quer uma reforma política. Mas não via constituinte específica. Em momento nenhum essa Casa pensou em aceitar.</p>	<p>Homem fala a muitos microfones e gravadores, de diversos veículos, aparentemente em um corredor. Sua expressão é séria. A legenda o identifica como Henrique Eduardo Alves, PMDB – RN, presidente da Câmara. Há muito ruído no áudio.</p>
<p>[PASSAGEM DA REPÓRTER] Poliana Abritta – No fim da tarde, a presidente Dilma recebeu aqui no Palácio do Planalto o presidente do Supremo Tribunal Federal por uma hora. Joaquim Barbosa disse que não tratou em detalhes sobre a proposta de uma Assembleia constituinte e indagou se, num momento de grave crise, seria viável fazer a reforma política por meio de uma emenda à Constituição. Ele não foi taxativo em relação as propostas, até porque disse que pode julgar a matéria no Supremo Tribunal Federal.</p>	<p>A repórter faz a passagem em frente ao Palácio do Planalto, à noite, no mesmo lugar em que estava quando chamou a matéria pelo <i>link</i> ao vivo. Sua expressão é séria e enfática.</p>
<p>[SONORA] Joaquim Barbosa – Crise grave como o atual, a propositura de reformas via emenda constitucional seria viável? Até hoje não demonstraram qualquer interesse em fazer reforma nesse campo. É exatamente essa falta de interesse que em parte levou à crise atual pela qual estamos passando.</p>	<p>Homem idoso, negro, vestido de terno e gravata e usando óculos, fala de forma muito séria e com firmeza, de pé, apoiado em uma cadeira de couro, diante de uma parede azul com uma placa metálica no centro. A legenda o identifica como Joaquim Barbosa, presidente do STF.</p>
<p>[OFF DA REPÓRTER] Poliana Abritta – E disse que é favor de que o povo seja consultado.</p>	<p>Em plano mais aberto, percebe-se que, na placa metálica fixada na parede atrás do ministro, está escrito “CNJ – Conselho Nacional de Justiça”. Ao lado esquerdo do vídeo, há uma bandeira nacional.</p>
<p>[SONORA] Joaquim Barbosa – O povo brasileiro está tão acostumado a responder sobre estes assuntos, que ele respondeu sobre assuntos parecidos há pouco tempo. Nós tivemos referendo, nós tivemos plebiscito em 1993, sobre o sistema de governo.</p>	<p>O ministro segue falando no mesmo local.</p>

k) JN170

Quadro 28 – Matéria JN170, em 25/06/2013 (Congresso responde à crise)

Cód. JN170	Título: PEC 37	Data: 25/06/2013	Tempo: 01:40
TEXTO ORIGINAL (MEDIADORES E FONTES)		DESCRIÇÃO DO AUTOR	
[CABEÇA] William Bonner – A ultra polêmica proposta de emenda constitucional que tira poder de investigação do Ministério Público, a chamada PEC 37, está sendo analisada neste momento no Plenário da Câmara. A repórter Giovana Teles acompanha. Boa noite, Giovana.		Os dois apresentadores aparecem em estúdio, atrás da bancada, enquadrados juntos. Os dois têm expressão séria e trocam olhares. A tela então se divide, mostrando a imagem do estúdio e a imagem da repórter, ao vivo.	
[REPÓRTER AO VIVO] Giovana Teles – Boa noite, Bonner. Neste momento, os deputados estão discursando no Plenário. As galerias estão lotadas de pessoas que vieram acompanhar esta votação. É uma sessão extraordinária. O presidente da casa, o deputado Henrique Eduardo Alves, decidiu suspender a discussão sobre a destinação dos royalties do petróleo...		A repórter fala segurando o microfone identificado da <i>TV Globo</i> , enquadrada em primeiro plano. Sua expressão é séria. Ela fala de uma sala não identificada. Ao fundo, fora de foco, é possível ver pessoas de terno circulando e conversando e o que parece ser o repórter de outra emissora, segurando um microfone e falando em direção a uma câmera.	
[REPÓRTER AO VIVO – Cont.] Giovana Teles – ...para começar a votação da PEC 37, que limita os poderes do Ministério Público nas investigações criminais, porque agora, no começo da noite, o Plenário está bem cheio de deputados e como é uma proposta de emenda à Constituição, é preciso ter um quórum de pelo menos 308 deputados...		Imagens do plenário da Câmara cheio de parlamentares preenchendo as cadeiras em desordem. Na mesa, também há desordem, com vários homens de terno e gravata, alguns de pé e outros sentados, em volta dela. No chão, em frente à mesa, está estendida uma camiseta amarela. Surge a imagem em primeiro plano do presidente da Câmara, sentado no centro da mesa, discursando de forma enfática.	
[REPÓRTER AO VIVO – Cont.] Giovana Teles – ...Até agora, 449 já registraram presença. Mais cedo, em uma reunião, os líderes decidiram votar a PEC hoje. A expectativa é que ela seja derrubada, como pediram vários manifestantes nos protestos que nós temos acompanhado nos últimos dias. Os parlamentares também querem votar regime de urgência para um projeto de lei que determina que tanto a polícia quanto o Ministério Público podem abrir procedimentos de investigação criminal. Depois de votar a PEC 37, os deputados devem retomar a votação do projeto de lei que destina os recursos dos royalties do petróleo para a educação. Bonner, Patrícia.		De volta a imagem da repórter, na mesma sala em que se encontrava antes.	
[APRESENTADORA AO VIVO] Patrícia Poeta – Obrigada, Giovana. Giovana Teles trazendo aí as informações para nós, direto de Brasília.		A tela se divide novamente, mostrando repórter e bancada, para enfim terminar apenas com a imagem da bancada no estúdio.	

I) JN174

Quadro 29 – Matéria JN174, em 26/06/2013 (A viabilidade da reforma política)

Cód. JN174	Título: PLEBISCITO JURISTAS	Data: 26/06/2013	Tempo: 05:00
TEXTO ORIGINAL (MEDIADORES E FONTES)		DESCRIÇÃO DO AUTOR	
[CABEÇA] William Bonner – O <i>Jornal Nacional</i> ouviu a opinião de juristas sobre essa proposta da presidente Dilma Rousseff de realizar um plebiscito sobre os temas de uma reforma política.		Apresentadores na bancada. Os dois enquadrados ao mesmo tempo. A expressão dos dois é de seriedade.	
[OFF DO REPÓRTER] Fábio Turci – Uma reforma política poderia mexer com várias leis do país. As principais são o código eleitoral e a lei orgânica dos partidos. Mas também há artigos da constituição que tratam do sistema político e das eleições.		Plano aberto do prédio do Congresso Nacional. Plano fechado na cúpula da Câmara dos Deputados, com uma bandeira do Brasil tremulando ao fundo. Detalhe do edifício, visto de baixo de uma das rampas de entrada, com as duas torres em contraste com o céu de Brasília. Em todas as imagens, o prédio aparece vazio de pessoas e tranquilo.	
[GRÁFICO] Fábio Turci – O artigo 45, por exemplo, estabelece que a Câmara de Deputados é composta por representantes do povo, eleitos pelo sistema proporcional.		Imagem da página da Constituição da República na internet, da qual se destaca a seguinte passagem: “Art. 45. A Câmara dos Deputados compõe-se de representantes do povo, eleitos, pelo sistema proporcional, em cada Estado, em cada Território e no Distrito Federal.”	
[OFF DO REPÓRTER] Fábio Turci – Para instituir no país o sistema de voto distrital, que é uma das ideias, esse artigo teria que ser alterado, segundo juristas. O Congresso Nacional deve decidir quais leis serão discutidas, quais mudanças serão propostas para a população decidir. O governo quer que as mudanças já valham nas eleições do ano que vem. Mas para isso todo o processo precisa terminar até o dia três de outubro, um ano antes. Esse jurista afirma que o prazo é apertado.		Imagens de dentro do plenário do Senado. Há vários homens de terno e gravata, de pé e sentados, discutindo ou apenas circulando. O plenário não está cheio, contudo. Imagens da frente do Palácio do Planalto. Novo plano aberto do prédio do Congresso. Surge imagem de homem grisalho, de óculos, falando em uma sala que parece um escritório.	
[SONORA] José Ribas Vieira – O meu maior temor é que, o que está se prevendo, é que este plebiscito dar-se-ia até o final de agosto, então até o final de agosto nós teríamos esse plebiscito. Então, depois, o mês de setembro para encaminharmos uma emenda constitucional para o Congresso Nacional, porque vai ter que se respeitar o princípio da anualidade. Qual o princípio da anualidade? Que qualquer mudança no processo eleitoral tem que respeitar o prazo de um ano.		O mesmo homem, sem óculos, fala à reportagem sentado, com microfone de lapela, em um escritório. Ele veste um casaco escuro sobre uma camiseta polo listrada. Atrás dele, vê-se uma estante abarrotada de livros e papéis dispostos sem nenhuma ordem. Sua expressão é firme e ele fala devagar e com algumas pausas, gaguejando e se atrapalhando em alguns momentos. A legenda o identifica como José Ribas Vieira, jurista.	
[OFF DO REPÓRTER] Fábio Turci – Os juristas têm opiniões diferentes sobre muitos temas. Por exemplo, como convocar o plebiscito.		Imagem de homem idoso, de terno e gravata, apontando para algo escrito em um pedaço de papel sobre uma mesa de madeira. O homem usa óculos, aliança e um relógio dourado. Atrás dele, há estantes de madeira com livros em perfeita ordem. Surgem, mais uma vez, imagens do homem que falava antes, no escritório bagunçado. Surge então a imagem de uma bandeira nacional tremulando contra o céu.	
[SONORA] José Ribas Vieira – Tanto o plebiscito quanto o referendo, eles são convocados por um terço de uma das casas do Congresso Nacional.		O jurista fala do mesmo lugar em que estava antes, em frente à estante bagunçada.	
[OFF DO REPÓRTER] Fábio Turci – Já o professor Ives Gandra Martins entende que um plebiscito que vai tratar de mudanças na Constituição tem que ser convocado por proposta de emenda constitucional.		Imagens em detalhe do homem no escritório arrumado.	

<p>[SONORA] Ives Gandra Martins – A Constituição, no artigo 14, declarou que o plebiscito só pode ser convocado pelo Congresso Nacional através de lei, o que vale dizer, lei ordinária. Para um plebiscito para mudar a Constituição, só pode ser através de emenda constitucional.</p>	<p>Homem idoso, de terno e gravata, fala à reportagem enquadrado em primeiro plano, com microfone de lapela. Ele gesticula com uma das mãos. Sua expressão é tranquila e quase sorridente, e ele se expressa com clareza. A legenda informa que ele é Ives Gandra Martins, jurista.</p>
<p>[PASSAGEM DO REPÓRTER] Fábio Turci – As mudanças que o brasileiro decidir na urna só vão se tornar realidade depois de passar pelo Congresso, e aí os juristas divergem. Alguns entendem que deputados e senadores serão obrigados a tornar lei o que o povo decidir. Outros, acham que não.</p>	<p>A passagem do repórter é gravada à noite, na rua, em frente ao que parece ser um ponto de ônibus lotado de pessoas. A legenda informa que ele está em São Paulo.</p>
<p>[SONORA] Dalmo de Abreu Dallari – Há quem entenda que o resultado é obrigatório, mas a maioria entende que não. Que na verdade é uma consulta. Se eu realizar o plebiscito, eu fico sabendo que o povo prefere isto. Mas isso não obriga o Congresso a legislar naquele sentido. Outros entendem que obriga, porque se não seria inútil a realização do plebiscito, não é? Então dentro da coerência, dentro da lógica, então se conclui que o resultado do plebiscito é obrigatório. Entretanto isso não é claro na Constituição.</p>	<p>Imagem de homem idoso, calvo, usando óculos e camisa sob um colete de lã, fala à reportagem de uma sala. Atrás dele, vê-se vários porta-retratos com fotos de pessoas. Se pé, em meio aos porta-retratos, está um exemplar da Constituição. A expressão do homem é tranquila, mas enfática. Ele gesticula bastante. A legenda o identifica como Dalmo de Abreu Dallari, jurista.</p>
<p>[SONORA] Roberto Dias – Não há uma definição sobre isso explicitamente na Constituição ou na lei, não é? Isso é uma interpretação que eu faço sobre o resultado do plebiscito. Seja feito o plebiscito, deve-se acolher a vontade da população.</p>	<p>Homem jovem, de óculos, vestindo terno e gravata, fala à reportagem de um ambiente que parece ser uma sala de estar. Atrás dele, há um vaso de plantas e cortinas. Ele fala com clareza e tranquilidade, mas sua expressão é séria. A legenda o identifica como Roberto Dias, jurista.</p>
<p>[OFF DO REPÓRTER] Fábio Turci – O ex-ministro do Supremo Tribunal Federal, Carlos Ayres Brito, afirma que é preciso ter muito cuidado na elaboração das perguntas que a população vai responder no plebiscito.</p>	<p>Homem idoso fala de uma sala não identificável. Atrás dele, há um móvel de madeira junto a uma parede cheia de texturas, sobre o qual estão duas pequenas estátuas, de um animal e de uma figura humana não identificável. Na parede, já um quadro com uma pintura não identificável. O homem veste terno e gravata e usa óculos. Sua expressão é séria, mas tranquila, e ele quase chega a sorrir.</p>
<p>[SONORA] Carlos Ayres Brito – De ordinário, o plebiscito implica perguntas mutuamente excludentes, por exemplo: você é a favor do desarmamento ou contra o desarmamento? Você é a favor de financiamento público de campanha, completamente, ou não é a favor do financiamento público de campanha completamente? São opções mutuamente excludentes. É preciso que a pergunta seja claríssima. São perguntas sobre vida vivida, experimentada pelo povo, e não perguntas teóricas, correspondentes a uma vida pensada, uma vida conceituada. É preciso muito cuidado com a pergunta que se faz em plebiscito. É preciso que ela tenha clareza do sol nordestino a pino.</p>	<p>O mesmo homem fala, bastante pausadamente, com uma expressão tranquila, enfatizando a palavra “claríssima” e a expressão “vida vivida, experimentada pelo povo”. A legenda o identifica como Carlos Ayres Brito, ex-presidente do STF.</p>
<p>[OFF DO REPÓRTER] Fábio Turci – Por isso este professor de direito acha que seria difícil para a população votar sobre uma reforma política num plebiscito.</p>	<p>Homem grisalho, de meia idade, fala gesticulando em frente a uma estante de livros. Ele veste terno e gravata.</p>
<p>[SONORA] Oscar Vilhena – Me parece que ele não é o instrumento mais adequado, porque a reforma política, ela tem muitas questões a serem decididas,</p>	<p>O homem fala diante da mesma estante de livros. Sua expressão é de preocupação. A legenda o identifica como Oscar Vilhena, jurista. Ao final da fala, ele é mais enfático e quase sorri.</p>

<p>então você teria que fazer uma cédula de votação, no caso eletrônica, com dezenas de questões. O instrumento mais adequado seria o referendo, ou seja, o congresso assume a responsabilidade de fazer a melhor reforma política. E depois submete à população. E caso ele não tenha feito uma reforma política que atenda à população, a população irá declarar a sua inadequação. Isso vai ser em alguma medida um não rotundo ao ato do congresso.</p>	
---	--

m) JN181

Quadro 30 – Matéria JN181, em 26/06/2013 (Vândalos versus manifestantes em MG)

Cód: JN181	Título: MANIFESTAÇÃO BH 3	Data: 26/06/2013	Tempo: 01:10
TEXTO ORIGINAL (MEDIADORES E FONTES)		DESCRIÇÃO DO AUTOR	
[CABEÇA] William Bonner – Agora vamos a Belo Horizonte, ao vivo. Liliana Junger, boa noite. Como é que você descreve a situação nesse momento aí na capital mineira?		A tela está dividida. De um lado, a repórter, em um ambiente externo. Do outro, os apresentadores, enquadrados um ao lado do outro na bancada, em estúdio. A expressão dos dois apresentadores é séria e William Bonner parece preocupado.	
[REPÓRTER AO VIVO] Liliana Junger – Boa noite, Bonner. A situação aqui na região da Pampulha, onde fica o Mineirão, já está controlada. Vários caminhões do Corpo de Bombeiros chegaram para apagar incêndios em lojas e carros.		A repórter é enquadrada em primeiro plano, segurando o microfone da Globo. Atrás dela, há uma paisagem urbana noturna, com várias luzes brilhando contra um fundo escuro. Abaixo da tela, vê-se que ela está próxima de uma avenida. Sua expressão é séria, e ela fala devagar e enfatizando cada final de frase.	
[REPÓRTER AO VIVO – Cont.] Liliana Junger – Imagens feitas há pouco mostram carros e caminhões que estavam em uma concessionária sendo totalmente destruídos pelo fogo.		Surgem imagens confusas de fogo e faíscas contra um fundo negro. Na imagem seguinte, é possível compreender que há pelo menos um carro e um caminhão pegando em chamas. Há alguns flashes e bastante ruído sonoro.	
[REPÓRTER AO VIVO – Cont.] Liliana Junger – O GloboCop mostra pra gente agora imagens do centro de Belo Horizonte, na Praça Sete, onde ainda estão algumas pessoas. O governo de Minas declarou que cerca de 5 mil policiais militares atuaram durante as manifestações, mas a prioridade era garantir a segurança das pessoas que se manifestavam pacificamente e também dos mais de 60 mil torcedores que assistiram ao jogo entre Brasil e Uruguai.		Imagens de multidão desordenada no que parece ser uma praça, em torno de um obelisco. Há bastante luz na imagem. Algumas pessoas correm sem direção definida, mas a maioria parece tranquila.	
[REPÓRTER AO VIVO – Cont.] Liliana Junger – Segundo o Governo do Estado, 24 pessoas foram presas pelo vandalismo e com material explosivo. Bonner e Patrícia.		Retorna imagem da repórter, no mesmo lugar que antes e com a mesma expressão.	
Patrícia Poeta – Obrigada, Liliana.		A tela se divide novamente para mostra a repórter de um lado e os apresentadores do telejornal na bancada, no estúdio, de outro.	

APÊNDICE B – QUADROS DE ANÁLISE DOS VÍDEOS DO *REPÓRTER BRASIL (RB)*

a) RB002

Quadro 31 – Matéria RB002, em 13/06/2013 (Confronto em SP)

Cód: RB002	Título: MANIFESTAÇÕES SP1	Data: 13/06/2013	Tempo: 02:00
TEXTO ORIGINAL (MEDIADORES E FONTES)		DESCRIÇÃO DO AUTOR	
[CABEÇA] Guilherme Menezes – Hoje foi o quarto dia de <u>protestos</u> contra o aumento da tarifa do transporte público em São Paulo. Houve novos confrontos ente manifestantes e a polícia.		Apresentador Guilherme Menezes no estúdio. GC identifica o apresentador. Cenário azul, com listras verticais. Expressão séria.	
[CABEÇA – Cont.] Guilherme Menezes – Vamos falar ao vivo com a repórter Vanessa Casalino, que está em frente ao Teatro Municipal, no centro da capital paulista. Boa noite, Vanessa, como está a situação neste momento?		Enquadramento abre para mostrar o apresentador de pé ao lado de um telão, onde aparece a imagem da repórter com microfone na mão. Expressão séria.	
[REPÓRTER AO VIVO] Vanessa Casalino – Boa noite, Guilherme e Katiuscia, boa noite a todos. Exatamente, eu falo aqui de frente ao Teatro Municipal, onde tudo começou no dia de hoje. Daqui, os cerca de cinco mil manifestantes seguiram pelas ruas do centro da cidade. Quando eles chegaram na Rua da Consolação...		Imagem da repórter Vanessa Casalino, ao vivo, do centro de São Paulo, enquadrada em primeiro plano e com microfone na mão, com canopla da <i>TV Brasil</i> . Expressão séria e um pouco exasperada.	
[REPÓRTER AO VIVO – Cont.] Vanessa Casalino – ...é que teve início o primeiro confronto. Por quê? Porque a Polícia Militar recomendou a eles que não chegassem até a Avenida Paulista, mas eles decidiram prosseguir. Houve então uma reação da Polícia Militar, que começou a jogar bombas de gás lacrimogêneo, balas de borracha, e os manifestantes partiram para o enfrentamento. O [batalhão de] choque também atuou.		Inserção de imagens noturnas. Tinta no chão, movimentação de policiais, a pé e a cavalo, com escudos, capacetes e cassetetes, e também de viaturas da polícia.	
[REPÓRTER AO VIVO – Cont.] Vanessa Casalino – Uma confusão muito grande se armou naquela região que fica perto da Praça Roosevelt. Os manifestantes ali também entraram em conflito e houve uma confusão muito grande, parecia realmente um cenário de guerra. Dali os manifestantes se dispersaram. Parte seguiu pela Avenida Paulista, por umas ruas, e parte seguiu por outras ruas. O que aconteceu como resultado? A PM já não tinha mais foco. Bombas de gás lacrimogêneo, bombas de efeito moral por todos os lados. Neste momento, a situação em São Paulo é a seguinte: os manifestantes estão chegando na Avenida Paulista, a avenida está interditada nos dois sentidos, a Polícia Militar está lá recepcionando estes manifestantes e lá também há muita confusão.		Inserção de imagens noturnas, escuras, que provocam sensação de confusão. Ruas cheias de fumaça, com pessoas correndo e policiais marchando e também a cavalo. Uma mulher de mochila parece discutir com um policial a cavalo.	
[REPÓRTER AO VIVO – Cont.] Vanessa Casalino – Durante todo o dia de hoje o saldo é o seguinte: pelo menos cinco ônibus foram incendiados...		Repetição de algumas imagens. Tinta no chão, movimentação de policiais e viaturas.	
[REPÓRTER AO VIVO – Cont.] Vanessa Casalino –... e pelo menos 50 manifestantes foram presos. E até o momento o que acontece é o seguinte: nos outros dias de protesto, 13 pessoas foram presas, e elas continuam em duas delegacias de São Paulo.		Volta imagem da repórter, idêntica ao início da entrada ao vivo, enquadrada em primeiro plano e com microfone na mão, com canopla da <i>TV Brasil</i> . Expressão séria.	

b) RB003

Quadro 32 – Matéria RB003, em 13/06/2013 (Protestos em SP explicados)

Cód: RB003	Título: MANIFESTAÇÕES SP2	Data: 13/06/2013	Tempo: 01:30
TEXTO ORIGINAL (MEDIADORES E FONTES)		DESCRIÇÃO DO AUTOR	
[VT] [OFF DA REPÓRTER] Aline Moraes – Os protestos já levaram dezenas de pessoas à prisão.		Imagens diurnas de pessoas reunidas na rua, gritando juntas. Em seguida, policiais acompanham um homem algemado, com lenço cobrindo parcialmente o rosto.	
[OFF DA REPÓRTER – Cont.] Aline Moraes – Entre elas, um jornalista que fazia a cobertura da manifestação na última terça-feira.		Imagens noturnas da ação da polícia. Estouros. Policiais uniformizados de capacete batem em homem deitado no chão com cassetetes. Grupo de homens fardados disparam fuzilete.	
[OFF DA REPÓRTER – Cont.] Aline Moraes – As imagens de um cinegrafista amador mostram o repórter Pedro Ribeiro Nogueira, de 27 anos, sendo agredido e preso pela Polícia Militar na Avenida Paulista.		Imagens noturnas, feitas de cima, em ângulo reto com o solo. Imagens muito escuras, de difícil discernimento, e tremidas. Ao longe, escutam-se sirenes. É possível distinguir pessoas de capacetes brancos ao lado de uma motocicleta, estacionada junto a uma grade. Elas disferem golpes em uma outra pessoa, visível por poucos instantes sob a luz de um poste (a única fonte de iluminação da cena), que tenta se defender com as mãos. Pelo reflexo dos capacetes brancos, é possível contar pelo menos sete policiais. Nenhuma outra pessoa parece estar presente na cena.	
[OFF DA REPÓRTER – Cont.] Aline Moraes – Segundo a diretora da ONG do Portal Aprendiz, para o qual Pedro trabalha, ele estava em serviço e teria tentado ajudar duas meninas...		Imagens internas de mulher jovem, branca, com cabelos pretos e presos, sentada, falando em frente a uma estante de livros no que parece ser um escritório.	
[OFF DA REPÓRTER – Cont.] Aline Moraes – ...que estavam na manifestação e seriam autuadas pela polícia. Mesmo se identificando como jornalista, Pedro é acusado pelos crimes de formação de quadrilha e depredação do patrimônio público, que são inafiançáveis.		Imagens noturnas, feitas de cima, muito escuras, de difícil discernimento, e tremidas. É possível distinguir policiais de novo pelos capacetes. Primeiro, nove deles parecem tentar imobilizar uma pessoa oculta pelas sombras. Num segundo momento, em um plano mais fechado, dois deles parecem se dirigir a esta pessoa, ainda oculta pelas sombras.	
[SONORA] Natacha Gonçalves da Costa – Acreditamos que o jornalista tem que ser protegido nestas situações. O jornalista está lá para relatar à sociedade o que ele vê, o que está acontecendo, e ele tem que ser protegido. Não pode ser autuado.		Imagem da mesma mulher jovem que apareceu anteriormente, sentada em frente a uma estante de livros. O GC a identifica como Natacha Gonçalves da Costa, diretora da Ong Aprendiz.	
[PASSAGEM DA REPÓRTER] Aline Moraes – O reajuste da tarifa em São Paulo no começo de junho ficou abaixo da inflação acumulada desde 2011, quando foi feito o último aumento na passagem. Mas a tarifa já havia sofrido reajustes maiores que a inflação nos últimos 19 anos.		Mulher jovem, negra, com cabelos cacheados, vestida formalmente, com terno e camisa. Ela segura um microfone com a canopla da <i>TV Brasil</i> . O enquadramento é um plano americano. Ao fundo, observa-se uma avenida movimentada, com ônibus parados e em movimento.	
[GRÁFICO] Aline Moraes – No caso dos ônibus, em agosto de 1994, a passagem custava 50 centavos. Em junho de 2013, foi para três reais e 20 centavos. Um aumento no período de 540%. Caso o reajuste fosse apenas pela inflação oficial, o valor da passagem seria bem menor do que o atual: dois reais e dois centavos, de acordo com dados oficiais sobre a evolução das tarifas em São Paulo.		Gráfico mostra dados mencionados pela repórter. No fundo, a figura de um ônibus vermelho levemente desfocada, sobre uma estrada. Abaixo, a fonte das informações é identificada como "IBGE, BACEN, SPTRANS".	
[OFF DA REPÓRTER] Aline Moraes – O Ministério Público paulista encaminhou hoje para a prefeitura e para o governo do estado a proposta de retomar o preço anterior em ônibus municipais de São Paulo e do metrô por um período de 45 dias. A medida foi anunciada nesta quarta-feira...		Imagens diurnas de pessoas, ônibus e trens em circulação.	
[OFF DA REPÓRTER – Cont.]		Imagens de pessoas debatendo em um auditório. Algumas	

<p>Aline Moraes —...após uma audiência pública com representantes das secretarias estadual e municipal de transportes e pelo movimento pela redução da tarifa. Em troca, os manifestantes...</p>	<p>seguram o microfone e, de pé, se dirigem à plateia. À mesa, estão sentados vários homens vestindo roupas formais, ternos e camisas, com aparência mais velha. No canto esquerdo da tela, há um homem que se distingue dos demais: jovem, usa barba, óculos e veste uma camiseta vermelha. Na plateia, há muitos lugares vazios. A maior parte do público parece jovem. Chama atenção um homem vestindo uma camiseta preta com uma foice e um martelo em vermelho, e um rapaz, na fileira da frente, vestindo camiseta vermelha com as letras KGB escritas em amarelo. No fundo, acima da imagem, é possível ver vários cinegrafistas.</p>
<p>[OFF DA REPÓRTER – Cont.] Aline Moraes —... suspenderiam os protestos em vias públicas.</p>	<p>Imagens diurnas de multidão na rua, empunhando bandeiras e cartazes. Alguns podem ser lidos: “FELICIANO INFLAÇÃO MENSALÃO, VIOLÊNCIA”; “ALCKMIN (...) CULPA (...) SUA”; “VÂNDALO É A MÃE”</p>
<p>[OFF DA REPÓRTER – Cont.] Aline Moraes – O governador Geraldo Alckmin, de volta ao Brasil, descartou a hipótese de suspender o reajuste já aplicado nas tarifas do transporte coletivo subordinado ao estado.</p>	<p>Imagens em enquadramento fechado de homem de meia idade, de óculos, terno e gravata, cercado de microfones e gravadores. Ao fundo, é possível ver o logotipo do governo de São Paulo.</p>
<p>[SONORA] Geraldo Alckmin – O valor da tarifa foi menor do que a inflação, tanto ônibus da prefeitura de São Paulo, quanto metrô, quanto trem, ou seja, se procurou que os ganhos de eficiência e produtividade fossem transferidos aos usuários do sistema.</p>	<p>Caracteres identificam o homem que fala como o governador de São Paulo, Geraldo Alckmin. Sua expressão é séria e preocupada.</p>
<p>[NOTA PÉ] Guilherme Menezes – O repórter Pedro Ribeiro Nogueira, que você viu ao ser preso na reportagem, conseguiu direito de pagar fiança de dois salários-mínimos e deverá ser solto amanhã. O prefeito de São Paulo, Fernando Haddad, afirmou que não vai atender ao pedido do Ministério Público para suspender o aumento de 20 centavos da tarifa. Disse também que vai manter o compromisso de fazer o reajuste abaixo da inflação.</p>	<p>No estúdio, o apresentador do telejornal, de terno e gravata, é enquadrado na bancada, em primeiro plano. Sua expressão é séria.</p>

c) RB026

Quadro 33 – Matéria RB026, em 20/06/2013 (Sombras do conflito em Brasília)

Cód:	Título:	Data:	Tempo:
RB026	MANIFESTAÇÕES BSB1	20/06/2013	01:50
TEXTO ORIGINAL (MEDIADORES E FONTES)		DESCRIÇÃO DO AUTOR	
<p>[CABEÇA]</p> <p>Guilherme Menezes – O protesto em Brasília reúne mais de 30 mil pessoas. Os manifestantes tomaram o gramado em frente ao Congresso Nacional. Houve momentos tensos com a polícia, que fecha o acesso à sede do parlamento e as vias que levam à Praça dos Três Poderes e ao palácio do Planalto. Houve confrontos com a polícia. O repórter André Carravilla tem outras informações. Boa noite, André. Qual é a situação aí neste momento (áudio prejudicado)?</p>		<p>Apresentador Guilherme Menezes, enquadrado em plano americano, no estúdio, com expressão séria, ao lado de telão que mostra gravura onde se veem silhuetas escuras de pessoas andando juntas para a frente, algumas com os braços erguidos. A imagem do telão se transforma na imagem do repórter, à noite, enquadrado em primeiro plano, segurando microfone com a canopla da <i>TV Brasil</i>. Ao fundo, se enxerga o prédio do Congresso Nacional iluminado e a sombra da cúpula do Senado.</p>	
<p>[REPÓRTER AO VIVO]</p> <p>André Carravilla – Boa noite. Os manifestantes atravessaram toda a Esplanada e chegaram aqui no gramado em frente ao Congresso Nacional por volta de seis horas da tarde. Duas horas depois, a polícia calculava que havia no gramado cerca de 25 mil pessoas. Em determinado momento, parte dos manifestantes entrou em confronto com um grupo de policiais que forma o cordão de isolamento em torno do Congresso Nacional. Esses policiais tiveram que revidar a um ataque de garrafas de água e outros objetos, e acabaram lançando várias bombas de gás lacrimogêneo, o que dispersou a multidão. Boa parte desta multidão seguiu ao Palácio do Itamaraty, acabou cercado o palácio, e, num determinado momento, um grupo de manifestantes quebrou vidraças e entrou no palácio, mas acabou preso pelos policiais militares que estavam dentro deste palácio. Os manifestantes estão voltando aqui para o gramado que fica em frente ao Congresso Nacional, o número de manifestantes é bem menor do que o registrado há umas duas horas, mas ainda é um número significativo. Milhares de pessoas que tentam repetir o ato da última segunda-feira, ato em que na, última segunda-feira, os manifestantes conseguiram subir a rampa e ocupar a parte de cima do Congresso, onde ficam as cúpulas da Câmara e do Senado.</p>		<p>A tomada começa enquadrando o repórter da cintura para cima, com o Congresso Nacional ao fundo. Os grafismos informam que se trata de transmissão ao vivo e identificam o repórter André Carravilla. A câmera faz então um movimento panorâmico para a direita, em plongée, que mostra o espaço em frente ao Congresso Nacional. É possível ver que há uma multidão no gramado, mas a imagem é bastante escura. Ao fundo, é possível ver muitas luzes de sirenes alinhadas. Elas refletem sobre uma superfície que parece ser de água. É possível ver também algumas luzes na Esplanada dos Ministérios. Luzes vindas do alto, possivelmente de helicópteros, se movimentam, iluminando a multidão. É possível ver que há mais pessoas do que parecia haver antes. Na sequência do movimento, surge o Palácio do Itamaraty, totalmente iluminado em um tom alaranjado, que se destaca da massa escura formada pela multidão. A câmera lentamente retorna à esquerda, em zoom out suave, e para, enquadrando a cúpula da Câmara e uma parte do gramado tomado pela multidão, e então começa um movimento de zoom in até o corte.</p>	

d) RB033

Quadro 34 – Matéria RB033, em 20/06/2013 (Vitória dos manifestantes em SP)

Cód:	Título:	Data:	Tempo:
RB033	MANIFESTAÇÕES SP4	20/06/2013	01:50
TEXTO ORIGINAL (MEDIADORES E FONTES)		DESCRIÇÃO DO AUTOR	
[CABEÇA] Ana Luiza Medici – No dia seguinte à revogação do aumento das tarifas do transporte público, a população sai às ruas da capital paulista com a sensação de dever cumprido.	A cabeça é lida por repórter ao vivo em rua de São Paulo. A repórter é jovem e segura um microfone da <i>TV Brasil</i> . Em seu redor, estão vários manifestantes, segurando cartazes ilegíveis a partir do ângulo da câmera. Uma pessoa à direita do vídeo usa uma máscara representando um rosto masculino branco, de bigode e barbicha (“Guy Fawkes”), enquanto levanta a mão com a palma aberta.		
[OFF VOZ DO REPÓRTER] Eduardo Goulart de Andrade – Foram seis grandes manifestações exigindo a redução do preço das passagens do transporte público na capital paulista. A pressão popular fez com que o aumento das tarifas fosse revogado.	Imagens, diurnas, de multidão nas ruas, segurando faixas e bandeiras ilegíveis. Em pelo menos dois minutos, a multidão se aglomera em torno de ônibus. Imagens noturnas de multidão em marcha carregando cartazes, apenas um deles é legível: “O ESTADO MATA (...) FILHOS”.		
[SONORA] Mulher não identificada – Eu achei que foi ótimo essa manifestação que eles fizeram. Tanto que resolveu, deu um resultado bom, que foi baixado a passagem pros três reais de novo.	Imagem de mulher em primeiro plano. Ela veste roupas simples, casaco preto sobre blusão amarelo. É morena e tem os cabelos castanhos presos.		
[SONORA] Emerson Carlos da Silva – O povo brasileiro acordou. Antigamente, o governo mexia, aumentava o que quisesse, colocava qualquer coisa e o povo aceitava calado. Essa mobilização mostrou que o Brasil tem o poder de ir para a rua lutar.	Imagem de homem jovem, com cabelos curtos e barba por fazer. Os créditos o identificam como Emerson Carlos da Silva, analista financeiro. Atrás dele, vê-se pessoas entrando em um ônibus vermelho pela porta da frente.		
[OFF DO REPÓRTER] Eduardo Goulart de Andrade – Desde as passeatas dos caras pintadas, há 21 anos, que pediam a saída do então presidente Fernando Collor...	Imagens envelhecidas de multidão de jovens com os rostos pintados de verde e amarelo pulando e cantando. Planos abertos de multidão empunhando cartazes e bandeiras. Chama atenção uma grande bandeira vermelha com o logotipo do Partido dos Trabalhadores (PT), em branco, no centro. Jovens de rostos pintados cantam e dançam de mãos dadas.		
[OFF DO REPÓRTER – Cont.] Eduardo Goulart de Andrade –... o Brasil não via uma mobilização tão grande por parte da juventude.	Imagens atuais de multidão de jovens em marcha, em contra plongée, empunhando cartazes (“NÓS FAREMOS A DIFERENÇA”, “NOVA ERA”). Ouve-se gritos de ordem não discerníveis, palmas e apitos.		
[PASSAGEM DO REPÓRTER] Eduardo Goulart de Andrade – As tarifas que foram reajustadas para três e vinte no dia dois de junho voltam a custar três reais na próxima segunda-feira, mas tanto o governo do estado quanto a prefeitura dizem que haverá corte de investimentos em outras áreas.	O repórter faz a passagem em rua movimentada, em frente a um ponto de ônibus. Enquadrado em primeiro plano, ele é jovem, usa barba e veste roupas formais, terno e camisa, mas sem gravata. Carrega microfone com canopla da <i>TV Brasil</i> .		
[SOBE-SOM] Geraldo Alckmin – Um sacrifício grande, nós vamos ter que cortar investimentos.	O governador de São Paulo, Geraldo Alckmin, de terno e gravata, fala em sala repleta de pessoas. Há ruídos não identificáveis e luzes de flash. A expressão dele é bastante séria. Ao seu lado, está o prefeito de São Paulo, Fernando Haddad, em silêncio, também com expressão de seriedade. Os caracteres o identificam.		
[SOBE-SOM] Fernando Haddad – Não há como fazê-lo sem ser às expensas do investimento. O investimento acaba sendo comprometido.	O prefeito de São Paulo, Fernando Haddad, identificado no crédito, fala enquadrado em primeiro plano, com a expressão bastante séria.		
[OFF DO REPÓRTER] Eduardo Goulart de Andrade – Nas ruas, o sentimento	Imagens diurnas de transeuntes. Algumas pessoas embarcam		

<p>é de vitória. Mas também de certeza de que é o primeiro passo para outras reivindicações.</p>	<p>em ônibus.</p>
<p>[SONORA] Cássia Forstmann – Não basta só baixar as tarifas e sim melhorar o transporte. Eu acho que isto é muito importante.</p>	<p>Mulher branca, de cabelos escuros, lisos e compridos, fala ao microfone e é identificada pelo crédito como Cássia Forstmann, supervisora de segurança. Sua expressão é levemente sorridente.</p>
<p>[SONORA] Mariana Pureza de Barros – A população brasileira tava muito pacífica. Tava aceitando muita coisa e a paciência eu acho que tá esgotando. Eu acho que esgotou.</p>	<p>Mulher jovem, morena, de cabelos longos e ondulados fala ao microfone, identificada como Mariana Pureza de Barros, estudante. Sua expressão é de seriedade no início, mas ela sorri ao final.</p>

e) RB059

Quadro 35 – Matéria RB059, em 21/06/2013 (Protestos contra a “cura gay”)

Cód: RB059	Título: MANIFESTAÇÕES SP	Data: 21/06/2013	Tempo: 02:00
TEXTO ORIGINAL (MEDIADORES E FONTES)		DESCRIÇÃO DO AUTOR	
[CABEÇA] Guilherme Menezes – São Paulo voltou a viver protestos no fim da tarde de hoje. Uma das manifestações é contra a aprovação do projeto de lei conhecido como “cura gay”, aprovado nesta semana na comissão de direitos da Câmara, aprovação ainda não definitiva. Ao vivo da capital paulista, a repórter Vanessa Casarino tem outras informações. Boa noite, Vanessa, qual é a situação aí neste momento?		O apresentador encontra-se em estúdio, enquadrado em plano americano ao lado de telão em que se vê gravura mostrando diversas mãos, de diversas etnias, levantadas e com as palmas abertas sobre uma bandeira nacional ao fundo. A imagem se transforma na imagem da repórter, em primeiro plano, em um cenário escuro com algumas luzes e carros em movimento ao fundo.	
[REPÓRTER AO VIVO] Vanessa Casarino – Boa noite, Guilherme, boa noite, Fernanda, boa noite a todos. Eu falo ao vivo aqui da Avenida Paulista, onde os manifestantes acabaram de passar por aqui e descem nesse momento a Rua Augusta. Eles se concentraram hoje na praça Roosevelt, subiram a rua da consolação, quando passaram pela primeira vez aqui na avenida. De acordo com a Polícia Militar, são cerca de...		A repórter veste roupas informais, um casaco sobre uma blusa listrada de gola alta. Ela encontra-se na rua, com uma passarela ao fundo sobre a qual passam algumas poucas pessoas. Abaixo da passarela, a rua parece vazia. Há faróis de carro ao fundo. O cenário é calmo. A repórter tem uma expressão séria.	
[REPÓRTER AO VIVO – Cont.] Vanessa Casarino – ... mil pessoas, que pediam, na verdade elas diziam em cartazes que são contra o projeto de lei conhecido como “cura gay”. O protesto contou com a participação de movimentos sociais ligados ao LGBT e também com integrantes do Conselho Regional de Psicologia.		Imagens de multidão, em plongée, algumas seguram cartazes ou balões. No único legível, lê-se “TIRE SUAS MÃOS DE MIM... EU NAO PERTENÇO A VOCÊ!!! (...)”. Algumas pessoas seguram uma bandeira do arco-íris tremulando com força ao vento. Em outro cartaz, lê-se: “PSICÓLOGO NÃO CURA GAY! MAS AJUDA A CURAR O PRECONCEITO!”.	
[REPÓRTER AO VIVO – Cont.] Vanessa Casarino – Outras manifestações tomaram conta de ruas e avenidas da capital paulista também mais cedo. Rodovias foram bloqueadas.		Novamente vê-se a imagem da repórter.	
[REPÓRTER AO VIVO – Cont.] Vanessa Casarino – A Via Dutra, por exemplo, foi interditada nos dois sentidos no início da tarde. Os manifestantes se dirigiram também ao aeroporto de Guarulhos. Neste momento, cerca de oito mil pessoas estão em frente ao aeroporto. Alguns voos foram cancelados e por motivos de segurança, os passageiros estão sendo orientados a ficar afastados das portas de entrada do aeroporto.		Imagens de grandes avenidas em que se vê grandes grupos de pessoas a pé e muitos carros com sirenes vermelhas. Quase não há circulação de carros simples de passeio As imagens são feitas de longe, em plongée.	
[REPÓRTER AO VIVO – Cont.] Vanessa Casarino – Neste momento, cinco rodovias que dão acesso à capital paulista estão bloqueadas, entre elas a Régis Bittencourt, a Castelo Branco e a Anhanguera. As manifestações de hoje não foram convocadas pelo Movimento Passe Livre, que organizou os atos destes últimos dias aqui em São Paulo, que pediam a revogação da tarifa do transporte público.		A câmera retorna para a repórter, em posição idêntica à anterior.	
Guilherme Menezes – Obrigado, Vanessa. Obrigado e uma boa noite.		Imagem retorna ao apresentador, em estúdio, na mesma posição em que se encontrava na cabeça.	

f) RB067

Quadro 36 – Matéria RB067, em 21/06/2013 (“Onda das manifestações” e vandalismo no DF)

Cód:	Título:	Data:	Tempo:
RB067	MANIFESTAÇÕES BSB	21/06/2013	02:42
TEXTO ORIGINAL (MEDIADORES E FONTES)		DESCRIÇÃO DO AUTOR	
<p>[CABEÇA]</p> <p>Guilherme Menezes – No Distrito Federal, outra rodovia foi fechada. Os manifestantes cobraram a redução das tarifas de ônibus. Em Brasília, foi dia de juntar os cacos depois dos vários ataques a prédios públicos no dia de ontem.</p> <p>Fernanda Isidoro – Hoje, Guilherme, os servidores do Ministério das Relações Exteriores deram um abraço no prédio do Itamaraty em repúdio aos estragos. O ministro Antônio Patriota condenou o vandalismo.</p>		<p>Os dois apresentadores encontram-se atrás da bancada, em um único quadro, mostrados da cintura para cima. As expressões são sérias. Ao fundo, uma gravura mostra silhuetas escuras de pessoas, em marcha, algumas com os braços erguidos. Atrás das silhuetas, vê-se sombras de pessoas deformadas sobre uma forma branca que remete à cúpula da Câmara dos Deputados.</p>	
<p>[OFF DA REPÓRTER]</p> <p>Aline Barcellos – Moradores do Novo Gama, cidade goiana localizada nos arredores do Distrito Federal, também entraram na onda das manifestações. Cerca de 500 pessoas queimaram pneus e fecharam uma rodovia em protesto pela melhoria da qualidade do transporte e redução do valor das passagens dos ônibus que rodam dentro do município e dos que levam a outras cidades, como Brasília.</p>		<p>Imagens de grupos de pessoas com roupas simples às margens de uma rodovia, sob sol forte. Muitas usam bonés ou chapéus e até sombrinhas. Uma massa disforme encontra-se em chamas no centro da rodovia. O entorno é de vegetação baixa e terra vermelha. Vê-se algumas crianças e adolescentes que acenam à câmera. Há muita poeira e fumaça negra na estrada. Poucos carros passam, orientados por homens de uniforme. Em alguns cartazes, lê-se “VEREADORES FISCALIZE (sic) O PREFEITO” e “QUEREMOS PASSE LIVRE ESTUDANTIL”. Um homem com o rosto pintado e vestindo uma bandeira do Brasil como se fosse uma capa segura um microfone no alto de uma passarela.</p>	
<p>[SONORA]</p> <p>Geovani Santos – Lotado demais, o ônibus demora demais, quebra no caminho, entendeu, o povo tá engasgado já com esse assunto.</p>		<p>Um homem de meia idade, identificado pelos caracteres como Geovani Santos, líder comunitário, fala ao microfone. Ele veste uma camiseta regata preta. No rosto, pinturas das cores do Brasil. Ao fundo, dois policiais conversam ao lado de uma viatura.</p>	
<p>[OFF DA REPÓRTER]</p> <p>Aline Barcellos – O prefeito da cidade prometeu reduzir a tarifa, o novo valor já deve valer na semana que vem.</p>		<p>Um grupo de homens, todos vestindo camisetas polo, conversa junto a um prédio branco com três mastros na frente. Um deles porta uma câmera fotográfica ao pescoço. A câmera mostra em seguida um grupo de meninas à beira da rodovia segurando cartazes.</p>	
<p>[SONORA]</p> <p>Geraldo Vidal - (indiscernível) empresários, responsáveis por cada uma das empresas, vamos reduzir na medida do possível, o que for possível, e cobramos também das empresas que melhorem a qualidade do transporte.</p>		<p>Um homem fala ao microfone. Ele é jovem, tem os cabelos curtos e usa barba por fazer. Os caracteres o identificam como Geraldo Vidal, prefeito de Novo Gama. Ele veste uma camiseta polo verde e sua expressão é séria.</p>	
<p>[OFF DA REPÓRTER]</p> <p>Aline Barcellos – Em Brasília, o dia foi de trabalho na Esplanada dos Ministérios, para tentar recuperar prejuízos causados por alguns manifestantes. A catedral, um dos principais pontos turísticos da cidade, ficou com vidros rachados. Ministérios foram pichados e pontos de ônibus, destruídos. O palácio do Itamaraty teve 60 vidraças quebradas...</p>		<p>Imagens de homens com uniformes de gari segurando vassouras e sacos de lixo. Prédio dos ministérios do Meio Ambiente e Cultura com cordão de isolamento. Ponte de ônibus destruído e paredes pichadas. Imagens da Catedral de Brasília com vidros rachados. Imagens do Palácio do Itamaraty com vidraças quebradas.</p>	
<p>[OFF DA REPÓRTER – Cont.]</p> <p>Aline Barcellos – ... após um princípio de incêndio e uma tentativa de invasão.</p>		<p>Imagens de multidão em frente ao Palácio do Itamaraty à noite. Há fumaça. Um grupo está em frente à entrada. Há policiais visíveis dentro do prédio acionando extintores de incêndio.</p>	
<p>[OFF DA REPÓRTER – Cont.]</p>		<p>Imagem noturnas de multidão de civis e um grande grupo de</p>	

<p>Aline Barcellos – Segundo a Polícia Militar, 82 pessoas ficaram feridas durante o protesto. Duas estão em estado grave. Uma delas, sofreu traumatismo craniano. 12 militares também ficaram feridos. Três pessoas foram presas. A polícia instaurou inquérito para identificar as pessoas que participaram dos atos de vandalismo.</p>	<p>policiais, vestindo coletes à prova de balas e capacetes, com nuvens de fumaça entre eles. Imagem de dois homens jovens fora de foco. Um deles leva a mão ao rosto. Mais imagens de multidão segurando cartazes, a partir da nuca, diante de policiais. Grupo de pessoas carrega algo que parece ser uma pessoa deitada. Imagens de um grupo de pelo menos três policiais carregando um homem imobilizado, com outros policiais em redor assistindo à cena. Multidão aglomerada sobre rampa que leva à entrada do Palácio do Itamaraty.</p>
<p>[OFF DA REPÓRTER – Cont.] Aline Barcellos – Em nota, o Itamaraty disse que deplora os atos de violência e depredação, e participou de uma reunião para decidir a adoção de medidas para reforçar a segurança da sede do ministério.</p>	<p>Stills do site do Itamaraty com as seguintes palavras destacadas: “O Ministério das Relações Exteriores deplora os atos de violência e depredação ocorridos no Palácio Itamaraty na noite de ontem”; e “O Secretário-Geral das Relações Exteriores reunir-se-á com outros órgãos do Governo e do Distrito Federal, para examinar a adoção de medidas preventivas necessárias ao reforço da segurança do Ministério das Relações Exteriores.”</p>
<p>[PASSAGEM DA REPÓRTER] Aline Barcellos – Apesar dos danos no prédio do Itamaraty, os funcionários trabalham normalmente hoje e...</p>	<p>Repórter loura vestindo camisa jeans e segurando microfone com a canopla da <i>TV Brasil</i> é enquadrada em meio primeiro plano. No fundo, veem-se pessoas de costas, fazendo um cordão em torno de um espelho d’água.</p>
<p>[OFF DA REPÓRTER – Cont.] Aline Barcellos –...como demonstração de solidariedade, os servidores organizaram um abraço simbólico.</p>	<p>Pessoas de mãos dadas, vestidas formalmente, fazem linha acompanhando a calçada em frente à avenida com fluxo intenso de automóveis. Em outro take, vê-se o prédio do congresso Nacional atrás do cordão de pessoas e uma rampa sobre um espelho d’água na frente.</p>
<p>[SONORA] Antonio Patriota – Quem passa por aqui é amante da paz, da negociação, do diálogo e da cooperação, então este é um ato que repudia o que aconteceu ontem, em que pessoas atravessaram esta rampa para destruir, para quebrar vidraça.</p>	<p>Homem de barba e cabelos brancos fala para grande quantidade de microfones, gravadores e pessoas que tomam notas. No fundo, homens e mulheres estão aglomerados atrás dele. O crédito o identifica como Antonio Patriota, ministro das Relações Exteriores.</p>
<p>[SONORA] Célio Nonato – Todo mundo tem apoiado o movimento pacífico, mas não a destruição que fizeram aqui.</p>	<p>Homem de cabelos brancos e óculos fala para microfone da <i>TV Brasil</i>. Atrás dele, vê-se detalhe do palácio do Itamaraty e da rampa que dá acesso à entrada. O crédito o identifica como Célio Nonato, funcionário do Min. das Relações Exteriores.</p>

g) RB087

Quadro 37 – Matéria RB087, em 22/06/2013 (Vadias marcham em Brasília)

Cód: RB087	Título: MARCHA VADIAS	Data: 22/06/2013	Tempo: 02:40
TEXTO ORIGINAL (MEDIADORES E FONTES)		DESCRIÇÃO DO AUTOR	
[CABEÇA] Guilherme Menezes – A marcha das vadias em Brasília reuniu milhares de mulheres para denunciar a violência de gênero. O movimento nasceu no Canadá há dois anos, se espalhou por vários países e reivindica a autonomia da mulher sobre o próprio corpo, além da igualdade de direitos com os homens.		O apresentador Guilherme Menezes apresenta a matéria sentado atrás da bancada. Ao fundo, em um telão, arte mostra mãos erguidas, de palmas abertas, de várias etnias, com uma bandeira do Brasil em segundo plano.	
[SOBE-SOM] Manifestantes – Se cuida seu machista! A América Latina vai ser toda feminista!		Mulheres em marcha, mostradas em plano fechado, fazem gritos de ordem. Há um fotógrafo na cena.	
[OFF DA REPÓRTER] Aline Barcellos – Com o corpo pintado e cartazes com muitas reivindicações, mais de 3 mil pessoas foram às ruas participar da marcha das vadias. Muitas mulheres levaram as filhas pequenas para a manifestação.		Imagens de mulheres com o corpo pintado. Nas costas de uma delas, lê-se “CHEGA DE FEMINICÍDIO”. Imagens feitas de cima, em plano aberto, da multidão marchando, de costas, segurando cartazes. No único cartaz legível, está escrito “POR MEU DIREITO DE PARIR EM PAZ”. Em um plano fechado, uma mulher jovem e branca segura um cartaz escrito “ENERGIA PUSSYTIVA ♀”. Imagem de menina muito jovem segurando panfleto onde se lê “+Democracia”. Nas bochechas da menina, estão pintados espelhos de vênus em formato de coração em tinta vermelha.	
[SONORA] Mariane Aires Baleeiro – É importante porque ela já vai tendo embasamento político e vendo que a luta é pro povo. E ela, como mulher, crescer num Brasil melhor.		Imagem de mulher jovem, vestindo camiseta branca e mochila, de cabelos curtos e presos. A seu lado, uma menina muito jovem. Os créditos a identificam como Mariane Aires Baleeiro, produtora cultural.	
[PASSAGEM DA REPÓRTER] Aline Barcellos – A marcha das vadias começou no Canadá, quando um policial disse que as mulheres eram estupradas porque vestiam roupas curtas. Aqui em Brasília, esta é a terceira edição do protesto, que além de pedir o fim do preconceito, luta por direitos iguais.		A repórter faz a passagem em frente à multidão, que marcha atrás dela. São mulheres e homens, em sua maioria jovens, segurando cartazes, cainhando, cantando e dançando ao som dos gritos de ordem. A expressão da repórter é séria, mas tranquila.	
[SONORA] Eliana Rabelo – A gente continua trabalhando, ganhando pouco. Eu trabalho e ganho menos do que um homem que trabalha igual a eu [sic]. Então a gente tem que lutar, sempre.		Mulher de meia idade, de óculos, vestindo camiseta do Cruzeiro, fala à reportagem com expressão séria. O crédito a identifica como Eliana Rabelo, engenheira.	
[OFF DA REPÓRTER] Aline Barcellos – As manifestantes criticavam o estatuto do nascituro, projeto que tramita no Congresso e que cria direitos para o feto e estimula as mulheres a não praticarem o aborto, mesmo em casos de estupro.		Mulheres jovens, muitas vestindo uma camiseta lilás onde se lê “Mulheres em Luta”, caminham e seguram cartazes contra a homofobia e o estatuto do nascituro. Imagem de mulher falando ao megafone.	
[SONORA] Tainara Costa – O estatuto do nascituro rompe com a nossa liberdade. Nós não queremos o nome dos estupradores das mulheres na certidão. Lugar de estuprador é na cadeia.		Mulher jovem, de óculos e cabelos surtos, fala à reportagem. Sua expressão é séria. Ela gagueja um pouco, mas o tom da fala é firme no geral. O crédito a identifica como Tainara Costa, estudante.	
[GRÁFICO] Aline Barcellos – A marcha das vadias também pede o fim da violência. De acordo com os organizadores, o Brasil é o 7º país do mundo que mais comete assassinatos contra mulheres. 15 mil são estupradas por ano. E a cada 15 segundos, uma mulher é agredida. No Distrito Federal, foram abertos 684 inquéritos para		Os dados mencionados pela repórter são apresentados por escrito sobre um fundo rosado com um espelho de vênus em cor-de-rosa. O título do gráfico é “Violência contra a mulher”.	

apurar casos de estupro apenas em 2011. Em média, duas mulheres são violentadas por dia.	
[OFF DA REPÓRTER] Aline Barcellos – Por onde a marcha passava, moradores das proximidades mostravam apoio com faixas brancas. Homens também participaram do ato.	Imagens de prédios com panos brancos estendidos nas janelas. Mais imagens de manifestantes segurando cartazes.
[OFF DA REPÓRTER – Cont.] Aline Barcellos – Thomas foi à manifestação homenagear a mãe, que sofreu com o preconceito do marido.	Imagem em plano fechado de pessoa de calça jeans andando de salto alto. Conforme a câmera sobe, pode-se identificar que se trata de um homem.
[SONORA] Tomas Edson da Silva – Minha mãe sofreu muito com meu pai, machista pra caramba. Minha mãe vaidosa, gostava de usar salto, por isso que eu estou de salto hoje.	Homem jovem, vestido com camiseta polo lilás, alargador na orelha e óculos escuros apoiados sobre a cabeça fala à reportagem. É identificado como Thomas Edson da Silva, assistente administrativo.
[OFF DA REPÓRTER] Aline Barcellos – As mulheres também defenderam a liberdade sexual no protesto que durou cerca de quatro horas.	Mais imagens de cartazes, onde se lê “PENSO, LOGO SOU VADIA”; “LIBERDADE SEXUAL SEM REPRESSÃO MORAL”; “SOU SURDA + VADIA”.
[SONORA] Leiliane Rebouças – Cure o seu preconceito. Porque preconceito, machismo, homofobia têm cura, o resto não é doença.	Mulher jovem fantasiada de enfermeira fala à reportagem. A câmera mostra o cartaz que ela segura, onde está escrito “Cure o seu Preconceito”. Ela é identificada como Leiliane Rebouças, assessora parlamentar.

h) RB103

Quadro 38 – Matéria RB103, em 24/06/2013 (Mobilidade urbana é “Pauta das Ruas”)

Cód:	Título:	Data:	Tempo:
RB103	MOBILIDADE URBANA	24/06/2013	04:00
TEXTO ORIGINAL (MEDIADORES E FONTES)		DESCRIÇÃO DO AUTOR	
[CABEÇA] Fernanda Isidoro – As manifestações pela redução das tarifas do transporte público deixaram evidente a insatisfação popular com o preço das passagens e com a qualidade dos serviços. A lei da mobilidade urbana, em vigor há pouco mais de um ano, pode melhorar este quadro. Guilherme Menezes – A lei determina que os municípios com mais de 20 mil habitantes apresentem projetos para facilitar o ir e vir dos moradores.		Apresentadores estão na bancada, ambos enquadrados pela câmera, em plano geral. Atrás da apresentadora, vê-se telão com gravura que representa diversas mãos, de etnias diferentes, levantadas e de palmas abertas em frente a uma bandeira nacional.	
[VINHETA]		Vinheta de série mostra ilustração de pessoas segurando cartazes em que se lê “EDUCAÇÃO”, “SAÚDE”, “RESPEITO”, “MOBILIDADE”, “PAZ”, “MELHORIA SOCIAL”, “REFORMA POLÍTICA”, “SEGURANÇA” e, por fim “A PAUTA DAS RUAS”. No plano de fundo, uma bandeira do Brasil estilizada.	
[OFF DO REPÓRTER] Marcelo Zanini – Quem utiliza transporte público em grandes cidades já sabe: é preciso sair com muita antecedência para não perder o compromisso.		Imagens diurnas de pessoas paradas de pé em pontos de ônibus e dentro de ônibus em movimento, sentadas ao lado da janela.	
[SONORA] Helen Rosário – Eu uso o metrô, o ônibus, a perua, para chegar até o metrô, e pego dois metrôs para chegar até a faculdade. Marcelo Zanini – Quanto tempo leva tudo isso? Helen Rosário – Mais ou menos em torno de uma hora e meia.		Imagem de mulher morena, de cabelos lisos, pretos e soltos, vestindo roupas informais, entrevista na rua. Expressão séria, mas tranquila. O crédito a identifica como Helen Rosário, universitária. O repórter faz uma pergunta de fora do quadro.	
[SONORA] Scarlet Pansera – Não tem ônibus suficiente, demora muito no ponto, é horrível.		Mulher jovem, com roupas informais, cabelos cacheados e presos, entrevistada na rua. Expressão séria, de indignação.	
[OFF DO REPÓRTER] Marcelo Zanini – A insatisfação com os serviços era antiga, mas a queda no preço das passagens em várias cidades só veio depois das recentes manifestações em todo o país.		Mais imagens diurnas de pessoas nas ruas, algumas em pontos de ônibus, outras embarcando. Imagens também de ônibus em movimento.	
[SONORA] José Orlando – Tem que melhorar o transporte. Você paga caro, mas não tem transporte.		Homem de meia idade, cabelos curtos e pretos, vestindo camiseta polo e mochila nas costas, diante de ponto de ônibus. O crédito o identifica como José Orlando, manobrista.	
[OFF DO REPÓRTER] Marcelo Zanini – Desde o ano passado, uma lei federal obriga os municípios com mais de 20 mil habitantes a elaborar política públicas para melhorar as condições de ir e vir da população, e isso inclui preço mais acessível das passagens, redução do tempo de deslocamento e a integração dos diferentes meios de transporte.		Imagens de ônibus e carros de passeio em deslocamento por grandes avenidas. Imagens de pessoas embarcando e desembarcando de ônibus. Mais ônibus em movimento. Pessoas entram no metrô através de catracas.	
[PASSAGEM DO REPÓRTER] Marcelo Zanini – A lei da mobilidade urbana determina que o uso do espaço público para se locomover seja igual a toda a população, mas não é isso que acontece. A frota de veículos só aqui na capital paulista chega a sete milhões e meio, ou seja, só eles ocupam 78% das ruas e avenidas da cidade.		Repórter faz a passagem diante de cruzamento de grande avenida. Atrás dele, muitos veículos em movimento. Poucos pedestres.	
[OFF DO REPÓRTER] Marcelo Zanini – Os caminhões e as motos somam		Imagens de fluxo intenso de veículos, em que se destacam uma	

<p>18%, enquanto os ônibus que transportam 5 milhões e meio de passageiros por dia, ocupam apenas 4% das vias. As bicicletas começam a competir pelo mesmo espaço. As ciclovias exclusivas somam apenas 63 quilômetros em toda a cidade.</p>	<p>moto e um caminhão. Imagens de ônibus em circulação. Números inseridos sobre a imagem acompanham o texto do repórter. Imagem de ciclista de capacete em pista com muitos veículos. Imagens de ciclistas ciclovias.</p>
<p>[SONORA] Gianne Porto – Tem que melhorar muito. Falta vontade política na verdade.</p>	<p>Mulher fala para o microfone da <i>TV Brasil</i> ao volante, através da janela do carro. Sua expressão é séria e severa. O crédito a identifica como Gianne Porto, auxiliar administrativa.</p>
<p>[SONORA DO REPÓRTER] Marcelo Zanini – Esta especialista em planejamento urbano elogia algumas iniciativas já adotadas em São Paulo, caso do bilhete único e dos corredores de ônibus, mas ela destaca que é preciso resolver a questão metropolitana, que envolve outros municípios.</p>	<p>Mulher mais velha, de óculos, vestindo blusa preta, fala sentada diante de uma escrivaninha em que se vê um computador ligado e alguns livros. Os enquadramentos variam, ora são mais gerais, ora em primeiro plano.</p>
<p>[SONORA] Silvana Zioni – O prefeito de São Paulo obviamente tem poder de fogo para tomar decisões de impacto, mas as questões metropolitanas têm que ser negociadas, então acho que, neste sentido, o plano de transporte do município de São Paulo tem que visar uma escala metropolitana ou regional.</p>	<p>Mulher mais velha, de óculos, vestindo blusa preta, fala sentada diante de uma escrivaninha em que se vê um computador ligado e alguns livros. Os caracteres a identificam como Silvana Zioni, especialista em planejamento urbano.</p>
<p>[OFF DO REPÓRTER] Marcelo Zanini – O Ministério das Cidades ainda não tem um levantamento de quantos municípios já entregaram seus projetos de mobilidade urbana, as prefeituras têm até janeiro de 2015 para apresentar propostas.</p>	<p>Imagens de tráfego intenso de veículos em largas avenidas urbanas.</p>
<p>[OFF DO REPÓRTER – Cont.] Marcelo Zanini – O coordenador da ONG Rede Nossa São Paulo reconhece que o melhor meio de transporte público nos grandes centros é o metrô. Para ele, a solução a curto prazo é ampliar a rede de corredores exclusivos de ônibus.</p>	<p>Homem de meia idade, calvo, de barba e cabelos grisalhos, vestindo uma camisa sob uma jaqueta de couro fala sentado a uma escrivaninha. Ao seu lado, lê-se um cartaz “REDE NOSSA SÃO PAULO, Conheça + Divulgue + Participe”.</p>
<p>[SONORA] Maurício Broinize – Se a gente não combater o problema do congestionamento, da falta de mobilidade na sua totalidade, que passa inclusive pela saúde, pelos custos da saúde pública, a gente não vai conseguir ter a visão da importância que tem o transporte público numa cidade...</p>	<p>Homem de meia idade, calvo, de barba e cabelos grisalhos, vestindo uma camisa sob uma jaqueta de couro, fala sentado a uma escrivaninha.</p>
<p>[SONORA – Cont.] Maurício Broinize –... e quem quiser fluidez vai usar o transporte público, quem quiser continuar parado no trânsito, usa o automóvel.</p>	<p>Imagem de ônibus em movimento e de filas de carros de passeio em congestionamento, com sons de buzinas.</p>
<p>[NOTA-PÉ] Guilherme Menezes – Esta reportagem que você acaba de ver é a primeira de uma série sobre as reivindicações apresentadas pelas ruas que nós vamos mostrar ao longo desta semana. Amanhã, será a vez da educação.</p>	<p>De volta ao estúdio, os dois apresentadores são enquadrados atrás da bancada. Suas expressões são sérias. Atrás deles, um telão mostra a mesma gravura mostrada na cabeça da reportagem, de diversas mãos de diversas etnias levantadas, com as palmas abertas, em frente a um fundo com a bandeira nacional.</p>

i) RB125

Quadro 39 – Matéria RB125, em 25/06/2013 (Câmara discute projetos)

Cód:	Título:	Data:	Tempo:
RB125	CÂMARA DISCUTE PROJETOS	25/06/2013	01:00
TEXTO ORIGINAL (MEDIADORES E FONTES)		DESCRIÇÃO DO AUTOR	
[CABEÇA] Fernanda Isidoro – E o plenário da Câmara discute neste momento projetos importantes que estão na pauta das manifestações de rua. Quem acompanha é a repórter Aline Barcellos. Boa noite, Aline.		A apresentadora está no estúdio. Primeiro é enquadrada em primeiro plano, depois em plano aberto, ao lado de telão com o logotipo do telejornal que se transforma na imagem da repórter.	
[REPÓRTER AO VIVO] Aline Barcellos – Boa noite, Fernanda, boa noite a todos. O Plenário da Câmara está cheio e há quórum para votar as matérias definidas ao longo do dia, resultados de acordos políticos que querem dar uma resposta rápida às manifestações populares...		A repórter, loura, com cabelos compridos e soltos, segura um microfone da <i>TV Brasil</i> . Ela está no saguão do prédio do Congresso Nacional. Os caracteres informam que a entrada é ao vivo. Sua expressão é séria, mas tranquila.	
[REPÓRTER AO VIVO – Cont.] Aline Barcellos – ... O presidente da Câmara, deputado Henrique Eduardo Alves, marcou uma sessão extraordinária para votar a nova divisão do fundo de participação dos estados, o projeto do governo federal que destina 100% dos recursos dos royalties do Pré-Sal para a educação e a PEC 37.		Imagem de homem grisalho, de óculos, vestindo roupas formais, falando em um microfone, de pé, cercado de outros homens de meia idade, todos usando terno e gravata. Sua expressão é séria e enfática.	
[REPÓRTER AO VIVO – Cont.] Aline Barcellos – É essa a votação mais polêmica. A proposta de emenda à constituição retira do Ministério Público...		Homem de meia idade, de cabelos pretos e escuros, usando óculos e vestindo terno e gravata, fala em microfone sentado em poltrona de couro, com um copo de água e um celular sobre a mesa de vidro em frente a ele. Sua expressão é séria e enérgica. Há muito ruído de fundo.	
[REPÓRTER AO VIVO – Cont.] Aline Barcellos –... o poder de investigação criminal e passa essa atribuição para as polícias federal e civis. A PEC 37 acabou se tornando uma das bandeiras dos movimentos nas ruas, e alguns deputados garantiram que vão atender aos protestos populares, e a PEC pode ser arquivada definitivamente.		Volta imagem da repórter.	

j) RB134

Quadro 40 – Matéria RB134, em 25/06/2013 (Saúde também é “Pauta das Ruas”)

Cód:	Título:	Data:	Tempo:
RB134	SUS	25/06/2013	03:10
TEXTO ORIGINAL (MEDIADORES E FONTES)		DESCRIÇÃO DO AUTOR	
[CABEÇA] Fernanda Isidoro – O Sistema Único de Saúde, o SUS, tem mais de seis mil hospitais credenciados para o atendimento ao público. Na última década, os investimentos quase triplicaram, mas ainda não resolveram o problema. E este foi um dos motivos que levaram os manifestantes às ruas.	Apresentadora no estúdio. Enquadramento em primeiro plano. Expressão séria.		
[VINHETA]	Vinheta de série mostra ilustração de pessoas segurando cartazes em que se lê “EDUCAÇÃO”, “SAÚDE”, “RESPEITO”, “MOBILIDADE”, “PAZ”, “MELHORIA SOCIAL”, “REFORMA POLÍTICA”, “SEGURANÇA” e, por fim “A PAUTA DAS RUAS”. No plano de fundo, uma bandeira do Brasil estilizada.		
[OFF DO REPÓRTER] Pedro Henrique Antunes – Filas, falta de informações, pacientes em corredores, escassez de leitos. Essas são reclamações recorrentes de quem busca atendimento público de saúde no Brasil.	Imagens do que se presume que sejam hospitais: pessoas em frente à porta de um prédio, onde há rampas de acesso e corrimões. Fotos de pacientes em macas e pessoas de pé ao lado deles em corredores azulejados. Imagens de prédio com diversas pessoas e veículos na frente, a maioria ambulâncias. Homem caminha com dificuldade, apoiado em mulher. Os dois vestem roupas simples e informais e sua expressão é de sofrimento.		
[SONORA] Valdira Soeiro – Tá faltando médico, tá faltando remédio, tá faltando atendimento mais humano.	Mulher fala ao microfone da <i>TV Brasil</i> . É uma idosa, vestindo blusa preta, cabelos presos e bolsa. Sua expressão é de cansaço mas ela sorri no final da frase. É identificada como Valdira Soeiro, dona de casa.		
[SONORA] Eliete Aguiar – Tenho visto os hospitais muito cheios. A gente procura ver médico... muita gente nos corredores do hospital, pelo chão...	Mulher jovem, cabelos pretos presos. Blusa cor-de-rosa. Expressão séria. É identificada como Eliete Aguiar, dona de casa.		
[SONORA] Jéssica Fernandes – Aqui ninguém sabe de nada, ninguém faz nada, só vão encaminhando, de um pra um, de outro pra outro. Ninguém resolve o problema de ninguém.	Mulher jovem, de cabelos crespos e soltos. Expressão irritada e indignada. É identificada como Jéssica Fernandes, estudante.		
[OFF DO REPÓRTER] Pedro Henrique Antunes – Mas pela Constituição Federal, não deveria ser assim.	Still da capa de uma Constituição Federal, onde se lê “Constituição 1988”, abaixo do Brasão da República.		
[OFF DO REPÓRTER – Cont.] Pedro Henrique Antunes – Em 1988, o Sistema Único de Saúde foi criado com a proposta de universalização. Isso significa prestar atendimento gratuito a todos os brasileiros. Hoje são cerca de seis mil hospitais credenciados.	Imagem de homem entrando, em porta acima da qual se lê “ENTRADA”, no que parece ser uma unidade de saúde. Na parede, lê-se “CLÍNICA DA FAMÍLIA” e, logo abaixo, “UNIDADE ROCINHA”. Há também três logotipos: um em que se lê “Saúde Preventiva”; Prefeitura do Rio; e SUS. Imagens de pessoas em sala de espera. Imagem de homem sentado em poltrona branca com um frasco do que parece ser soro ligado às veias da mão. Imagem externa de prédio que se supõe que seja um hospital.		
[SONORA] Ligya Bahia – Nós acertamos na Constituição. Mas há uma diferença muito grande entre o SUS aprovado na Constituição e o SUS real. Falta recurso, mas também falta gestão.	Mulher de meia idade concede entrevista sentada em sofá, ao lado de abajur, no que parece ser uma sala de estar. Veste roupas simples e informais. É identificada como Ligya Bahia, professora da UFRJ.		
[OFF DO REPÓRTER] Pedro Henrique Antunes – Para o mestre em saúde coletiva, José Sestelo, a descentralização na gestão pública dos recursos prejudica o atendimento.	Imagem em detalhe de homem lendo um livro em frente a uma estante repleta de outros livros.		
[SONORA]			

<p>José Sestelo – O que a população tá pedindo na verdade é que se tenha um sistema organizado. Não adianta você colocar dinheiro, mais dinheiro... Mas é preciso que este sistema tenha uma lógica, se organize por uma lógica claramente... uma lógica sistêmica. Não pode ser um salve-se quem puder.</p>	<p>Homem dá entrevista em frente a estande de livros. O enquadramento é em primeiro plano. Sua expressão é séria e preocupada.</p>
<p>[PASSAGEM DO REPÓRTER] Pedro Henrique Antunes – A Emenda Constitucional 29, que entrou em vigor no ano 2000, obrigou a União a corrigir o orçamento da saúde de acordo com o Produto Interno Bruto. O valor destinado ao SUS quase triplicou em cerca de dez anos, mas ainda são grandes os desafios para atender à alta demanda dos hospitais públicos do país.</p>	<p>Repórter faz a passagem em frente ao Hospital Municipal Souza Aguiar, no Rio de Janeiro. Sua expressão é séria.</p>
<p>[OFF DO REPÓRTER] Pedro Henrique Antunes – Segundo estudo da Universidade de São Paulo, quem mora na Região Sul e Sudeste conta com duas vezes mais médicos que os habitantes do Norte, Nordeste e Centro-oeste. O Governo Federal decidiu contratar médicos estrangeiros para melhorar o sistema público de saúde.</p>	<p>Imagens de pessoas paradas e caminhando por corredores de prédio. Pessoas sentadas em banco na área externa de um prédio. Imagens de um homem de jaleco lendo uma folha de papel em uma sala de paredes brancas. O mesmo homem conversa com uma mulher negra, acomodada em uma poltrona branca, quase inteiramente coberta por um cobertor. A expressão dela é cansada.</p>
<p>[OFF DO REPÓRTER – Cont.] Pedro Henrique Antunes – Para o coordenador do estudo da USP...</p>	<p>Homem de óculos vestindo camisa e terno sentado em uma escrivaninha de madeira. Atrás dele, uma janela através da qual se vê alguma vegetação.</p>
<p>[OFF DO REPÓRTER – Cont.] Pedro Henrique Antunes –... é preciso garantir a revalidação dos diplomas de medicina de acordo com a legislação brasileira e criar atrativos para a atuação destes profissionais nas regiões mais carentes do país.</p>	<p>Imagens de uma mulher negra de cabelos crespos e curtos operando uma máquina de ressonância, enquanto um homem jovem está deitado realizando o exame. Imagens de ambulância.</p>
<p>[SONORA] Mario Scheffer – Certamente, sem uma política de fixação, sem condições de trabalho, sem remuneração adequada, eles vão migrar para os mesmos locais onde hoje existe altíssima concentração de médicos, que são as capitais, principalmente das regiões Sul e Sudeste do Brasil.</p>	<p>Homem concede entrevista sentado atrás de escrivaninha. Ele usa óculos e tem o cabelo raspado. É identificado como Mario Scheffer, coord. Estudo da Demografia Médica, da USP.</p>
<p>[NOTA PÉ] Fernanda Isidoro – E amanhã, a série “A Pauta das Ruas” vai falar de educação. Vamos discutir questões como o percentual do PIB, o produto interno bruto, destinado para a área.</p>	<p>De volta ao estúdio, enquadramento idêntico ao da cabeça.</p>

k) RB160

Quadro 41 – Matéria RB160, em 26/06/2013 (“Pauta das Ruas” inclui educação)

Cód:	Título:	Data:	Tempo:
RB160	ESCOLAS PÚBLICAS	26/06/2013	03:15
TEXTO ORIGINAL (MEDIADORES E FONTES)		DESCRIÇÃO DO AUTOR	
[CABEÇA] Guilherme Menezes – Oito em cada dez alunos do ensino básico no Brasil frequentam escolas públicas. Garantir educação de qualidade para todos é um dos grandes desafios que o país precisa enfrentar. Fernanda Isidoro – Nos últimos dias, o tema virou bandeira de manifestações e entrou na agenda nacional com o lançamento do Pacto da Educação. É o que nós vamos ver agora na série “A Pauta das Ruas”.	Plano geral mostra os dois apresentadores atrás da bancada. Atrás de Fernanda Isidoro, um telão mostra o logotipo da série, que consiste em uma gravura de uma pessoa empunhando um cartaz onde está escrito “A PAUTA DAS RUAS”.		
[VINHETA]	Vinheta de série mostra ilustração de pessoas segurando cartazes em que se lê “EDUCAÇÃO”, “SAÚDE”, “RESPEITO”, “MOBILIDADE”, “PAZ”, “MELHORIA SOCIAL”, “REFORMA POLÍTICA”, “SEGURANÇA” e, por fim “A PAUTA DAS RUAS”. No plano de fundo, uma bandeira do Brasil estilizada.		
[OFF DA REPÓRTER] Ana Luísa Médici – Nas ruas, cartazes pedindo mais educação foram destaque nas manifestações que tomaram conta do país nas últimas três semanas.	Imagens diurnas de grupo de pessoas empunhando bandeiras do Brasil. Imagem em detalhe de cartaz onde se lê “(...) Saúde e Educ.”. Imagem de pessoas, algumas com os rostos parcialmente cobertos ou pintados, marchando juntas e empunhando cartazes. Mulher gravada de costas levanta cartaz que diz “ME CHAMA DE COPA E INVESTE EM MIM”. Imagem noturna de multidão marchando por avenida.		
[SONORA] Maria Cristina Bustamanti – A gente tinha que ter professores mais compromissados, salários decentes, pais que entendessem que o futuro de seus filhos depende disso.	Imagem de mulher branca, de meia idade, óculos escuros, boné, rosto pintado de verde-amarelo e lenço no pescoço com as cores da bandeira nacional. Ela fala ao microfone da <i>TV Brasil</i> . Sua expressão é de indignação. É identificada como Maria Cristina Bustamanti, veterinária.		
[SONORA] Cássia Gomes – As escolas estão em péssimo estado de qualidade, tem escolas que não tem nem cadeiras para as crianças sentarem, os professores são pessimamente remunerados.	Mulher jovem, negra, com cabelos cacheados presos, pintura verde e amarela no rosto. Ela tem uma expressão séria. É identificada como Cássia Gomes, estudante.		
[OFF DO REPÓRTER] Ana Luísa Médici – É na escola básica que o cidadão dá os primeiros passos rumo à vida profissional. E é nesta fase que as relações sociais e a formação da personalidade abrem caminho para o futuro de uma nação. Em um país com 200 milhões de habitantes, cerca de 50 milhões são crianças e adolescentes que frequentam escolas públicas e privadas. E, de cada cem alunos, 85 estão na rede pública. O Brasil evoluiu em alguns índices educacionais. Mas ainda temos um longo caminho a percorrer.	Imagens de sala de aula. Alunos estudam e assistem aula. Alguns escrevem no quadro-negro. Professores dão aula. Números inseridos na imagem acompanham a fala da repórter.		
[GRÁFICO] Ana Luísa Médici – A taxa de acesso ao ensino básico, que vai da educação infantil ao ensino médio, saltou de quase 84% no ano 2000, para 92% em 2011. Mas ainda ficaram quase quatro milhões de jovens entre quatro e 17 anos fora da escola.	Gráfico mostra dados. Sob o título ENSINO BÁSICO – EDUCAÇÃO INFANTIL AO ENSINO MÉDIO, os caracteres, na cor branca, são inseridos em uma moldura que imita um quadro de giz. Abaixo, texto informa que as fontes dos dados são PNAD 2011 e Censo IBGE 2000.		
[PASSAGEM DA REPÓRTER] Ana Luísa Médici – Um dos maiores desafios é fazer com que todo aluno tenha aprendizado adequado à sua idade. É o que aponta o último relatório de metas do Todos pela Educação, movimento da sociedade civil, com uma missão especial: contribuir para que toda criança e adolescente do país tenha ensino de qualidade até 2022.	Repórter faz a passagem em lugar não identificável, em frente a algo que aparenta ser uma escada. Sua expressão é séria, mas tranquila.		
[GRÁFICO]			

<p>Ana Luísa Médici – O relatório mostra que, no ensino médio, o aprendizado de matemática e de português ficou abaixo das metas. Apenas um em cada dez alunos aprendeu matemática de forma adequada em 2011, longe da meta de 20%. O desempenho em português foi melhor, 29%, mas ainda abaixo da meta para o ano.</p>	<p>Gráfico parecido com o anterior. O título diz “ENSINO MÉDIO – APRENDIZADO EM 2011”. Abaixo, os dados aparecem em cores claras sobre uma moldura de quadro de giz. A fonte dos dados é informada como sendo a ONG “Todos pela Educação”.</p>
<p>[SONORA] Priscila Cruz – Essa movimentação toda que tá acontecendo hoje no Brasil é uma sinalização muito importante, inclusive para que cada um faça a reflexão sobre o que é a minha responsabilidade neste processo. Então, além de cobrar que é muito importante, é também assumir os compromissos de cada um.</p>	<p>Mulher jovem, de cabelos louros e presos atrás da orelha. Usa óculos, brincos de argola e um lenço. Veste também uma jaqueta de couro. Sua expressão é bastante séria. O ambiente é de sala de aula, com carteiras e um cartaz na parede com a figura de um menino onde se lê “EDUCAÇÃO”. É identificada como Priscila Cruz, do Movimento Todos pela Educação.</p>
<p>[OFF DA REPÓRTER] Ana Luísa Médici – Para os especialistas, reverter o resultado negativo dos alunos também depende de investir mais nos professores.</p>	<p>Imagens de sala de aula. Alunos assistindo à aula e fazendo anotações. Professor dando aula com um microfone, em uma sala muito grande e repleta de alunos.</p>
<p>[SONORA] Luís Carlos de Menezes – Falta sim uma política de longo curso, uma política consistente, para a valorização do professor, e para a valorização da qualificação do professor.</p>	<p>Homem calvo e grisalho, de barba e óculos, fala ao microfone da <i>TV Brasil</i>. É identificado como Luís Carlos de Menezes, consultor da UNESCO.</p>

I) RB164

Quadro 42 – Matéria RB164, em 26/06/2013 (Novo foco de tensão em Brasília)

Cód:	Título:	Data:	Tempo:
RB164	MANIFESTAÇÕES BSB 3	26/06/2013	02:25
TEXTO ORIGINAL (MEDIADORES E FONTES)		DESCRIÇÃO DO AUTOR	
<p>[CABEÇA] Guilherme Menezes – A manifestação na Esplanada dos Ministérios, em Brasília começou pacífica, mas as coisas mudaram depois da primeira notícia no começo do jornal, como a gente tinha mostrado. Por isso, vamos agora à Esplanada dos Ministérios com o repórter André Carravilla. André, qual é a situação aí neste momento?</p>		<p>Apresentador no estúdio. Sua expressão é de preocupação. Ele é enquadrado de pé, ao lado de telão com o logotipo do jornal, que se transforma na imagem do repórter.</p>	
<p>[REPÓRTER AO VIVO] André Carravilla – Guilherme, a situação aqui ficou muito grave. O gramado em frente a esplanada dos ministérios tá tomado por uma nuvem branca provocada por uma série de bombas lançadas pela polícia, inclusive no local onde nós estamos, nós estamos conseguindo sentir o efeito desta bomba. Toda a equipe está aqui com o olho lacrimejando, o nariz ardendo, bombas de gás lacrimogêneo conseguiram dispersar uma multidão de cinco mil pessoas que tomavam o gramado em frente ao Congresso. O gramado que fica em torno... O gramado que fica entre os ministérios que compõem a Esplanada está agora tomado por uma série de viaturas da polícia. Os policiais estão descendo destas viaturas com cassetetes e brigando com os manifestantes, que estão enfrentando a polícia, jogando pedras, arremessando objetos. Várias viaturas estão circulando, os manifestantes trocam ofensas com os policiais. A situação de uma hora para a outra degingolou. O que se viu é que em frente ao espelho d'água onde estavam os manifestantes, eles começaram a jogar água nestes policiais, começaram a fazer uma série de xingamentos, arremessar objetos e os policiais revidaram com essas bombas de gás lacrimogêneo. O que se vê aqui em frente à Esplanada dos Ministérios [é] uma verdadeira praça de guerra. Uma nuvem branca, como eu disse, toma o gramado em frente ao Congresso Nacional. Todas as pessoas que estavam por ali estão agora caminhando pela Esplanada, muitas estão sendo detidas pela polícia. A gente vê pessoas com criança, senhores caminhando com a família, e à medida que eles veem policiais, a sensação que a gente tem olhando daqui de cima é que eles estão com medo. Afinal de contas, o gramado, como você pode ver, está tomado por uma nuvem branca de gás lacrimogêneo.</p>		<p>O repórter encontra-se em local mais alto do que o gramado em frente ao Congresso, que pode ser visto ao fundo, à esquerda do vídeo, completamente iluminado. A câmera movimenta-se então, fazendo zoom in no gramado, coberto por uma espessa nuvem de fumaça. No meio da fumaça, é possível ver algumas poucas figuras humanas se movimentando. A câmera se afasta do Congresso e mostra a esplanada dos Ministérios, onde se veem muitas viaturas, em movimento, cujas luzes se destacam na escuridão do gramado. A câmera se aproxima bastante e é possível ver grupos de pessoas andando, mas sem muita nitidez. A imagem permanece tremida e desfocada enquanto a câmera movimenta-se muito rápido na direção do Congresso. A nuvem de fumaça em frente ao prédio dispersa-se um pouco, e é possível ver algumas pessoas isoladas em meio à fumaça. Também se vê flashes de luz e uma longa fileira de policiais de capacetes brancos barrando o acesso ao prédio do Congresso. Há notadamente muito mais policiais do que outras pessoas não identificáveis em frente ao Congresso.</p>	
<p>[NOTA PÉ] Guilherme Menezes – Obrigado André, uma boa noite. Bem, se for necessário vamos voltar ao vivo à Esplanada dos Ministérios.</p>		<p>Retorna imagem do estúdio, em enquadramento idêntico ao da cabeça.</p>	